



Euclides da Cunha

Caderneta
de
campo

Olímpio de Souza Andrade
Organizador



Enchlypterus umbra

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente

Muniz Sodré de Araújo Cabral

Diretoria Executiva

Célia Portella

Coordenação-Geral de Pesquisa e Editoração

Oscar Manoel da Costa Gonçalves

Conselho Interdisciplinar de Pesquisa

Alberto Pucheu Neto

Antonio Celso Alves Pereira

Arno Wehling

Cícero Sandroni

Cláudia Maria Mauad de S. Andrade

Domício Proença Filho

Emmanuel Carneiro Leão

Evanildo Bechara

Francisco Antônio Dória

Jailson de Souza e Silva

Janice Theodoro

Joel Rufino

José Alves de Freitas Neto

Manuel Antonio de Castro

Márcio Tavares D'Amaral

Maria Aparecida de Aquino

Maria Immacolata Vassalo de Lopes

Marisa Russo (vice-presidente)

Oscar Gonçalves (coordenador da CGPE)

Rafael Ruiz Gonzalez (presidente)

Euclides da Cunha

Caderneta de Campo

Introdução, notas e comentário
Olímpio de Souza Andrade

**Cadernos
da
Biblioteca Nacional**

Rio de Janeiro
2009



FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Av. Rio Branco, 219 – Centro
20040-008 – Rio de Janeiro – RJ
Tels: (21) 2220-1994 e 2544-5814

Editor

Marcus Venício Ribeiro

Conselho Editorial

*Benício Medeiros, Cecília Costa, Fabio Lima
e Marcus Venício Ribeiro*

Revisão

Lara Spíndola e Mônica Auler

Projeto Gráfico

André Lippmann e Rodrigo de Mello Alves

Capa

Rodrigo de Mello Alves

Diagramação

Conceito Comunicação Integrada

Reprodução Fotográfica

Claudio Cavalcanti Xavier

Ilustração da capa

*Detalhe de ex-libris de Carl Neumann Reichenberg – 1907 da
“Coleção de Ex-Libris” v.8 – Área de Iconografia Fundação
Biblioteca Nacional*

Cunha, Euclides da, 1866-1909.

Caderneta de campo / Euclides da Cunha ; introdução,
notas e comentário Olímpio de Souza Andrade. – Rio de
Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

372p. : il. ; 12 x 19 cm. – (Cadernos da Biblioteca
Nacional)

ISBN 978-85-333-0592-2

1. Cunha, Euclides da, 1866-1909. Os sertões. 2. Brasil –
História – Guerra de Canudos, 1897. I. Andrade, Olímpio de
Souza, 1914-1980. I. Biblioteca Nacional (Brasil). II. Título.
III. Série.

CDD 981.05

Sumário

Apresentação

Benicio Medeiros

7

Nota editorial

17

Nota do organizador

21

Um Caderno de Bolso de Euclides
em Canudos. Nascedouro de *Os sertões*

Olímpio de Souza Andrade

23

Caderneta de Campo

65

Comentários

307

Caderneta de cam-
po de
Euclides de Cunha
(Campinha & Comins)
offerta do Dr. G. C. Ro-
drigues (1919)
D. 23 - Lata 353 (F.H.G.B.)

ARQ. I.H.

D. 23 - L. 353

Frontispício da Caderneta de Campo

Tijolos para uma catedral

Benício Medeiros

Euclides da Cunha passou menos de um mês em Canudos. Não testemunhou o desfecho da guerra. Tendo chegado a Belo Monte em 6 de setembro de 1897, acompanhando a quarta e última expedição, comandada pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães, regressou a Salvador quatro dias antes da queda da “Tróia da barro” – a 5 de outubro – por sentir-se febril e adoentado. Como os militares que participaram da campanha, ele também padecia com as péssimas condições ambientais, do clima hostil à escassez de água e comida, sem contar o intenso tiroteio, o cheiro dos cadáveres putrefatos e os ardis dos jagunços que ameaçavam a vida da tropa de noite e de dia.

Embora curto, foi no entanto um período profícuo para o autor e fundamental para a história do século XIX e para a própria inteligência brasileira. Pois foi de sua curta experiência no *front* de Canudos que nasceu *Os sertões*, obra

prima da nossa literatura. Se compararmos *Os sertões* a um monumento, como muito já se fez, devemos acrescentar que ele não nasceu de repente, num ímpeto, num jorro de grande inspiração. Foi, ao contrário, construído tijolo por tijolo, a partir das notícias que Euclides enviou primeiramente para *O Estado de S. Paulo* – do qual era correspondente em Canudos – e de suas anotações feitas *in loco*, constantes de sua *Caderneta de campo*, que a Biblioteca Nacional republica agora, com os comentários doutos e pertinentes do respeitado euclidiano Olímpio de Souza Andrade.

Haverá sempre a tentação de se encarar material como o que reunido neste volume como espécie de subproduto, mero escorço de algo, embora algo grandioso, que no entanto não havia ainda saído do papel – e poderia até nunca sair. Como verá o leitor, trata-se de pura matéria de carpintaria, carpintaria no seu estado bruto. Rudimentos de obra inacabada. Alicerces da catedral que será erguida adiante. E, por isso, trata-se de material muito valioso. Se à *Caderneta de campo*, escrita apressadamente, no calor da hora, poderia ser atribuído um valor além desse, certamente será o da longa viagem de Euclides em direção ao discernimento e à própria maestria. Será também o negativo, o outro lado da medalha

de *Os sertões*; uma antítese, como que proposta por Hegel, a ser refutada e corrigida pelo pensamento independente do autor.

Falamos em viagem? Pois a *Caderneta* de Euclides começa com uma viagem. Lá está o escritor, a bordo do navio que o levará à Bahia e ao temido reduto do Conselheiro. Ele aí anota coisas banais. As belezas da baía de Todos os Santos. As belezas da ilha de Itaparica. O soldado, bêbado, que cai no mar. Vê-se logo que não é o Euclides de *Os sertões*. Mas o jovem jacobino que acredita com todo o ardor no sonho republicano, e acha que a república está realmente ameaçada por um bando de meliantes. Soldados e oficiais que viajam com ele não são ainda os “os mercenários involuntários”, conforme denuncia na nota introdutória de *Os sertões*. Mas militares idealistas que se sujeitam a todo desconforto de privações pela missão de liquidar um inimigo comum:

A disposição entre os oficiais é a melhor possível. A saudade, imensa e indefinível saudade dos entes queridos ausentes, desce às vezes profunda e dolorosa (...) Ao mesmo tempo porém, como um antídoto infalível alevanta-se iluminado ao norte o nosso grande ideal – a República – profundamente consolador e forte, amparando vigorosamente os que cedem

às mágoas, impelindo-os à linha reta nobilitadora do dever. (p. 4-5)

A anotação seguinte com uma espécie de brado de guerra: “Em breve pisaremos o solo aonde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam” (p. 4). E termina com um arroubo de gosto parnasiano:

“”Nem uma frente se perturba.

Que a nossa Vendéia se envolva num largo manto tenebroso de nuvens, avultando além em contraste com os deslumbramentos do grande dia tropical que nos alenta como a sombra de uma emboscada; rompê-la-emos em breve com as fulgurações da metralha e o cintilar vivíssimo de espadas.

E domá-la-emos – a República é imortal...” (p. 5)

Euclides, em suma, pensava como todos os que o rodeavam. Que ia combater inimigos da República financiados por potências monárquicas européias. Era o senso comum. Já no campo de batalha, ele se espanta com o poderio bélico daquele “antro flamívono” onde as forças do governo não conseguiam entrar:

Não é possível que a munição de guerra daquela gente seja unicamente devida às deixadas pelas expedições anteriores. A

nossa esgota-se todos os dias; todos os dias entram comboios carregados e no entanto já não temos hoje mais de cem mil tiros de infantaria.

Como explicar essa prodigalidade assombrosa dos jagunços?

Não nos iludamos. Há nesta luta uma face misteriosa que deve ser desvendada.” (p. 65)

O repórter Euclides vai então conversar com o comandante da expedição, que corrobora inteiramente suas suspeitas:

O general Artur Oscar, restabelecido de ligeiro incômodo mostrou-me agora diversos tipos de balas caídas no tiroteio à noite. São de aço, semelhantes à da Mannlicher algumas, mas desconhecidas. São inegavelmente projetis de armas modernas que não possuímos. Tudo isso faz acreditar que tem raízes mais fundas esta conflagração dos sertões. (p. 67)

É que, talvez para encobrir a incompetência das três primeiras e desastradas expedições a Canudos, inventou-se a extraordinária balela de que algum poderoso reino estrangeiro (a Inglaterra, possivelmente) supria os revoltosos de farta e moderna munição e até, quem sabe, de treinamento militar específico, para trazer D. Pedro II de volta ao trono do Brasil. Isso iria explicar o fabuloso

poder de fogo dos jagunços e as suas espantosas e sempre eficientes técnicas de guerrilha. O Euclides amadurecido de *Os sertões*, depois de tudo o que viu em Canudos, não acreditará em nada disso. E isso se deve, entre outros fatores, à sua grande curiosidade intelectual – inicialmente, dir-se-ia, curiosidade de repórter, mais tarde apurada pela reflexão e pelo saber científico.

Como se verá, na *Caderneta de campo* há frases incompletas, trechos escritos decerto ao lombo de um cavalo que mal se consegue entender, palavras soltas cujo significado se perdeu. De repente surge um pensamento, uma idéia. Ou uma frase urgente que serve de lembrete: “É preciso conversar com o Guia Jesuíno”. É de se supor que as conversas com o guia Jesuíno, que orientou os expedicionários pelos sertões da Bahia no intricado caminho até Canudos, lhe foram de grande valia. Pois os trajetos e os percalços das expedições anteriores são reconstituídos e narrados com uma impressionante riqueza de informações. Tudo isso será transferido, com mais arte, para *Os sertões*.

Mas certas passagens da *Caderneta de campo* impressionam justamente pelo seu estilo nu e cru. Na falta de tratamento “literário”, esses instantâneos, captados no fragor da batalha, nos chegam com uma impressionante

carga de autenticidade. Soldados e oficiais agonizando na enfermaria, sob saraivadas de balas. Doentes cuja dieta consistia, quando muito, em rações de farinha com sal. Desertores abandonando o combate por falta de comida. A fome, o medo, a sede, a visão de corpos apodrecidos e destroçados aparecem, em certos momentos, de forma talvez mais enfática, embora menos dramatizada, que em *Os sertões*.

O pesquisador que transporece na *Caderneta de campo* se interessa não apenas pela guerra, mas literalmente por tudo que o cerca. Clima e temperatura locais são registrados quase que diariamente. Ele anota expressões nordestinas e nomes de acidentes geográficos, árvores, arbustos. Aprendemos com ele que “árvore mais garranchenta” é aquela “que tem mais galhos”. Que “jabá” é “carne seca do Rio Grande” e que “carne sertão” é “carne seca do Ceará”. Euclides copia rezas e profecias do Conselheiro; ditados e quadrinhas populares reproduzidos da forma como foram escritos:

“Qapitão Morera Sezar
 hera homem di opinião
 veo dar carne aos zurubú
 nas Catingas do sertão
 quem briga com o Bom Jesus
 não conta vitória não.” (p. 60)

Na atenção que dedica à fala e aos costumes do sertanejo – um tipo de material que outros desprezariam – percebe-se uma curiosa afinidade, uma rude e estranha afeição que vai sendo construída aos poucos ao longo se suas anotações. Chama os conselheiristas de “trantantes”. Mas ao mesmo tempo se impressiona com a coragem e o ímpeto dos jagunços. Uma dualidade que vai acompanhá-lo mais tarde quando da elaboração de *Os sertões*.

Como retornou à “civilização” antes do extermínio total de Canudos, Euclides só pôde especular sobre o desfecho da guerra:

Ter-se-ia entregue o Conselheiro?

Fora morto por algum estilhaço de granada?

Sacrificado pelos seus próprios adeptos pelo insucesso constante dos últimos dias?

E o que fazer se o trágico evangelista se rendesse confiando na generosidade do vencedor (p. 69)

Euclides esqueceu o sinal de interrogação na última frase. De resto, todas as hipóteses seriam viáveis. Ele não assistiu ao triste espetáculo da degola em massa, ao massacre final com bombas incendiárias destruindo casabres e pessoas. E nem à exumação do cadáver do Conselheiro do qual se cortou a cabeça – troféu máximo das forças republicanas

vitoriosas. Sobre tudo isso ele soube depois. Mas teria lhe bastado o contato com os horrores daquela guerra do fim do mundo para perceber todo o absurdo e a insensatez das batalhas. Se na *Caderneta de campo* ainda não é o autor do extraordinário libelo que viria à luz em 1902, ele encontra espaço para reconhecer a fibra dos opositores. Ainda os chama de “tratantes”, mas se admira com o denodo, a coragem e a audácia dos “rudes patrícios”:

Que disciplina extraordinária, a daquela gente!

Lutam agora pela vida, no sentido mais estrito da frase. Lavra entre eles, com certeza, a sede e as cacimbas ali estão, a poucos metros apenas, em nosso poder. Mas não vacilam – não recuam – não se entregam e atiram, atiram sempre dentro de um círculo de fogo, formado pelas armas vivamente disparadas de seis batalhões.

A igreja sinistra avulta nas trevas dominadora, formidável. Reftui sobre ela o relampaguear do tiroteio e a essa claridade indistinta e rubra creio distinguir, deslizando no alto dos muros estruídos, engrimponados alguns nos restos desmantelados das torres derrocadas, os nossos rudes patrícios transviados. (p. 66)

São quase as palavras do futuro Euclides. Estava nascendo *Os sertões*.

Nota Editorial

Esta edição da *Caderneta de campo* de Euclides da Cunha baseia-se na primeira, preparada por Olímpio de Souza Andrade e publicada, em 1975, pela Editora Cultrix em convênio com o antigo Instituto Nacional do Livro, do então Ministério da Educação e Cultura. Olímpio de Souza Andrade, auxiliado por Joel Bicalho Tostes, genro de Manuel Afonso (o único filho de Euclides da Cunha a deixar descendente) e também um euclidiano, transcreveu o original manuscrito e o preparou para a publicação, além de ter redigido uma introdução crítica e feito preciosos comentários ao texto.

Publicada por ocasião dos 100 anos da morte de Euclides da Cunha, esta edição tem grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Foi preservada, no entanto, tal como na primeira edição, a grafia empregada para nomes

próprios, palavras estrangeiras, como *gneiss* e *fellah*, e para “o frasear típico do sertão em documentos copiados ou frases diretamente anotadas por Euclides” (O.S.A.). Apenas no texto de Euclides da Cunha foram mantidas as abreviações e o uso sem grifo de palavras estrangeiras.

Foi adotado o emprego do itálico e de iniciais maiúsculas, conforme o uso moderno, em títulos de livros, com apenas a primeira inicial maiúscula (*Os sertões*, por exemplo) e em títulos de jornais com todas as iniciais maiúsculas (*O Estado de S. Paulo*). Cargos, patentes e títulos (major, doutor) e domínios do saber (geologia, arqueologia) foram grafados com inicial minúscula.

Olímpio de Souza Andrade teve o cuidado bibliológico de revelar o conteúdo de cada página do manuscrito, fazendo com que as páginas do livro correspondessem às páginas respectivas da Caderneta, e o leitor tivesse “uma imagem mais fiel do manuscrito, respeitando inclusive os seus parágrafos, raros, sua pontuação e suas frases (...)”. A intenção do organizador, como não poderia deixar de ser, foi preservada, mas da seguinte forma: a matéria flui, sem intervalos ou claros (que decorriam de quantidade menor de anotações em várias páginas do original), em

“blocos” sucessivos de texto correspondentes às páginas da caderneta. Os números das páginas antecedem cada bloco.

Também foram reproduzidos todos os croquis desenhados por Euclides da Cunha, bem como as páginas do manuscrito selecionadas por Olímpio de Souza Andrade e por ele julgadas “de interesse para uma idéia mais nítida de como se apresentam no original documento”.

Agradecemos a Joaquim Marçal Ferreira de Andrade e a Maria Aparecida Ferreira de Andrade, por cederem à Biblioteca Nacional os direitos de publicação do minucioso e competente estudo realizado por seu pai. E também à direção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e seus funcionários por franquearem o acesso ao original da *Caderneta de campo* de Euclides da Cunha.

Nota do organizador

O original manuscrito foi doado por José Carlos Rodrigues ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde está.

Todas as referências a *Os sertões* na introdução e nos comentários finais são da 12.^a edição, 1933.

As anotações de Euclides nos seus croquis dispensam qualquer legenda.

Os comentários às notas de Euclides encontram-se no final, pela ordem das páginas numeradas por nós.

O. S. A.

Introdução

Um caderno de bolso de Euclides em Canudos Nascedouro de *Os sertões*

Olímpio de Souza Andrade

Os estudos sobre a obra de Euclides da Cunha, aos quais nos dedicamos sistematicamente desde há muitos anos, com licença dos afazeres de todo dia, continuam se distendendo como não esperávamos.

Não prevíamos que, após o lançamento da *História e interpretação de Os sertões*, tanta coisa fôssemos solicitados a realizar prioritariamente, sem podermos prosseguir de pronto e sem interrupções nos dois volumes sobre os outros livros e as andanças prodigiosas do escritor e engenheiro que timbrava em dizer-se “chefe de operários e homem de

letras”. Ou “escritor por acidente”. Ora ressaltando a sua engenharia “rude, andante, romanesca e estéril”, que abominava mas que lhe dava o necessário para viver, ora dando ênfase às suas relações com as ciências exatas, as naturais descritivas e, principalmente, as humanas, que adorava, e se firmaram em base sólida para a inteira expressão dos seus dons de arte, que sobrepunha a tudo.

Aqueles dois volumes a que aludimos, trabalhados com vagar e muitas interrupções, vêm vindo aí, entretanto; o primeiro praticamente terminado, o segundo em fase de redação, seguida de algumas emendas, supressões e acrescentações para a quarta edição do livro com que abrimos a série destinada a estudar pela primeira vez com caráter de sistema a obra inteira do escritor grande e soberbo. Euclides depois de *Os sertões*, veremos, não fica a dever ao autor da obra-prima, aqui outra vez objeto do nosso exame, através de uma caderneta de anotações que o escritor trazia consigo em Canudos.

O interesse por esses trabalhos evidencia pelo menos uma coisa: a permanente atualidade daquela obra em seu conjunto e a necessidade de que deixe de ser apenas objeto de estudos de circunstância, não raro apresados, às vezes desconexos e, por isso mesmo,

destituídos daquele caráter de sistema, único capaz de abrangê-la, trazendo algo de novo e integrado nos planos da pesquisa e da análise.

*
* * *

O interesse particular por *Os sertões* está, é claro, na força do artista da palavra que o realizou, alçando alturas antes inimagináveis um tema singular em nossa história cuja importância em si mesmo, entretanto, pareceu durante algum tempo esquecida dos historiadores, ou referida de maneira breve, salvo exceções bem raras. Como não podia deixar de ser, voltou ao centro das cogitações, conseqüentemente já se colocando com o destaque que lhe é próprio até nos livros escolares.

Falando em “volta” referimo-nos aos estudos e pesquisas destes últimos anos, pois, antes já não era pequena a bibliografia sobre Canudos, sendo de destacar aí livros, estudos, relatórios e manifestos de real importância, bem como as publicações do “Grêmio”, e aquela que Simões dos Reis manteve entre 1939 e 1941, dando, inclu-

sive, atenção ao caderninho de que vamos tratar, transcrevendo-lhe pequena parte.

A Euclidiana que, paralelamente à nossa Brasileira, conseguimos reunir é prova.

E, na verdade, a partir da década de 50, as excelentes reportagens de Odorico Tavares, e o livro de Eduardo Tourinho sobre a Bahia; as coletas admiráveis de José Calasans sobre o vilarejo inexpugnável na poesia popular, inclusive a sua descoberta de João Melchiades; o romance João Abade de Felício dos Santos; a extraordinária coleção de desenhos de Aldemir Martins; as alusões do cinema; o nosso livro sobre *Os sertões* vieram recolocar o assunto em discussão. Recentemente, os valiosos estudos de Edgar Carone sobre o período republicano, nos quais a referência a Canudos é bem destacada, e as pesquisas e levantamentos específicos de grande amplitude, realizados por Walnice Nogueira Galvão, ambos materialmente apoiados por uma fundação de Amparo à Pesquisa, cuja inexistência no Rio é de lamentar, vieram integrar esse conjunto mais próximo de atividades de inestimável valor, atestando a revivescência do assunto “Canudos”, tornando evidente outra vez sua inegável importância. Aludidas pesquisas e levantamentos de Walnice, e cujas partes

de *O Estado, O Paíz, Jornal do Commercio*, principalmente, colhemos e referimos em 1960 na *História e interpretação de Os sertões*, não sendo definitivos e, devendo receber, em livro, pronto comentário da pesquisadora, não devem ser por ora objeto dos nossos.

O reconhecimento daquela importância no mesmo período não se manifestou, entretanto, só entre os escritores que vimos mencionando; apresentou-se também, e com muita força, entre os militares, através de livros sucessivos da Biblioteca do Exército dirigida por Umberto Peregrino antes de assumir a direção do INL, onde acolheu a sugestão de se publicar o caderninho de anotações de Euclides que agora vamos conhecer. Referidas publicações, parece que iniciadas em 1956, foram um pouco antecidas por outro órgão, a *Revista do Clube Militar*, dirigida pelo então coronel Jarbas Passarinho, depois ministro da Educação e Cultura.

Não estivesse rigorosamente delimitada a área das nossas considerações de agora, haveria o que dizer sobre essa Revista naquela fase em que publicava ou transcrevia Machado, Cecília, Drummond, mas sendo como é, vamos nos limitar a observá-la como fonte de estudos sobre Canudos, assim tendo notícia da merecida atenção e do interesse

com que examinava o sucesso talvez mais amplo, veraz e doloroso da nossa história. Os valiosos estudos e depoimentos que a RCM acolheu em suas páginas vêm, por outro lado, mais uma vez atestar o rigor com que Euclides procurou a verdade naquela fase tão tumultuada, encontrando-a e a dizendo com vigor imprevisto, de muita coragem, tragicidade e beleza, nada perdendo dos instantes de guerra e paz, de alegrias e sofrimentos alternando-se nos dois lados do combate, sob as tenazes da natureza agressiva e sobranceira, a dirigir os homens, predeterminando-lhes as atitudes.

Aludidos estudos encontram-se em vários números de 1955 daquela publicação periódica, a começar por “A epopeia de Canudos”, do major Orozimbo Costa, lamentando a inexistência porventura válida de outra solução para o açude com que o DNOCS faria (e fez) desaparecer o arraial de Canudos, vendo nisso um atentado contra “o nosso já precário patrimônio histórico”; enaltecendo Euclides e sua obra; como visão de conjunto rápida mas segura, censurando acemente os erros ali cometidos em termos de logística, de tática, de estratégia, de política geral, aduzindo observações pessoais valiosas, mas também perfilhando

Euclides, e assim tornando desnecessária a alusão às dúvidas e enigmas da Campanha, a seu ver necessitados de elucidação, talvez esquecido de que em *Os sertões* tudo está muito claro, até originando falsidades inúmeras contra o autor e a obra-prima por parte de forças poderosas naqueles tempos, a ponto de indiretamente terem tido sua influência no triste destino do grande homem que o Brasil perdeu quando apenas começava a trabalhar por ele.

A esse depoimento seguiu-se outro, assinado pelo então redator-chefe da Revista, Jarbas Passarinho, já abrindo as páginas da publicação a todos os militares com algo a dizer sobre campanhas de que tivessem participado ou conhecessem a fundo, desejando que tais relatos não mais permanecessem “em ambiente doméstico ou num círculo restrito de amigos mais íntimos, com evidente prejuízo de não se dar o mais amplo conhecimento dos fatos a todos os profissionais das armas”. Prosseguia, ele próprio, colhendo depoimento valiosíssimo sob muitos aspectos, do brigadeiro Marcos Villela Júnior, sobrevivente de Canudos, com o que confirmava, ampliando-a, nossa alusão inicial a autores e temas que levara para a *RCM*, elevando-lhe o nível, pois, um assunto como Canudos,

sendo história, projeta-se muito além, englobando numerosas fontes de cultura, sendo *Os sertões* prova iniludível disso. Tirou ao seu entrevistado a essência do que viu e viveu: as emoções fortes dos combates, a energia e a perícia combativa dos sertanejos, a bravura de Tamarindo após o fracasso de Moreira César, a respeito de cujo ferimento mortal o brigadeiro deu detalhe expressivo, um pouco diverso dos que se conhecem; mostra-nos Moreira César trajando uniforme branco, deixando as rédeas da montaria para observar com o seu binóculo o desenvolvimento do combate, mas, de repente deixando-o cair, pegando as rédeas com a mão esquerda e retrocedendo. Teria sido assim? A informação da mesma fonte sobre o fato de que, naquele tempo, não se combatia à noite não o é.

O depoente estava sob o comando de Salomão da Rocha, cujo valor enalteceu, levando o seu entrevistador a informá-lo de que numa das paredes da Escola do Realengo há uma placa reproduzindo palavras de Euclides sobre o bravo soldado... outra revelação importante a evidenciar que o nome do escritor e ex-militar, a sua grandeza, o seu amor à verdade, têm tido, afinal, nos meios militares de hoje, o reconhecimento que não teve ontem. Assim sendo, desejamos lembrar

as páginas admiráveis que traçou sobre a psicologia do soldado brasileiro, que destacamos no nosso livro sobre Os sertões, dignas de várias placas como aquela.

Afinal temos, ainda em 1955, a *RCM* a contribuir com outro trabalho excelente para esclarecer o pensamento militar de agora sobre as asperezas e imprevistos daquela luta formidável: “Influência da Logística nas operações de Canudos”, de Manoel H. Almeida Moraes, da ESG. Começa perguntando desde quando se deixou de falar no assunto; vai à obra de Euclides chamando-a “indelével libelo contra a incompreensão e o primarismo de governantes” bem como à maneira pela qual se conduziram as operações militares; vê que “tais críticas arranharam suscetibilidades”, mas não todas, que numerosas daquelas críticas “são partilhadas por dignos soldados expedicionários”. Outra vez o gênio de Euclides reponta, e agora desde os dois artigos “A nossa vendeia”, quando ainda só conhecia a “Troia de taipa” através dos jornais: naquela Campanha foram mais importantes que todas, “as falhas relativas ao setor da Logística”. Na verdade, o tratamento dispensado às atividades não combatentes, de abastecimento, alojamento e comunicações, já eram vistas pelo

escritor sem livros como o foram depois por Machado Bittencourt a ponto de fazê-lo vencedor onde tantos foram vencidos, na verdade esse tratamento se erigia em algo de essencial para a condução correta dos assuntos ligados àquela “revoltação”. O articulista da *RCM*, revelando-se conhecedor do tema que examina sob novo prisma, inclusive esclarecendo coisas em chamadas sucessivas, não diverge do autor de *Os sertões* em nada. Pelo contrário, refere o episódio dos burros para vencer aquela parada; a inexistência de um serviço sequer elementar de intendência; a escolha errada dos homens para as funções, a exemplo do coronel Campeio que se coloca de maneira engraçadíssima na obra-prima; a inexistência de linhas telegráficas, a obstinação de alguns chefes, impedindo contratação de sertanejos para tarefas militares...

*

* *

Quase tudo do que acabamos de comentar, e muito mais, é objeto de anotações no caderninho famoso que vamos, afinal, conhecer. Ele é, na verdade, a fonte primeira de *Os sertões*, não devendo mais continuar ignorado em toda a sua extensão.

Desejamos referir com algum vagar a trabalhadeira que exigiu para chegar onde chegamos com esse singular documento nas mãos. Antes, entretanto, julgamos necessário, primeiro, justificar sua publicação, depois, prestar algum esclarecimento sobre sua existência, como a de outros manuscritos do seu mesmo gênero e valor, igualmente rascunhados por Euclides, de um deles destacando partes complementares do presente. Esse caderno de apontamentos foi, sem dúvida, visto, bastante folheado, de leitura por muita gente iniciada, mas não consumada e, portanto, nunca publicado na íntegra. Naturalmente porque não eram poucas as dificuldades que a publicação apresentava.

Jamais por outras razões, que inexistem, existindo, isto sim, justificativas em série para que se arredassem tais dificuldades, levando a empresa ao fim. Além de sua grande valia para o melhor conhecimento de uma obra básica da cultura brasileira, o documento vem contribuir para atenuar certa impressão negativa de estrangeiros que a conhecem bem, diante do nosso desinteresse em conhecê-la cada vez melhor... e isso se passa não só com *Os sertões*, traduzido já para uma dezena de línguas cultas, com pelo menos sete edições em inglês, mas também

com as outras obras do autor maior e cujo desconhecimento dos seus detalhes, cuja ignorância de seus aspectos essenciais nos levam a muitos equívocos e causam espécie àqueles estrangeiros interessados nelas. Disso temos muitos exemplos.

O caderninho de que falamos é fonte de inexcédível valia para os estudos brasileiros em geral, para as pesquisas linguísticas e estilísticas, inclusive pelo que reúne em matéria de palavras e expressões usuais no sertão, em muitas das quais reencontramos os arrojos dos nossos Guimarães Rosa. Apresenta-se particularmente valioso para o conhecimento do estilo e do método de trabalho do escritor; aí encontramos a sua frase ainda não apurada, a sua admirável probidade, o seu amor à verdade, quer através de leituras nas melhores fontes, quer mediante a incrível obstinação em conhecer de perto tudo quanto interessasse ao seu trabalho, ouvindo, vendo, anotando para não falsear pontos fundamentais da história que contava. Perseguindo depoimentos orais e escritos, copiando esses na íntegra, executava tal trabalho exaustivo para, não raro, ao final, utilizar-se de um trechinho, quando não os abandonava por insuficientes ou falsos.

O documento nos revela ainda um Euclides prevenido como os raros contra as

traições da memória, e as mentiras dos homens, confrontando informações, auxiliando o raciocínio, até através de desenhos ou esboços ligeiros muito bem traçados, de tudo quanto exigisse esse tratamento. O seu croquis da cidadela compacta, de admirável bom gosto, breve, leve, carregado de luz, é das coisas mais nítidas, mais fiéis, mais conforme as descrições, que conhecemos do arraial em seu conjunto, sem nada do estilizado, e por isso mesmo falso, que vemos de pronto em conhecido desenho da época.

Pois bem, toda essa riqueza permaneceu ignorada durante quase oitenta anos, como não acontece com preciosidades idênticas nos centros de cultura ampla, profunda, organizada, do que é exemplo a publicação já iniciada dos famosos *carnets* ou *sketchbooks* de Le Corbusier. Exatamente os seus caderninhos, muitas dezenas deles, que o arquiteto de renome trazia nos bolsos, anotando em qualquer momento, em qualquer lugar, seus pensamentos e projetos no instante mesmo em que vinham à mente, como também fazia Euclides. Mas em maiores proporções, já que o arquiteto teve sua imaginação prodigiosa trabalhada e anotada no decorrer de cinquenta anos de atividades, enquanto a vida mental intensa do autor de *Os sertões*,

bruscamente interceptada aos quarenta e três anos de idade, cobriu apenas o curto espaço de doze anos. Mas, num como no outro caso, o do artista da palavra, tirando-lhes os melhores efeitos, preocupado em não usá-la à toa, e triste com o encontrar na pobreza dela a barreira do inexprimível, como neste caso, o do artista das linhas de vigor e rara expressividade geométrica com que insuflava vida às suas descobertas, a nossa atenção, os nossos cuidados, o nosso salutar desejo de aprender têm tudo a ganhar na observação atenta das suas composições, anotações e lembretes pessoais.

A notícia não nos ensina apenas o valor da publicação das dezenas de canhenhos do grande arquiteto para a cultura no seu país e no mundo; dá-nos ainda lições de como coisas assim podem ser feitas com vantagem: o esplêndido legado de Le Corbusier não foi entregue a uma repartição, porém, a uma fundação constituída expressamente para guardá-lo, adquirindo, conservando e restaurando suas obras, desenhos, manuscritos, como bens e objetos que pertenceram ao genial renovador. A “Maison La Roche”, doada por Raoul La Roche, é sede dessa fundação, mobiliada conforme a década de 20, reservada para exposições e encontros, tendo sido já enriquecida por

compra da própria instituição, de uma casa ao lado, construída por Le Corbusier, agora destinada a abrigar a biblioteca e os pertences da sala em que o arquiteto trabalhou.

Falamos a propósito de Euclides, cume solitário em nossas letras, e aí fica a sugestão endereçada particularmente a tanta fortuna deixada sem finalidade alta no tempo e no espaço, que pode perpetuar o nome do seu possuidor, mas que é geralmente pulverizada, perdendo não raro a dignidade do esforço que exigiu, quando o seu amealhador não existe mais. Uma fundação tem a agilidade que não caracteriza qualquer órgão de outra natureza; terá meios e liberdade para ir buscar dirigentes dotados de conhecimentos específicos, nível intelectual e imaginação criadora, indispensáveis à manutenção adequada do que se encontra sob seus cuidados, evitando, por um lado, que perenes manifestações de vida e movimento caiam na rotina que desgasta e, por outro, que se deixe ao abandono o essencial de tudo isso, a obra mesma que se pretende manter na altura e no clima de renovação que lhe são próprios, privativos dela, onde não cabem as insistências das repetições desprovidas e monótonas.

Quanto aos esclarecimentos sobre a existência do manuscrito de Euclides, que é na

verdade, a matriz de *Os sertões*, matriz nesse sentido de que contém em germe, na sua letra difícil, as primeiras impressões do escritor no sertão, servindo de base para a correspondência de guerra enviada para *O Estado de S. Paulo*, e mais ainda, quanto a esse esplêndido original, podemos afirmar que não é o único a revelar-nos o escritor no momento exato em que contactava a existência de novas gentes, coisas e paisagens. Existem pelo menos mais dois, além de vagas referências a outros, uns guardados pelo Grêmio, tantos mais que se teriam perdido, o que, a ser verdade, é de lamentar pela cultura de um país inteiro, a queixa se estendendo à divulgação não permitida de qualquer documento da lavra de homens como Euclides, que não se medem pela craveira comum.

De qualquer maneira, parece ser o de que vamos tratar em toda a sua extensão, dentre todos, o primeiro em importância no seu gênero, sendo ainda o mais extenso que diz respeito à obra-prima de rara beleza e profundidade.

Como já escrevemos, dentre as chaves que nos ajudam a penetrar os mistérios do escritor duas existem de importância fundamental: o seu método, baseado no contato direto com as coisas que o interessavam;

e aquele apego às forças morais, à firmeza de caráter em que se plantara, convicto de que sem isso nada se constrói de firme e duradouro.

Ambas as atitudes exigiam dele as anotações de que se valeria depois, prevenido que era contra as falsetas da memória ao nível da verdade tal como se apresentava aos seus olhos espertos, ao seu raciocínio sempre ágil. Daí, para ele, a razão da existência daquelas cadernetinhas, peças do seu método, e cujo bom entendimento exige o conhecimento minucioso da sua obra, a fim de que se possa estabelecer ligações entre notas as mais diversas e palavras soltas, cada coisa tendo a sua razão de ser, de existir.

De Euclides existem, portanto, e sem dúvida, conhecidas por inteiro ou parcialmente, pelo menos três cadernetas dessas: a que vamos conhecer na íntegra, sobre Canudos; uma outra, menos de observações pessoais, não referente a Canudos, porém constante de anotações de leituras sobre diversas regiões brasileiras, recortes de publicações estrangeiras e mapas, um deles do Território do Acre; sendo a terceira também de observações sobre o sertão baiano mas misturadas com assuntos diversos, provavelmente relativos à Revolta da Esquadra em 1893.

*
* *
*

Não são, na verdade, minuciosas nem muito claras, as referências a tais documentos, alguns dos quais o desvelo de uns e a percepção de outros encontraram, guardaram, conservaram, entregando-os depois aos cuidados de instituições nacionais de cultura, onde estariam, como estão, em condições de serem examinados por todos os que se sintam devidamente aparelhados para navegar nas suas águas. Gestos admiráveis, dignos de serem ressaltados; não se justifica o apego pessoal àquilo que não deveria ser propriedade exclusiva de ninguém, assim devendo, de uma ou outra forma previamente acordada, passar a ser patrimônio de todos, não podendo continuar retido. O que, dito, vale também para as obras próprias ou alheias com anotações do escritor, principalmente as próprias.

Pelo menos alguns desses blocos de folhas anotadas constituem parte do precioso acervo do Grêmio Euclides da Cunha, como está dito entre as páginas 303 e 310 do *In memoriam*, sendo nosso o grifo: ... “nos basta declarar que, depositários provisórios do arquivo euclidiano, guardamos, catalogadas

fielmente, as notas de Euclides da Cunha, à espera de autoridade competente que venha enfim devidamente interpretá-las, ajuizando de *Os sertões* com a dedicação exigida por esse monumento tão ao molde de absorver os esforços da melhor crítica.” Em outras passagens da mesma coletânea leem-se expressões assim: “cadernos que possuímos”, “cadernos do nosso arquivo” e equivalentes.

O Grêmio não morreu, amparado que foi a tempo por um grupo de fervorosos euclidianos. Continua guardando, portanto, o precioso acervo.

É uma esperança de próxima divulgação. Mas as notícias claras sobre a existência de tais cadernetas de anotações, na verdade, ainda se resumem ao que consta desse volume de difícil consulta, porque raro: o *In memoriam* do escritor, de 323 páginas, formato grande, lançado em 1919 pelo Grêmio que, além dessa publicação excelente, da conferência sobre Castro Alves e outras, de outros autores, lançou e manteve uma revista, pequena, modesta, porém, famosa pelo carinho, a seriedade, o conhecimento de causa com que não raro divulgava os seus assuntos.

Aludido volume traz apresentação de Alberto Rangel, seu provável organizador e redator das notas incluídas no final. Reúne

onze estudos, muitos deles em suas origens, quando saíram em plaquetas autônomas, destinados a obter fundos para uma projetada efígie de Euclides no morro da Babilônia. Situam-se, esses estudos, entre os melhores do ponto de vista da informação sobre o homem, alguns se apresentando bem bons como estudos e comentários da obra-prima, apesar do tom um tanto apaixonado de quase todos, assim contribuindo para que esse tom – natural num *In memoriam* e nos tempos próximos ao trágico desaparecimento do escritor – se projetasse no futuro como elemento não aproveitável em toda a extensão para a análise objetiva e serena da grande obra que Euclides nos legou.

É o que se observa ali, até nos estudos admiráveis de um Roquete Pinto, de um Basílio de Magalhães, de um Afrânio Peixoto, de um Oliveira Lima. Quanto às notas que encerram o volume, principalmente as referentes aos caderninhos de apontamentos – que constituem o centro do nosso interesse agora – encontramos-las, além de no aludido *In memoriam*, reproduzidas com leves adaptações aqui e ali, por Francisco Venâncio Filho no livro *A glória de Euclides da Cunha*, o que faz supor ter sido esse o autor também daquelas notas, mas sem confirmação, inclusive na lista

de nomes mais representativos, integrantes do quadro de sócios efetivos do Grêmio àquela época.

Colhemos na parte final do *In memoriam*, além dos trechos sobre a Campanha de Canudos, que veremos logo adiante, informações genéricas para esta introdução aos comentários que depois faremos às anotações esquemáticas de Euclides às quais tivemos acesso.

Que notícias curiosas e sugestivas seriam essas? São interessantíssimas, longas, valendo a pena conhecê-las.

Uma: Euclides trouxera do sertão, além de outras coisas não mencionadas, um cinto de jagunço, um cornimboque, e uma faca sertaneja. Outra: trouxera também um jaguncinho, aliás, referido à página 55 do manuscrito que vamos conhecer na íntegra, menino que, depois, se fez professor; e até um saco... de pedras, destinadas a exame cuidadoso... Mais: o chamado “monumento de Babilônia” constava da efígie do escritor, em bronze, a ser fixada na encosta do conhecido morro carioca, para o que passou o Grêmio a reunir contribuições, através de conferências pagas, edições, e outras iniciativas, esperando que a ideia se tornasse realidade até o ano de 1922, o que não se verificou. E ainda mais: os caderninhos da fase da Escola Militar dão-nos

do ambiente em ebulição política e social bons flagrantos, pontilhados da palavra “brio”; dão-nos versos dessa fase, tudo resultando em excelente retrato do artista quando jovem, já marcado pelos traços bem fundos do caráter enérgico e do senso do dever que tanto o diferenciariam mais tarde; outros canhenhos fixam instantâneos dos vaivéns do engenheiro: gentes que conheceu, expressões regionais que ouviu, paisagens que contemplou, descrevendo-as sumariamente, dando delas, às vezes, uns poucos debuxos.

Em torno desses vários cadernos, como dissemos, pairam dúvidas a serem esclarecidas, mediante a observação de cada um.

O *In memoriam*, principalmente entre páginas 306 e 310, transcreve trechos de um deles, fixando episódios da Campanha de Canudos em 1897, mas trechos que, segundo informa a publicação, se misturam na mesma caderneta a outros, provavelmente da Revolta da Esquadra em 1893, o que permite observar que Euclides já possuía nessa época o caderninho que levava também consigo para o sertão da Bahia.

Também porque, embora aludido no-tebook contenha coisas visivelmente anotadas em Canudos, o escritor teria aí resolvido abandoná-lo, passando a utilizar-se com quase

exclusividade de um outro – reservado para tal – exatamente o que apresentamos nesta primeira edição e cuja existência o Grêmio igualmente conhecia, a ponto de informar em 1919, ao pé da página 306 do *In memoriam*, que ele se encontrava no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, doado por José Carlos Rodrigues. Aí, na verdade, o encontramos.

Isso posto, e não tendo do primeiro caderno com outras notas de Canudos senão as notícias que referimos, julgamos indispensável trazer para cá trechos dele retirados ao *In memoriam*, relativos à “cidadela-mundéu”, como ali se encontram.

Em seguida entraremos na parte principal deste volume, examinando genericamente, transcrevendo na íntegra e comentando mais devagar o carnet do Instituto Histórico, devidamente “decifrado”.

Canudos no Caderninho do Grêmio

Vejamos, portanto, o que consta da cadernetinha que Euclides levou consigo pensando utilizá-la, que teria resolvido não mais utilizar, mas que, com as duas no bolso, teria em momentos de maior pressa tomado uma pela outra, colocando naquela o que deveria estar nesta, hipótese aceitável em se tratando dele, que tomava notas em qualquer coisa, até

em punho de camisa, como é sabido... Mesmo porque a cadernetinha da presente edição contém anotações da chegada a Salvador, até ras-cunhos da primeira correspondência para *O Estado*, enquanto a outra só apresenta coisas do pleno sertão. É viável ainda a hipótese de que levara as duas consigo porque a outra continha espaços em branco, utilizáveis, se necessário. Sua letrinha miúda, quase invisível às vezes, incompreensível quase sempre, tem razões de ser assim, mas dentre essas razões seria de incluir mais uma: a permanente carência de papel...

Eis, rapidamente comentadas, as anotações ligeiras, às vezes desconexas, típicas de um notebook, que o *In memoriam* transcreve do primeiro caderninho, constante do acervo do Grêmio Euclides da Cunha:

Arrancaram das choupanas misérrimas
 contra as forças regulares, arremetendo
 contra todos os perigos – Atroando
 os ermos, as chapadas desertas, com
 o fragor dos combates – Um farsante
 bufoneando – Derreando-se ao choque
 das armas republicanas, a horda... – É
 uma diátese – Ermando povoações, por
 elas andava, estadeando a influência
 inegável – Avocando ao seu partido
 tanta gente – Era preciso uma diversão

assombrosa que balanceasse nesse momento as agonias fundas – Forma evanescente de um passado que a pouco e pouco se extingue – Não recusemos um página da História a esta individualidade singular. Será uma página sombria, talvez, mas expressiva... – A própria superstição afoitou-o à empresa temerária – Lutando como demônios nas ilhargas dos montes – Eternamente de luto pelo seu tempo – É homem que dispara à toa como uma espingarda velha – Eu fui um espião da História – Sujeitos que vivem sempre sobre um pedestal – A glória às recuadas – Não se aclimam à atmosfera moral do século.

É o primeiro trecho retirado pelo organizador do *In memoriam* ao caderninho híbrido, digamos assim. Aí encontramos palavras e expressões facilmente reconhecíveis em Os sertões, na parte relativa ao Conselheiro – atroando os ermos, um farsante bufoneando, é uma diátese, ermando povoações, estadeando influência inegável, diversão assombrosa, página sombria, talvez, mas expressiva, empresa temerária, às recuadas... –, sendo notáveis os sucessivos sons surdos dos verbos, numerosos em tão poucas linhas, o que era do seu gosto pessoal: atroando, bufoneando, derreando, ermando, estadeando...

Aquele “é um homem que dispara à toa como espingarda velha”, é expressão depois usada por Euclides com relação a si próprio... Também aquele “Eu fui um espião da História” seria coisa ouvida ou seria uma autoconfissão, apesar do verbo no passado? Liguem-se entre si as três últimas expressões, de crítica contundente, centralizada pela preocupação moral.

Num trecho seguinte a referência comparte o destino pouco inegável dos exploradores perigosos para os quais a política é em suma – o trabalho dos que não trabalham tinha sido parcialmente enunciada antes, visando aos profissionais da política, que pululavam, para os quais a atividade era mesmo aquilo. O trecho aludido é este:

É um sujeito que por aí se anda estadeando a prosápia incorrigível, afoitando-se a todas as empresas, avocando ao seu partido toda a gente e que sem a atitude dos que abnegando-se a si próprios, atentem para um ideal político despeados de ódios deprimentes, – comparte o destino pouco invejável dos exploradores perigosos para os quais a política é em sùmula – o trabalho dos que não trabalham. Como tantos outros é uma diátese, manifestação expressiva de um caso de enfermidade social. O

organismo complexo das coletividades tem também, a par da sua fisiologia, a sua patologia especial.

Logo em seguida transcreve-se trecho em que enxergamos sem esforço uma espécie de primeiro esboço do que se encontra na famosa “nota preliminar” de *Os sertões*, inclusive a crença, ainda velada, no desaparecimento da sub-raça sertaneja, e a presença, já notada, daquele conhecido Gumpowics, dedo em riste, doutrinando contra evidências que, aparentemente contraditório, o escritor acolheria, com ele caminhando quase que pelo livro inteiro. Mas para contradizer-lhe as opiniões...

Eis a ideia primitiva na linguagem apressada, mantida pelos rabiscos de simples anotações, o que justifica defeitos de construção, frases inacabadas, impropriedades de expressão e de pontuação, nos quais não devemos atentar, como faríamos, se se tratasse de um texto definitivo:

Os jagunços são inegavelmente uma sub-raça formada, definida, completa, mas fugaz, destinada a desaparecer em breve, atravessando instantaneamente pela História, como que para unicamente mostrar qual seria o nosso tipo étnico, se condições imperiosíssimas atualmente criadas pelo ambiente geral do mundo

civilizado, não viessem em breve, irresistivelmente, anular em poucos anos uma lenta fusão feita em três séculos. – No estado atual das sociedades humanas as emigrações desdobram-se irresistivelmente como uma queda de potencial. A comparação é precisa... A política colonial, sem a feição quase cavalheiresca que a revestiu ao esboçar-se no século XVI, obedece a estímulos mais vigorosos e, sobretudo, mais práticos, espelhando ainda o sucesso de uma lei sociológica indiscutível e brilhante. Esboçou-a Gumpowics. O embate das raças é a força motriz da história...

Seguem-se novos trechos sobre a terra e um flagrante de tropa em marcha, nos quais se reconhecem também termos e frases da obra-prima:

...As serranias que tombam em talhados ou apontam em cerros agudos e de encostas a prumo são de fato a ruínia imponente de imensa barragem rota aos embates das enchentes. Surgem ladeadas de várzeas, com um recorte vivo nos plainos ondulados e, em que pese aos contornos duros, permitem que se lhes reconstrua dos elementos que longamente a saltaram. Porque a própria caatinga facies primitivo... a serra aparece espelhando ainda no embaralhado das linhas hipsométricas a

violência e a confusão revolta resistente evita-a e os seus flancos... mal vestidos de uma vegetação escassa de cactos e bromélias, contrastam na dureza das linhas, no alcantilado dos fragedos que sobre eles se alteiam, acumulando-se nos altos em grimpas pontiagudas, os terrenos quase aplanados que sobranceiam... O desfiladeiro parece desaparecer na compressão de duas linhas de cumeadas altas arqueadas em anfiteatro, ao lado das ribanceiras do rio... Sobre uma e outra se alteiam de uma banda os taludes dos outeiros centrais e da outra, maiores, eriçadas de penhascos, repartidas em patamares caprichosos como galerias de um coliseu monstruoso, as vertentes das serranias laterais... A força, avançando na direção certa de oeste, fez alto a quinhentos metros dessa barreira temerosa, (a lápis): Ia em meio o dia.

A observação a lápis, entre parênteses no *In memoriam*, esclarece que Euclides tinha pressa em fixar de pronto o que via, o que importava ver, não se perdendo em coisas menores: estava vivendo o seu assunto, só atento à essência do que via ou ouvia, anotando-a de qualquer maneira, ora a tinta, ora a lápis e até iniciando com uma e terminando com o outro.

Assim, acompanhando novidades que se sucediam velozes, no caso, novidades da natureza para os seus olhos, é justo que jogasse com pontilhados indicadores de mais ainda, mas com que não podia perder tempo, pois novos pormenores requeriam anotações. Não convinha confiar só à memória, por exemplo, tudo aquilo que mais importava – serranias que tombam, cerros agudos, encostas a prumo, plainos ondulados, vegetação escassa de cactos e bromélias, alcantilado dos fraguados, grimpas pontiagudas, cumeadas altas arqueadas em anfiteatro, penhascos, patamares caprichosos... Anotadas, teriam utilização em *Os sertões*, como é fácil reconhecer. Reconhecendo ao mesmo tempo que as notas em conjunto apresentam o interesse dosado entre os espetáculos da terra e os flagrantes do homem.

Não perdeu mais este flagrante encimado pela expressão “Aprendizagem de torturas” no instante preciso de uma queimada alastrandose pelos tabuleiros:

Passava soprando rijamente o nordeste e sacudia-lhe as fálhas sobre as caatingas secas. Em breve, crescendo vertiginosamente ao látego dos ventos, enovelada em rolos de fumo cindidos (zebrados) de labaredas, caindo pelas quebradas, saltando-as, vingando

as encostas, transpondo o alto dos morros repentinamente aclarados por um relampaguear de crateras súbitas, alastrava-se a queimada pelos tabuleiros.

O trecho, com as alterações necessárias, é encontrado em *Os sertões*. E demonstra outra vez que, apesar da pressa, o escritor procurava anotar impressões por inteiro, assim redigindo períodos longos.

E episódios da luta em si mesma? Deles não existiriam anotações nesta caderneta que mistura coisas de 1893 com outras de quatro anos depois? Existem. Quatro exemplos, igualmente perceptíveis no livro que veio depois, onde, é claro, apresentam-se redigidos com vagar. Ei-los:

Quedavam-se expectantes, como caçadores numa espera – pontarias imóveis, olhos perscrutadores na sombra – largo tempo; largo tempo até que divisassem, deslizando, de bruços, pela barranca oposta.

Súbito silêncio descerra então sobre as linhas. Os soldados das trincheiras adjacentes ao rio, porém, não se iludiam. Sabiam que tornariam em breve ao mesmo ponto os infelizes coagidos pela sede. Abaixo, indistintamente, como

grandes sáurios esquivos, os adversários, volvendo à tarefa. Deixaram-nos se aproximarem.

Nove batalhões – cerca de três mil homens – haviam-se apossado nos últimos três dias de cerca de duas mil casas, arrojando os sertanejos, comprimidos de encontro à encosta do alto da Fazenda Velha ao sul e contra as baionetas, a leste, da primitiva linha de assédio, defendida pelos batalhões da brigada. Toda a população de Canudos acolhia-se agora sob os muros protetores da igreja nova, em menos de quinhentos casebres.

A munição pesando 83 000 quilos e sendo a lotação de cada carreta de 700, tornavam-se precisas 121 carretas e só tínhamos em Queimadas, em princípios de abril, 8!

Num dos combates de meados de setembro, é preso um jagunço, curiboca, moço. Responde a tudo “não sei”. ‘Conduzido a . . . perguntaram-lhe como queria morrer. – “De tiro!” – “Pois há de ser a facão!” E foi.

Aí estão outras observações breves que permitem mais algumas indicações. O segundo trecho dessa série é muito claro: “últimos três dias”, “agora”, expressão e palavra a confirmaram que Euclides continuava, nos últimos dias de Canudos, com pelo menos dois caderninhos no bolso... já agora utilizando-se daquele primeiro que levara também consigo, com anotações alheias ao novo assunto. Ainda bem. Não errara: terminado o caderno reservado para Canudos, as folhas em branco o socorreram de pronto... Vale observar que a pressa com que trabalhava dava em coisas como a expressão “Deixaram-nos”, e até em erro rudimentar de divisão da parte dele, conhecedor da matemática inteira: 118 ou 119 carretas, e não 121 bastavam para o transporte dos 83 mil quilos de munição... referidos no penúltimo trecho que, no original, é acompanhado do título “Mobilidade”.

Encontram-se aí mais coisas sobre Canudos, como esta a respeito da flora das imediações, com a observação bem conhecida:

Porque o que estas traduzem com admirável eloquência no alcantilado dos cerros descalvados em recorte pelas planuras cobertas de vegetação decídua, — é o martírio secular da terra.

*
* * *

Aí temos algo de muito importante, retirado a uma das primeiras cadernetas de bolso do escritor. Elas, como a que vamos ler por inteiro em seguida, dão de Euclides, do seu método e processo, da sua desconfiança na memória, da sua honestidade, um retrato bem fiel.

São anotações de instantes, destinadas apenas a refrescar a memória mais tarde ante o fugidio desses instantes. Ao serem consultadas pelo escritor, a maioria foi abandonada, outras utilizadas com substanciais alterações, o conjunto provando ser admirável esse seu hábito de passar logo para o papel o que seus olhos viram e as conjecturas avançaram, tudo ou quase tudo se transformando mais tarde, ao final das revisões sucessivas, em matéria definitiva, em conclusões e exposições admiráveis.

Mas, apesar dessa posição de nascedouro, ou talvez por isso mesmo, as anotações são valiosas para o estudioso da sua obra, dando-nos muito do que, sem elas, jamais teríamos: a presença do detalhe, do pormenor inexpressivo no instante em que foi captado mas

que, depois, se revelou essencial à compreensão de coisas também essenciais. Igualmente sem tais caderninhos não teríamos aquele tanto do processo de composição do escritor, das suas acolhidas e abandonos, do seu constante transpor de períodos inteiros do começo para o fim de um capítulo, ou vice-versa, ao passá-los da primeira redação para a definitiva.

Canudos no Caderninho do Instituto Histórico

O caderninho de que vamos nos ocupar daqui por diante, principalmente o apresentando na íntegra, é talvez o que de melhor exista para as exemplificações. E nós as teremos à medida em que o formos examinando, ao encerrarmos o presente volume.

Logo de início observaremos que diferentemente do que se deu com as demais, a primeira correspondência para *O Estado de S. Paulo* encontra-se, no fundo, quase que inteirinha aí, mas formalmente sendo outra, evidenciando que, na medida do possível, Euclides não escrevia uma só vez as suas cartas para o jornal... É o cuidado, é a atenção, é o carinho que marcou quase tudo o que saiu da sua pena, além de ser a expressão dessa verdade: quem escrevia para

o diário de ampla circulação era menos o jornalista, o profissional, que o escritor. Salvo talvez nas cartas para os amigos, raramente não foi assim. No caso de que tratamos é de observar isso na primeira reportagem para *O Estado*; foram substanciais as transformações apostas ao escrito: transposições de períodos inteiros, substituição ou deslocamento de palavras ou frases, eliminações sumárias, inúmeros cortes e acrescentações, e mais rebuliços que veremos se compararmos a redação do caderno com a do jornal. Trata-se da primeira correspondência por inteiro, escrita pelo menos duas vezes. Em alguns casos, porém, não teria sido assim.

Os trechos primitivos são fragmentários e nós os veremos no final deste volume, lembrando à distância os definitivos que com eles se emparelham ou que, pelo menos, os lembram ao leitor atento da correspondência para *O Estado*, ou de *Os sertões*.

*

* * *

Todavia, ao conhecermos o manuscrito e os comentários finais a ele, desejamos apresentar umas poucas informações relativas às várias fases pelas quais passou

nosso trabalho, ao critério previamente traçado para a sua realização, úteis ao interesse do leitor na medida em que tal interesse se manifeste.

O documento, entregue pelo filho do escritor e que teve o seu mesmo triste fim, aos cuidados de José Carlos Rodrigues, em cuja casa foi acolhido, passou das mãos do ilustre jornalista e bibliófilo, por sua expressa doação, à guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde o encontramos, no lugar certo.

O seu simples manuseio revelou a impossibilidade de leitura corrente, dado o diminuto da letra, não raro a ilegibilidade de muitas palavras, as coisas se complicando até para os conhecedores da obra de Euclides com a observação de que as anotações, naquele manuscrito, não apresentam sequência para o leigo nos seus segredos, contendo páginas seguidas utilizadas duas a duas, segredos, é claro, inexistentes para o singular observador que as traçou, que em parte as utilizou, encontrando rapidamente o de que em dado momento necessitou... Em suma, para um trabalho como o que tínhamos em mente, de leitura vagarosa, clara e sem embaraços que, quando encontrados, precisavam ser esclarecidos, trabalho

destinado a aproximar as notas apressadas, não raro incompletas, dos textos já impressos do escritor, para um trabalho assim metuculozo, a primeira exigência seria ampliar cada página do caderninho, de modo que todas proporcionassem leitura corrente e condições mais favoráveis à “decifração” de termos e expressões, mesmo assim dificilmente conseguida.

O leitor o verá, vendo ainda no presente volume algumas observações “ilegível”, mas não tantas quanto as que ficaram após a primeira leitura e datilografia, bem diminuídas com o processamento da segunda leitura, e outra vez se apresentando em menor número na terceira... Tais leituras, que incluíram numerosas correções de uma para outra, só foram possíveis mediante fotografia e cópias bastante ampliadas por deliberação do então diretor do INL, como já dissemos, porém, chegadas às mãos do primeiro leitor em absoluta desordem, sem numeração condizente com a sequência das páginas no seu conjunto. Lidas e datilografadas assim mesmo, na desordem em que se encontravam, só a aquisição de pequeno protetor por nós, para leitura do microfilme positivo que possuímos, e conseqüente colocação das ampliações em ordem numérica, possibilitou a

segunda leitura em melhores condições, bem como a datilografia, através da própria projeção, de páginas que faltavam.

Nova leitura, inclusive de muitos termos ilegíveis que restavam – por meio de cotejos com obras de Euclides, de conhecimento do assunto, de dicionários especializados, geográficos, históricos, botânicos, zoológicos, regionais em geral, e outras fontes de esclarecimento – outra vez executado esse trabalho demorado e exaustivo, mas fascinante, algumas poucas palavras continuaram resistindo ao implacável assédio... Paciência. É o termo. Único capaz de possibilitar novas vitórias contra o pouco que restou indecifrável...

Nesse sentido e no de quaisquer senões porventura existentes neste volume, agradeceremos a comunicação do leitor atento.

Seguiram-se os comentários que traçamos a cada página ou grupo de páginas sobre um mesmo assunto, colocados no final do presente volume, com indicação dos números que apusemos à datilografia do manuscrito devidamente lido, subtraídas apenas quatro ou cinco páginas que, sobre não conterem nada que ofereça interesse, não dizem respeito a Canudos.

Essa leitura e a datilografia do documento por inteiro – desejamos destacar – foi, primeiro, executada com inexcusável carinho por Joel Bicalho Tostes, leitor inteligente e admirador esclarecido da obra grande e soberba de Euclides da Cunha, bisavô de seus filhos, e que indicamos ao INL para esse trabalho preliminar. As leituras seguintes, as emendas que possibilitaram, as numerosas acrescentações de termos antes ilegíveis, foram obra de nossa esposa que, conosco, como sempre, se desdobrou em atenções e desvelos não menores. Um e outro trabalhos de extrema dedicação puseram, afinal, em condições de serem examinados como fazemos e ainda faremos, deixando em condições de editoração aquelas primeiras impressões euclidianas de redação itinerante, exigentes de muita pressa e, por isso mesmo, extremamente desordenadas, assim justificando descuidos de vária natureza, nos quais não devemos nos deter senão por curiosidade, já que não se trata de um texto definitivo, sem incorreções próprias do caos da guerra.

Finalmente, esclarecemos que cada página da presente publicação corresponde exatamente à do caderninho que Euclides trazia no bolso, assim tendo sido datilografada, para que, por exemplo, se uma contém no original

apenas poucas linhas e outra ali seja compacta e até seguida de outras mais, assim sejam todas apresentadas ao leitor, dando-lhe imagem mais fiel do manuscrito, respeitando inclusive os seus parágrafos, raros, sua pontuação e suas frases, ainda que sem sentido, coisas naturais numa redação apressada, não destinada à publicação pelo seu autor... A ortografia foi atualizada, mas não quando se trata do frasear típico do sertão em documentos copiados ou frases diretamente anotadas por Euclides; as letras N. do C., encontradas em pés de páginas, são “notas do comentarista”, isto é, nossas, por qualquer razão julgadas indispensáveis; o advérbio latino sic foi colocado por nós com a razão presente em cada caso; a publicação contém todos os croquis feitos por Euclides, bem como outros clichês de páginas do manuscrito que julgamos de interesse para uma ideia mais nítida de como se apresentam no original documento. Um desses clichês – propositadamente apresentado – deixa ver o repórter tentando ganhar tempo: a anotação cobre por extenso duas folhas vis-à-vis.

Vamos ao precioso legado entregue à editoração do Instituto Nacional do Livro, cujas atividades foram fortalecidas com vigor no plano material e, portanto,

substancialmente ampliadas no plano cultural, pela direção da escritora Maria Alice Barroso, sucessora do grande Augusto Meyer e de Umberto Peregrino. Mas vamos, – ainda uma vez o dizemos, – sem nos esquecer de que se trata de simples lembretes redigidos à pressão do tempo que corria, sem ordem, sem método, despreocupadamente, seu autor não imaginando sequer que um dia viessem a merecer tanta atenção e tantos cuidados, ele que observou numa das suas correspondências de guerra não acreditar nem mesmo na correção das frases reescritas para o jornal à base das anotações ligeiras que vamos conhecer, crendo que, mais tarde, se viesse a reler o que fora publicado, o faria com surpresa...

Olímpio de Souza Andrade

Leme, Rio, 1973, fevereiro

Caderneta de Campo

(Texto e croquis)

EM MOSSA 1830
 Diário de uma expedição

Dez dias de quatorze longos dias e quatro longos
 montes de verdadeira tortura, assim sendo
 especial pela provincia vier a Talha da raposa
 na entenda a correlação da Bahia.

Não descreverei os incidentes da viagem,
 visto todos acauzar de inconcebível mal
 estar, desde o momento da partida em
 que Buenos de estrada a Seicencia de
 Lourenço, um temperamento de gélido
 do por uma alegria que uma mani-
 festação de fúria e de tristeza, e uma
 além auctoria de febrilidade, se puzer
 para os fechos os meus amigos de S. Pau-
 lo e do Rio, até o seu termo final
 nas aguas desta historia peragem.

Recordo-me que Everson rapidamente
 me, mas rapidamente mesmo, acatando
 lado de quanto eu ver, por passageiros
 que passarem, mas caso de interfeccão
 festinas em que um quas deca de
 cana de lençolas se fundem no mesmo
 sudoroso. E a admissão que
 se a saudade pela nossa natureza
 extraordinaria e bellissima.

É realmente o quadro a empanturrado
 e costumado ao aspecto ^{imponente} do
 littoral do sul em que as ditas al-
 tíssimas e denteadas de granito
 recostam vivamente o espaço imen-
 sissimo, salutarmente, as alturas, e a
 guila que encobre a seguir o abismo
 dos a mesma magestade e a mesma
 belleza, sob o aspecto mais ^{de}

[1]

Diário de uma expedição

Partimos no dia 3 às 5 horas e 20 minutos da tarde.

Logo após passar em frente a Villegaignon, um soldado atirou-se ao mar, demorando assim ainda mais a viagem. Foi salvo por um escaler do pequeno vapor Itaí que entrava no porto na mesma ocasião em que o nosso saía. O soldado estava embriagado.

Euclides da Cunha

[2]

A nossa Vendaia

– Diário de uma expedição –

Depois de quatro longos dias e quatro longas noites de verdadeira tortura, subo afinal pela primeira vez à tolda do vapor na entrada arrebatadora da Bahia.

Não descreverei os incidentes da viagem, vistos todos através de inconcebível mal-estar, desde o momento da partida em que Bueno de Andrada e Teixeira de Sousa, um temperamento feliz e bom¹ e uma alma austera de filósofo, representaram em 2 abraços todos os meus amigos de S. Paulo e do Rio, até o seu termo final nas águas desta histórica paisagem.

Escrevo rapidamente, mui rapidamente mesmo, acotovelado de quando em vez, por passageiros que passam, num coro de interjeições festivas, e nas quais meia dúzia de línguas se fundem no mesmo entusiasmo. É a admiração perene e ruidosa pela nossa natureza extraordinária e belíssima.

E realmente o quadro é surpreendedor. Acostumado ao aspecto imponente do litoral do sul em que as serras altíssimas e denteadas de gneiss recortam vivamente o espaço investindo soberanas as alturas, é singular que encontre aqui o observador a mesma majestade e a mesma beleza, sob aspectos mais brandos,

¹ Entre “bom” e “e uma” seguem-se palavras riscadas, porém, legíveis: “animado por uma alegria que é uma manifestação de força e de bondade” [N. do C.].

[3]

as serras arredondando-se em linhas que recordam as voltas suavíssimas das volutas e afogando-se no espaço sem transições bruscas entre o verde glauco das matas e o azul puríssimo dos céus.

A ilha de Itaparica à nossa esquerda, ridente e envolta na onda fulgurante da manhã, desdobra-se pelo seio da baía, revestida de uma vegetação opulenta e indistinta.

O mar tranquilo como um lago envolve-a de extremo a extremo num longo sendal de espumas cuja brancura rivaliza com a das pequenas casas de pescadores levantadas à margem. À direita, em frente, a cidade, derramando-se, compacta, sobre vasta colina, cujos pendores abruptos reveste, cobrindo a estreita cinta do litoral e desdobrando-se imensa da ponta da Gamboa a Itapagipe no fundo da enseada.

Tem aspecto mais grandioso que o Rio de Janeiro.

Vendo-a, daqui, com as suas casas altíssimas, ousadamente aprumadas contra a montanha em certos pontos, vingando-a noutros e erguendo-se a extraordinária altura com as suas numerosas igrejas de torres esguias ou zimbórios amplos em cujos vidros o

sol nascente reflete-se em cintilações ofuscantes, tem-se a mais perfeita ilusão

[4]

de vasta e opulentíssima cidade.

O “Espírito Santo” cinde vagarosamente as águas e novos quadros aparecem. O forte do Mar, velho monumento, testemunha silenciosa de feitos notáveis, surge à direita, bruscamente, das águas, imponente mas inofensivo desartilhado quase.

.....

A disposição entre os oficiais é a melhor possível. A saudade, imensa e indefinível saudade dos entes queridos ausentes, desce às vezes profunda e dolorosa – esmagadora [*ilegível*] Ao mesmo tempo porém, como um antídoto infalível alevanta-se iluminado ao norte o nosso grande ideal – a República – profundamente consolador e forte, amparando vigorosamente os que cedem às mágoas, impedindo-os à linha reta nobilitadora do dever. E reagimos. Eu nunca pensei que esta noção abstrata da Pátria fosse tão ampla que traduzindo em síntese admirável todas as nossas

afeições pudesse consolar tanto aos que se afastam dos lares tranquilos; demandando a agitação das lutas e dos perigos.

Compreendo-o agora. Em breve pisaremos o solo aonde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam. Além, para

[5]

as bandas do poente, em contraste com o dia que nos rodeia fulgurante, alevantam-se por acaso agora cúmulos pesados traduzindo fisicamente uma situação social tempestuosa. Surgem, alevantam-se justamente neste momento do lado dos sertões, pesados, lúgubres — ameaçadores.

Este fato ocasional mas expressivo, atrai a atenção de todos. E observando como toda a gente as grandes nuvens silenciosas que se desenrolam longínquas os que se destinam àquelas paragens perigosas sentem com maior vigor o peso da saudade e com maior vigor a imposição serena do dever.

Nem uma frente se perturba.

Que a nossa Vendeia se envolva num largo manto tenebroso de nuvens, avultando além em contraste com os deslumbramentos

do grande dia tropical que nos alenta como a sombra de uma emboscada; rompê-la-emos em breve com as fulgurações da metralha e o cintilar vivíssimo de espadas.

E domá-la-emos – A República é imortal...

[6]

Na proa os soldados acumulam-se saudando a terra e a um lado pesado e monstruoso alevanta-se um belo espécime da artilharia moderna – o morteiro Canet. Destina-se a contraminar as minas que existem em Canudos.

Embora sem pólvora apropriada e levando apenas sessenta e nove projéteis (granadas de duplo efeito e shrapnels) o efeito dos seus tiros deve ser efficacíssimo, desde que consideremos que ele pode lançar em alcance máximo trinta e dois quilos de ferro a seis quilômetros de distância. Acho, porém, difficilimo o seu transporte pelos sertões. São duas toneladas de aço que só poderão atingir o morro da Favela através de esforços extraordinários.

[7]

esmagadora sobre os corações, as frentes se anuviam; cessam bruscamente as palestras; e um doloroso silêncio paira sobre os diversos grupos. O olhar velado de lágrimas volve ansiosamente para o sul...

Ao mesmo tempo — ²

desartilhado quase mal recordando a quadra heroica em que nas suas canhoneiras rugiam repelindo o holandês as longas colubrinhas de bronze. A guarnição formada em cima presta ao marechal a saudação militar e chega até nós eletrizantes e nítidas as vibrações heroicas dos clarins.

À direita

[8]

Não era o avançar franco numa longa exposição às balas, do 4.º e do 29.º — mas um como que serpear rápido e heroico e fulminando, um cintilar vivíssimo de baionetas traçando

² O texto é este no manuscrito [N. do C.].

[*ilegível*] sinuosa fulgurante de lampejos entre as ruínas – era o mesmo avançar dos jagunços, rápido, fugindo à trajetória retilínea, coleante, indescritível, fantástico, como se aqueles duzentos homens constituíssem as vértebras morosamente móveis de uma de uma [*sic*] serpente enorme, reptante, terrível, investindo num bote formidável às trincheiras.

Vi-o depois, cadáver, no hospital de sangue. Uma figura comovente, emoldurado o rosto arroxeadado pela barba branca maltratada. Um ponto negro na raiz do nariz indicava a entrada da bala de Mannlicher que o fulminou. Um ponto negro, pequeníssimo, imperceptível a cinco passos de distância. Em compensação a fronte nobre e ampla sulcada transversalmente indicava o curso do projétil mortífero dentro do crânio.

[9]

Deve estar chegando a Canudos primeira turma estudantes medicina que partiram Monte Santo dia 6.

Ministro autorizou chefe serviço sanitário fazer aquisição material necessário enfermarias

feridos que chegam, atingindo já número de quinhentos.

Visita general Savaget aos oficiais doentes comventíssima. Quase todos pertencem à heroica coluna por ele comandada. Percorrendo as enfermarias, animando, conversando bravos companheiros próprios moribundos esforçavam-se levantar um viva entusiasta! Projeta-se criação novas enfermarias. Têm sido praticadas com sucesso várias operações.

Estado moral feridos elevado – felizes todos pelo sacrifício em prol da República.

A cidade até então quase indiferente à luta reanima-se ardentemente à entrada dos heróis feridos.

[10]

Dia 4

Chegamos a Tanquinho à 1 hora da tarde acampamos e partimos às 6 da manhã do dia 5. Tanquinho lugarejo insignificante – uma casa velha e um rancho inutilizado – Dormi sob um pé de juazeiro. Despertei às dez horas. Às duas horas da madrugada Órion brilhava no Oriente com brilho extraordinário. Jantamos às três horas magnificamente. Água

infame, infamíssima, de um poço pequeno onde há seis meses bebem todos os cavalos, banham-se todos os cavalos e lavam-se todas as feridas. Fiquei aterrado vendo os resíduos do meu filtro Chamberlain. Uma crosta de lodo na qual devem haver todas as sortes de algas. Fotografei esse lugar insípido. Flora jasmim dos tabuleiros e Mandacaru (Tamarineiro) – Noite estrelada [*ilegível*] do luar. Muito frio à madrugada. O meu aneroide registrou uma altura de 30 metros sobre Queimadas. Temperatura à madrugada, termômetro exposto 16°.

Dia 5. Partimos de Tanquinho às 6 horas e chegamos às 8 e meia a Cansanção. Lugar melhor que Tanquinho; dois armazéns, melhor água. Cansanção – uma rua pequeníssima com oito casas apenas. Aí estão dois frades. Ouvimos missa às 9 horas numa saleta com menos de 10 metros quadrados,

[11]

eu, o ministro, o general Carlos Eugênio, coronel Carlindo, dr. Marques Reis e cap. Guilherme Silva.

Ouvi missa! E ajoelhei-me sobre o ladrilho tosco. E por que não satisfazer a crença ingênua dos rudes moradores? Partimos Cansanção 3 horas. Quirinquinquá chegamos às 7 1/2 noite. Altura 395 metros.

O tenente-coronel Tupi – estatura pequena, magro, seco, nervoso; olhar sem expressão animando-se repentinamente nas discussões em que se deixava arrebatado facilmente dando larga expansão a um temperamento apaixonado e forte. Ultimamente atravessava o acampamento, arrimado a comprido bordão e com o andar titubeante e incerto dos beribéricos. Rodeava-o a simpatia de todos. Os soldados do 30.º adoravam-no. Visitava diariamente no hospital de sangue aos seus comandados feridos e nessas ocasiões não era um chefe era um pai – carinhoso, solícito, satisfazendo-lhes todos os pedidos. No dia 29, véspera da batalha, à tarde, ao dirigir-me para o acampamento do batalhão paulista, encontrei-o.³ – Então, seu doutor, já recebeu o trabuco que enviei? Uma arma interessante. Há de fazer um sucesso enorme em S. Paulo...

³ Seguem-se palavras riscadas, mas legíveis: “Trocadas algumas palavras” [N. do C.].

Agradeci-lhe a lembrança e logo depois declarei-lhe:

– Sabe que o general não concorda que entre amanhã no combate?

– Sei, sei, o Artur é muito meu amigo e teme pela minha moléstia

– mas acho que é um contra-senso ficar na minha⁴

[12]

Fortalezas ciclópicas *sine calcis linimento*

Os megalitos são a mobilização da caverna ou o templo-túmulo destacado da montanha. Em todas as regiões do mundo se encontram construções deste tipo, pedras colossais erguidas, alinhadas, sobrepostas de um modo constante e regular porq. a simplicidade dos elementos materiais não permite variedade nas suas combinações. Essas pedras enigmáticas – menhirs, dolmens, cromlechs – a que tão fundas e remotas tradições se ligam na Europa, são ainda no Oriente e na África de uso atual. Mais uma vez os povos vivos nos explicam os monumentos arqueológicos porque sobre a terra se acham todos os estados etnométricos

⁴ Esta última linha continua no pé da p. 12 [N. do C.].

da mesma forma que a natureza nos apresenta existentes todos os tipos evolutivos da criação e (acrescentamos nós) todos os terrenos de todas as idades geológicas. (O.M.)

Socalcos de montanhas sucessivas...

Sebe – Tapume de rama para vedar o acesso à casa. *Sebe viva vaiado*

De arbustos que *pegaram*.

barraca agora no fim de tudo eu que que [*sic*] suporto há tanto tempo esta campanha... ficar em casa no fim da festa, justamente quando vão servir os doces...

Não! falta só um dia, vou até ao fim.

E faltava-lhe só um dia – e foi até ao fim o bravo e dedicado soldado – uma bela existência heroica, acalentada ao ritmo febril das cargas guerreiras, ruidosa e varonil, uma vida que foi um poema de bravura tendo como ponto final uma bala de Mannlicher.

[13]

O Homem

Sumário – Vida animal exuberante prejudicando as funções intelectuais e morais – Exageros da vida material – A capacidade étnica da raça corrigirá as influências termométricas? – A alimentação – Influência de um solo árido – Vida nômade – Frugalidade explicada pela altura térmica – Imprevidência pela vida. Eterno conflito entre os elementos da vida individual e a existência coletiva – Sociedade inconsistente – Predomínio das paixões pessoais – Regime pastoril nômade. Aspecto atraente das chapadas – Incentivo à vida aventureira – O deserto áspero e impenetrável isolador étnico. Insulamento no deserto determinando a conservação de velhos costumes e erros.

Imunidade para as febres palustres – A superstição – Regressão para o tipo indígena pela não infusão de elementos estranhos. Predomínio dos mais fortes. A cor. Aspecto.

Caracteres físicos. Infantilidade. Imaginação viva – Reflexão estreita. Memória feliz! Imprevidência. Resistência à dor. O medo. Terror religioso. A moralidade. A alimentação. A habitação. Exemplos de delicadeza moral. Espírito vingativo. O roubo. As vaquejadas. Vocabulário. As *santas missões*. A coragem pessoal.

[14]

O homem⁵

Bombeiro – práticos que guiam o viajante nas *travessias* pelas *gerais*, seguindo ora por veredas e *arrastadores* ora por simples rumo *tirado a facção* etc. Quem perde o rumo naquelas regiões atordoa-se, fica *vário* até que a sede e a fome o prostram.

– As onças impelidas pela fome vão às vezes beirar a rancharia dos tropeiros. Não raro, à noite se conhece a onça pelo clarão dos olhos ou pela súbita aparição dos animais

⁵ Esta página apresenta no manuscrito um traço vertical a partir da 8.^a linha, apresentando ainda as palavras “juremas” e “chique-chique”, escritas de viés, à direita, a primeira sobre as linhas 12.^a a 18.^a e a outra sobre as linhas 20.^a a 26.^a [N. do C.].

domésticos que se reúnem todos perto dos ranchos. Os caçadores só atacam a onça depois de *acuada* pelos cachorros e quando estão munidos da indispensável forquilha com a qual a esperam a fim de enterrar-lhe a faca no coração; fora disto a luta é difícil.

Jagunços devastaram em 1881 fazenda do Sucro perto de Chique-chique. Deprimem Chique-chique que seria o mais rico termo de S. Francisco sem eles – Tem as minas de Assuruá. Estas minas têm diferentes nomes conforme a serra em que estão (Gentio do Ouro, Lavra Velha, Baixa Grande, Jacu). Na serra da Batata há à flor da terra em quantidade enorme pedras de chumbo (galena) com liga de prata de que fazem balas os criminosos. Na distância de 10 léguas destas lavras e 6 da vila acha-se a povoação de St.º Inácio, baluarte

[15]

inexpugnável dos jagunços que ali se refugiam quando atropelados – entrincheirados nas anfractuosidades das pedras.

Em 1882 Chique-chique foi saqueada. Casas estouradas de balas, mas desertas casas transformadas em trincheiras. Os *jagunços* eram senhores da vila.

Cartórios, coletorias, agências correio incendiadas; população inteira fugida na cidade da Barra. Fazendas de criação devastadas, estradas cheias de ossadas.

Botecos – tascas onde comem os *tabaréus*.

Bró –⁶ alimento da população (na falta de farinha) – amargo *pó* de serra extraído do tronco de ouricuri, lavado e depois torrado – Ocasiona inflamações e suspende às vezes a regra das mulheres.

Magrém – estado de imensa magreza do gado na *seca*.

Diz o tte.-coronel Durval Vieira de Aguiar em seu livro “Descrições Práticas da Província da Bahia” publicado em 1889:

“Quando por ali passamos (em Monte Santo) achava-se na povoação um célebre *Conselheiro*, sujeito baixo, moreno acaboclado, de barbas e cabelos pretos e crescidos, vestido de camisolão azul, morando sozinho em uma desmobiada casa, onde se apinhavam as beatas e afluíam

6 Entre as linhas 13.^a e 20.^a há um traço vertical e sobre as linhas 15 e 16 está, de viés, a palavra “vaqueiro” [N. do C.].

os presentes, com os quais se alimentava. Este sujeito é mais um fanático ignorante do que um anacoreta e a

[16]

sua ocupação consiste em pregar uma incompleta moral, ensinar rezas, fazer prédicas banais, rezar terços e ladainhas com o povo; servindo-se para isto das igrejas, onde, diante do viajante civilizado, se dá a um irrisório espetáculo, especialmente quando recita um latinório que nem ele nem os ouvintes entendem. O povo costuma afluir em massa aos atos religiosos do Conselheiro, a cujo aceno cegamente obedece e resistirá ainda mesmo a qualquer ordem legal, por cuja razão os vigários o deixam impunemente passar por santo, tanto mais quando ele nada ganha e, ao contrário, promove extraordinariamente os batizados, casamentos, desobrigas, festas, novenas e tudo mais em que consistem os vastos rendimentos da igreja. Nessa ocasião havia o Conselheiro concluído a edificação de uma elegante igreja no Mucumbó e estava construindo uma excelente igreja no Cumbe onde, a par do movimento do povo, mantinha ele admirável paz.”

– No *verde*,⁷ no tempo das águas, em que há fartura, antítese da *seca*.

Carrear – Andar com carros de bois.

Atacar uma boiada (vendê-la toda).

Soltas, lugares aonde ficam para engordar os animais que não tiveram cotação na *feira*.

Mangues – lugares aonde engordam-se boiada cabendo animais aos milhares;

[17]

são quase sempre constituídos de capim Guiné, conhecido no sertão por *bengo*.

Capangueiro, negociante que compra diamante ao garimpeiro.

Picuá, canudo de taboca com rolha de madeira, aonde se guarda os diamantes ou quaisquer outras pedras.

Positivo – capanga de confiança para incumbências sérias.

Caldeirão – buraco na pedra.

Capanga (feminino), bolsa de viagem.

Latir na batida – latido dos cães ao descobrirem a caça.

7 Desta linha até o final da folha do caderninho há um traço vertical e, cortando-o, de viés, a palavra “vaqueiro” [N. do C.].

Comedilhas – lugares em que se largam os cães na caçada.

Fazer o sacco – ganhar que dê para alguns dias, uma semana.

Encamisada – festa; cavalhada noturna com lanternas, cavaleiros vestidos de branco, os cavalos cobertos de alvas e compridas mantas.⁸

Gererê – chuva miúda.

Carigé – negro do sertão.

Despontar o dia – beber o primeiro trago de aguardente.

Mancar – faltar. *Manca café*.

Espinhaço da estrada – o eixo.

Beijo da estrada – a margem.

Rio empansinado – rio cheio.

Poeira – cadeia.

Rola o tempo...

É fácil de ser difícil.

Jagunço – porte pouco elegante, pouca barba, cabelo liso, duro, maçãs salientes, no achatado do crânio e tez morena.

[18]

Não há sertanejo q. não seja vaqueiro –
Entende com os animais domésticos. Gado

⁸ Duas linhas cortadas de viés pela palavra “costumes”
[N. do C.].

vacum e [ilegível] que [ilegível] bovinos. Indústria de peles de tamanduá, raposa, veado, gato-do-mato, suçuarana – maritataca que chamam de cangambá de catitu (couro bom p.^a botas). Usam algodão da terra plantando, colhendo, fiado [sic] e tecido por eles mesmos. Não conhecem o pão e nem a bolacha. A manteiga é um mito. Café e rapadura já se vão encontrando em um ou outro albergue q. denominam *fazenda*!⁹

Caldeirão Grande é a única propriedade digna de tal título.

Mobília – um banco grande (uma tábua com quatro pés toscos) qd.^o a casa tem um avarandado o que já é uma categoria. Um ou dois banquinhos toscos; redes de *Craná*, cama de varas (jirau) para o chefe da casa – uns couros onde se assentam as mulheres no dia – e todas as noites em roda do fogo e durante as refeições – um ou dois baús de cedro de 3 palmos sobre dois – Utensílios de uso diário em borrachas para transporte de água; porongos, uma *talha*, pote branco, cônica, cilíndrica e esférica, um par de *caçuás* (jacás) de cipós ou de malas de couro, armação de madeira coberta de couro com cabelo; alguns *aiós*, espécie de bolsa p.^a caça e tudo mais, feito com caruá em

9 Seguem-se três palavras riscadas no texto [N. do C.].

tecido de malha sem costura – a tiracolo em geral.

Jagunços empregam aiós para conduzir munição de guerra – trazendo às vezes 800 cartuchos! Duas ou três panelas de barro e mais objetos insignificantes.

A mandioca é *desmanchada* (feita em farinha) toda em agosto e setembro quando o rendimento é maior guardam a farinha para o período de um ano em grandes sacos de palha de *aricuri*.

[19]

pindoba – Do óleo do aricuri fazem acepipes nos dias de festas – amaciam os cabelos aos domingos as raparigas, desconfiadas, tímidas, esquivas, recatadas e curiosas – ainda serve para iluminação qdo. há hóspede de importância.

Sertanejo é em geral – bom, simples, inteligente, inculto, desconfiado, altivo, leal, respeitador, econômico à parcimônia, pouco liberal, afeiçoado ou agradecido, probo e honesto.

Amante da caça, bom atirador de garrucha que leva à cinta numa capa de couro, a par do facão jacaré (duas armas prediletas) – tem

boa vista e grande tino; andam com rapidez léguas e léguas.

(Modo de trajar do jagunço e do gaúcho, ambos vaqueiros) – Não lhe escapa nada do que acontece na zona em que age.

Por meio brandos consegue-se dele tudo quanto q. não lhes fira o sentimento da honra. Nunca andam descalços, usam alpercatas¹⁰ e em geral sapatos – Os jagunços porém andam sempre de pés no chão. Equilibram-se bem no cavalo mas sem elegância. A sela da montaria, feita por eles mesmo, imita o lombilho do Rio Grande – é mais curta e saliente em seus extremos e não tem os apetrechos daquele. Os acessórios da sela mt.º reduzidos: uma manta de pele de bode ou ovelha, um couro curtido cobrindo as ancas do animal e um peitoral e uma *joelheira de sola*. Veste-se de couro – chapéu de couro, gibão de couro curtido de veado, ou vaqueta, colete com modelo do nosso de couro também, alguns são de gato-do-mato com o pêlo para fora p.^a os dias de festas; peito espécie de gravata plastron sem as dobras; *perneiras* estreitas de couro resistente e *guarda-pés* na frente dos estribos de ferro e esporas grandes.

Dizem: onde passa o boi passa o cavalo com o vaqueiro.

10 Dizem *pracata* [Nota de Euclides].

[20]

Constitui ainda acessórios de montaria: a gualdrapa (carona) de couro macio, com duas grandes bolsas de cada lado, um por fora outro por dentro dando quatro bolsas, enfeitadas de pontuados esquisitos – Serve p.^a conduzir a um tempo roupa e amaciar a sela, o par de alforjes, presos à parte posterior da sela sobre o couro que cobre as anca. Pouco amigo de aventuras o sertanejo pouco se afasta da família e da *fazenda* que conhece pé de pau por pé de pau, palmo a palmo e da qual às vezes não sai durante a vida inteira! Um boi estranho ou uma pessoa que lá entra é logo percebido, pelas pegadas, ou indícios mínimos! (Episódio de Juá).

(Nascimento agasalho dado após derrota Moreira César – o seu dotô – rastros de soldados)

A misericórdia – a chuva, depois vem a misericórdia e enche os poços.

Lascar no mundo! fugir. Meu pai lascar o pé no mundo.

Estatulado – espantado.

Prospernico – calmo.

E.. está com muitos dias que saiu

Coração mole – covarde, medroso

Episódio do molambo, etc. – Bandeira na
Favela

Abortoso – abundante

Oso mengativo – o cócix

Um lote de dias – muitos dias

Um lotinho de gente – um grupo

(Damiana Francisca de Sousa, Maria José)

Um despotismo de gente – mt.^a gente

Bancou – Abancar – Abancou para o rio

Querem saber do miúdo até o graúdo

Que extremos!

Eu sei?

Quer navegar na casa dos outros

Pipoca mururu

É de hoje que ela morreu!

Vareda – vereda, caminho

[21]

Estou *passado* de pena

Boca de fogo *esbagaçou* tudo.

Povo estava q. era um *maiadô*...

(José Melquíades do Nascimento)

(Marcelina (talho na cabeça) João do
Padre da Jacobina – Vender o sítio – não apa-
recer mais)

Lourenço Francisco dos Santos

Lovado S. N. Senhor Jesus Cristo
Belo Monte 3 di 10 bro de

Rosendo estimoti boa saúde em comp.^a da sua fam.^a. Meu Concelhero está procurando por voceis venha embora breve q. está se vendo não entrar m. ninguém casu os republicano venham com sintido assim diz meu concelleiro. O que eles apanhá mata venha morrer nos péis do bom J^s. O Concelheiro disse 3 vezes q. o q. morreu no belo Monte ele agarante a salvação já morreo dos nossos irmão 74 no fogo q. hove morreo 5 republicano i morreo muito cabeludo. O Concelheiro está entereçado q. voceis venhão hoi o golpe na chegada do principio não passa janeiro fora por lei nenhuma.

L.^{as}. aos conhecidos. Aqui fica teu Pai

Bonifácio Mel João

[22]

João Ferreira da Cruz
Bernabé José de Carvalho, casado com uma sobrinha do cap. Pedro Celeste (Bom Conselho) ferimento por detrás da orelha
Eu estava *seco* de sede. Olhos azuis, cabeça chata, camisa azul

Logo me apareceu um *febrão*. Conselheiro morrera quarta-feira 22 de setembro. Foi de doença. Foi enterrado encostado ao Santuário ou dentro do próprio santuário. Houve grande choro na quarta-feira quando morreu Conselheiro.

– Eu queria ir me embora pra minha casa, vou? Francisco... o de que é que não sei!

Uma beata velha chamada Ana cozinhava p.^a o Conselheiro

Quarta-feira 22 também morreu Manuel Quadrado.

Os da companhia que falá verdade...

A companhia é como irmandade p.^a assistir as rezas.

Ele mesmo não pegava com a mão dele nesse dinheiro, mas o povo da companhia tinha Penitência carregar pedra e água.

Eu era beato do Padre José Vieira Sampaio – Riacho da Casa Nova, voltemos depois p'ra St.^a Ana.

Bernabé foi encarregado de chamar os recalcitrantes

– Eu falo uma fala a eles... falo disse o Bernabé

Anastácio Rodrigues

[23]

Trabaei cuma porção promode eles virem e eles não vem.

Tem um bando lá que não querem.

José Bartolomeu – velho caboclo

Eles andaram em tempo de me atira por q. eu não brigava.

Antônio Manuel de Santos – ferimento horrível na mão

Aí logo no salto do rio tomei a bala

Tem uma meia dúzia... é coisinha

José Tomás Vila Nova – moço alto

É parente de Vila Nova?

Nhor não

É triando no mundo!

Comandantes dos piquetes

Pajeú nas Umburamas – Preto meia id

João da Mata – no Cocorobó – caboclo moço

Irmão de Chiquinho no caminho de Uauá...

Pedrão na Canabrava – Caboclo grande

Estêvão no Caminho do Cambaio. Negrão

Cada piquete tinha 20 homens

Mais afoito Pajeú

João Abade – comte. da praça (comandante da rua)

Professora – cabocla – mulata – bonita moça – abandonada pelo marido. Tinha escola todo

dia. Tinha muitos meninos a escola. 2\$ por
mês cada menino. Escola mista.

Não sei distribuir – Não saber.

As filhas do velho Joaquim Macota, eram 2.

João Abade morreu ferido bala cabeça. Não
era valente.

Maria Joaquina. Cabocla pura.

[24]

Umbelino José dos Santos

Tocaram a me mandar cartas...

Minha mãe meteu os pés aqui dentro e disse
que não me ditava abençã se não vinhesse.

Rolaram o dia aí pertinho de mim, aí estava
esta irmã do beato: aí eh.

Tabaqueiro – caixa de rapé

Aí varreram fogo nos panos – Queimar roupa.

O povo com um *zoadão* mt.º grande porq. caiu
duas bichas que faz boum!

Aí eu saí prá perto.

(Francisco Celestino)

Eu ontem quis me pô em pé, não pude.

meti a cabeça no chão de necessidade

Ant.º Ferreira dos Santos

São de uma opinião danada – teimosos

Papocar – estouro de tiros

Mora *arredado* duas léguas.

Um causo muito interessante
Aonde tem uma fazenda chamada Cambaio
Vigia q. esta casa não está acabada – Vigia
– veja
Grande seca de 88 a 91 – Até o icó secou
O gado come a macambira chamuscada – o
gado já sabe, qd.º toca fogo vem todo urrando
de contente.
É uma fazenda *grande* de *creatório* esta da
Suçuarana
Todos os vaqueiros tocam prá Feira de Sta.
Ana ou Vila Nova
Verde bonito é o de Curacá, aquilo é que é ser-
tão importante
Quem está acostumado nas terras grandes de
divertimento não se dá aqui
Gente muita reunido pega esquentar muito o
ar e vem a peste.

[25]

Uma criança sem face –
Um soldado carregando uma criança
Ah tratante...
Só se via ele lombrigar por detrás de umas
moita de icó
As menos distância que se atira nela é de cem
passos

É desgraçado p'ra correr
Árvore mais garranchenta – que tem mais
galhos
Já vinha como mulher-dama
Jabá – carne seca do Rio Grande
Carne sertão – carne seca do Ceará
(Padre Luís de França Guimarães, antigo vi-
gário de Monte Santo)
Padre Sabino – vigário do Cumbe
Tem não. É bom não.
Revoltação do tal Conselheiro dos Canudos
História do país – Construção da Igreja Bom
Jesus. Camboá sobre o pau etc.

Casimiro Sousa

Caquende 142

[26]

A serra extensa Calumbi
corre de ENE depois
descamba para NE
Em Caxamengó no leito do ribeirão aparece o
granito exposto
Fortaleza desmantelada à margem do Caraíba
entre Suçuarana e B.
Esperança

Caraíbas de flores amarelas
Em Suçuarana há um pé enorme de Mulungu

No extremo de um beco estreitíssimo acobertados por uma casa, a poucos passos do combate conversavam o tenente-coronel Dantas Barreto e os capitães Abílio e Aguiar assistentes dos generais Artur Oscar e Carlos Eugênio.

O capitão Aguiar afastou-se um pouco para observar um batalhão que avançava.

Era um oficial ativo, valente e entusiasta; um companheiro jovial e bom.

Ao presenciar a investida violenta e impávida dos soldados o moço capitão tirou o chapéu alevantando um viva ardente e entusiasta à República!

E essa saudação custou-lhe a vida e a vida escapou-se-lhe do peito atravessado por uma bala precisamente no momento em que a sua alma sincera e nobilíssima ansiava pela existência eterna da República. Os imortais morrem sempre assim.

[27]

Correu um frêmito misto de espanto e cólera pelas fileiras do 30.º. Houve um segundo de vacilação e depois, num movimento único, como um só homem, mudo, terrível, formidável, o batalhão rolou sobre a trincheira, transpô-la de um salto, caiu no solo violentamente batido pela fuzilaria e enfrentando numa trágica indiferença de suicida a morte, precipitou-se sobre o inimigo a marche-marche, sem disparar um tiro, varrendo-o a baioneta!

Foi vingado o coronel Tupi... E — fato que foi observado por todos — o soldado ao voltar dessa carga tremenda, ferido, mutilado, chamuscado do incêndio, coberto da poeira dos escombros, exausto e ofegante da luta, vestes dilaceradas nos pugilatos corpo-a-corpo — indiferente à dor e indiferente à vida que se lhe escapava lentamente pelas artérias rotas — vinha chorando como uma criança, murmurando numa veneração estranha o nome do heroico comandante.

[28]

Generalizado o combate, às 9 horas era difícil conjecturar sequer para que lado propendia a vitória. O inimigo resistia impertérrito dentro de um círculo de fogo. Dissolveram-se nessa ocasião as névoas da manhã e um sol claríssimo e ardente iluminou a batalha. Observei então que o incêndio lavrava a oeste do arraial, progredindo lentamente para a zona ocupada pelo inimigo. Às 10 horas a vitória ruidosa e fulgurante pairou um momento sobre as nossas armas, mas desapareceu de pronto. Fora tomada a Igreja nova e um cadete do 7.º num ímpeto de heroísmo, extraordinário cravara firmemente no alto da parede estruída do templo a bandeira nacional. Os batalhões tocaram a marcha batida e o hino nacional. Um viva à República imenso e retumbante saiu de milhares de peitos e surpreendidos por essa manifestação estranha os próprios jagunços cessaram a fuzilaria. Na larga praça das igrejas fervilhavam soldados, atumultuadamente, andando em todas as direções, trocando saudações entusiásticas.

Era a vitória, por certo. Estava apenas a 200 metros da praça, no quartel-general do gal. Barbosa, desci rapidamente a encosta e entrei na zona do combate. Não gastei um minuto na travessia. Ao chegar

[29]

porém, com imensa surpresa, ouvi, sobre a cabeça, o sibilar incômodo das balas!

Tudo é incompreensível nesta campanha: a batalha continuava, mais tenaz e mortífera, se é possível.

Abeirei-me de uma trincheira e fantasiando uma calma que não podia ter, observei em torno. Estava ali um batalhão de reserva sob o comando do cap. Magno.

Nesta ocasião três estampidos mais violentos que a explosão das granadas fizeram-se ouvir no ponto em que mais tenaz se mostrava a resistência do inimigo próximo à latada.

Tinham sido arremessadas três bombas de dinamite sobre os jagunços. Senti o solo estremecer numa vibração rápida e forte de terremoto. Deviam ter produzido estragos extraordinários. Cessaram os tiros do inimigo e três colunas de fumo precursoras do incêndio, determinaram os pontos flagelados. Mas estas não se tinham ainda dissolvido nos ares e a fuzilaria inimiga, reatando a refrega, bateu violentamente as nossas linhas.

Mais violenta, mais forte, mais mortífera, se é possível prosseguia a batalha. Voltei para o meu posto de observação, cautelosamente, procurando desenfiar-me das balas com uma

maestria natural e ao atingir o alto da encosta vi passar numa rede mortalmente ferido o cap. Aguiar, assistente do general Carlos Eugênio. No extremo de um beco estreitíssimo abrigados por uma casa a poucos passos do combate o malogrado oficial conversava com o tte.-coronel Dantas Barreto, o capt. Abílio assistente do general Artur Oscar, quando

[30]

ao passar um batalhão que avançava afastou-se desses últimos para observar a investida. E ao observá-la, violenta e impávida, o moço capitão que era um oficial valente e dedicado tirou o chapéu alevantando um viva ardente e entusiástico à República!

E essa saudação custou-lhe a vida e a vida escapou-se-lhe do peito atravessado por uma bala precisamente no momento em que a sua alma sincera e nobilíssima ansiava pela existência eterna da República.

Morreu como sabem morrer os imortais o digno, leal e esplêndido companheiro...

Às 10 horas e 50 minutos novos estampidos abalaram os ares e novamente estremeceu o solo em torno de um punhado de valentes transviados; novas bombas de

dinamite derramaram o estrago e a morte na zona atumultuada em que lutavam os últimos jagunços.

E despedaçados pelas explosões tremendas, sob os escombros fumegantes, sob um chuva de balas, apertados num círculo de baionetas e de incêndios, aquela gente estranha não diminuiu sequer a resistência. As nossas baixas avultavam. As padiolas passavam incessantemente inúmeras – procissão lutuosa e tristíssima – dos que faziam a romaria trágica para o túmulo. No Hospital Militar um quadro lancinante, indefinível. Sem espaço mais dentro das amplas barracas, os feridos acumulavam-se no chão ensanguentado envoltos

[31]

num zumbido agourento e incômodo das moscas, sob o cáustico abrasador do sol inclemente e fulgurante.

Quando, à 1 hora da tarde, da porta da Farmácia contemplei o quadro comovedor e extraordinário achei pequeno o gênio sombrio e formidável de Dante. Porque há uma coisa que ele não soube pintar e que eu vi naquela sanga estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do *Inferno*: a

blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com os gemidos de dor e os soluços extremos da morte...

Feridas de toda sorte, em todos os lugares, bizarras e extravagantes muitas, dolorosas todas, progredindo numa continuidade perfeita dos pontos apenas perceptíveis das Mannlichers aos círculos maiores deixados pelas Comblains, aos rombos largos e profundos das balas grosseiras dos trabucos – Enchia o ar um coro sinistro de imprecações, gemidos, queixas e pedidos. Alguns contorciam-se sob o íntimo acúleo de dores profundas, arrastavam-se outros disputando um resto de sombra das barracas, quedavam-se outros, imóveis, as mãos cruzadas sobre a fronte, resguardando-a do sol, imóveis, num estoicismo heroico, numa indiferença mórbida pelo sofrimento e pela vida. No fundo das barracas, arrimados sobre os cotovelos os antigos doentes, os feridos de combates anteriores olhavam assustados para os no-

[32]

vos companheiros de desdita, concorrentes às mesmas horas de desesperança e martírio. Ao fundo, deitados sobre o chão duro, francamente batidos pelo sol, alinhavam-se três

cadáveres – o coronel Tupi, o major Queirós e o alferes Raposo.

Felizes os que não presenciaram nunca um tal quadro. Quando eu voltei, percorrendo lentamente, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, senti a mesma mágoa indefinível, o mesmo desapontamento que deve sentir um nababo opulento expulso bruscamente dos salões dourados em que nasceu e obrigado a pedir uma esmola na praça pública.

Quanto ideal ali deixei perdido, naquela sanga maldita e quanta aspiração lá ficou, morta, absolutamente extinta, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam cheios de poeira e sangue...

*

* *

À 1 hora e 45 minutos cheguei à sede da comissão de engenharia e observei o combate. A situação não mudara: dentro de uma onda imensa, enovelada e pardacenta de fumaça agitavam-se ainda doidamente o encontro tremendo.

Cinco minutos depois partiu do comando-em-chefe o toque geral de infantaria avançar à baioneta sobre as trincheiras. E a

infantaria avançou sem conseguir tomá-las, a estrada, o sulco profundo aberto pela dinamite era trancado tenazmente por uma fuzilaria mortífera e impenetrável. Impossível formar-se a menor ideia, sobre a situação

[33]

da luta. Insistente, imprimindo em todo aquele tumulto a nota singular de uma monotonia estranha reproduziam-se em todas as linhas de minuto a minuto, incessante, sem variantes as notas altas das cornetas determinando a carga. E as cargas realizavam-se sucessivas, rápidas, constantes, tenazes, inflexíveis; pelotões, batalhões, brigadas, ondas cintilantes de baionetas feridas pelo sol, rolavam ruidosamente sobre as trincheiras intransponíveis.

O coronel Sampaio atravessou lentamente a praça na direção do combate. Não tirara os galões, encarava friamente os perigos dentro do alvo tremendo da própria farda, francamente exposto aos tiros inimigos que procuravam de preferência os chefes. Desapareceu com o mesmo andar tranquilo no seio febricitante dos combatentes.

À margem esquerda do Vaza-Barris, próximo às igrejas, uma linha firme de baionetas

desdobra-se amplíssima – era uma ala do batalhão paulista, correto sempre, severamente subordinado ao dever e pronto a compartilhar dos perigos à primeira voz.

A outra ala, dentro de Canudos sustentava brilhantemente no seio da refrega as belas tradições dos lidadores do sul.

Às 2 e 20 um novo estremecimento na terra chegou até ao ponto em que eu estava antes do estampido das ex-

[34]

plosões: novas bombas de dinamite eram atiradas sobre o inimigo e um novo incêndio irrompeu violento diferenciando a fumarada com as listas vermelhas das chamas. Mais violenta, mais forte, mais mortífera se é possível prosseguia a batalha.

E pela encosta acima defluindo da sanga profunda e estreita dentro da qual se desdobrava a linha avançada do 25.º Batalhão, longa e constante subia sempre a trágica procissão dos mortos e feridos em direção ao hospital de sangue.

Em padiolas uns, carregados outros em redes ascendiam lentamente a colina escalvada, comprimindo nervosamente com as mãos ambas as feridas recém-abertas, pela longa

estrada pontilhada de gotas de sangue. Alguns subiam sós, a pé, vagarosamente, titubeantes, parando de minuto em minuto e resfolegando penosamente, exaustos, arrimando-se às casas, numa exaustão lenta da vida extravasando pelas cicatrizes recentes, arrastando-se num esforço heroico, até ao alto.

A verdade é que não se podia prever uma resistência de tal ordem. O ataque foi lógico, imposto severamente pelas razões mais sólidas e o seu plano resistirá à crítica mais severa. Tudo, porém, são

[35]

surpresas nesta campanha singular. À tarde reconheceu-se definitivamente que a situação não mudaria; só havia uma providência a tomar — guardar as posições arduamente conquistadas, embora não fossem de importância a compensar os grandes sacrifícios feitos. Reduzira-se entretanto de muito a área ocupada pelo inimigo; esta redução de espaço porém, parecia determinar uma condensação da sua energia selvagem.

A noite desceu serenamente sobre a região perturbada do combate e rompendo o seio da noite, caindo insistentes sobre todos os pontos da linha do sítio, sibilando insistentes

sobre todo o acampamento, inúmeras, constantes, da zona reduzida em que se encontravam os jagunços, irrompiam as balas.

Euclides da Cunha¹¹

[36]

Embuá – miriápode.

Deitar rama de icó ao gado.

O micróbio da pústula – Bacilo anthracis

Alparcata – de uso comum.

Borracha de água

Os morcegos (Quirópteros) em grande número.

Mucunã – ?¹²

= = = Uso mortuário do sertão: sustenta o defunto à beira da estrada. O abaulado da sepultura é destruído depois a golpes de malho etc.

Unha-de-gato – leguminosa (onomis speciosa)

Mucunan lisa (?) cipó que verte água –

Caracará ou carcará

Mucunã lisa – leguminosa – papilionácea – de flores roxas, cipó de folíolos trifoliados

¹¹ A página está assinada [N. do C.].

¹² As interrogações são nossas. A palavra se apresenta com grafias diversas [N. do C.].

Mulungu – árvore frondosa, de espinhos.
 A desmancha – moer a mandioca –
 Manipueira – líquido venenoso que se extrai da mandioca e do qual os índios fazem o cauim
 A goma rósea mucunã deve ser lavada sete vezes para perder os princípios tóxicos.
 Aroeira – Angico –
 Ora tibus vosmicê tem coisas –
 É por móde a cachaça –
 Eu não conheço essas *inventivas*
 Temos *tribusana* velha!
 Salta curiboca danado!
 Meu facão já comeu muito couro de gente
 Levar pancada como cavalo acuado –
 Meu couro não é para bainha de facão – fugi!

[37]

Aquilo tudo foi *cana*, ele tomava como o diabo!

O cabra pulou na frente e desautorizou logo o homem! e *mandou-lhe o pau e fechou o samba!*

– Ficou amassado como jenipapo.

– Eh! cabrada sacudida! Solidão não *incha na coronha* com ela!

– O homem *amonhecou* logo sem força.

– É rapaz de *talento* não recua diante de famanazes.

– Que entranhas de *pintada*! [?]

– Estou *quarando* aqui há seis meses à toa.

– Verde como folha de caraguatá.

– Isto é inventiva, é mentira.

A corrente ascendente arrasta com ela uma massa de vapores que se condensam ao chegarem à linha de junção dos alísios. São chuvas súbitas e rápidas. As massas de ar descarregam-se da umidade nos lugares mesmos em que se elevam determinando a falta de chuvas nos países afastados do equador, em que sopra o leste regularmente.

Os grãos de areia pequeníssimos que flutuam no ar são focos de calor.

Botânica

Ver página 57 Humboldt – 2, 114

Botânica

Humboldt pág. 37, 42, 44

O umbuzeiro está para o sertanejo do norte como a *Mauritia* para o gua-¹³

[38]

A corrente ascendente arrasta com ela uma massa de vapores q. se condensam ao chegarem à linha de junção dos alísios. São chuvas súbitas e rápidas.

As massas de ar descarregam-se da umidade nos lugares mesmos em que se elevam determinando a falta de chuvas nos países afastados do equador em que sopra o leste regularmente. Os grãos de areia pequeníssimos que flutuam no ar são focos de calor.

Botânica

Ver páginas 37 Humboldt 42, 44¹⁴

¹³ Esta frase está completa na p. 39, adiante [N. do C.].

¹⁴ As anotações constantes desta página repetem o que se encontra no meio da página anterior, na qual o lembrete relativo a Humboldt está mais claro [N. do C.].

[39]

Botânica

Humboldt págs. 37, 42, 44.

O umbuzeiro está para o sertanejo do norte como a *Mauritia* para os garaúnos dos llanos.

O *Cactus melocactus* tem às vezes 27 a 32 centímetros de diâmetro e ordinariamente 14 gomos.

Os *Opuntia* são articulados. Os ceréus erguem-se em colunas, as *ripsalides* reptam serpentes. As estepes da América são nas estações chuvosas cobertas de ervas e pequenas *Mimosas* herbáceas. Os desertos africanos são vastos espaços sem vegetação; algumas palmeiras esparsas somente, lembram ao viajante q. aquelas solidões fazem parte da criação animada.

(Ver nos – Aspectos Gerais – páginas 343 e 344 de Humboldt) (Ver pág. 347 etc. no Homem)

[40]

Bahia –

Expedição de Sebastião Tourinho às cachoeiras do rio Doce no governo de Luís de

Prata -

Opiniões de Sebastião Junqueira as Construções do Rio de
e no governo de Lourenço de Brito Almeida (1573-1578)
ao subto estado, Rio de Janeiro.

1808 - O capitão Manoel de Góes da Costa descreve
minha de ouro e prata. *Prata*.
Em 1805 foi elevada a paragem a praxe em to-
do das legiões onde se acham desmontados. Gloriosa
foi em 1800 desmontada outra. (Oitavo regimento de
cavalaria em legião levada que encontrei no
leste o século XVII (165...)) e construída a mina
de Jacalim a governador geral D. João de Lam-
castro mandou no desmontado della em 1701
o Coronel Ant. de Sá e um relatório do Carmo que
por ser de S. Paulo tinha experimentado aquella em-
prega com bons resultados e bons soldados. Em
1721 houve novamente fundação - e a mina
em 1722.

Em 1721 a tua legião de D. João de Sá, por aspect
cumprida esta o rio de S. João e Cor-
nel paulista Sebastião Bezerra. Fel. oficial.
Prata - amarela, vermelha e serena. Homem
que prova. Prata em amarelo de ouro amarelo.
Prata amarela leve. (Pag. 57 do Estado Prata)
Em 1718 desmontado o paulista em Prata
minha de ouro - logo depois de prata e cobre
na sua da Prata

ed. monumentos de Br. monente e monumentos
de 1844 (Rio Mangá), aff. P. Mangá,
1591 - Prata, descendente da Coromandel suppi-
re e rei minha prata, construída f. Prata em
Que Prata. Prata 1593 sem outras segredos. Prata
homem de ouro grandes honderos de ouro e
quero segredos. Segredos de Prata Prata de
Castro de Rio de Janeiro (1671-75) em de
fundo common homem desmontado Prata
minha prata - Fel. em Prata em
minha segredos. 1724 Manual Prata
das Pratas Prata de Prata de Prata de
minha grande Prata Prata. Construída.
D'at. por de Prata, pelo mundo Prata de
dura Prata Prata Prata. Prata Prata
Prata de Prata. Alguns segredos ali em 1753
Prata de Prata Prata Prata Prata
de Prata, Prata, Prata, Prata de Prata
de Prata, Prata Prata. 1807 Prata Prata
Prata Prata Prata Prata de Prata
Villa Velha de Prata Prata Prata de
Castro Prata Prata Prata Prata Prata.
Prata de. Não Prata Prata; Prata
Prata Prata Prata. Prata Prata Prata
Prata Prata Prata Prata Prata Prata
de Prata de Prata Prata Prata Prata

Brito e Almeida (1573-1578) ao sul do estado, rio Açuri.

1808 – O cap.-mor Jé. Gonçalves da Costa descobre mina de ouro serra Arubá.

Em 1806 foi elevada a paróquia a povoação do rio das Éguas onde no sítio denominado Glória foi em 1800 descoberto ouro. (Os vaqueiros faziam escavação em águas bravias que encontravam.)

Desde o século XVII (165...) é conhecida a mina da Jacobina. O governador geral d. João de Lancastro mandou ao descobrimento dela em 1701 o coronel Ant.º Silva e um religioso do Carmo que por ser de S. Paulo tinha experiência daquele emprego com dois sargentos e dois soldados. Em 1721 tomou incremento fundando-se a vila em 1722.

Em 1721 a três léguas de Mato Grosso, por ásperos caminhos, está o riacho em q. minerou o coronel paulista Sebastião Raposo. Fez arraial. Trouxe amásias, mucambas e escravos. Homem mau e feroz. Matou em caminho duas amásias. Tirou muito ouro. (Pág. 67 M. Estado Bahia)

Em 1718 descobriram os paulistas em Pambu minas de ouro e logo depois de prata e cobre na serra do Roncador.¹⁵

¹⁵ O que está nas linhas deste parágrafo encontra-se riscado no manuscrito com seis tracinhos verticais [N. do C.].

A mineração do diamante é recentíssima, data de 1844 (rio Macagé, afl. Paraguaçu).

1591 – Robério, descendente de Caramuru, oferece rei minas prata, condição título marquês Minas. Morre 1593 sem revelar segredo. Penetram sertão grandes bandeiras demanda riquezas ocultas. Governo Afonso Furtado de Castro do Rio Mendonça (671-75) um sertanejo comunicou haver descoberto outras minas prata – Faleceu informante sem revelar segredo. 1729 Manuel Francisco dos Santos Soledade ofereceu d. João V mostrar grandes minas prata. Embusteiro. Daí para diante pelos meados séculos bandeiras paulistas internaram-se procura minas Robério Dias. Alguém escreve até 1753 fantástica descrição cidade extraordinária etc. aquedutos, passadiços, mundo de cristal, ruas com arcos. 1807 Simão Moreira apresenta amostras prata da povoação Vila Velha ao tte.-coronel Joaquim Pereira de Castro procurador fazendas conde Ponte. Iludido, não revelou segredo; deixou intrincado roteiro. Diz-se segredo minas Robério revelado a Moreira por um ancião de Pilão d'Arcado contemporâneo do primeiro.

[41]

Ao lado nome Robério em todas estas cousas surge o de Belchior Dias Moreira descendente de Caramuru e filho daquele – e o nome de Muribeca.

De uma inscrição achada no alto serra Jeremoabo – morro Calvário – conclui-se esta da ali Robério.

Perto Chique-chique há descendentes antigos índios que contam histórias do Muribeca... que era chefe dos índios. Ali, em Sassuapana e Mangabeira, encontram-se cadinhos, bigornas, vasos de barro, dos quais alguns estampados com cunho de moeda, estacas e moirões velhos, restos de casas, pedras com inscrições em caracteres desconhecidos. A tradição diz q. Muribeca envenenou índios que o acompanharam à Bahia no lugar *Rancho da Fome* – a fim não revelarem segredo, mostram lugar aonde escondeu riquezas; fizeram-se pesquisas precipitadas sem resultado. A verdade é que na redondeza em qualquer lugar q. se explorar encontra-se diamante.

Coronel Durval Vieira de Aguiar diz a mesma coisa qdo. trata de Macaúbas. Ouvira que Muribeca era um branco que se fizera chefe da tribo. Iludiram-no com uma patente –

cap. de milícias – sublevou-se foi preso, morto prisão, segredo oculto.

Princípio século XVII minas salitre. D. João de Lancastro examina-as pessoalmente em 1695. Foi ao Itapicuru, ao Itapicurumirim; passou a serra Jacobina e chegou às minas de salitre na João Martins. Andou 150 léguas por terra. Resultado prático pouco compensador. Empregavam-se escravos (1761). Indústria abandonada por ilucrativa nos fins do século passado.¹⁶

1549. Chegou Tomé de Sousa recebido Caramuru e seus Tupinambás que em sinal de submissão pousaram os arcos em terra. Os índios ajudaram os padres a construir a igreja.

D. Francisco de Sousa em 1598 foi ao descobrimento das minas de Robério.

1624 – Governador Diogo de Mendonça Furtado preso pelos holandeses quando invadiram Bahia.

Em 169. . Arcebispo d. João Franco de Almeida foi até o S. Francisco

¹⁶ As linhas deste parágrafo estão riscadas por três traços verticais [N. do C.].

[42]

1812 – Esboça-se colonização no Brasil. Colônia de St.º Antônio no Espírito Santo. Colônia de suíços alemães de Friburgo 1819. Incumbiu [*ilegível*] Busch e Peyke formarem em 1818 rio Parnaíba colônia suíça Leopoldina.

1818 pequena colônia alemã Ilhéus.

1808 – A chegada do príncipe regente à Bahia – só havia aulas primárias e de latim.

A ação do conde dos Arcos em 1811 foi fecunda: o estudo elevado na Capital irradiou para as vilas espalhando-se cadeiras de primeiras letras. O exame dos candidatos tinha porém muito a desejar e oscilava ainda nesse tempo em torno da Doutrina cristã!

A cana-de-açúcar prendeu logo no princípio o negro ao litoral, mais resistente para o trabalho – e estando proibida pela metrópole a exploração do indígena.

O litoral povoava-se, formavam-se fazendas; desdobrava-se o trabalho estéril do negro. Os latifúndios enfeudaram a pequena cultura desde os tempos coloniais. E a cultura extensiva avançava. Assim mesmo pouco penetrou o interior, foi até aonde as dificuldades

de transporte a não onerassem. Daí por diante surgiram as fazendas criação – o, esforço do caboclo, único apto para tais funções.

Rendimento da cana fabuloso. A mesma terra abrigava a mesma semente durante vinte anos. O sertão foi de algum modo abandonado.¹⁷

Em 1584 chegaram a Recife 7 capuchinhos para missionários.

Alagoinhas, no começo deste século era um pouso na estrada das boiadas que vinham do Piauí à Bahia.

Amargosa nasceu de uma vila de índios.

Barra do rio Grande na confluência do rio Grande com o S. Francisco tem origem num arraial de índios mansos que d. João de Lancastro mandou erigir nos últimos quartéis do século XVII como anteparo às invasões dos Mocoares. Em meados do século XVIII já era vila.

Belmonte nasceu de uma aldeia de botocudos ali reunidos pelo padre José de Araújo Ferran no alvorecer do século passado

¹⁷ As linhas dos parágrafos 2.º a 6.º encontram-se cortadas por três traços longos, verticais, em cujo centro lê-se, em caracteres grandes, a palavra “Eixo”, de viés [N. do C.].

Cachoeira surgiu do engenho de cana de um mameluco Rodrigo Martins – passando aos adornos descendentes de Caramuru que aldearam então muitos índios de tal modo que em 1688 foi ereta capela e vila antes do fim do século XVII.

Caetité – nasceu de uma aldeia de índios caetés numerosíssimos – mais tarde conquistada pelos paulistas.

Camamu – nasceu de uma aldeia de índios fundada em 1560 pelos jesuítas.

Caravelas – depois de existência agitada assaltada pelos holandeses em 1636 e pelo paulista M.^o [*ilegível*] foi por d. João de Lancastro em 1700 novamente erguida com uma população de índios.

– Juazeiro nasceu de uma aldeia de índios administrados pelos franciscanos e fundada em 1704.

Os descendentes de Caramuru em 16.. levantaram a primeira casa de Nazaré criada freguesia em 1753.

Em 1654 Abatirás chefe dos aimorés atacou Porto Seguro. Os Gueréns atacaram-na depois, foi salva pelo afamado cacique Fateno

amigo dos cristãos e grande flagelo dos outros indígenas. Fateno comandou o combate numa rede, doente.

Santo Amaro. Em 1600 e tantos jesuítas fundaram Capela do Rosário à margem do Traripe¹⁸ a meia légua do qual corria o Subahé¹⁹ antiga habitação dos Abatirás, coberta de frondosas matas.

Aí segundo Gabriel Soares (1584-1587) tinha havido (nas proximidades) um engenho de Antônio Dias Adorno. Em 1700 e pouco já Santo Amaro era um povoado grande.

St.º Antônio de Jesus – surgiu de uma capela construída em princípio do século passado pelo padre Mateus Vieira.

– Vila Nova – originou-se de antiga tapera chamada do Senhor do Bonfim ponto de estrada e passagem das boiadas e passageiros do sertão do norte. Data dos fins do século XVII.

Abadia – século XVII foi criada vila pelo arcebispo Monteiro de Vide.

Abrantes – antiguíssima aldeia de índios, fundada pelos jesuítas no tempo de Mem de Sá que lhes deu em 1562 novas terras de sesmaria.

Barcelos – aldeia de índios. Vila em 1758.

¹⁸ Grafia aparente [N. do C.].

¹⁹ Idem [N. do C.].

[44]

– Bom Conselho – 1812 – Frei Apolônio Todi, está a 15 léguas de Jeremoabo.

Camisão a dezesseis léguas de Feira St.^a Ana, estação antiga passageiros tropas lavras diamantinas. Fazendas de criação. Construído desde 1600 e pouco qd.^o com os índios daquele distrito começaram a entreter relações os portugueses.

– Campo Formoso a 19 quilômetros de Vila Nova foi aldeia de índios, em 1682 criou-se uma freguesia.

Capim Grosso (abrangendo Chorochó e Patamuté) é nova, próxima de uma fazenda comercia gado – feijão e milho. A vila tem duas escolas e uma em cada Patamuté e Chorochó. Carinhonha – velha aldeia de Caiapós, freguesia em 1813.

A famigerada Chique-chique é moderníssima – nasceu de uma fazenda de criação; foi criada vila em 1832.

– Conde – antiga aldeia de índios. Vila em 1806.

– Jeremoabo – originou-se de uma missão de índios em 1702, pelos franciscanos em terras da Casa da Torre; elevada em 1718 a freguesia.

– Inhambupe – Casa da Torre.

– Itapicuru – antiga aldeia de índios 1639 feita pelos franciscanos.

Macaúbas – originou-se de uma aldeia de índios desse nome.

Massacará – antiga aldeia de índios, desbaratados em 1671 por Estevão Baião nas suas célebres entradas.

– Monte Santo – 1785. Originou-se de uma fazenda de gado.

– Pombal – antiga aldeia de índios Canabrava elevada a vila em 1754.

Pasto-Alegre – Nasceu de uma aldeia de degradados da Bahia e Rio de Janeiro com os quais se juntaram índios foragidos, vila em 1755.

Prado – antiga aldeia de índios.

– Soure é velhíssima aldeia do século XVI, freguesia em 1759.

– Tucano freguesia em 1754.

1557-1572 – Já se haviam escravizado mt.ºs caboclos. Começou reação do jesuíta contra o português.

Carta de 20 de março de 1570 (d. Sebastião) só justifica escravidão do índio em combate.

Como reacção introduz-se mais negros de sorte q. a Coroa por lei de 1573 e 1574 facilitou mais a escravidão dos índios.

1573-1577. Fixam franceses vistas sobre Brasil em Cabo Frio e Rio Real, Luís de Brito expulsa-os desse último ponto, submetendo ao mesmo tempo os índios q. ali se achavam.

1585 – Conquista de Sergipe iniciada pelo anterior (Rio Real). O governo manda proceder sujeição dos índios depois de alguns ataques o último dos quais em 1.º de janeiro de 1590. Cristóvam de Barros funda S. Cristóvão do rio Sergipe.

Em 1591 havia na Bahia 2 000 homens, 4 000 negros, 6 000 índios mansos, 40 engenhos de açúcar. Os índios nessa época devastaram as povoações de Porto Seguro e Ilhéus. Os aimorés zombavam dos esforços do jesuíta, batiam os índios mansos. Nos últimos anos do século XVI só haviam por ali ínfimas aldeias de índios.

A defesa das costas era a preocupação, predominando ao abrir-se o ano de 1600. Despontam mais vigorosos os assaltos externos. 1604 aparecem na Bahia frota 7 navios holandeses incendiando e roubando embarcações no porto. Diogo Botelho opõe embaraços

ao aldeamento dos índios pelo jesuíta, preferindo que eles viessem viver nos povoados. Em 9 de maio de 1624 entra na Bahia esquadra holandesa de Jacob Willeckens e tropas de Van Dorth. Conquistam-na. A população foge mas reúne-se logo e arma-se aliada a duzentos e cinquenta índios mansos.

Em 1627, Prieter Heyn (vice-almirante da esquadra de Willeckens que capitulara em 1625) entra de novo na Bahia e arrebatou 8 navios mercantes carregados. 1630 Pernambuco é atacado. Recife tomado.

1637 – Nassau alarga as conquistas no Norte até o Ceará, ao Sul até o S. Francisco auxiliado pela inércia de Bagnolo.

1638 – Ataques repetidos e infrutíferos contra a Bahia continuam.

1640 – Derrotam os holandeses em combate naval ao conde da Torre no Rio Grande do Norte. A tropa ao mando de Luís Barbalho desembarca no Rio Grande

[46]

em n.º de 2 000 homens. Retirada memorável. Os holandeses vinham-lhe ao encontro ela desaparecia nas florestas, no sertão, para reaparecer repentinamente como um raio sobre as

povoações e desta [*ilegível*] holandesas – veio assimilando brasileiros e famílias pelo caminho e foi bater na Bahia.

1 de dezembro 1640 restauração de Portugal.

1643 – retira-se Nassau

1647 – Van Schkoppe toma Itaparica

1648 – Batalha dos Guararapes

1650 – A preocupação da defesa do litoral continua. Carta Régia de 2 de dezembro para instruir o governador (conde de Castelo Menor) assinalando no arsenal um galeão de 800 toneladas.

Até 1652 – Esmaga-se os restos de holandeses no Brasil.

1654-1657 – Passa-se um prestar mais atenção aos negócios do interior. Faz-se guerra ao gentio (1657-1663).

1663-1667 – Os padres de St.^a Teresa fundam diversas missões no sertão.

1667-1671 – Continuam assaltos dos índios. Pede-se a S. Paulo gente experimentada para a montaria. Declara-se justa a guerra a fazer com o selvagem.

1671-1675 – Domingos Afonso Sertão descobre as terras do Piauí. Chegava de S. Paulo Estêvão Ribeiro Brião Parentes e seu filho João Amaro Maciel Parente.

1678-1682 – Seguem muitos missionários para o interior.

1682-1684-1688 – Guerra aos índios do Ceará ordenada por Matias da Cunha.

1688 – Nada – Tropelias no litoral.

1694-1702 – Governo notável de João de Lancastro. Extingue Palmares. Visita minas salitre. Mandou bater os índios. Criou vilas como Rio Preto, Passagem e Rio Grande para evitar-lhes as invasões nos estabelecimentos da comarca do S. Francisco. Complacente p.^a os índios mansos. Faz marchar da Bahia força considerável bater índios ferozes Maranhão.²⁰

1702-1705 – Invadem espanhóis colônia Sacramento.

1705-1710

1710-1711 – Invadem franceses o Rio.

1711-1714 – Tumultos na Bahia (imposto 10% sobre o valor da importação tributo a que se furtam aumentando de metade o preço do sal) para arranjar dinheiro aumentar defesa

[47]

costas, organizar esquadras etc.

1714-1718-1719 – Guerra ao gentio que infestava Cajuí e Jaguaripe e contra os índios Jequiriçá.

²⁰ As efemérides anotadas, a partir das datas 1667-1671 até aqui, encontram-se todas riscadas, ora com quatro, ora com três riscos verticais, por quatro vezes sucessivas [N. do C.].

1720-1735 (governo do conde de Sabugosa)
 – Prende João Figueira português feito chefe índio bandido famoso – Prossegue guerra aos índios ferozes. Funda vilas St.º Amaro, Inhambupe, Itapicuru, Abadia. Tentou o mais possível sedução índios obediência.²¹

1735-1749 – Rija guerra aos selvagens de Cajuí e Jacobina. Selvagens em 1744 incendiavam Cajuí.

1749-1755 – Índios assaltam aldeias Camamu.

1755-1760 – Executa-se decreto de 11 de maio de 1757 expulsando os jesuítas. As missões e aldeias jesuítas deveriam ser erectas vilas com párocos seculares aos quais se estabeleceria cingena. Criou-se as até hoje ínfimas vilas Mirandela, Pombal, Trancoso, Alivença, Santarém, Pedra Branca, Abrantes, Vila Verde, Barcelos, Soure.

– Estabelece-se fábrica salitre Montes Altos

1766-1767 – Governo estúpido do conde de Azambuja.

1769-1774

1805-1810 – Negros Ussás tentam insurreições logo abafadas.

1810-1818 – Conde Arcos estabelece um correio terrestre para o Maranhão.

21 De 1720-1735 até aqui encontram-se sobre a anotação quatro riscos verticais [N. do C.].

[48]

Sergipe

Degenerescência do caráter – degradados expulsos do convívio social – estavam no plano etnológico na absorção do do [sic] selvagem. Os selvagens fugiam espavoridos ou aliavam-se a outros povoadores. Sergipe foi pacificamente conquistado por meios brandos do jesuíta.²²

[49]

A natureza

Sumário – A temperatura – O solo árido – Elementos geognósticos e geológicos. Região infecunda de estepe (1.^a categoria de Hegel) – Poucas chuvas – As secas – Flora – Fauna – Frutificação incerta e temporária – Rios e

22 A esta página seguem-se outras, mas em branco, ou com novos esboços, outras ainda com anotações sobre temperatura, que conservamos, ou então contendo apenas cálculos aritméticos não referentes ao assunto “Canudos”. O exame de todas, e a conclusão de que o que interessa aqui é esse assunto, e, principalmente, o fato de que a presente edição não seria mais fac-similada, como desejáramos, tudo isso nos levou a nos ater àquele assunto. Mas as folhas não conservadas são pouquíssimas, sem interesse [N. do C.].

riachos de enchentes súbitas, correndo entre gargantas, sem fertilizar a terra. Aspecto das chapadas e tabuleiros. As *caatingas* impenetráveis. Fisionomia da terra. Transparência do ar. Relevo do solo. A vegetação. O firmamento. As trovoadas e as chuvas. Impenetrabilidade da região. Estado higrométrico. As paisagens. Disposição bizarra dos planos das chapadas. O Rosário. O Rancho do Vigário. Serra do Cumbe. Caipan. Cocorobó. Monte Santo. As secas. Plantas providenciais. Riqueza mineralógica. Uma observação de Martius. Da *seca ao verde* transição imensa e rápida. Um paraíso no deserto – surgindo e desaparecendo breve. As travessias. Fortalezas *sine calcis linimento*.

[50]

A natureza

Candombá – vegetal fibroso do qual se extrai um pó resinoso, igual ao breu que misturado com sebo e areia fazem uma massa impermeável e dura com que se consertam canoas, baiteias etc. Esta madeira dá bonita luz, por isto a aproveitam para fachos à noite.

Cunanan – arbusto em folhas, comum nas caatingas de Jeremoabo – dá uma cera alva, com todas as qualidades da cera comum com a qual faz o *tabaréu* grandes rolos que vende para iluminação de casas. As raízes do *Angico* e *Jatobá* prestam-se a untar arcos de rabecas.
Chique-chique – arbusto espinhoso semelhante ao mandacaru; alguns fazem do alvo miolo da planta, cuscuz ²³

[51]

Araticum – cresce

Quixaba – frutos pretos menores que azeitona
 árvore grande de espinhos – alimento, doce, leitosa, folhas miudinhas.

Mari – árvore grande – frutos que alimentam
 Cansação

Quipá

Dia 1.º de setembro – Queimadas temp.^a máxima 28 1/2º

Dia 2 ” ” ” ” mínima 17 1/2

” ” ” ” ” ” máxima 29 1/2

” 3 ” ” ” ” mínima 21º

” ” ” ” ” ” máxima 27º

” 4 ” ” ” ” mínima 21º

23 Seguem-se algumas poucas palavras ilegíveis [N. do C.].

”	8	”	”	Monte Santo	”	mínima	21°
”	11	”	”	”	”	mínima	20°
”	11	”	”	”	”	mínima	25°
”	12	”	”	”	”	mínimo	18°
”	12	”	”	”	”	máximo	25 1/2°
”	13	”	”	”	”	mínimo	
”	13	”	”	estrada (Caldeirão)		máximo	
”						mínimo	
”						máximo	
”						mínimo	
”						máximo	
”						mínimo	
”						máximo	²⁴

[52]

Dia 13 de setembro. Parti de Monte Santo para Canudos acompanhando a segunda brigada da divisão auxiliar. Constituem-na os batalhões 1.º e 2.º do Pará e o do Amazonas. Partimos de Monte Santo às 5 ½ da manhã e chegamos a Caldeirão às 9 horas aonde acampamos.

²⁴ Temos aqui um exemplo de página referente a anotações sobre temperatura no sertão, demonstrando a extraordinária dedicação de Euclides ao seu assunto. — Continua à p. 57. — Quanto à variação “mínima”, “mínimo”, deve ser certo o termo feminino, tudo devendo ser atribuído a uma coisa já nossa conhecida de velho: a pressa do repórter [N. do C.].

Ordem admirável em toda a força. Eram oitocentos homens e durante toda a viagem não se ouviu o vozear enorme dos exércitos em marcha; nem uma risada estridente e escandalosa. Disciplina segura e inflexível. O comandante coronel Sotero de Meneses inegavelmente será um dos melhores dos nossos generais futuros. Prudente, previdente, ativo e enérgico não há uma medida por mais simples que lhe escape. Um exemplo frisante do estado dessa brigada. Num passeio à antiga casa da fazenda em que mora hoje o cap. St.^a Ana, comandante daquela praça minúscula, comunicou o comandante aos seus dois companheiros de passeio eu e dr. Rezende, médico, a intenção de mandar dar ao voltarmos o toque de alarma a fim de conhecer a disposição das tropas.

Os soldados estavam esparsos pelos arredores quando a corneta deu o sinal de comando de brigada e logo após o de alarma.

E em menos de cinco minutos, nas posições anteriormente marcadas perfilavam-se os três batalhões. O 2.^o do Pará foi além — o comandante e o ajudante apareceram corretamente montados em cavalos que momentos antes de todo desencilhados pastavam soltos nas proximidades.

Dia 14 às 3 horas da madrugada já pronta toda a brigada partimos para adiante.

[53]

Passamos por Jitiúna uma hora depois. Chegamos quase que às 8 horas a Juá. Água aí imprestável, no poço havia um animal podre já e um agonizante. Acampada a força só para almoçar, almoçávamos, quando chegaram o tte.-coronel chefe da comissão de engenheiros Siqueira de Meneses e o ajudante-tte. do estado-maior Alfredo do Nascimento. Disseram-nos que acabavam de abrir um novo caminho indo em linha reta de Juá a Canudos. De sorte que em vez de pernoitarmos em Aracati seguimos pelo tal caminho acampando no fim de duas léguas em Suçuarana aonde chegamos às 11 horas da manhã – Aí encontramos melhor água e uma casa regular aonde pernoitamos, o coronel e o estado-maior. Partimos daí no dia seguinte às 6 horas da manhã e chegamos às 9 a um lugar que por não ter nome denominamos Paramirim – por ter sido a brigada do Pará a primeira a passar por aquela estrada. Em Suassuna [sic] a rocha que observei tinha (as camadas) a direção NO e inclinação de cerca de 50°. Seguindo a Paramirim vi a persistência da direção dos mesmos estratos indo a pouco e pouco diminuindo a inclinação. Às 10 horas acampamento despertado por dois tiros e um brado de alarma. A força

formou rapidamente. Era um espião dos jagunços que fugiu. No outro dia 16 seguimos para Canudos. Estrada estratégica terrível. Atravessamos uma trincheira de mármore. Passamos por dentro do rio Cascamengó, seco. Chegamos a Favela à 1 hora da tarde e a Canudos (depois de breve demora) às 2. Jantei com o general Artur Oscar. Tiroteio constante. Visitei o gal. Barbosa ferido. Visitei acampamento Bm. paulista e dormi na barraca do cap. Abílio, assistente do comandt.-em-chefe.

[54]

Encontrei antigos colegas Guabiru, Lacerda e Soares Nascimento – Observei Canudos.

Dia 17 Almocei com Guabiru. Conversei largamente com o general Artur cuja dedicação e valor pela primeira vez observo. Passam balas sempre sobre o acampamento. Durante a noite tiroteio cerrado. Agindo a artilharia. Escrevi p.^a S. Paulo.

Dia 18 – Fiz diversos croquis e copio um esquema de Canudos – Dou um passeio pelas imediações – Continuam as balas indistintas sobre a barraca – Fui visitar a linha e alvejado barbaramente, voltei do meio do caminho. Mande o sargento João Pais redobrar

de cuidados com o meu cavalo que deperece visivelmente. Conversei largamente com o gal. Artur. Interrogamos um jagunço preso. Continua o tiroteio – Foi hoje gravemente ferido uma praça do 7.º. Artilharia bombardeia compassadamente. Dei de noite uma canelada horrível num toco, quase desmaiei de dor e fui levado à barraca do cap. Alípio pela minha ordenança João Pais. Fez nosso tte.-coronel Siqueira experiência de uma pedra que verificamos ser mármore negro. Almocei com Guabiru e jantei com Alípio.

Dia 19 – Tiroteio cerrado à noite. Cessou à madrugada. Acordei ao toque de alvorada e comecei a transcrever o diário de um dos ajud.-de-ordem do general o alferes Praxedes. Parti depois do almoço com o Guabiru fui à Favela e à trincheira 7 de setembro – lá encontrei o bravo coronel Olímpio da Silveira, Afonso de Carvalho. Observei então pela primeira vez Canudos. Surpreendente! Tem mais de duas mil casas. À tarde saí com o tte.-coronel Siqueira em passeio pelos arredores. Fomos visados recebendo perto 5 balas Mannlicher, entretanto não pudemos perceber de onde

[55]

provinham os tiros. Conversei à noite longamente com o general A. Oscar e dr. Cúrio. Procurou-me Casimiro da Rocha que eu não sabia que aqui se achava e chegaram dois grandes comboios. Tiroteio frouxo durante o dia. Visitei o general Barbosa quase restabelecido de um ferimento.

Dia 20 – Despertei à 1 hora com o estampido dos canhões e forte fuzilaria no flanco direito atacado pelos jagunços. Durou 33 minutos esse ataque que como os anteriores foi repellido. Obtive do tte.-cel. Meneses algumas informações sobre a vida do sertanejo. Estive com o Fávila correspondente da *Gazeta*. Visitei às 9 horas o hospital de sangue sob a direção inteligente do dr. Cúrio. Telegrafei p.^a o *Estado*. Continuei e terminei pálido esboço de Canudos. Recebi jornais do Pará. Mandei p.^a Monte Santo pelo alferes – os animais q. trouxe. O general Artur mandou copiar e entregou-me o plano de ataque que deu p.^a o assalto a Canudos.

Dia 21 – Às 2 horas da madrugada fui despertado por violento ataque no flanco direito; passavam balas sibilando sobre a minha barraca. Estive com o tte.-cel. Tupi que está adoentado com um começo de beribéri.

À 1 hora o general Artur mandou-me chamar para a prosa; lá estava o cap. Salvador, conversamos até a hora do jantar, jantei com ele e continuamos a palestra fora, sentados à porta da barraca em grupo a que se chegaram o dr. Cúrio, Tupi, Guabiru e outros. Interrogamos um jaguncinho quase inanido vindo de Cocorobó. À noite a conselho do dr. Cúrio fricionei com iodo o lado direito do tronco.

Dia 22 – Os jagunços atacaram as linhas às 3 ½. Chegou comboio trazendo correspondência. Recebi cartão do velho, da Saninha e do tio José. Noto com tristeza que o jaguncinho que me foi dado pelo general continua doente e talvez não resista à viagem para Monte Santo. À 9 ½ da noite violentíssimo tiroteio, represália dos jagunços ao incêndio feito por uma granada de 7 ½ da fazenda Velha às 6 horas.

Dia 23 – Às 6 horas ataque violento provocado pelos nossos para distrair o inimigo p.^a a esquerda enquanto se toma mais

[56]

um ponto na direita estreita, contínua,²⁵ são 6 1/2. Acaba de chegar um soldado ferido, Manuel Luís do 14. Operação em que não sei o que mais admirar se a perícia do dr. Cúrio se a coragem sobre-humana do operado. O dr. Cúrio fez-me presente da bala Mannlicher extraída. Uma antítese o soldado Norberto de Sousa Pereira do 40.º, covardão. Às nove horas estava ocupada a posição à direita, brilhantemente dilatando-se a linha do cerco. Guardaram-na o batalhão policial do Amazonas e o 32 de Infantaria – Tiroteio constante durante o dia.

Dia 24. Está completo o cerco. Duas jagunças hoje aprisionadas noticiam a fuga de Vila Nova esta noite. Às 9 horas correm nas ruas de Canudos grupos estonteados levando troncos, a fuzilaria persegue-os de todos os lados. O general Artur apostou comigo dez caixas de charutos em como Canudos se renderá no dia 27. Não creio. Veremos. No dia 30, talvez. Foi morto no tiroteio de hoje o alferes do 24 Pedro Simões Pontes; o jagunço assassino foi também morto pronunciando as últimas palavras:

– Ao menos matei um! morro contente!

25 O espaço em branco traduz apenas distração do 1.º leitor dos originais [N. do C.].

A mulher, uma megera horrível e a filha foram presas. São duas horas da tarde e já temos 14 baixas. Acaba de chegar aqui a notícia do falecimento do cap. Ibiapina, um magnífico oficial de artilharia. Entram mais prisioneiros um velho desmaiado por uma pancada no peito, a mulher, uma criança de 6 meses e um [ilegível] com o ventre atravessado, ferimento antigo.

25 Noite calma. Às 6 e 30 tendo a trincheira “Sete de Setembro” dado dois tiros os jagunços replicaram com tiroteio inesperado

[57]

Canudos	dia	15	mínimo	18°
”	”	”	máximo	31°
”	”	16	mínimo	19°
”	”	”	máximo	32°
”	”	17	mínimo	19 1/2
”	”	”	máximo	32°
”	”	18	mínimo	20°
”	”	”	máximo	32 1/2
”	”	19	mínimo	19 1/2
”	”	”	máximo	28°
”	”	20	mínimo	19°
”	”	”	máximo	29 1/2
”	”	21	mínimo	18°
”	”	”	máximo	32°
”	”	22	mínimo	20°
”	”	”	máximo	32 1/2

x

”	”	24	mínimo	17 1/2
”	”	”	máximo	33 °
”	”	25	mínimo	19°
”	”	”	máximo	
”	”	26	mínimo	
”	”	”	máximo	
”	”	27	mínimo	
”	”	”	máximo	
”	”	28	mínimo	
”	”	”	máximo	
”	”	29	mínimo	
”	”	”	máximo	
”	”	30	mínimo	
”	”	”	máximo	
”	”	1	mínimo	
”	”	”	máximo	
”	”	2	mínimo	
”	”	”	máximo	
”	”	3	mínimo	
			máximo	

X perdi o dia 23

No 15 de setembro
 não se pode resistir
 Trairis Junco da Costa
 Para desgraça do Brasil
 Brincando ficaria o fies
 Com toda a fidelidade
 Já quem os seus mais perto
 Parendo grande Armonia

Carlos Pedro Segundo
 Para o reino de Espanha
 Sentença a Monarchia
 E Brasil ficou a lva.

Mas que seu Imperio
 Para o mundo governem
 Deus já foi enviado
 Alguem quer de dar.

E a que quero encaminhar
 A meu amigo, Brasil
 A prometa que tenho por
 Não vou mais estranhar

Fizeram grande Banhos
 Que o povo oluerton
 Ao si por o mesmo Deus
 Am. Pedro Imperador
 E garantido pela lei
 Estes matando já estão
 Mas não a lei de Deus
 Quebra a lei do Cão.

O gov. deu assignação
 que estava p.º meo
 de pagar si assignado
 e o Brasil amos.

Poderão tem lva.
 que já foi abrogada
 o Cão tem data de lva.
 p.º de lva. arrendada

Homem de grande acerto
 Com a razão e barba
 muito do, desta lei
 como q.º já em defença

Indo a pararp.º a lva.
 a concelheiro mathon
 mas outrigu.º a macha
 ta form. toboacalho

Jumento ficaria o fies
 e um tanto arrip.º de
 de sur. tanto p.º m.º m.º
 e muito Monte fies.

Casamento está parando
 para o povo intubia
 a casa o povo todo
 no Casamento civil

Lido e como q.º
 este povo arrip.º m.º
 p.º. lva. m.º do m.º
 p.º. de lva. m.º.

Alentez de p.º. m.º
 de p.º. m.º de lva.
 Alentez de lva. de lva.
 Semp. m.º de lva.

Estava o Brasil
 p.º. o mundo governa
 abe. m.º o concelheiro
 p.º. de lva. m.º lva.

Encumbrado p.º. m.º
 Lva. e lva. m.º de lva.
 do Cão m.º arrip.º m.º
 no lva. m.º de lva.

Rio grande está em lva.
 Com form. m.º de lva.
 acenando m.º de lva.
 a lva. de lva.

A 15 de Novembro
 Não se pode resistir
 Tirarão Governo da Corte
 Para desgraça do Brasil.

Brincando ficarão eles
 Com toda a fidalguia
 Já vem os reis mais perto
 Fazendo grande Armonia

Caio D. Pedro Segundo
 Para o reino de Lisboa
 Acabôsse a Monarchia
 E Brasil ficou atôa.

Disem que são Império
 para o mundo governar
 Deus já foi servido
 algum jeito hé de dar.

E o que quero encomendar
 a meus amigos Brasileiro
 a homem que tiver pensar
 não entra na lei estrangeiro

Fizerão grande Barulho
 que o povo desertou
 só si for o mesmo Deus
 ou D. Pedro Imperador.

I garantidos pela lei
 esses malvados já istão
 uns tem a lei de Deus
 Outros a lei do Cão.

Ó que dia assinalado
 que estamos p.^a ver...
 de pobre si agoentar
 e o Rico correr.

Patentes tem tirado
 que já foi aborrecer
 o Cão tem dado titulo
 p.^a eles arreceber

Homem de grande siença
 comu Padres e Doutores
 mitidos nesta lei
 como q^m já são defençor

Indo a força p.^a cima
 a concelho malhar
 nas catingas de Machreli
 lá foram todos se acabar

Jemendo ficarão eles
 i um tanto arrependido
 de ver tanto povo morto
 e muita Jente ferido.

Kasamento estão fazendo
 para o povo incluir
 a casar o povo todo
 no casamento civil

Liodoro como quis
 este povo cativar
 p.^a tomar conta do Mundo
 p.^a ele governar.

Muito desgraçados eles
 de fazerem aleição
 abatendo alei de Deus
 suspendendo alei do Cão

Nassio o Antecristo
 p.^a o mundo governar
 ahi estar o concelho
 p.^a dele nos livrar

Queimados seja aquele
 Que a Deus não der louvor
 do Ceo não espera nada
 no Inferno acabarão

Rio Grande estar na guerra
 com tamanha cobardia
 acabando com a República
 a favor da monarchia²⁶

26 As quadrinhas 3, 7, 13, 14, 15, 16 e 18 estão riscadas verticalmente. Cinco delas foram transpostas para *Os sertões*, com leves alterações de Euclides. Aqui se encontram como ele as viu pela primeira vez, assim as anotando. A leitura do manuscrito foi das mais difíceis, e seu resultado não nos contentou, o dito valendo para as das três outras páginas que se seguem [N. do C.].

Sebastião foi chegado
 contra o mudo e pagamento
 a Cabano do Ar. Civil
 e parentes ou conhecidos
 Tanto gente que se segue
 muito de de fidelidade
 Permanece por vezes
 que lestra de mi pedante.

Ho que mais de formosura
 Como e' Sebastião
 foi chamado e pela ommudo
 do portuguez e Nassão.

Arbitra quem parte
 Rio D. Sebastião
 Arbitrio d'aquele polu
 que estiver saide de Cao

Haranto ja estai elles
 por viver mas a margem
 de mar e puros de dezes
 que esta hei com a terra.

Quando p. C. e de
 e curro alem car
 de teste da lapidario
 de la se vai arrancar

Zunio e colhe e Simão
 tanto esta arrecolho
 para tomar conta
 do Rio de Formosa

mas tel pullivo mas
 mas ser letan de portugal
 Arria e outros concelheiro
 no Cao engo de que

A meus Am. Bravilem
 perdão que se pedir
 de se den de acome em
 um tem p. onde tussa

Eu sei como son eu
 mesmo mais este e
 e a lura em lura
 e um mudo de
 eorden deus nete
 tem creem deus
 como um parente

ABC dos mredulidade
 Agora non declara
 trido quanto foi passado
 na lucta da bello monte
 cos homem similia do
 que vithen lura com deus
 p' carum a credi trado.

Bem pudia elle saberem
 q. isto non pudia ser
 de unem com deus
 q. he quem tem tanto pudia
 i que e mudo concelheiro
 mas chega p' elles non

Cabio este grande impio
 la do rio Formosa. He
 p' mudo e Bon p' mudo
 i o mudo concelheiro
 p' mudo quem p' de he deus
 q. gouern o mudo mudo

Daonde he de te homem
 tao chico di valencia
 q. quem arara e cidade
 di monhem alto mudo.
 Simta fera os zombio
 Caste fidencia Julia.

En supre em mudo mudo
 mas mi p' mudo arreparando
 os do mudo de deus
 q. mudo com deus
 deus do que em mudo
 q. p. mudo p' mudo chegado

(Segue a p' mudo
 e mudo)

[59]

Sebastião já chegou
comta muito rijimento
acabando com o Civil
e fazendo os casamento

Tanta gente que siassigna
nesta lei da falcidade
Xamemos por Jesus
que tenha de nós piedade.

U que reis de formosura
como é Sebastião
foi chamado pelo mundo
da portuguesa Nassão.

Visita vem fazer
Rei D. Sebastião
Coitadinho d'aquele pobre
que estiver nanei de Cão

Horando já estão eles
por viver nas amargura
de ver o povo de Deus
que esta lei não atura

Indo p." Cidade
se corro alcançar
de tenta dalapidadão
de lá se vae arrancar

zinco e cobre e Dinheiro
tudo está arrecollido
para tomar conta
do Rio de Janeiro

no tal fallimos nós
por ser letra de portuguez
Vir Antônio Concelheiro
no Céu emtodo lugar

A meus Am.º Brasileiro
perdão quero pedir
isto tem de acontecer
não tem p.ª onde fugir

Queximano sou eu
mesmo moro [ilegível]
e a terra sem [ilegível]
e nem encoste de

Andem tantas nelle
tem cousa [ilegível]
nossa não [ilegível]

ABC das incredulidade

Agora vou declará
tudo quanto foi passado
na batalha Belo Monte
Cos homem civilizado
que vinhero brigá com Deus
ficaram acreditado

Bem podia eles saberem
q. isto não podia ser
di virem com Deus
q. he quem tem toudo poder
i que o nosso Concelheiro
não chega p.ª eles ver

Cahio este grande impio
lá do rio Janeiro
pirsiguido o Bom Jesus
i o nosso Conselheiro
p.ª só quem pode é Deus
q. governa o mundo amém

Daonde hé este homem
tão chêo de valentia
q. vem araza sidade
di manham athe meio-dia
Quanta fera os urubu
Coele fizeram fubá

Eu sempre com muito modo
mas mi puis arreparando
Os do Morena Sezar
qd.º vinha camiando
dizendo aos seus sentinela
q. p.ª perto fossem chegando

(segue [ilegível])²⁷

27 As quadrinhas 1, 2, 4 da 1.ª parte têm o risco vertical; a 1.ª e a 4.ª Euclides transportou para *Os sertões*. O 3.º e o 4.º conjuntos do "ABC das incredulidade" também se encontram riscados. Nesse ABC a leitura da coluna à direita deve continuar também à direita na folha seguinte, onde, depois dos versos iniciados com a letra Q, passará a ser feita na coluna da esquerda [N. do C.].

Kalmin e omni calumnia
 esse probo levantam
 e Caceriam pousam
 Contar an tal q' un mator
 a fuis di vim p'verson
 ao mero Sal mator

Leitunnon ao mero lerar
 que o s'urubi mandon
 i' mordero perq'nta
 Si' elle algum dia Br'gon
 e q' f'ur q' esse agem
 que nos q'elate f'icou.

Maria Texa i' th'acominho
 eram os 2 n'v'ed'os
 q' unim, ao Bello Monte
 Como saio ab'v'ar' do d'ades
 meos ozumb'ic comes
 este calera matadomes

et a S'v'asta fern de p'm'm
 as 11 hora do dia
 presipianse a batalha
 na estrada da p'v'isionia
 O Sr' m'v'era lerar
 Com o p'v'o da comp'v'v'v'v'
 Stregaram no Bello monte
 a p'v'o do m'v' dia

Alm' que ignoramen
 deste homem da batalha
 q' se queren p'v'v'v'v'
 ao p'v'o da comp'v'v'v'v'
 meos tem os m'v'v'v'v'
 G'v'v'v'v'v'v' e v'v'v'v'v'

Os prof'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 Si' m'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 ma ti'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 Curv'v'v'v'v'v'v'v'v'v'

Finalmente foram ent'os
 i' alguma coisa calumnia
 mag'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 que d'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 Carriam como cavalle

Graceliza do tam y'v'v'v'v'
 que nos l'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 assim como nos l'v'v'v'v'v'
 deste castigo mortal
 cl'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 que v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'

F'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 ex m'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 p'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 i'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 m'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 Commandante i' d'v'v'v'v'v'

Ento elle com'v'v'v'v'v'v'
 ao Bello Monte arazi
 mais elle se ing'v'v'v'v'
 que v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 q' deus m'v'v'v'v'v'v'v'
 p'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'

Y'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 Na batalha v'v'v'v'v'v'
 mas 15 v'v'v'v'v'v'v'v'
 e ozumb'ic v'v'v'v'v'v'
 sendo elle l'v'v'v'v'v'v'
 nem sei p'v'v'v'v'v'v'

Pessa hon'v'v'v'v'v'v'v'
 P'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 p'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 els ig'v'v'v'v'v'v'v'v'
 v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 i' elles f'v'v'v'v'v'v'

Graceliza m'v'v'v'v'v'v'
 m'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 mas d'v'v'v'v'v'v'v'v'
 que v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'
 m'v'v'v'v'v'v'v'v'v'v'

Kalunia e mais calunia
deste povo levantam
i correram foram
contar ao tal governador
a fim de vim persigui
ao nosso Salvador.

Lembrança ao Morera Sezar
que o zurubu mandou
i mandaro perguntá
si ele algum dia Brigou
i u q. foi q. hove agora
que nos pelado ficou.

Morera Sezar i thamarinho
eram os 2 vensidores
q^e viam ao Bello Monte
como raios abrazadores
mais ozurubú comeo
estes cabra matadores

Na Quartafera de sinsa
as 11 hora do dia
presipiouse a batalha
na estrada da friguizia
O Snr Morera Sezar
Com o povo da companhia
chegaram no Bello Monte
a pino do meio dia

Olhi que ignorança
deste homem da bahia
q^e só querem pirsigui
ao povo da companhia
nois temos nossa defeza
Jesus Jose e Maria

Us pobre dos soldadinho
Si viram tão Avechado
mi ti ansi na catinga
Curriam que so viado²⁸

Finalmente foram entrar
i alguma cousa robar
mas créa perfeitamente
qui disto não si lucraro
Quartafera as 9 hora
Corriam como cavallo.

Grandeza só tem Jesus
qui nos livra de toudo mal
assim como nos livramos
deste castigo mortal
daquelle inpio suberbo
qui vinha nos acabá.

Homem q. só majinando
in mata os inocente
P.^m Deus o castigou
inhuma hora derepente
morreo logos os jenerais
Commandantes i sargentos.

Indo ele comuinta furia
ao Bello Monte arazá
mais elle si inganou
que vinhero se acabá
q. Deus não ajuntou seu povo
p.^a o demonho espalhá.

José Morera Sezar
14 batalhas vencêo
nas 15 vêo ao Bello Monte
e ozurubú o comeo
sendo elle tão valente
nem sei p.^a que morreu.

Pessa bonba a fugueti
Tudo isto nada virou
porq. viam persigui
As igreja do Senhor
viam p.^a ra nos acabá
i elles foi q. si acabou.

Qapitão Morera Sezar
hera homem di opinião
veo dar carne aos zurubú
nas Catingas do sertão
quem briga com o Bom Jesus
não conta vitória não.²⁹

²⁸ Esta última quadra (letra U), transformada em seis versos, continua no 4.º conjunto de versos da folha seguinte [N. do C.].

²⁹ Os agrupamentos 2, 4, 10, 12 e 13 estão riscados. A leitura deve ser continuada a partir da coluna à direita do leitor, prosseguindo na da esquerda: trata-se de um ABC do sertão [N. do C.].

[61]

Reis, Princeses e commandante
 que aqui vier brigar
 toudos he di si acabar
 Como este generá
 q. veio mais não voltou
 não tem q. si quechá.

Snr Morera Sezar
 Hera um cabra Mal Criado
 tomou bala dos jagunço
 ficou morto nos pelado
 paresse si não mi engano
 entre umburana i salgado

Treis mil e 50 prassas
 q. vinheram batalhá
 toudos vieram a Bello Monte
 i muitos poco ha de contá
 porq. só quem pode he Deus
 q. então perder não há

Us pobre dos soldadinho
 Si vi am tão avechado
 mi ti ansi na catanga
 Curriam que só viado.
 Ca dê nosso generá
 ficou morto no pelado.

Vinha nois toudos
 fiado neste grande generá
 que vinha nos afiansando
 de ir Bello Monte arraza
 mas elle já se acabou
 q. vamos nois fazer lá.

Xora elle sem remedio
 dizendo sempre o direito
 elle ficou nos pelado
 sabendo que me derreto
 en qt.º mi lembra desta
 outro Crime não cometo.

Zomba rapaziada
 di um causo q. a conteseo
 di 2 generá valente
 q. na batalha morrerão
 q. viam com tanta fúria
 i tão depressa correram

Õ til he letra final
 do ABC derradeiro
 isto he p.^a dar inzemplo
 a este homem desordero
 que so querem pirsigui
 o nosso Deus verdadeiro¹

1 Os grupos 2, 3, 7 estão riscados [N. do C.].

Reis, Príncipes e Comendantes
 e com o poder brigue
 fardos he de si de alca
 Como este genero
 q' os seus milis não aucto
 não tem q' se quecham.

Um Príncipe dezas
 Heu um Catão atal Criado
 Tasmora hata dos paganos
 e com morte dos pelato.
 p' a morte de sua mi euganio
 entre entremem e salgado

Já assim e so perossas
 q' ainkhem hata thoi
 q' os seus milis he de conta
 p' erg. so quem pode he de
 7. luter. pender não há

Des p' a morte dos soldadinhos
 Si mi om tao aucto
 mi ti ame na catuza
 Curiam que so he ato.
 Pa de morte q' em
 fu em morte no pelado.

Hei na mais luter
 peato neste grande guerra
 que aicha nos q' o anento
 de m Belle Monte a msa
 suas elle ja se achem
 q' os seus milis p' a luter.

Rosa elle sem remedio
 dicento sempre o tristi
 elle p' e com nos peccato
 sabendo que me dicento
 tu o lo m' luter de ste
 usho Ernie não cometo.

Zouba rep' a msa
 di em em q' a Contes
 de o genero balente
 p' na hata msa
 q' em em luter fuma
 e luter de p' a msa

~
 Et il he luter p' a msa
 do ABC de msa
 into he p' a msa
 a esty homam de msa
 que so quem p' a msa
 o msa de msa

[62]

M.^a Exm.^a Com.^e do Coração

Estimo que estas duas maltraçadas linhas
vão lhe encontrar Vmce. em comp.^a do MP. de
uma saúde p.^a melhor trem da vida que lhe po-
demos desejar [*ilegível*]

Ofericidas a m.^a Quirida Com.^e M.^a

Lá vão meus tristes ais
Nestas tuas mãos parar
Saudade e m. lembranças
Vce. quera escutar

Já se acabosse meus gostos
Findosse minha alegria
Já se quebrosse o espelho
Em q. meus olhos ti viam

Quando eu de ti mi apartei
Nunca m. tive alegria
Somente porque não acho
Uma feliz companhia

Recebeis comadre amante
Estes verços de amizade
Recebeis meu corassão
Trespasado de saudade

O papel em que te escrevo
Saiu da palma da mão
A tinta saiu dos olhos
A pena – do coração

[63]

Dia 26 – Os jagunços encurralados na igreja nova e no santuário desde as 10 horas da noite de ontem até o momento em que escrevo (10 1/4 da manhã) atiram desordenadamente numa fuzilaria contínua frouxa às vezes, recrudescendo repentinamente outras. Não apontam mais, atiram ao acaso, para todos os pontos do horizonte, desesperadamente. É um vulcão numa erupção de balas aquela igreja satânica. O espetáculo de Canudos, presa das chamas que lavram em diferentes pontos é assombroso; a fumarada alevanta-se enovelada e pardacenta por sobre os telhados encobrimdo em parte as casas e mal deixando perceber as bandeirolas vermelhas do sítio alevantadas agora em torno do último baluarte dos rebeldes. E os tiros partem deste, constantes, multiplicados, inúmeros, num desperdiçar de munição capaz de exaurir o arsenal mais rico. São balas que sibilam em todos os tons, desde o ressoar áspero e incômodo das Comblain

ao³⁰ assovio suave quase e delicadíssimo da Mannlicrier, vergastando os ares.

Os canhões cuidadosamente apontados para não atingirem os sitiantes próximos, atiram granadas e schrapnells certos no antro flamívono – e a fuzilaria não cessa e cada bala que ali cai parece reacender a insânia formidável dos fanáticos. Tem a mais sólida, a mais robusta têmpera, essa gente indomável. Os prisioneiros feitos revelavam-se de um modo notável. Ainda não consegui lobrigar a mais breve sombra de desânimo em seus rostos, onde se refletem privações de toda a sorte, a miséria mais funda; não tremem; não se acobardam e não negam as crenças ensinadas pelo evangelizador fatal e sinistro que os arrastou a uma desgraça incalculável.

Mulheres presas na ocasião em que os maridos caíam mortos na luta e a prole espavorida desaparecia na fuga aqui têm chegado, numa transição brusca do lar mais ou menos feliz para uma praça de guerra inimiga – e não lhes diviso no olhar a mais breve sombra de espanto e em algumas o rosto bronzeado e de linhas firmes é ilumi

30 A contração “ao” está em duplicata no original [N. do C.].

[64]

nado por um olhar de altivez estranha e quase ameaçadora. Uma destas mulheres foi trazida à presença do general:

– Onde está teu marido?

– No céu.

– Que queres dizer com isto?

– Meu marido morreu.

O tte.-coronel Siqueira de Meneses julgou conveniente fazer-lhe algumas perguntas acerca do número de habitantes e condições da vida em Canudos.

– Há muita gente aí em Canudos?

– E eu sei? Eu não ando *navegando* na casa dos outros? Além disto *está com muitos dias* que ninguém sai por via das peças – e eu não sei contar, só conto até quarenta.

– O Conselheiro tem recebido auxílio estranho, munição, armas?

– E eu sei? Eu não vi nada, mas porém aí não *manca*^{31*} arma prá brigar.

– Onde estava seu marido quando foi morto.

Esta pergunta foi feita por mim, e em má hora a fiz. Fulminou-me com o olhar:

– E eu sei?! Então querem saber do *miúdo até o graúdo*? Que extremos!

31 * mancar – faltar (manquer) Como é que este galicismo veio parar no fundo do sertão? [Nota de Euclides]

E uma ironia formidável refletida nos lábios secos que se rugaram num sorriso indefinido sublinhou esta frase altiva, incisa, dominadora como uma repreensão.

– Onde está Vila Nova?

– E eu sei?

– E Pajeú?

– *É de hoje* que ele morreu?...³²

~~Respondem quase sempre uma pergunta com outra.~~

– Tem morrido muita gente aí?

– E eu sei?

Este *e eu sei* é quase o começo obrigado das frases de todos; surge espontaneamente, infalivelmente, numa toada monótona, corando todos os períodos, como uma vírgula em todas as frases.

– E eu sei? meu marido foi morto quando *abancava* pro santuário no meio de um *lote de soldados*, o mesmo tiro quebrou o braço do meu filho. Fiquei estatalada... não vi nada... este sangue que-está aqui na minha

³² Após esta linha entra outra riscada no manuscrito, porém legível: “Respondem quase sempre uma pergunta com outra.” [N. do C.]

[65]

roupa é do meu filho – o que eu queria era ficar lá também morta...

E assim vão torcendo e evitando a todas as perguntas, fugindo vitoriosamente ao interrogatório mais habilmente feito. E quando as perguntas assediam-nas demais, inflexivelmente, quando não é mais possível tergiversar – lá surge o incansável *e eu sei?* eufemismo bizarro e mais expressivo do que o *não!* simples, positivo.

Não fazem a revelação mais insignificante e mesmo ladeados pelos soldados, é sempre com a veneração mais profunda refletida na palavra e no gesto que se referem *ao nosso Conselheiro*.

Outro sistema interessante: respondem a uma pergunta com outra. No diálogo as interrogações entrecrocavam-se de lado a lado, de um modo bizarro sendo difícil distinguir o que interroga do que responde.

São cinco horas da tarde. Encurralados na igreja nova continuam os jagunços, impertérritos na resistência. Tivemos ontem cerca de cinquenta baixas e as de hoje não serão menores. Faleceu heroicamente quando tomava

posição perto das igrejas o cap. Cordeiro do batalhão paraense – na mesma ocasião quase em que o cel. Sotero de Meneses comandante do mesmo corpo era ferido sem gravidade. Acaba de ser ferido por estilhaços de bala o major José Pedro do batalhão paulista, no braço esquerdo e no peito; felizmente sem gravidade; será extraída amanhã a bala ainda alojada no braço ferido. O sargento do 5.º de artilharia Fc.º de Melo – o mesmo que há um mês num belo lance de heroísmo foi só à igreja nova aonde fez arrebentar uma bomba de dinamite – acaba também de ser ferido. E os estragos vão-se assim acumulando no final da luta mesmo; pode-se deduzir o que foi ela no princípio quando o inimigo se revestia da força moral da vitória. (9 horas) [*ilegível*] 11 horas da noite. A partir das 6 horas da tarde recrudescer a fuzilaria que ainda perdura e certo continuará pela noite adentro. Faz-se uma intermitência sucessiva de tiros inúmeros, multiplicados como uma explosão e períodos mais calmos, de fogo mais lento, como reticências passageiras no tumulto ruidoso do tiroteio... A nossa gente muito próxima do antro impede a ação eficaz da artilharia.

Olho neste momento – cautelosamente – por uma fresta de trincheira para a igreja – é uma cratera fulgurante! Assombra...

Não é possível que a munição de guerra daquela gente seja unicamente devida às deixadas pelas expedições anteriores. A nossa esgota-se todos os dias; todos os dias

[66]

entram comboios carregados e no entanto já não temos hoje mais de cem mil tiros de infantaria.

Como explicar essa prodigalidade assombrosa dos jagunços?

Não nos iludamos. Há nesta luta uma face misteriosa que deve ser desvendada.

Meia-noite. Mal posso, à luz mal encoberta de um fósforo, observar a temperatura e a pressão no meu aneroide – a fuzilaria continua tenaz e formidável de parte a parte; já se não distinguem os tiros – ouve-se um ressoar uníssono e confuso lembrando o de muitas represas bruscamente abertas.

Que disciplina extraordinária, a daquela gente!

Lutam agora pela vida, no sentido mais estrito da frase. Lavra entre eles, com certeza, a sede e as cacimbas ali estão, a poucos metros apenas, em nosso poder. Mas não vacilam – não recuam – não se entregam e atiram,

atiram sempre dentro de um círculo de fogo, formado pelas armas vivamente disparadas de seis batalhões.

A igreja sinistra avulta nas trevas dominadora, formidável. Reflui sobre ela o relampaguear do tiroteio e a essa claridade indistinta e rubra creio distinguir, deslizando no alto dos muros estruídos, engrimponados alguns nos restos desmantelados das torres derrocadas, os nossos rudes patrícios transviados.

Dia 27 de setembro, 7 $\frac{1}{2}$ da manhã. A fuzilaria diminuiu apenas às 5 horas. Durou toda a noite. Acossado talvez pela sede o inimigo dezoito vezes abandonou o reduto atacando a linha, na direção das cacimbas. Foram sempre rudemente repelidos embatendo de encontro a seis batalhões, o 34, 38, 25, 24 e 37 de inf.^a, e os corpos policiais do Amazonas e do Pará. Os tiros continuam ainda, mas destacados, lentos. Visitei o major José Pedro, do batalhão pau-

[67]

lista ferido no braço e no peito, no seu posto de honra, na trincheira. É sempre o mesmo valente jovial e tranquilo. Foi ferido por um tiro de bacamarte e extrairá em breve a bala ainda alojada nos músculos do antebraço.

O general Artur Oscar, restabelecido de ligeiro incômodo mostrou-me agora diversos tipos de balas caídas no tiroteio à noite. São de aço, semelhantes à da Mannlicher algumas, mas desconhecidas. São inegavelmente projetis de armas modernas que não possuímos. Tudo isto faz acreditar que tem raízes mais fundas esta conflagração dos sertões.

Canudos já patenteia a feição dolorosa de uma cidade arruinada graças a um incêndio que há dois dias lavra: surgem restos de cumeeiras carbonizadas, despontam esteios e traves fumegantes ainda, e o acervo incoerente das coberturas de argila desabadas aparece ao longe desolador.

Passa-se o dia sem incidente digno de nota. Às quatro horas da tarde chegou o general Carlos Eugênio com a brigada auxiliar comandada pelo coronel Sampaio.

9 horas da noite – Escrevo numa cômoda mesa na farmácia anexa ao Hospital Militar, cavalheirescamente cedida por Casimiro da

Rocha, um belo coração e um rapaz de talento, filho de Minas, que interrompeu por alguns meses o curso na Escola de Medicina da Bahia, para lutar um pouco pela República. Em frente alevantam-se as barracas cheias de feridos e doentes – e cheias de lamentos e exclamações, mal abafadas, de dores cruciantes. No fundo da farmácia, ressona estentoricamente o correspondente da *Notícia* resguardado por uma barricada enorme de caixas cirúrgicas vazias. E sobre a cobertura de couro do casebre passam, sibilando, as balas.

Já me vou acostumando a essa orques

[68]

tra satânica. Não há um único ponto do acampamento em que ela não se faça ouvir, um único ponto em que não caíam os projetis constantemente arremessados pelo inimigo –, no próprio Hospital Militar eles têm ido procurar aos que já foram feridos, cortando rapidamente a vida de moribundos. O dr. Cúrio, chefe do Hospital despertou hoje pela madrugada sentindo violenta pancada na cabeça – uma bala atravessara a tela da barraca produzindo-lhe ligeira escoriação na frente. O dr. Cúrio é um ente providencial neste acampamento e nele

eu não sei o que mais admirar se a dedicação por um nobíssimo dever, se as expansões de uma alma profundamente religiosa e afetiva. É médico e sacerdote. Jamais esquecerei a oração fúnebre solenemente feita no momento em que agonizava, expirando, o alferes do 24 Simões Pontes, mal ferido num dos últimos encontros com os jagunços. Não posso continuar estas considerações. São 9 1/2. Recrudescu espantosamente o tiroteio e o assovio das balas passa sobre todos nós como uma ventania furiosa. Não teremos outra noite.

Dia 28. Durante a noite, com pequenos intervalos continuou de parte a parte, intensa, a fuzilaria. Creio que os jagunços conseguiram, graças aos assaltos impetuosos às linhas e protegidos pelas sombras tirar um pouco de água das cacimbas do rio. Nada de novo. Persiste a monotonia estranha do cerco. No entanto há três dias acreditei que os nossos adversários não poderiam resistir uma hora sequer; mas lá estão indomáveis, num círculo estreito, visados constantemente por mil e tantas carabinas prestes a disparar – e não cedem. São incompreensíveis quase tais lances de heroísmo.

Ao meio-dia em ponto por determinação do comando-em-chefe cada bateria saudou a data feliz de hoje, com uma salva de 21 tiros

de bala. E debaixo do bombardeio forte eles atiravam sempre sobre nós.

Às 5 1/2 da tarde, porém, alvorotou-se o acampamento todo; correria célere a notícia de que se haviam rendido os jagunços. Alguns soldados haviam visto agitar-se entre as

[69]

casas, como um apelo desesperado à salvação, uma bandeira branca. Cessara o tiroteio dos jagunços e a zona reduzida em que se açoitam parecia de todo abandonada. Uma curiosidade irreprimível fez com que se alevantassem nos pontos mais perigosos grupos de observadores. E nem um sinal de vida, adiante, na igreja nova, nem um ruído, um silêncio tumular alevantava-se sobre a ruínia de pedra do templo gigantesco.

Em frente à sede da comissão de engenharia comentava-se vivamente o acontecimento preestabelecendo-se soluções a diferentes hipóteses prováveis.

Ter-se-ia entregue o Conselheiro?

Fora morto por algum estilhaço de granada?

Sacrificado pelos seus próprios adeptos desesperados pelo insucesso constante dos últimos dias?

E o que fazer se o trágico evangelista se rendesse confiando na generosidade do vencedor. Às 6 horas da tarde uma banda do 12 Bt. a vinte passos do nosso grupo, aonde se achavam os generais Artur Oscar e Carlos Eugênio, começou a tocar. Até as sete horas as notas vibrantes e marciais da marcha dominaram o silêncio. E quando os músicos se retiraram continuou o silêncio inexplicável.

A que atribuí-lo?

Realmente alguma cousa de anormal passava-se em frente, no arraial; e os corações começavam já a bater febrilmente ante a quase certeza da vitória longamente esperada quando uma explosão formidável despedaçou o seio da noite e um turbilhão de balas passou, célebre, ruidoso, sobre as nossas cabeças.

Que inimigo incompreensível este!

E a fuzilaria, como ontem, parece que persistirá por toda a noite.

Dia 29 – Durou toda a noite a fuzilaria, com maiores intervalos que a noite anterior, porém. Por doze vezes os jagunços investiram contra as nossas linhas; foram repelidos. Conseguiram, porém, adquirir alguns litros d'água. Às sete e meia os generais Artur Oscar e Carlos Eugênio acompanhados de alguns oficiais do estado-maior percorreram as linhas de fogo dentro de Canudos.

Não posso definir a comoção ao entrar no arraial

[70]

Em torno desta mesa sentam-se homens que trazem nas mãos os destinos de uma nacionalidade e este banquete modesto tem para mim o valor de congregar alguns dos mais brilhantes lutadores da República. Estamos num festim generoso, q. é a antecipação de uma vitória.

A nossa situação define-o de modo dispensar um longo discurso. Disciplinamos a palavra³³

[71]

*Acaulis*³⁴

Caule simples ou ramificado, lenhoso ou herbáceo cheio ou fistuloso.

Haste sarmentosa – mui fraca pa. poder se sustentar por si mesma.

³³ Parece trecho de discurso de algum comandante, encorajando. Copiando-o, Euclides resolveu parar aí [N. do C.].

³⁴ Seria *Acaule*, isto é, sem caule ou *parecendo* privado de caule (Bot.) E aquele FOLAS, é óbvio, trata-se de anotação apressada, como sempre. [N. do C.]

Haste simples, ramosa, dictômica ou trictômica.

Casca

Epiderme – camada suberosa – mesoderma – invólucro – herbáceo ou liber – endodermia

Raiz

NÓ VITAL – linha circular q. separa a haste da raiz.

RAIZ – cônica, fusiforme, ovoide, globulosa, napiforme – tuberosa.

FOLHA

Limbo e pecíolo. Folha peciolada ou séssil. brácteas são folhas modificadas – reunindo-se formam as diversas partes da flor, sépalas, pétalas, estames, carpelas.

FOLHA – decorrente, limbo que abraça o caule em parte.

FOLHA – perfoliada, ” ” ” ” ”
todo.

FOLHA – pelti-nervada³⁵

FOLHA – restinervadas – gramíneas, melastomáceas.

FOLHA – perminervada – bananeira etc.

FOLHAS ovais, orbiculares, lanceoladas, lineares (gramíneas) – sagitadas, reniformes³⁶

35 Idem. Segue-se um pequeno desenho [N. do C.].

36 Idem. Idem [N. do C.].

cordiformes. FOLHAS inteiras, dentadas, bífidas, tri, quadrifidas, multifidas.
Folhas permadas, trifoliolada³⁷
septemfoliolada bi-permadas³⁸
Espinhos – ramos abortados.
Espinhos caulinares (cactus)

[72]

Carta de um jagunço –
Belo Monte 21 de Abril de 1897

Lovado seja Nosso Senhor Jesus Cristo
Amigo e Comp.^d Pere.^a

Muito boa saúde lhe desejo com todos de lá. No dia 3 de Março próximo passado do corrente ano, com fé em Deus creio que findou as perseguições aqui, no Belo Monte por três vezes muito fortes, porém tudo venceu o Senhor Bom Jesus ficando touda a munição dos nossos contrários p^r test.^o, e por isto me fazer crer que meu Conselheiro ainda recebe os convertidos, pois Deus é servido que haja demora da monarquia esperando a conversão do povo; estejam certos que a República se acaba

37 Idem. Idem [N. do C.].

38 Idem. Junto dois pequenos desenhos [N. do C.].

breve, a prova está dada pelo Bom Jesus, p.^a nos brigamos p. nossa liberdade só temos hor-dem de nos defender enquanto os inimigos corram, nem mais nem menos; é princípio dos espinhos p.^a quem está lá p. fora daqui, não ficará pobre nem rico que não seja recrutado p.^a brigar sem razão alguma com o Príncipe, pois ele é o verdadeiro dono do Brasil entrando a Monarquia serão deportados os que são Republicanos e formados mais batalhões ou exércitos e armados p. de homens tementes a Deus, p.^s por serem os batalhões feitos de cana-lhas é que tem chegado a tal ponto e por isto fiquem sertos que vai tudo separado quem for republicano mude-se p.^a os Estados Unidos p.^s Deus quer, os Conselheiristas ou monarquistas tão bem querem quem não quiser ser depor-tado mais tarde chegue a Barquinha de Noel – p.^s é o Belo Monte: não outro. Ha se alguém dos meus se converterem, q. eu irei com amor, rogar ou pedir a quem pode p.^a reunir nesta companhia. Com esta são três cartas que lhe escrevo não tendo resposta, sei há privilégio do Governo dostados p.^a não se partilhar com Conselheiristas sobre pena de morte p.^s assim está escrito, porém basta esta soberba p.^a bre-ve serem liquidados lhe pesso resposta bre-ve como vai por lá se nesta escrita lhe ofendi

desculpe p.^s não o tenho como Republicano p.^s
está provado só classes mui desgra-

[73]

çadas se não convertem noz até o fazer va-
mos toudos ~~vamo~~³⁹ com saúde Deus lovado
asseite visitas nestas m.^{ma} e toudos de nossa
família assim espero ser esta que com esti-
ma sou é Comp.^e Am.^o Cr.^o Esequiel Profeta
de Almeida. NB – Os animais que o Xefre de
Policia das Trevas em Vila Nova tomou Deus
já me entregou.

E. P. de Alm.^{da} –

Profecia –

De antes de haver Mundo, Conta ela que não
havia Terra, nem mar, nem Mundo e nem Céu
e só existia Deus em si próprio e daí foi con-
firmado pela Profecia do princípio do Mundo.
Conta ela dos tempos mais perigosos até a vin-
da de Jesus Cristo e foi passada p.^a a Profecia
de Jerusalém e a de Jerusalém conta quando
estava-se aproximando os tempos da sua pri-
são e da sua morte e Paixão. Então na hora

39 Palavra riscada [N. do C.].

nona discançando no monte das Oliveira um dos seus apóstolos, pergunta-lhe – Senhor para o fim desta idade que sinais vós deixais? Ele respondeu: Muito signais na Lua, no Sol e nas Estrelas; e faltará a luz nos homens. Há de apparecer um Anjo mandado por meu Pai terno pregando sermão pelas portas, fazendo Povoações nos desertos, fazendo Igrejas e Capelinhas e dando seus conselhos. Muitos acreditarão, e muitos dismoralizarão seus preceitos; e daí há de apparecer muitos contra ele desdizendo a sua doutrina, Quando apparecer uns homens dizendo eu sou Cristo comendo muito e [*ilegível*] nega que está si aproximando o fim desta idade. Antes deste tempo deste homem há de apparecer muitas linhas de ferro e daí quando meu Corpo entrar no dia de S. João Batista, daí principiará as dores do Mundo, e daí quando veres o Sol escuro e daí quando correrem as Estrelas, será o princípio do fim desta idades e daí quando os sujeitos forem livres, e daí haverá uma grande fome e no fim destes tempos haverá um tempos de prêmio de frutos de flores e de semente no meio deste tempo, haverá uns bichos p.^a destruir estas sementes

[74]

Há de aparecer umas Sinagogas gerais obrigando muito de nós p.^a se assinarem nesses papéis muitos de nós serão presos e remetidos às casas de subdelegacias, de Presid^e ou rei. Rei não há de haver muitos muitos deverá ser mortos por causa de meu nome. Será mais fácil passar a terra pelo Céu, do q. minhas palavras deixarem de ser verdadeiras. Um dos seus apóstolos tornou a perguntar.

Vós acabai de dizer os últimos sinais desta idade. Ele respondeu – o fim, o dia e a hora pertence a meu Pai Eterno. Em verdade vos digo, quando as Nações brigarem com as Nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prúcia com a Prúcia; das ondas do mar dom Sebastião sair com todo seu exército desde o princípio do mundo que se encontrou com todo seu exército, em guerra, e restituiu em guerra. E qd.^o encontrou-se afinçou a espada na pedra ela foi até os copos e ele disse – adeus Mundo, até mil e tantos, a dois mil não chegarás. Nesse dia qd.^o sair com seu exército terá a todos no fio da espada, deste papel da república – o fim desta guerra se acabará na casa Santa de Roma e o sangue há de ir até a junta Grossa?

Ah! quando veres os montes de maravilhas e quando veres o mar sair dos seus limites com grande bramido e lançar-se aos montes e na sua retirada deixar os peixes nos montes como gado nas campinas. Quando os montes caírem por cima de vós, os altos a terra, os baixios e os outeiros cair por cima de si próprio, quando veres os terrores e prantos aparecerá o Filho do Homem em uma nuvem

Fim

A Profecia de Jerusalém marca. Quantos homens foram falsos à Coroa em 1822 se enganaram os que ficaram enganados. Em 1830 se disinganaram quando correram as estrelas do Céu. Em 1854 uma grande cólera haverá que na medicina não haverá médico que saiba tratar. Em 1862 pedra e fuzil no [*ilegível*] e causas mil – o sangue há de correr até o salto da botina. Em 1867 que foi os primeiros sinais desta idade. Para 1868 muitas linhas de ferro haverá quando correrá

[75]

uma milha de fogo por cima daquelas, que que há de ser a desgraça do País Brasileiro. Em 1878 há de haver um só homem religioso

fazendo sermão pelas portas. Em 1880 faltará o fervor nos homens que só hão de conhecer o dinheiro e nem esse mesmo haverá – Em 1888 grande revolução haverá, de maio 3 nem antes nem depois. Em 1889 a persiguição será maior, caminhar longas estradas, [*ilegível*] topará com muitos rebanhos de povos caindo um por cima dos outros; se não a peles e o cadáver, que não encontrará um só cavaleiro, a era será tal de uma primavera entropicada de peste, morte, fome e carestia; muito pasto e pouco rasto. No certão haverá muito vaqueiro que entregará os ferros a seus amos. Em 1889 será despedido o Imperador da Corte pelos homens desgraçados do Brasil. Em 1891 guerra: Nação com Nação. Em 1892 grande multidão de pecadores, uns convertidos e outros emendados que não se conhecerá rico nem pobre. Em 1893, prata, ouro, cobre não haverá, correrá uns bilhetes vermelho feitos por mão dos homens, arrebatando da Tesouraria. Em 1894 há de vir rebanhos de mil correndo do centro da Praia para o certão então o certão virará Praia e a Praia virará certão. Em 1895 os homens dos seus barcões abrirão as portas e assentar-se-ão em cima de seus barcões e não há de vender cinco réis de fazenda. Em 1896 há

de haver guerra Nação com a mesma Nação, o sangue há de correr na terra. Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só Pastor e um só rebanho. Em 1898 haverá m chapéus e poucas cabeças. Em 1899 converter-se as águas em sangue o planeta há de aparecer no nascente com o raio do Sol q o ramo se confrontará com a terra e a terra em algum lugar se confrontará com o Ceo, ajuntará-se astros da terra se ajuntará com os mares; planetas do Céu há de brigarem com os astrónomos da terra. Há de chover uma grande chuva de estrelas; cairá muitos meteoros na terra que daí será o fim do mundo. Em 1901 se apagarão as luses. Deus disse no Evangelho – eu tenho um rebanho que anda fora desse aprisco e é preciso que se reúnam, porq. há um só Pastor em um só rebanho. Diz o Profeta Jeremias para 1901 existe um só pastor geral e um só rebanho. Fim

Neste Arraial de Belo Monte aos 24 de Janeiro de 1890.

[76]

Meu Deus, e Senhor
Que nos dominais
dos Anjos e homens
Bendito sejais

2.º
Nesse sacramento
Que amor nos mostrais
Por todos os séculos
Bendito sejais

3.º
Aí nos dais prova
Que bem nos amais
Por isto meu Deus
Bendito sejais

4.º
Nessa Hóstia Santa
Prodígios obrais:
Amável Senhor
Bendito sejais

5
Vós Sacramentado
Poder assentais
No Céu e na terra
Bendito sejais

6
Como nosso Pai
Vós sustentais:
Destes nossos dias
Bendito sejais

7
Como nosso Mestre
Vós nos ensinais:
Divino Senhor
Bendito sejais

8
Também como Médico
Mesmo nos curais
Ó amante Deus
Bendito sejais

9.º
Vós como pão vivo
Nos alimentais
Para sempre sem fim
Bendito sejais

10
Em nossas misérias
Remédio nos dais
Por vossa grandeza
Bendito sejais

11.º
Em nossas fraquezas
Vós nos confortais
Continuadamente
Bendito sejais

12.º
Em nosso trabalhos
Alívio nos dais:
Soberano Senhor
Bendito sejais

13
Em nossas tristezas
Vós nos alegrais
Ó meu salvador
Bendito sejais

14
Nesse Sacramento
Mil graças nos dais
Divino [*ilegível*]
Bendito sejais

15
Em vós realmente
Tudo a nos vós dais
Por tantas finezas
Bendito sejais

16
A quem vos com [*ilegível*]
[*ilegível*] ficais
Por tantas finezas
Bendito sejais⁴⁰

40 Os versos continuam na pág. 89 [N. do C.].

[77]

– Canudos –

– Temperatura e Pressão
(Dr. Siqueira de Meneses)

1.º	de agosto	6h30	manhã	18 °	Pressão	730,9
”	”	”	12	22°	”	730, 8
”	”	”	2,45	tarde	23°	”
2	”	”	6	manhã	18°	”
”	”	”	2	tarde	26°	”
3	”	”	7	manhã	20°	”
”	”	”	2,30	tarde	24°	”
4	”	”	6,30	manhã	19 1/2°	”
”	”	”	12		23°	”
”	”	”	3	tarde	25°	”
5	”	”	7	manhã	20°	”
”	”	”	12 1/2		23°	”
”	”	”	3	tarde	25°	”
6	”	”	6	manhã	20°	”
”	”	”	1	tarde	24 1/2	”
7	”	”	7	manhã	20°	”
”	”	”	1,30		25°	”
”	”	”	3	tarde	26°	”
8	”	”	10,40	manhã	22°	”
9	”	”	5 1/2	manhã	19°	”
10	”	”	6	manhã	18°	”

[ilegível]

”	”	”	12		23°	730,8
11	”	”	6	manhã	18°	730,9
12	”	”	6,20	”	21°	730,57
13	”	”	7	”	19 1/2	730,75
”	”	”	12		25°	730,75
14	”	”	6 1/2	manhã	20°	730,75
15	”	”	6 1/2	”	20°	730,8
”	”	”	5,45	tarde	28°	730,3
16	”	”	6 1/2	manhã	22°	730,7
17	”	”	6 1/2	”	21°	730,8
18	”	”	6 1/2	”	19,5°	730,8
”	”	”	2,40	tarde	27°	730,2

[78]

Pajéu de Flores

altitude	sobre	Queimadas	105 ^m
altitude	sobre	Queim	110 ^m
altitude			120 ^m
”	”	”	120 ^m
”	”	”	160 ^m
”	”	”	120
”	”	”	145
”	”	”	110
”	”	”	120 [ilegível]
”	”	”	150

(sul, vento leste a partir das 10 horas)

”	”	”	120 ^m
			(vento leste forte)
”	”	”	140 ^m
”	”	”	154 ^m
”	”	”	115 ^m
”	”	”	140 ^m
”	”	”	120 ^m
”	”	”	140
”	”	”	150
”	”	”	120
”	”	”	120 [ilegível]
”	”	”	120
”	”	”	120
”	”	”	140
”	”	”	120
”	”	”	135
”	”	”	135
”	”	”	140
”	”	”	120
”	”	”	135
”	”	”	185
”	”	”	130
”	”	”	140
”	”	”	120
”	”	”	170

[79]

Dia	19	”	”	6h	manhã	20°
”	20	”	”	6,15	”	20°
”	21	”	”	6,5	”	19,5
”	”	”	”	1,40	tarde	24°,5
”	22	”	”	6,10	manhã	19°
”	23	”	”	6h	manhã	19°
”	24	”	”	6,15	”	19°
”	25	”	”	6,15	”	17°5
”	26	”	”	6,20	”	21°
”	27	”	”	6,30	”	19°5
”	28	”	”	6,30	”	19°5
”	29	”	”	6,30	”	19°
”	30	”	”	6,30	”	19°
”	31	”	”	6,30	”	19 1/2
setembro						
”	1	”	”	6h	”	19°
”	2	”	”	6,30	”	20°
”	3	”	”	6.	”	20°
”	4	”	”	(não tem)		
Dia	5	(no Rio	6h	”	”	16° 1/2
		Caxamangó)				
”	5	”	”	10h	”	26°
”	11 ^{41*}	”	”	7h	”	20°
”	”	”	”	1h	tarde	27°

41 * Dia 11 já estava em Canudos. [Nota de Euclides a respeito de Siqueira de Menezes, autor das observações, como está no alto da primeira página desta série.]

”	12	”	”	6	manhã	22°
”	”	”	”	3,15	tarde	27°
”	13	”	”	6	manhã	22°
Dia	25	”	”	6	manhã	20°
”	”	”	”	8	manhã	21°9
”	”	”	”	9	” ”	24°
”	”	”	”	10	” ”	27°
”	”	”	”	11,15	” ”	29°
”	”	”	”	12	” ”	30°5

[80]

739,8	135
739,9	120
740	105 (choveu à noite até 10 da manhã)
737,35	150
740	110 ^m
740	110
740	105 ^m
738	130 ^m
738	115 ^m
739	110 ^m
740	105 ^m
740	110 ^m
739	130 ^m
738	135
738	135
738	120

734,5	160 ^m	
733,3	185	
737,	135	
732,	150	
737,	140	
732,	190	
737,	240	
737,	150	– Até 8 horas céu nublado.
736,	150	Soprava leste fresco.
736,	150	Ar úmido. Às 9 começa a
734,	160	clarear o dia (incêndio em
733,	180	Canudos). Às 10 dia
731,5	198	continua a clarear
		– Euclides –

[81]

Favela

Umbu – Raízes fasciculadas desdobrando-se horizontalmente no solo, expandindo-se muitas em tubérculos repletos de seiva – Provém disto a facilidade com que caem ante as grandes ventanias.

O terreno presta-se muito pouco a raízes *pivotantes* etc. duro, pouco, decomposto, tendo a ligeira película à superfície só comporta plantas de raízes fasciculadas –

Deve-se acreditar que a disposição das raízes de Umbu exprimem uma adaptação, transformação de raiz pivotante em uma fasciculada, pela atrofia inevitável daquela e fácil expansão lateral das radículas secundárias –

Cabeça de frade – Echnocactus Ottoni?

Favela – folha palmutilobada –

Umbu, umburana – folhas internas rectinervadas

O icó é um arbusto sempre verde –

(as ramas são caules secundários irradiando do principal para etc.)

A flor do icó (amarela) dura muitos dias como a das orquídeas.

[82]

Apresilhado

– Era apresilhado com uma presilha etc.

– Ao uso do sertão.

– De debaixo do jaleco de como aperta-se o colete.

- E diz de face a face...
 - Há dois anos que ando com vontade de o fazer.
 - Vou desviar-te de diante dos olhos o triste quadro etc.
 - Ao ver aquela covardia azedou-se-lhe o ânimo.
 - Puxou da faca.
 - Partiu a cabeça a dois dos tratantes etc.
 - Afugentou-os a todo o correr.
 - Lá estava a encruzilhada que a não errei.
 - As feições contraíram-se-lhe em expressão diabólica.
 - Rouquejou um brado surdo.
 - Como o houveste?
 - Aferrando de um salto o adversário.
 - Não te cansas a imaginar talvez
 - Tinha a estatura apessoada
 - Desandaram então uns queixumes
 - Homem ambicioso e amigo de ter valia
 - Encostado à mesa
 - Olhar esperto e tençoeiro
- Tençoeiro – pertinaz

[83]

Olhava de nesga para mim.

E o aluno a impar de ontologia e antropologia

– Por um grão de heléboro na âmbula com
que permite incensar etc

– Em tudo que intende com o paladar

– O romance mais doutrinal que ainda saiu
dos prelos.

– Os espanhóis pode ser que venham a
desnacionalizar-nos

– As rinchadas dos risos que dão elasticidade
à pleura –

– Contente-se em sair livre

– E... tem direito a que lhe deem...

– Respeitava por tanta maneira os pais que –

– Viam-lhe à volta e por cima da cabeça uma
auréola

– Passeou os olhos no céu

– Saiu com a sua dignidade estreme

– Estreme

– Erasmo estudou a língua portuguesa para o
entender

– Viviam sujamente fazendo alarido da
sordidez

Alhara de mesm para mim.

É o aluno a impar de outub
gia e anthropologia

- Por um quão de bellebros na
ambula com que permittu in-
censor etc

- Sem tudo que intende com o pa-
lador

- O romance mais doutrinal que
ainda sabio dos parols.

- Os hespanhoes pode ser que tenham
a denacionalisari-mos

- As imchadas dos rios que dão
elastividade a pluma

- Contente - e em sabio livro

- F... sem direito a que the deem...

- Respeitama por tanto moineim
os pari que

- Triam - the a nalta e por cima
da cabeça imma annual

- Passeio as alhos no es

- Sabio com a sua dignidade
estreme

- Estreme

- Erasmo estudou a lingua portu-
guesa para o entender

- Viviam infamemente fazendo
atards da sordider

[84]

- Melenas hirsutas a esvurmar caspas –
– Os anos que tantas ilusões esfumam
– Esfumam –
– Horas aligeiradas na paz do sertão –
– nenhuns bens de fortuna
– Afadigando-se em correrias
– Intercadências de tristezas, risos
– Do exposto não pode bem inferir-se etc?
– Atirou-se a si ao túmulo...
– Salvante dois ou três que se acoutaram etc
– Quer-me, porém, parecer...
– Dado que eles vencessem...
– Comungava com os grandes pensadores
– Envergonho-me de lhes perguntar se o
conhecem
– Em anos já seródios...
– Da data do poema infere-se...
– E vir cá para comungar das liberdades
políticas
– Forcejar por vencer
– Homem vesado à luta

[85]

Sempre que saíam a caçar –
Da paixão das mulheres negatou-o a idade.
Quase singular em certas qualidades
Não lhe sei a idade
Forcejam por desasá-lo.
Desasar – tirar as asas, desancar
Quando, ao diante, eu escrever etc
Colhidas a gancho
Volvidos alguns anos
E.. faz que um sujeito sério se perca etc
O requebrar desnalgado
Desnalgado – seco de ancas
E manda-lhe um próprio a ver se o resolve a
vir
Os que versaram esse assunto acingiram-se à
tradição
Teria rastreado a linha reta etc
Em vez de o fantasiar a carpir-se etc
Sensato e alegre – cousas que por milagre se
acolchetam
Fitaste-me os teus olhos claros
Chegamos à hora alta da noite

[86]

– Frases que tão de molde se casam num livro de tal natureza etc.

Almácega – tanque pequeno destinado a receber a água da chuva

Desaveio-se com o Conselheiro

Mungir o leite das cabras

O sertanejo misseiro

Misseiro – devoto de missa

– O preto mandingueiro

– Ao nascente desenhava-se vagamente majestoso íris (Júlio Dinis)

– O verde das árvores recebia desta luz uma cambiante mais viva(?) idem

Retábulo da capela –

Retábulo – construção de encontro a que está apoiado o altar –

Caçoila – vaso pequeno em q. se queimam ramos, incenso

Atabales do terço – tímboles

– Saiu do esvão da torre

Alencar

- Esvão – vão – concavidade
- Baixando afinal de torno em torno
- Revestido dos guisamentos sacerdotais
- Guisamentos – todos os utensílios e alfaias p.^a
- o Ofício domin –
- O suor a correr-lhe pela touta
- Touta – toutiço, topete
- Para aviventar os rumos apostos pelos antigos
- Apostos – acrescentado, junto
- Partiu quase escoteiro – ⁴²
- Escoteiro – que viaja à ligeira
- Achou-se em uma longa crasta subterrânea
- Crasta – claustro (antigo)
- Avivando o sorriso...
- Lançou à sorrelfa um olhar...
- Assoou-se a um magnífico lenço
- Tem o jeito dos touros agarrachados
- Agarrochado – ferido com a garrocha (ferrão)
- Neste entretanto, enquanto etc.

⁴² Como se lê acima, o nome *Alencar* se encontra escrito de viés, à direita, entre duas frases: a que começa com “Guisamentos” e a que termina com a palavra “junto” [N. do C.].

[87]

28 Setembro

Bombardeio⁴³

- Antes, porém, de o fazer..
- Saiu perplexo e sem saber a que ater-se.
- Vi-a sacra –
- Fronte senhoril / a lordly fore-head de Walter Scott
- E.. pecava um pouco de materialista
- Quando tinha antojos de distrações –
- Antojos – desejo
- Os móveis e ornatos compendiam tudo o que a França de Luís IV tinha produzido de mais gracioso.

[88]

Assalto

Bombardeio começou 6,5 terminou 6,45 ao toque de comando-em-chefe. Os batalhões já tinham ordem pa. o ataque. Atacaram juntos

⁴³ Abaixo desta palavra entram três linhas, não legíveis, riscadas por uma outra, sinuosa, do começo ao fim [N. do C.].

o 4.º e o 39 fazendo apoio o 24 – Substituindo-lhes nas linhas o 5.º polícia. Vivíssimo fogo mormente da latatada e de cima casas à retaguarda da I. Nova – nessa ocasião morreram Teixeira de Carvalho e major Queirós

Avançam a 3.^a e 6.^a – constituídas do 4.º, 39.º, 29 e 38, 30, 5⁴⁴

[89]

18

Do vosso amor
são isto sinais
com todas as rezas
Bendito sejais⁴⁵

19

Amo-vos Senhor
Qt.º posso mais
Por serdes quem sois
Bendito sejais

⁴⁴ Abaixo da última linha há uma figura: um círculo dentro de um quadrado [N. do C.].

⁴⁵ Estes versos são prosseguimento da pág. 76 [N. do C.].

20

Oh! quanto me pesa
Das culpas mortais
Por⁴⁶

[90]

Uauá

A mulher do Belarmino (balas no regaço)
Alferes Marques Porto

Tacaram fogo em todo o povoado q. tinha
mais de 200 contos de negócio.
Tinha morrido no dia o negociante forte
Nicolau Borges –
estavam fazendo sentinela ao morto.
Quinquim veio avisar
De manhã povoado deserto – Casas boas as de
Uauá, de boas armações de vidraças. Os sol-
dados saquearam. O fogo durou até o meio-
dia mais ou menos.

46 Verso não concluído [N. do C.].

[91]

Entradas:

Américo Vespúcio	1504	– Por Cabo Frio 40 léguas
Aleixo Garcia	1526	” S. Vicente. Peru
Pero Lobo	1531	Cananea – pa. O interior com 80h. destróçado pelos Carijós.
Sebastião Tourinho		No Rio Doce 1552
Ant.º Adorno		Subiu rio Caravelas, voltando parte expedição pelo Jequitinhonha.
Bastião Álvares		Parte de Porto Seguro pa. Explorar o S. Francisco, gasta 4 anos (Esta e a anterior são do governo de Luís de Brito).
Gabriel Soares		Em 1592 chega até as cabeceiras do Paraguaçu e morre
Luís Álvares Espinha		Parte de Ilhéus (1523) Trucida selvagens, avança 30 léguas no sertão.

[92]

Monte Santo

De uma simples fazenda junto à serra de Piquaraçá surgiu em 1785 a vila de Monte Santo. Fundador frade Apolonio de Todi, capucho italiano que estando ali pregando a *santa missão*, mandou quando se fazia uma procissão de penitência colocar algumas cruzes espaçadas pela serra acima da base ao cume em extensão de quase uma légua. Fez depois erguer em cada lugar da cruz em distância de 200 metros uma da outra 25 capelinhas de alvenaria contendo quadros dos *passos* de Cristo. É a via-sacra das penitências da quaresma. A meio caminho, na encosta há uma ermida e no alto representando o *Calvário* uma outra capela. De cima o horizonte estende-se por 20 léguas de raio. Há uma nascente no alto do morro. Acredita-se hajam minas de ferro na serra. Monte Santo foi elevado a freguesia em 1790. Um benemérito Apolonio de Todi. Fundou também em 1812 a vila do Bom Conselho, perto.

Em 1837 Monte Santo foi elevado a vila. Edificação em torno de uma grande praça tendo no centro a Missão (sala invocação de N. S. Conceição) e um pouco adiante o barracão

da feira funcionando às segundas-feiras. À esquerda da igreja o quartel e cadeia.

Indústria – curtimento de couros e fabrico de redes.

Cumbe está distante de Monte Santo

[93]

Uauá

As forças partiram de Juazeiro no dia 12 de novembro às 7 horas da noite para o arraial de Uauá distante 10 léguas de Canudos a fim de estabelecer um centro de operações e colher informações mais precisas. Depois de 2 1/2 horas de marcha por estrada regular bivacaram na fazenda Favela, não tendo sido possível acampar por falta de barracas. No dia 13 pela madrugada continuaram a marcha passando pela fazenda Tomé a 3 léguas de Favela, estrada regular em tabuleiros mas sem água e bivacaram à tarde na fazenda do Boi, estrada também regular num tabuleiro. Aí encontraram água de péssima qualidade. Partiram a 14 e foram por maus caminhos bivacar na fazenda Sacramento a 3 léguas da anterior. Aí água péssima e em pequena quantidade. No dia 15 seguiram para outra fazenda

denominada “Caraibinha” aonde descansaram seguindo à tardinha para a Rancharia onde bivacaram descendo 3 léguas de maus caminhos, sem águas, sob um sol abrasador. No dia 16 seguiram para a fazenda do Sertãozinho (J^e Gouveia) distando daquela 3 léguas; ali descansaram seguindo à tarde para a fazenda Mari (J^e Gouveia) uma légua avante onde havia melhor água e onde passaram a noite. Seguiram 17 pela manhã para a fazenda Mucambo (J^e Gbz) a 3 léguas de distância aonde descansaram continuando na mesma tarde a marcha para a fazenda Água Branca a uma légua adiante aonde pernoitaram. Água péssima e em pequena quantidade sempre. No dia 18 pela madrugada seguiram

[94]

para a fazenda “Bonita” a 3 léguas e nela descansaram continuando a marcha por uma picada para a fazenda Francesa a 4 léguas de distância e como não pudessem aí servirem-se da água que existia no fundo de profundíssima cacimba seguiram à noite para a fazenda “Ipoeira” a meia légua de distância aonde

encontraram água melhor também de cacimba. Fizeram nesse dia 7 1/2 léguas. A 19 seguiram para Uauá aonde, digo a 2 léguas de Ipoeira e nele acantonaram ao meio-dia. Foram percorridas 32 léguas em 7 dias na ida e 4 dias na volta fazendo então nesta, marchas forçadas a fim de evitar que os feridos conduzidos falecessem no caminho. Chegados a Uauá foi estabelecido o serviço de segurança, postando guardas avançadas nas quatro estradas que a ele conduzem e conservada toda a força no acantonamento. O dia 20 passou-se sem incidente embora amanhecesse com uma surpresa o arraial amanheceu deserto, abandonado por todos os habitantes. Fato a esclarecer. Os jagunços estavam a 4 léguas de distância comandados pelo Quinquim de Caiqui e atacaram a força pela madrugada (às 5 horas) do dia 21. Atacada a guarda avançada por grande multidão de fanáticos fez fogo em retirada. Ficou retardatário um soldado estropiado Teotônio Pereira Bacelar – foi degolado. Registremos o nome da primeira vítima da tragédia. Disposta a força para a defensiva, colocadas a distância conveniente do acantonamento linhas de atiradores que entram logo

em ação abrindo grandes claros. Estes avançavam sempre aos gritos: VIVA o Bom Jesus! Viva o nosso Conselheiro! Viva a Monarquia! chegando alguns a investirem de facão contra os soldados. Um deles trazia alçada grande cruz de madeira e carregavam outros imagens de santos de diversos tamanhos. Serviam-se de apitos estridentes para a execução de movimentos e manobras. As praças calculavam em três mil! Eram em número menor, de mil talvez. Tomaram logo algumas casas abandonadas e desguarnecidas por insuficiência de forças de onde fuzilavam os soldados. Foi adotado o expediente de serem incendiadas a todo risco aquelas casas – sendo então desalojados. A luta durava já 4 horas quando foi resolvida a ofensiva a despeito de todas as dificuldades. O inimigo recuou sendo então perseguido até pequena distância. A retirada dos nossos era, porém, inevitável, além disto constava haver grande reforço de fanáticos adiante – e a nossa gente cansada não tinha ainda tomado alimento algum. Ao meio-dia deu-se o último tiro. Os inimigos deixaram no campo e dentro da casa 152 mortos devendo-se acreditar em grande número de feridos e mortos esparsos pela estrada ou pelas caatingas. Perdemos

o alferes Carlos Augusto Coelho dos Santos, 2.º sargento hemetério dos Santos Bahia, um cabo, um anspeçada e quatro soldados. 8 mortos no combate. Ficaram gravemente feridos 3 cabos, 4 anspeçadas e 4 soldados; ao todo 11 feridos gravemente. Feridos levemente 2 cabos, 2 anspeçadas e 2 soldados. 6 feridos levemente. Faleceram também na luta os paisanos Pedro Francisco de Moraes e seu filho João Batista, guias da expedição. Os cadáveres foram inumados na Capela do Arraial. No mesmo dia, à tarde, a força voltou em direção a Juazeiro. Os jagunços estavam

[96]

armados com carabinas Comblains e Chuchu, bacamartes, garruchas, pistolas, grandes facões, foices e machados. O dr. Antônio Álvares dos Santos, médico-adjunto do exército que acompanhava a expedição enlouqueceu.

(Expedição alfs. Virgílio = Masseti

(" " " tte. [ilegível] Serrinha (voltou)

(Comandava forças jagunços Cambaio M^{or} Seriema

(Jagunços armados também cacetes
(amarrados no braço, ferrados pela
(pela metade e cheios de chumbo,
(facão Jacaré e espingardas.

– Expedição Febrônio –

Saíram de Queimadas em 26 de dezembro às 8 horas da manhã e chegaram *Tanquinho* às 2 horas da tarde, andando 5 léguas. Partiram de *Tanquinho* às 5 horas da manhã e chegaram a *Cansanção* às 10 horas tendo andado 3 léguas (três). Aí acamparam visto ser impossível ante um sol ardente continuar a marcha. No dia 28 pelas 5 horas da manhã partiram chegando a *Quirinquinquá* ao meio-dia, tendo andado 5 cinco léguas. Partiram daí no dia 29 pelas 2 horas da madrugada e chegaram a Monte Santo às 8 horas da manhã. Aí ficaram de 29 até 12 de janeiro; dificuldades transporte falta dinheiro. Dia 12 partiram pelas 8 horas da manhã pela estrada do Cambaio chegando a Açari às seis horas da tarde, andando 4 léguas; daí partiram a 13 chegando a Laje de Dentro às 4 horas da tarde; andaram apenas uma légua, caminhos péssimos, subindo três ladeiras

[97]

sucessivas. Saíram 14 pela manhã chegando a Ipueiras às 4 da tarde, andando 4 léguas. Saíram dali dia 15 pelas 5 horas da manhã

chegando a Penedo de tarde, andando 3 (três) léguas. Saíram de Penedo a 16 pela manhã e chegaram a Mulungu à tarde, andando duas (2) léguas. Desde Ipueiras observavam sinais de inimigos. Os caminhos pioravam tendo os sapadores de abrir picadas para a passagem da artilharia, removendo as pedras etc. Saíram de Mulungu a 17 de tarde; nesse dia primeira tração cargueiros levados de Monte Santo, e fornecidos por José Esteves Abreu (Dedé) e chegaram Rancho Pedras à noite. Em Mulungu já o acampamento fora alarmado à noite presença jagunços. Do Rancho Pedras observaram posições inimigo que tinha trincheiras no Cambaio. Dia 18 manhã Febrônio chamou oficiais, anunciava entrada zona perigosa. Arrancaram 7 horas manhã e às 10 repentinamente caíram debaixo trincheiras do Cambaio. Jagunços bradavam: METE O PÉ CANAIAS! AVANÇA REPUBLICANOS! CADÊ AS PEÇAS?! VIVA O BOM JESUS! Houve ligeiro pânico. Febrônio animou a tropa. Combate durou 3 horas. Fogo ficou mais fraco às 2 horas. Bandidos repelidos. Caiu heroicamente nas trincheiras tte. Leal, gravemente ferido. Ligeiramente 2.º tte. do 5.º Hilário Ferreira Dias. Acovardaram-se tte. Aureliano Ferreira da Silva e Alferes Caetano Villas Boas (da polícia) e um outro alferes de

linha. Feridos: alferes Dória do 9.º e Melo da polícia e mais 20 soldados. Fizeram figura o 2.º sargento Anacleto Ribeiro do 9.º. A luta foi iniciada pelas cento e poucas praças do 33 ao mando dos alfs. Hermínio Pinto da Silva e Basílio de Carvalho Montenegro. Auxílios prestados contingentes 9.º e 16 e força policial ao mando do heroico Wenceslau Leal que atacou Rancheiras a baioneta com uma só companhia (trincheiras naturais de rocha viva, em anfiteatro). Neste ataque a baioneta morreram 4 soldados. Nas trincheiras caíram 115 fanáticos que foram queimados. Aí perderam-se todos os animais de tração da artilharia e os cargueiros que restavam também fugiram. Ao dar-se o assalto geral a baioneta etc (ver *Jornal de Notícias* 8 de fevereiro de 1897). Acamparam no Tabuleirinhos de Canudos a meia légua do arraial e isto devido a terem ficado os 3 médicos e feridos à retaguarda, tendo chegado ao acampamento à noite. Fizeram-se curativos. Dia 9 – Foram atacados repentinamente, inimigos todos os lados, carregando até a facção. Eram 7 horas da manhã, a força já estava formada e preparados os picquetes para avançar sobre

[98]

Canudos. Um cabo do 9.º por detrás do canhão da direita foi atacado e morreu matando o jagunço. Apoderaram-se daquele canhão (Havia 2 canhões e 2 metralhadoras Nordenfeld). Febrônio então levantou o chapéu e gritou: **CAMARADAS! ESTOU COM A MINHA HONRA E REPUTAÇÃO DE MILITAR PERDIDAS! É PRECISO QUE SE RETOME AQUELE CANHÃO OU SEJA EU O PRIMEIRO QUE MORRA AQUI!** Avançou à frente dos soldados e num minuto o canhão foi retomado. Repellido o inimigo, em parte. O dr. Albertazzi contou rapidamente cerca de 500 homens fora de combate excluídos os caídos numa lagoa, perto. Os jagunços investiam sobre os canhões, punham a mão em cima e diziam: **VIRAM CANAIAS! O QUE É TER CORAGEM?** Morreram neste encontro 4 soldados ficando 30 feridos, alguns gravemente. Armamento jagunço muito ordinário. Debaixo de fogo ouviu-se o toque de oficiais. O tte. Hilário comunicara que só restavam vinte tiros de artilharia cujo efeito nas pedras era enorme. Febrônio consultou-os o que deviam fazer. Acordaram todos retirada em ordem. Febrônio declarou aceitar sob condições: não deixar uma só arma, um só

cadáver insepulto, um só ferido. Organizou-se a retirada ficando incumbido romper a frente, contra a praxe Sargento Anacleto, um bravo. Logo depois seguiram Febrônio e a coluna, fechava a retaguarda o 26 ao mando do Alferes Freitas. A artilharia passada à mão. Fugiram resto cargueiros. Foi preciso distribuir, para transportar, cargas e munições pelos soldados. Cavalos e burros tinham cinco mortos ou feridos. Fizeram três léguas a pé debaixo de fogo dos jagunços ocultos nas caatingas. Chegaram a Bendegó de Baixo às 6 1/2 e aí se deu o último choque (Medonho!) até corpo-a-corpo; tentavam tomar a artilharia. Morreram 22 jagunços. As forças que haviam seguido convictas da tomada do arraial estavam há três dias sem comer – Desde o dia 17. (Quem comandou jagunços nas trincheiras do Cambaio foi João Grande, negro corpulento, morreu despedaçado por uma granada. Cara chata, barba curta.) Em Bendegó de Baixo apareceram espavoridos vinte bodes e um carneiro. Foi o jantar da coluna. Do carneiro fez-se o primeiro caldo p^a os doentes. A posição em Bendegó era boa, num alto apesar do nome de Baixo, esperaram nela outra vez os fanáticos; não vieram. Partiram dali as forças no outro dia às 2 horas da tarde seguindo p^a o sítio do Lúcio a 2 léguas de Bendegó de Baixo. Saíram

do sítio do Lúcio no dia 21 (jagunços não perseguiram mais). Chegaram Ipueiras no mesmo dia, à tarde. (Marchas

[99]

forçadas para salvar os feridos.) Enterraram-se em Ipueiras dois feridos que faleceram. Ipueiras péssima posição numa esplanada cercada de penedias; se os jagunços atacassem aí estaria perdida a força. Saíram de Ipueiras no dia 22 pela manhã bem cedo e chegaram a Boqueirão à noite. No dia 23 partiram daí pela madrugada e chegaram a Monte Santo às 3 horas da tarde. Entraram os soldados seminus, alguns só de capote (Roupas rasgadas espinhos) (Em Tabuleirinhos fugindo os cargueiros e dois animais com cunhetes de Mannlicher o guia Jesuíno (velho que já foi conselheirista mas que odeia agora o Conselheiro) e tem sido guia todas expedições retomava os animais). Tte. Hilário ferido no braço, não acedeu ordem retirar-se à ambulância, curvado sobre o canhão! Jagunços abandonaram correames marca polícia Sergipe C.P.S.

[100]

2.^a Coluna

2.^a coluna, composta de 3 brigadas, 4.^a, 5.^a e 6 do exército em rações. 4.^a brigada composta 12 e 31 [*ilegível*] comandantes tte.-cel. Sucupira, e o segundo, cap. Lauriano, sob o comando (a brigada) cel. C. Teles. 5.^a brigada comandada pelo cel. Serra Mart. composta do 34, 35 e 40, 1.^o comandado pelo coronel Nery, o 2.^o pelo major Sampaio e 3.^o major Seixas. Sexta brigada comandada pelo coronel Pantoja composta 26, 32 e 33; 1.^o comandado pelo⁴⁷ ;

2.^o comandado pelo major Colatino 3.^o com.^o tte.-coronel Napoleão Ramos. 4.^a e 6.^a brigadas tinham cada uma um efetivo cerca de 800 homens e a 5.^a 750 aproximadamente. Chegamos a Jeremoabo a 30 de maio e partimos 16 de junho às 2 da tarde. Acampa na Passagem a 2 léguas e tanto de Jeremoabo; a 17 acamparam l Cana Brava; a 18 no Brejinho aonde passaram todo o dia 19; a 20 seguiram até Manari; a 21 em Ganche; 22 em Estrada Velha aonde ficaram dia 23; a 24 seguiram serra Vermelha a 25 Cocorobó aonde chega-

47 Está em branco uma larga parte da linha [N. do C.].

ram 11e meia da manhã. De serra Vermelha p.^a Cocorobó fazia a vanguarda a 5.^a brigada de Serra Martírio; tendo na frente, em exploração, 64 homens, lanceiros a cavalo, constituídos por soldados de sob o comando do alferes José Vieira Pacheco, tendo como subalternos os alferes Pacheco de Assis, Silos e Vilalba comandante do piquete vanguarda que primeiro encontram o inimigo tiroteando até chegar a

[101]

vanguarda. O inimigo encobria-se em trincheiras naturais; a 5.^a brigada tomou posição no flanco esquerdo e feriu-se o combate, atirando o inimigo de frente e flanco; a 4.^a brigada e a sexta que estavam de reserva destacaram companhias para trazer as munições. O combate durava já mais de três horas – quando perto das 4 horas o coronel Teles lembrou ao general Savaget o alvitre de carregar à baioneta – o que foi realizado pela 4.^a brigada tendo na frente o 12 e à retaguarda o 31, chegando este em primeiro lugar; a carga foi em linha desenvolvida sendo [ilegível] pela carga de lanceiros que se avantajou sobre o morro; o inimigo desalojado a carga prosseguiu em distância de 100 metros além da 1.^a trincheira

até o passo do Pequeno, desalojando sempre o inimigo, até um platô aonde acampou. Ao chegar a noite ainda houve pequenos tiroteios. A 6.^a brigada que então constituía a reserva cuidou dos feridos e mortos. A 5.^a brigada, à retaguarda, acompanhou a carga, mesmo de flanco. Entre mortos e feridos perdemos mais de duzentos homens. O general Savaget que acompanhou a carga foi ferido; o coronel Teles perdeu o cavalo, carregando à frente da brigada, no flanco direito do 31. A 200 metros do acampamento da 4.^a brigada acamparam as duas outras. No dia seguinte ao meio-dia – a 4.^a brigada fez a vanguarda prosseguindo para Canudos vindo em proteção a 5, ficando a 6.^a com os feridos. Foram até Macambira debaixo de tiroteio constante, pelos flancos sendo p^a notar que o 31 – que nunca abandonou a frente só perdeu 2 homens.

[102]

Aí, perto do rio Vaza-Barris, o coronel Teles reconhecendo as vantagens da posição convidou o general para acampar nela vindo Savaget com a 6.^a brigada e feridos. No dia 27 ao meio-dia, fazendo a vanguarda a 6.^a brigada, 33 a frente, seguiram Trabubu. Apesar da

travessia menos perigosa perdeu-se quase tanta gente quanto em Cocorobó. O 12 no meio da ação foi pelo coronel Teles destacado para proteger a vanguarda – aí, partida do flanco direito uma bala matou o alferes Padilha e feriu mortalmente o tte.-cel. Sucupira; foram mtos. oficiais feridos e mortos. Erro de tática. Aí tomou-se posição. Subindo um cerro à direita viu-se Canudos. A 5.^a brigada tomou posição no cerro e começou atirar para Canudos. A vanguarda atirava igualmente. Os feridos ficaram abrigados à margem do rio. No dia 28 às 8 horas manhã levantou-se acampamento fazendo a vanguarda a 4.^a brigada. A dois mil metros de Canudos num plano elevado reuniu-se toda a artilharia e tomou posição e começou bombardeio. Seguindo o 31 e o 12, tiroteando um pouco com o inimigo aproximando-se das primeiras casas. O alferes Wanderley decidiu explorar o terreno à esquerda. Ouvia-se o bombardeio feito pela 1.^a coluna. Nisto chegou um próprio, paisano (sujeito que tem fazenda perto de Canudos e cuja família tinha sido assassinada pela gente de Conselheiro) trazendo recado gal. Oscar dizendo não ter mais munição de artilharia e infantaria e que os jagunços cercavam-no e tiroteavam a retaguarda com o com-

boio. O emissário ficou detido não inspirando fé o que dizia. 20 minutos depois chegou um outro dizendo o mesmo e logo depois voltara Wanderley trazendo recado do gal. que pedia “não como superior mas como amigo” que o socorressem. Houve conferência ficando resolvida a marcha de flanco sob tiroteio constante, durante cerca de uma hora e meia. A 2.^a coluna juntou-se à 1.^a no alto da Favela; rendendo o 31 ao 7.^o que pela manhã já tinha perdido o coronel Thompson Flores. A 4.^a coluna sem o auxílio seria obrigada a retirar sobre a 2.^a. Resolveu-se mandar a 5.^a brigada socorrer o comboio voltou à meia-noite salvando farta munição. A 2.^a coluna trazia víveres q. p.^a ela davam mas foram partilhados com a 1.^a de modo que no dia 28 começou a sentir-se falta de víveres. O esquadrão diariamente desde este dia até ao dia 13 em que chegou a brigada Medeiros que fora no dia 30 p.^a Monte Santo, saía a buscar gado nos arredores; trazendo na média 8 bois além de bodes e carneiros, por dia – em todo o caso deficientes pa. tanta gente. Começaram a sair sem licença soldados para caçar bodes, sendo afinal caçados etc. Mortes diárias no acampamento. Má disposição das linhas. O coronel Teles

verificou a necessidade de proteger melhor o acampamento. Aí ficaram até o dia 15 em que traçou o plano de ataque p.^a 18. Dia 18 pela madrugada de acordo com o plano começou-se o ataque. Fazia a vanguarda a

[104]

primeira brigada comandada cel. Medeiros. O gal. Barbosa ficou no comando também da 2.^a coluna; ficando no acampamento gal. Savaget com a 7.^a brigada – guardando a posição e a artilharia. O 30.^o batalhão era o da vanguarda – A 4.^a brigada foi a que mais se aproximou sendo ferido o cel. Teles. O coronel Tupi tomou conta da 1.^a brigada. Dantas Barreto comandava 3.^o brigada. Sobressaíram 7.^o, 12, 25, 30, 31 que mais avançaram.

– Moreira César –

Partiram Queimadas fins de fevereiro a fazer junção com as forças que estavam em Monte Santo (resto da expedição Febrônio). De Monte Santo foram p.^a o Cumbe (chegando terceiro dia pela manhã). Seguiram de Cumbe p.^a Cajazeiras (três léguas). Daí Serra Branca aonde vai acampar. Reconhecimento anterior

dos engenheiros mostrava que havia água; como não achassem mais que desse para um acampamento – encheram-se os cantis do que havia. As bombas artesianas que levavam não puderam funcionar. Moreira César fez ordem do dia apontando grandeza sacrifício pela República. Partiram à noitinha com destino Rosário. Às 11 horas da noite descansaram no deserto; dormindo cada oficial rédea animal amarrada no punho. Às 3 horas da manhã reataram marcha chegando exaustos ao Rosário

[105]

– Fazenda abandonada em ruínas. Aí descansaram este dia e o seguinte. No outro pela manhã suspenderam acampamento – chegando às 11 horas do dia no rancho do Vigário aonde acamparam (rancho Vigário – antiga fazenda, casa em ruínas, aí a [sic] um tanque). Seguiram em direção ao Angico ponto equidistante do rancho e Canudos. Mas a três quartos de légua do rancho do Vigário foi atacada a coluna. (Exploravam vanguarda 50 praças 9.º regimento comando cap^m Pedreira Franco e logo após uma companhia de atiradores ao mando tenente Fⁿ Garcia tendo como subalerno o alfs. Poli (que foi nessa ocasião

mortalmt^e ferido), Brasília Wilt e Conceição.) Tiroteou-se com o inimigo no flanco direito nosso, intrincheirado numa barranca do rio. A artilharia metralhou-os, mas p.^a desalojál-os saiu a ala direita do 7.º sob o comando de Cunha Matos que se portou com bravura, sendo a 1.^a comp.^a comandada pelo cap^m Aleluia Pires e a 3.^a pelo alferes Cavalcanti. Carregou dentro da caatinga com espinhos, desalojando. A companhia de atiradores seguiu em perseguição, até perto de Canudos aonde se acolheram jagunços. Quando a ala do 7.º retomou da caatinga Moreira César apeou-se e abraçou Cunha Matos. Viva a República! A coluna acompanhou os atiradores. Ao chegar no Angico, légua e meia de Canudos, coronel que determinara segundo ordem de detalhe do anterior dia, uso aí lugar de pousada – reuniu os oficiais e apresentou o alvitre de seguirem no

[106]

mesmo dia para Canudos. Mostrou uma espingarda pica-pau tomada do inimigo morto e declarou que inimigos mal armados e desmoralizados não poderiam resistir choqe forças republicanas. A coluna seguiu depois de grande ovação. A 4 000 mil metros do morro

da Favek (ainda não se via Canudos) Moreira César mandou dar em direção a Canudos dois tiros de peça, dizendo ser o cartão de visita que envia aos jagunços. Força bem disposta pa. a luta. Chegaram ao alto da Favela: aí os seis canhões dispostos em batalha começaram o bombardeio que durou pouco. As forças tomaram posição no alto da Favela (ainda não se via Canudos) Moreira César mandou dar em acumulavam-se nas igrejas; outros saíam espavoridos tomando diversas direções; atravessavam o rio para cá, uns rápidos, outros em andar de quem nada temia – sem atirarem um só tiro. Os soldados atiravam sempre. O 7.º ficou no flanco esquerdo e fez fogo durante cerca de cinco minutos sobre um jagunço que de andar calmo dirigia-se para Canudos pela estrada de Uauá. Não lhe pegou nem um tiro (Um cachorro grande, quando chegou a força partiu de Canudos a toda sobre a força!) Depois de meia hora de tiroteio, deviam ser 8 1/2 da tarde, Moreira César mandou avançar a coluna, descendo o morro. A 300 metros das igrejas desenvolveu toda a infantaria em linha ficando a artilharia no flanco esquerdo numa espécie de pequena elevação sobre o terreno. Moreira César, acompanhado de D. Barreto Leite nesta ocasião disse ao cap. Aleluia que iam tomar a baioneta

[107]

o arraial, sem dar um tiro. Nisto rompeu a fuzilaria de todas as casas, igrejas, de todos os pontos. Fogo de Mannlicher e bacamarte e Comblains — O 7.º carregou, acompanhado do 15 e 9.º. Atravessando o rio (que tinha água) e tomaram posição ~~entre as duas igrejas~~, passando ao lado da igreja nova. Alguns soldados começaram a avançar começando a queimar algumas casas. (Figueira, Conceição, Valadão.) Uma ala do 9.º saiu e tomou posição na extrema esquerda, queimando também algumas casas. A polícia que tinha ficado à retaguarda contornando a baixada chegou horas depois e o coronel mandou que a cavalaria que viera com a polícia desse uma carga em direção às igrejas: a cavalaria chegou até o rio, parou algum tempo depois voltou. Nesta ocasião Moreira César deixou seu lugar perto da artilharia e veio para a direita (Eu vou dar brio a esta cavalaria) aí foi ferido perto do passo para as igrejas. Ferido no peito. Veio ainda a cavalo amparado pelos ajudantes-de-ordem ao primitivo lugar. Nesta ocasião vieram dois ajudantes-de-ordem dizer a Tamarindo que César estava fora combate devendo ele assumir o comando. A polícia avançou pelo caminho de Cocorobó tomando casas à direita,

queimando-as e saqueando-as (?). Tamarindo só deu uma ordem: uma ala do 7.º ir proteger o 9.º. Deveriam ser 4 1/2 da tarde. Começou a Toda a força do flanco esquerdo logo após voltou. A polícia igualmente veio dizendo haver abandonado a posição por falta de munição.

[108]

As forças retiraram pa. a barranca onde estiveram primitivamente. Cada qual começou a lutar por sua conta. Começou a desordem. Grupos destacados iam queimar casas etc. (7.º e 9.º e Polícia – posições diametraes nocivas.) Aproximava-se a noite sem deliberação do chefe – Já quase à noite resolveram passar, recuando, o rio. Ficou guardando a retirada o 9.º – que abandonou entretanto a posição. Balbúrdia imensa ao subirem a barranca na retirada, mal querendo passar primeiro! Confusão! Passaram acumulando-se em torno da artilharia e da tenda do coronel ferido. Não foi possível organizar os batalhões misturados. Faltou comando. Neste lugar ainda sofriam muito fogo. Retiraram-se a 600 metros à retaguarda para o lugar aonde havia uma tapera. Convenceram Moreira César que não queria sair, estava indignado com a retirada.

Principiou serviço condução de doentes; serviço mal feito. Tte. Ávila, alferes Cavalcanti encarregaram-se transporte feridos, procedendo dignamente. Fez-se um quadrado mal feito na nova posição, feridos no centro assim como Tamarindo e oficiais (sentado num cunhete, fumando um longo cachimbo, mudo, Tamarindo passou a noite desanimado). Gemidos de feridos, soldados famintos e sequiosos, um inferno! Noite ardente de verão! Pela madrugada chamados os oficiais resolveram a retirada. O engenheiro militar Nascimento não concordou com a opinião geral. Comunicou-se

[109]

ao cel. Moreira César. Ele protestou energicamente dizendo que atacássemos, que tomassem a resolução por escrito por q. ele iria protestar! Que a retirada infamaria o exército e traria sérios perigos à República! Apesar disto manteve-se a resolução. Ao amanhecer veio a notícia da morte do coronel. Começaram-se preparativos da retirada, padiolas pa. doentes, barracas etc. Mas tudo sem ordem. Soldados desanimados – Foi saindo a força ficando um grupo comandado pelo alfs. Wildo, um bravo, muitos, garantindo a retirada dos feridos,

assim como o tte. Severo com duas bocas de fogo. Ao notar este movimento os jagunços começaram a sair de Canudos e embrenhando-se nas caatingas começavam a perseguição. Retirou-se afinal a artilharia. Retirada em desordem debaixo de fogo, desguarnecida a artilharia, confusão indescritível. Notando que a artilharia seria tomada Tamarindo ordenou diversos toques não obedecidos de vanguarda à meia volta. Oficiais fizeram — forças inauditas, revólver em punho, soldados não obedeciam. E assim foram em perdas enormes — Finalmente a légua e meia mais ou menos às 7 1/2 horas da manhã, foi abandonada a artilharia. Cap. Salomão nesta ocasião morreu sobre o canhão! Continuaram a retirada em debandada meia hora depois foi morto Tamarindo.

[110]

Notas Suplementares

No combate de Uauá — os jagunços aproximavam-se do arraial em altas vozes entoando laidainhas etc. —o que despertou a força.

Quando as forças de Febrônio caíram sobre as trincheiras do Cambaio prosseguiram a marcha até Tabuleirinhos – estrada estreita, garganta impraticável flanqueada de trincheiras naturais das quais fizeram fogo continuamente os jagunços; marcharam assim cerca de meia légua. Num dado ponto da estrada deu-se o seguinte: debaixo de uma grande pedra (5 metros de alto por pouco mais de largo) que havia, cravada no chão e um pouco inclinada amparada pelo atrito de duas outras achava-se numeroso grupo de inimigos talvez 80 ou cem fazendo cerrado fogo. Foi-lhes enviada uma bala; a bala não os atingiu; caiu porém no interstício das duas grandes pedras e estourando a granada determinou a queda da pedra do centro esmagando a quase totalidade dos inimigos.

No dia do ataque em Tabuleirinhos aconteceu o seguinte: o tte. Hilário comunicou que estava engasgada num dos canhões uma granada (tentou-se tirá-la, foi impossível) Então foi dada ordem para um tiro em direção a Canudos para onde estava a coluna pronta a marchar. Dado o tiro é que foi ela inopinadamente ata-

cada pelo inimigo, surgindo das caatingas e das anfractuosidades das montanhas.

É preciso conversar com o Guia Jesuíno.

[111]

– Retirada Domingos Leite –

Chegaram a Monte Santo... Saiu a comissão de engenharia de Q. no dia 11 e chegou a M. S. 14 – Dia 15 triangulou alto Sta. Cruz. 16 saíram pa. Cumbe (a comissão engenharia) onde chegou mesmo dia. 17 Seguiu Caimbé, propriedade cel. Arsênio. 18 – Seguiu fazenda Olho d'Água do Meio, propriedade cel. José Américo Camelo de Sousa Velho era fazenda importante de gado assim como a de Caimbé. No mesmo dia voltaram pa. Cumbe. Jsé. Américo aconselhou estrada que deveriam seguir pa. Canudos. Chegam Cumbe dia 17 11 horas da noite. 18 seguiram explorando estrada indicada Américo e foram até a Serra Branca, 5 léguas distante do Cumbe na direção

nordeste. (Todos os rumos até Rosário direção nordeste até Rosário) 18. Partiram pa. Monte Santo onde encontraram toda expedição reunida – Conferenciaram cel. César apresentando esboço região explorada. Marcada dia 21 4 horas da tarde uma revista em ordem marcha toda a brigada e aprovados os planos comissão eng. esta seguiu na frente no mesmo dia 21 pa. Cumbe a fim de preparar a estrada.

Dia 21 às 4 1/2, de improviso, sem prévia comunicação a oficiais ou praças, cel. César foi pra frente da brigada e rompeu a marcha pa. o Cumbe. (A marcha estava marcada para o outro dia em ordem do dia!) Foi acampar d'aqui a meia légua, areal onde há uma curva. A comissão eng.^a acompanhando quartel-mestre-general das forças cap^m Nunes Sales seguiu para o Cumbe! Aí chegou madrugada de 22. Dia 23 seguiu comissão abrindo picada até Serra Branca, com setenta e tantos paisanos e onze soldados, 4 oficiais Domingos Leite, cap^m polícia da Capital Federal Serra, tte. Mário Barbosa e tte. Alfredo Soares do Nascimento, dois engenheiros e dois auxiliares. Daí voltaram no dia 24 chegaram ao Cumbe e encontraram

[112]

as vanguardas das forças e souberam q. Moreira César tinha ficado na fazenda da Jiboia, tendo tido um ataque de epilepsia. Dia 25 chegou César com o resto das forças e na m.^{ma} tarde começou a marcha para Canudos fazendo a vanguarda a Comissão de engenharia e um ----⁴⁸ esquadrão de cavalaria do 9.º comandado pelo cap. Álvaro Pedreira Franco comboiando uma carroça com uma bomba artesiana q. devia ser plantada na Serra Branca. Devido às dificuldades da marcha a cavalaria só chegou no dia seguinte 26 pela manhã a Cajazeiras, duas léguas e meia de Cumbe, onde foi surpreendida poucos momentos depois pela chegada do resto da brigada que havia saído do Cumbe na madrugada desse dia. Sendo obrigada a levantar logo o acampamento e seguir pa. Serra Branca onde chegou horas depois (cinco léguas de Cumbe). Aí a comissão tentou plantar a bomba o que não pôde por não ter bate-estacas (Mandou-se pedir no Rio um macaco bate-estacas mandaram um macaco de levantar pesos!) o que foi logo comunicado a César. No dia seguinte 27 chegou a S. Branca resto da brigada. O chefe

48 Aqui há uma palavra riscada [N. do C.].

comissão ponderou logo a César q. devido às circunstâncias especiais da natureza do terreno e do clima a água que havia aí se tinha evaporado e que não funcionando a bomba, ela só poderia dar à coluna 1 000 e poucos litros d'água e que port.^o era de opinião q. a brigada continuasse a marcha m^{mo} dia fazendo o grande sacrifício de caminhar novamente seis léguas no deserto até

[113]

o Rosário onde havia água em abundância e talvez munições de boca que deviam ser enviadas pelo coronel Jé Américo q. os havia contratado com o chefe comissão eng.^a

À vista disto César mandou trazer comandantes de corpos e apresentou-lhes o parecer dos eng.^{ros} que foi aprovado por todos. Assim às 4 horas da tarde as forças seguiram. Daí por diante começa a via dolorosa dos mártires da brigada Moreira César. Arcais sem fim; picadas infames; sede; a noite os surpreendeu na estrada – até que no outro dia à uma hora da tarde chegaram esparsos os restos da brigada ao Rosário onde acamparam. Acharam água abundante no rio do Rosário. Lá está uma

fazenda destruída. Nessa manhã a vanguarda, no lugar chamado Pastaria Velha, uma légua antes de Rosário, a vanguarda encontrou sinais de jagunços, restos de fogueiras, cágados assados e uma pistola. ----⁴⁹ A força estava sem barracas – após um sol horroroso, quando bivacaram foram surpreendidos por uma chuva torrencial. Dia 1.º à uma hora da tarde debaixo de nova chuva torrencial deram as vedetas sinal do inimigo. Cometas tocaram alarme. César praticou a maior das imprudências que pode praticar um chefe: montou a cavalo sem esperar o estado-maior e dirigiu-se p.^a o lado onde se anunciava o inimigo tendo sido ao meio do caminho alcançado unicamente.^e pelo chefe da c. eng.^{er}. Verificou-se q. o inimigo era um comboio de gêneros mandados por Américo. Tudo voltou à paz. À tarde chegou o correio de Monte Santo e cavalos p.^a a cavalaria até então montada em burros magros. Calmamente passou-se a noite. -----⁵⁰ Às 4 horas da manhã de 2 tocou alarma e ao clarão do dia a brigada

49 Palavra riscada [N. do C.].

50 Palavra riscada [N. do C.].

[114]

segiu R. Vigário onde chegou sem incidente ao mesmo dia. O resto do dia foi sem incidente. Dia 3 ao clarear do dia seguiram Canudos. Às sete da manhã marchavam tranquilamente na seguinte disposição que era o mesmo adotado desde o princípio da marcha: o chefe comissão eng.^{ra}, um guia Manuel Rosendo, ----⁵¹ cinco soldados de cavalaria e um sargento; companhia de atiradores do 7.º comandada bravo tenente Figueira (de Taubatê); ala direita do 7.º B. comandada Cunha Matos; uma divisão 4.^a bateria 2.º regt.º sob comando cap. Salomão (A ala direita marchavam de costado levando os comboios de munição delas no meio); ala esquerda do 7.º no mesmo dispositivo da outra ala; coman.^{da} pelo cap.^m Alberto Gavião Pereira Pinto; segunda divisão artilharia sob comando tte. Marcos Pradel Azambuja (César ia entre a companhia de atiradores e o 7 com o seu estado-maior); ala direita do 9 comandada por Tamarindo; comboio do 9.º; ala esquerda do 9.º comandada pelo cap.^m Felipe Simões; corpo de saúde chefiado pelo d.^{or} Nina Rodrigues, major; contingente do 16 comandado pelo cap.^m J.^m Quirino Vilarim; grande

51 Há uma palavra riscada [N. do C.].

comboio comandado pelo alf. José Pinto da Silva; a cavalaria fechava a retaguarda.

— Às sete horas da manhã -----⁵² marchava q.^{do} repentinamente no lugar denominado Pitombas a uma légua e meia de Canudos, foi a vanguarda assaltada pelos jagunços que de dentro da caatinga faziam fogo. Tomado o dispositivo geral de combate, começou o fogo de artilharia feito pela primeira divisão e logo após recebeu a ala direita do 7.^o ordem p.^a carregar sobre o entrincheiramento do inimigo feito⁵³ (Atrás do grande comboio vinha a heroica polícia baiana)

[115]

de pedras e acidentes do terreno dentro das caatingas e o arroio de Pitongas então seco. A ala entupidamente avançava p.^a o mato e poucos momentos depois a corneta do comando-em-chefe dava o toque de vitória (antigo toque de Trindades). Verificamos as nossas perdas: gravemente ferido na cabeça alferes Poli da companhia de atiradores e uns quatro

⁵² Há uma palavra riscada [N. do C.].

⁵³ Esta frase continua logo na página seguinte. O parênteses abaixo deve ter sido encaixado depois, por força da lembrança [N. do C.].

soldados; foi ligeiramente ferido, chumbo no braço, o cel. César. Os soldados foram logo sepultados. Continuou a marcha, manifestando César o desejo de ir a Canudos no mesmo dia, no que divergiu o chefe da comissão de engh.^a ponderando q. faltavam ainda légua e meia p.^a chegar a Canudos, onde a força chegaria 2 horas. César mandou tocar a oficiais e disse, no lugar denominado Angico no alto de pequena elevação e disse-lhes: – Vamos almoçar em Canudos!

(Cunha Matos muito emburrado)

~~Continua a marcha~~⁵⁴ Deram-se vivas à memória de Floriano e à República.

Continuou a marcha ----- em ordem até Umburanas, a companhia de atiradores na frente repelindo o inimigo até o alto das Umburanas. Aí souberam pelo guia Jesuíno q. estavam a meia légua de Canudos. César pôs um batalhão divisão Pradel e mandou dar dois tiros de balas p.^a Canudos dizendo serem cartões de visita ao Conselheiro. Feito isto continuamos a marcha e de súbito foram surpreendidos com a vista de Canudos! tinham chegado ao alto da Favela; aí começou

⁵⁴ Palavras riscadas, mas legíveis: “Continuou a marcha”, repetidas logo na linha seguinte e junto de uma palavra ilegível. – Além desse caso a página apresenta outras palavras riscadas [N. do C.].

francamente a batalha. À uma hora estavam dentro de Canudos; combate corpo-a-corpo. Às três horas mais ou menos chegaram polícia e cavalaria e César mandou que carregassem pelo nosso flanco direito e acompanhou-os. Às quatro horas pouco mais ou menos foi atingido quase simultaneamente por duas balas. Começou a desordem – ----- Diminui o fogo. 6 horas começavam

[116]

a retirar subiu o alto do Mário, fazenda velha de Canudos, a 340 metros do arraial. Caiu a noite. Noite horrível. -----⁵⁵ Homens, feridos, cavalos, carroças de artilharia etc não ocupavam uma área de 400^m; os gemidos feridos misturavam-se urros animais famintos e no meio das ordens os comand^{ts} das frações resolveram a retirada para o dia seguinte o que foi comunicado a Moreira César pelo cap^m Olímpio de Castro. César respondeu que resistissem, reunissem a a [*sic*] força para o ataque na manhã seguinte. O conselho porém reiterou a sua resolução justificando-a com a falta de munição e desânimo da soldadesca. Então Moreira César respondeu determinando que se fizesse

55 Palavra riscada e [*ilegível*] [N. do C.].

uma ata declarando que todos eram covardes e que pusessem bem patente o seu covarde; que se retirassem e fizessem -----⁵⁶ dele o que quisessem. Foi definitivamente assentada a retirada. A noite passou-se em plena calma.⁵⁷ Na madrugada do dia 4 os nossos soldados que formavam o pretenso quadrado ao avistarem os jagunços que passeavam na praça de Canudos romperam sobre eles intenso fogo. Então ouvimos tocar o sino da igreja velha e ato contínuo sobre nós caíram as balas; da nossa parte começava a retirada. Desorganização completa. Partia uma pequena vanguarda de soldados todos os corpos comandada alf^s 9.º João Ferreira de Carvalho – gradativamente começavam a sair os feridos, 280, o coronel César morto, vinha carregado. Artilharia começava a procurar marchar, quando diversos oficiais dirigiram-se a Tamarindo mostrando-lhe a conveniência de fazer-se alguns tiros de canhão a fim de fazer calar os fogos jagunços.

56 Palavra riscada e [*ilegível*] [N. do C.].

57 Palavra riscada e [*ilegível*] [N. do C.].

[117]

Efetuuou-se e fogos jagunços cessaram. Protegidos pelo fogo artilharia continuou retirada até que os jagunços a perceberam e fizeram fogo por todos os lados; pouco a pouco a coluna foi-se dissolvendo até que perto do Angico foi abandonada a artilharia com sacrificio Salomão e artilheiros, picados a facão e a foice pelo inimigo – O pânico manifestou-se então então [*sic*] em toda a coluna. Ouvíamos repetidamente os toques de “meia volta, alto” e os oficiais gritavam, mas os soldados não atendiam e aumentava a fuga e a corrida. Um tumulto! Os jagunços perseguiam sempre. O coronel Tamarindo passa a galope dizendo que ia contra a vanguarda quando caiu gravemente ferido. (O alferes Manuel Pereira de Carvalho interpelou Tamarindo) Dizem que alguns soldados tentaram carregá-lo.

Retirada Domingos Leite

O que é verdade é que ao chegar o tte. D. Leite ao Angico logo após a passagem do riacho encontrou ao lado direito da estrada, deitado, Tamarindo, morto e despojado e que sendo o tte. Leite neste momento interpelado por alguns soldados entre os quais o soldado bispo

do 5.º de posição sobre as desgraças da brigada respondeu-lhes

– Filhos! eu não sou oficial arregimentado, não tenho influência sobre as tropas, nem jeito p^a comandar.

Respondeu-lhe o soldado:

– O sr. é tenente, assuma o nosso comando e vamos resistir.

Como de fato formou-se em torno do tte. um grupo de cerca de 60 soldados, dispostos p^a tudo, aos quais pouco depois se juntaram o tte. Aristides

[118]

Teodoro Pereira de Melo, alferes Armando Calazans do 9.º de int., alferes Eneias Leocrácio Álvares do 7.º, alfs. Marinho que trazia a bandeira do 9.º e alfs. Artur Ribeiro e cadete aluno Teodomiro Ramos de Queirós. Seríamos ao todo 70 e resolvemos, juramos, morrer ou fazer a retaguarda da brigada. Começam os martírios. Era meio-dia do dia 4. Linha a linha disputamos o terreno ao inimigo, ora perdendo um soldado, ora obrigados a abandonar um ferido, servindo-se de todos os acidentes do terreno, algumas vezes mesmo perdendo um oficial ou soldado que protegidos

pela nossa resistência fugiu – viemos chegar às 7 horas da noite ao Rosário onde encontraram ainda as fogueiras feitas anteriormente pelos que retiravam adiante. Tte. Leite e tte. Aristides Melo, alfs. Armando Calazans, alferes Leocrácio e cadete Teodomiro eram os que restavam assim como Furriel Carneiro Monteiro de art. e o Furriel Freitas do 9.º de inf., um cabo e soldados, perfazendo ao todo 32 homens. Ninguém tinha comido desde a véspera. Alguns soldados e especialmente bispo tinham um pouco de carne com farinha nos bornais e na beira do magnífico tanque do Rosário, protegidos pela noite este resto da expedição matou uma fome de dois dias!

O tte. Leite que tinha tido informações sobre o terreno que à direita da estrada antiga lhe constava haver um atalho que levava diretamente a Monte Santo e que à vista da situação em q. estavam e do abando [*sic*] completo

[119]

de seus companheiros, entendia que não se devia seguir mais a estrada geral e sim enganar o inimigo internando-se na caatinga. Resolvido por todos inclusive soldados um voto de confiança ao chefe este traçou a marcha e

acamparam na orla da caatinga. Aí dormiram quando às 2 horas da noite foram acordados por uma grande descarga dos *jagunços*. Os soldados puseram-se a postos mas foram proibidos de responder ao fogo e levantou-se o acampamento silenciosamente internando-se cada vez mais na mata. Começou o tte. Leite a funcionar ora como engr.º, ora como com^{te} e traçou a estrada rumo sudoeste procurando descobrir o tal atalho que os deveria salvar. Às 3 horas da manhã acamparam de novo embaixo de um pé de imbuzeiro mas não puderam continuar a marcha visto como as macambiras impediam q. eles a fizessem – às 5 horas do dia 5 foi o acampamento despertado por novas e sucessivas descargas dos *jagunços* mas q. já demonstravam q. eles se achavam a uma grande distância porq^{to} não se ouvia nem se sentia o sibilar das balas e simplesmente o ruído da descarga. Assim, amanheceu o dia 5 de março.

Mangabeira

Pontas do Carmo n.º 29⁵⁸

58 Palavras tremidas, em letras muito grandes, parece que escritas andando ou a cavalo [N. do C.].

[120]

Depois do desastre

.....

.....

.....No dia 6 pela madrugada chegava à capital da Bahia o comandante de Monte Santo sem nada adiantar (traço característico da velocidade do recuo) – A notícia chegou à Bahia dia 6. Armaram-se logo meetings patrióticos. Seguiram logo da Bahia p^a Queimadas no dia 9 360 praças. No dia 7 já se achavam em Queimadas m^{tos} oficiais e praças da expedição (De Queimadas a Canudos 200 quilômetros seguros). Dia 9 seguiu Queimadas tte.-coronel Siqueiras Meneses a fim de tratar de fortificar base operações. O governo em comunicação direta com o comando distrito da Bahia.

Dia 9.....

.....

.....

Embarque festivo do 16.º B^m no dia 9 p^a Queimadas

.....

.....

[121]

Chega no dia 10 à Bahia trem especial conduzindo oficiais e 60 praças feridas. 13 oficiais entre os quais o tenente Antônio Figueira que comandava a vanguarda de Moreira César. Comoção geral. Continuam (dia 11) versões controvertidas sobre os mortos e Lenda do Cabo Roque. Governo da Bahia decreta criação 5.º corpo polícia. Na sessão do dia 8 do Clube Militar do Rio lê-se carta Manuel Vitorino. Continuam a apresentar-se em Queimadas oficiais e praças salvos.

Trecho do telegrama de Artur Oscar:

— Todas as grandes ideias têm seus mártires, nós estamos votados ao sacrifício do qual não fugimos, para legar à geração futura uma República honrada, firme e respeitada.

Verifica-se crescente o número de salvados, telegrafando de todos os pontos.

.....

.....⁶⁰ (Disse o tenente Francisco de Ávila) (Tenente Ávila e 5 praças carregaram no princípio da retirada numa padiola cadáver Moreira César)

⁶⁰ Linhas riscadas por Euclides [N. do C.].

Informações – Canudos grande cidade 3 000 casas! Palacete do terrível Vila Nova.

Até o dia 11 haviam-se apresentado em Queimadas 74 oficiais.

Novos pormenores: moço bem vestido que cai morto em Canudos –

Moreira César na tenda de Figueira.

Figueira caiu ferido em Canudos – salva-o carregando o cadete Teodomiro (acrescentar)

O 7.º perdeu na ação 11 oficiais

Noite do ataque n.º de mortos era de 250

Comando distrito Bahia informa data de 7 ao ministro sobre o desastre.

Meeting do Rio de Janeiro:

“O povo do R. J. reunido em meeting e ciente do doloroso revés das armas⁶¹legais..... nos sertões da Bahia, tomadas pela caudilhagem monárquica e congregado em torno do governo, aplaudindo a todos os atos de energia cívica que praticar pela desafronta do exército e da Pátria, aguarda ansioso a pronta sufocação da revolta

61 Riscada a palavra “republicanas” e escrita por cima “legais” [N. do C.].

[122]

Boatos de assassinato João Alfredo, Rui
Barbosa e outros.

.....⁶²

Os alunos da E. Militar do Ceará telegrafam
A. Oscar p^a seguirem Canudos. Os congressos
e governadores dos estados telegrafam ao pre-
sidente da República. Divergências. Ataca-se e
defende-se governador Bahia e vice-presidente
República. Nomeia-se dia comissão de enge-
nharia p^a funcionar novas operações. Cidadãos
suspeitos detidos na Bahia! Procissão dos
Passos na Bahia; súplicas irrompendo dentre
o povo

Chega no dia 13 à Bahia 5.º regt.º art. (Perto
de Monte Santo aparecem fanáticos vestidos
com as fardas dos soldados)

Novos nomes das ruas. Missas – sufrágios
14 de março a imprensa baiana pro-
testa contra a pecha monarquista –
Protesto em toda a linha. (.....

.....

62 Linhas riscadas, denotando hesitação, má informação
[N. do C.].

te deserta) (ver segunda página, primeira coluna *Diário Notícias* 16 de março – sobre estado do sertão após derrota César)

No dia 9 sai de Jeremoabo para Aracaju o 26 B^m

.....
.....
.....⁶³

Afinal a pedido de republicanos (?) não partem as [*ilegível*]

(Ver quando tratar esboço plano campanha 2^a pág. 2^a coluna “Jornal Notícias” 17-3)

Boatos de tomada de Monte Santo e Jeremoabo pelos fanáticos.

Começa-se a organizar o 5.º de polícia da Bahia – só com sertanejos.

Gal. Oscar segue logo dia 19 para Queimadas com o 14 B^m – seguindo no outro dia o 27 –

63 Linhas riscadas, idem [N. do C.].

[123]

governo ordena Comando Distrito Bahia in-
 quérito militar sobre sucessos Canudos con-
 trovertidos. Subscrição favor família Cabo
 Roque.

No dia 18 regressa de Queimadas p.^a Monte
 Santo o 16. —

.....

.....⁶⁴ Passa em Pombal numeroso grupo p.^a
 Canudos.

Organiza-se Bahia efêmero B^m Silva Jardim.
 Declaração do quarte-general do exército.
 Está verificado q. as forças do comando do cel.
 M. C. compostas de 1 200 a 1 800 homens, ape-
 nas atacaram Canudos de 700 a 800 homens,
 pois tendo ficado na capital cerca de 300, em
 Queimadas e Monte Santo mais de cem, veri-
 fica-se com efeito aquele efetivo. Do pessoal
 que estava na ação já se apresentaram m^s de
 500 praças — Afirma-se a notícia recebida com
 entusiasmo da prisão de João Abade.

(Ver sobre manifestações dos governadores dos
 estados *J^{al} Notícias* dia 21-3)

⁶⁴ O pontilhado, bem como o que se encontra mais
 adiante, indicam linhas anotadas e depois eliminadas por
 Euclides [N. do C.].

.....

 Dia 23 de março seguiu Queimadas 5.º regt.º
 atr.^a Sabe-se afinal ficaram em poder dos ja-
 gunços 50 000 cartuchos de Mannlicher e ou-
 tros tantos de Conblains, além da artilharia
 além de 400 Mannlichers excluídas outras.
 (Ver na 2.^a pág. do *Jornal Not.* de 22-3 depoi-
 mento tenente Ávila sobre combate Canudos).
 Parte no dia 24 para Queimadas o 25 R^m. Em
 contraposição à notícia acima afirmou o tte.
 Francisco de Ávila e Silva que o efetivo das
 forças de Moreira César era de 1 476 homens –
 Haviam ficado em Queimadas 80 e tantos e em
 Monte Santo outro tanto – entrando em com-
 bate 1 200. No dia 19 já havia em Queimadas 1
 087 praças.

O proprietário da casa onde reside a viúva do
 cap^m Salomão (*Jornal de Notícias* de 26-3)

[124]

– Marcha das forças do general A. Oscar –
 Dia 9 de junho – Inaugurou-se linha teleg. –
 feita pela comissão de eng^{ros} José de Siqueira
 Meneses – chefe – cap^m Casimiro de Carvalho e
 Silva, tenentes Domingos Ribeiro, Domingos

Alves Leite, Alfredo Soares do Nascimento, alfs. Ponciano Francisco Pereira, ajudantes e auxiliares.

Dia 20 – Partiu de Monte Santo o gal. Artur com seu estado-maior, às 7 horas chegando ao Rio Pequeno às 9 onde acampou. Chegou uma hora depois gal. Barbosa com seu e.-m. e as 1.^a e 3.^a brigadas comandadas pelos coronéis Medeiros e Flores com um total de 1932 homens. Gal. Artur daí partiu no mesmo dia com o e.-m. e piquetes às 4 1/2 da tarde, tendo à frente o 9.º b^m. Chegaram ao Caldeirão Grande às 6 horas da tarde. Foi aí cumprimentado por muitos oficiais, entendendo-se de passagem com o cel. Gouveia comandt. da 2.^a brigada. Mais adiante no acampamento do 5.º regt.º de art.^a conferenciou com o cel. Ant.º Olímpio da Silveira. Às 6 e 45 seguiu p.^a a frente com destino a Jitirana onde acampou o 25.º batalhão. Ali chegou às 8 1/2.

Dia 21 – Chegaram à fazenda Gitirana⁶⁵ ao meio-dia a brigada de artilharia (que deixou em Caldeirão um canhão de tiro rápido) e às 2 horas a 1.^a brigada.

Dia 22. A 1.^a brigada levantou acampamento às 7 horas fazendo a vanguarda o 7.º, o centro o 14 e a ret. a cavalaria. O general seguiu às 7 e 25 fazendo o 25 a vanguarda, o 5.º regt.º o

65 Linha acima está Jitirana, com Jenão G, como aqui [N. do C.].

centro e o 9.º batalhão e cavalaria a retaguarda, chegando a brigada ao Juá às nove horas e o gal. às 9 e 45 onde acampou e a artilharia 3 horas depois. Chegaram às 4 horas o general Barbosa com a 2.ª brigada – Acamparam em pontos diversos.

Dia 23 – Levantaram acampamento às 8 horas chegando à lagoa da Laje às 11 horas. Foram ouvidos tiros. Aproximou-se uma praça avisando que o piquete havia-se encontrado com alguns jagunços perseguiu-os, conseguindo prender um que com outros destelhavam e queimavam a casa da fazenda desse nome. Imediatamente o cel. determinou que ele fugisse – repetindo sempre – estou aqui a mandado de meu amo e de meu governo e ao ser posta em execução a ordem dada proferiu: Viva o nosso Bom Jesus, nosso bom salvador e o imperador! E assim exalou o último suspiro. Seguiu um ajte. comunicar o fato ao comdt. da 1.ª coluna.

No Juá ficou a 1.ª brig. guardando a de art. com ordem de levantarem acampamento às 11 horas do dia com destino a esta fazenda, acampando dois quilômetros distante dela, por ser preciso abrir-se picada para a passagem dos canhões.

Foi ordenado à força de cavalaria que percor-

[125]

resse os arredores, observando. O general Barbosa da 2.^a brigada e a ala de cavalaria chegaram às 11 e 50 e a comissão de eng^{ros} com os contingentes de eng^{ros} e polícia às 2 e 20 da tarde. Às 9 da manhã seguiram p.^a abrir picadas na ret, p.^a passagem art. 20 praças e 2 oficiais eng^{ros}.

Foi preso por 25 dias o alfs. aj^{te}-de-ordem da 3.^a brigada Francisco de Paula Cisneiros Cavalcanti por ter, ao receber uma ordem do comando-em-chefe, feito meia volta com o seu cavalo e partido a galope.

Dia 24 – Chegou a 1.^a brigada que ficara a 2 k. com a art.^a às 8 horas da manhã. Às dez chegaram 32 cargas de farinha e sal e milho. Às 11 e 15 o general com^{te} da 1.^a coluna fez seguir a 1.^a e 3.^a brigadas e a ala de cavalaria p.^a a frente, permanecendo nesta fazenda a 2.^a a fim de proteger a art.^a que ficou à ret. Às 11 e 40 seguiu o gal. Oscar encontrando Barbosa seguindo juntos até Juetê. Barbosa seguiu por achar-se na frente a 3.^a brigada que por sua ordem acamparia no Rosário.

Dia 25 – O gal. Artur que no Juetê acampou só com o estado-maior e piquete levantou acampamento às 7 chegando a Rosário às 8 e um quarto acompanhando os cargueiros

que conduziam bagagens e gêneros. Às 11 e 15 chegou a 2.^a brigada deixando à ret. o 27.^o b^m protegendo artilharia. Às 12 e 40 chegou a mesma, acampando à esquerda do acampamento. A pequena distância de Rosário foram ouvidos quatro tiros, apressando logo o general por chegar ali onde encontrou Barbosa pronto e com ele seguiu p.^a o lugar de onde eles, os tiros, partiam. Lá chegando encontraram em poder do com^{te} do piquete 2 sacos de farinha deixados pelo inimigo. Às 2 horas entraram no acampamento 100 bois que acompanhavam a força p.^a seu consumo. Às 4 e meia um dos piquetes avançados prendeu um jagunço pequeno ferido numa das pernas; foi medicado. Seguiu a 3.^a brigada em diligência para o lugar chamado Baixas, às 5 horas da tarde ordenou o gal. que se não fizessem mais toques de corneta.⁶⁶

Dia 26 – O gal. que levantara acampamento do Rosário às 7 e 15 chegou ao lugar denominado Baixas às 8 e 45, tendo encontrado em caminho e com^{te} da 2.^a coluna e seguido juntos até o rancho do Vigário, onde acamparam.

66 Na série de páginas que estamos vendo, a lettrinha do original manuscrito se apertou, economizando papel (?) e daí a inexistência de espaços brancos na composição [N. do C.].

[126]

Às 6 horas da tarde chegou a brigada de art. deixando à ret. o canhão 32 e um⁶⁷ tiro rápido por ter o primeiro atolado num pântano e o segundo virado, ambos a pequena distância do acampamento. Foi relevado a Cisneiros resto prisão.

Dia 27 – Os canhões retardados chegaram às 7 horas. Os generais Oscar e Barbosa passaram revista geral às forças antes de levantarem acampamento – o que se realizou às 8 horas em ponto. Os engenheiros construíram três aterros por onde passou a art.^a ao meio-dia. À 1 hora, no Angico, foi a vanguarda surpreendida com tiros de emboscada sendo nessa ocasião determinado que fosse guarnecido esse lugar – seguiram alguns piquetes.

Um dos canhões Krupp deu 3 disparos dispersando o inimigo. Mais adiante foi gravemente ferido um cabo e morto um soldado, ambos do 25 b^m, com tiros inimigos de trincheiras invisíveis. Às 3 horas o inimigo novam^{te} de emboscada, deixou passar a força q. fazia a vanguarda e aguardou q. num alto pouco íngreme chegasse o gal. com seu est.-maior e piquete

67 Parece faltar aqui a preposição *de*, assim se tratando de um outro canhão pequeno, ou bateria de tiro rápido, de 37 mm, existente entre as forças federais [N. do C.].

p.^a romper a fuzilaria. Deram-se 2 tiros de canhão 7 1/2.

Às 6 e 33 minutos começou o bombardeio de Canudos, tendo sido colocadas no alto da Favela 4 peças, rompendo o inimigo vivo fogo pelos flancos, frente e ret. das forças q. assim mesmo tomaram posição ficando a 2.^a brigada à esquerda e a 3.^a à direita – tendo aí permanecido os generais até o dia seguinte.

Este combate principiou às 6 e 33 e terminou a 1 e 31 da noite tendo sido feridos 3 oficiais e muitas praças.

A 1.^a brigada ficara à ret. em proteção ao canhão 32 e um tiro rápido que chegaram na madrugada do dia seguinte. O 32 ao chegar foi logo posto no alto da Favela, mas a 1.^a brigada ficou na ret., de prontidão.

Dia 28

Às 6 horas começou o bombardeio – feito por 3 canhões de 7 1/2, um⁶⁸ tiro rápido e o 32, à distância de 1 300 metros, rompendo também fortíssima a fuzilaria inimiga.

Às 6 e 25 uma bala de 7 1/2 detonou no telhado da igreja velha. Às 6 e 30 uma

68 Idem, idem [N. do C.].

[127]

outra de igual calibre atingiu o adro mas não explodiu – continuando o fogo de fuzilaria cerrada até ao meio-dia, diminuindo, porém, de parte a parte dessa hora às 2. Daí em diante continuou tremenda fuzilaria.

Deixando a *art.^a de bombardear* por terem sido feridos quase todos os officiais – falecendo nessa ocasião o cap^m fiscal *Nestor Vilar Barreto Coutinho*. Quando começou o combate o cidadão general com^{te}-em-chefe notou que a munição de inf.^a existente não dava para corresponder ao vivo fogo inimigo e mandou seguir para a ret. o cap^m João Luís de Castro e Silva, assistente do deputado da repartição do quartel-mestre-general e o escriturário da mesma rep^m Alferes José Coelho Maciel, a fim de apressarem a vinda do comboio. Duas horas depois ainda mandou o 1.^o tte. Sebastião Lacerda de Almeida e o alfs. Leovigildo Álvares dos Prazeres, regressando ambos por não terem conseguido romper a fuzilaria do inimigo que cortara a retaguarda – Às 7 horas da manhã faleceu o cel. Thompson Flores coman^{te} do 7.^o b^m. Morto o cap. João Militão do 14; às 11 horas o alfs. do mesmo Honório Lins. Apertou o fogo das 4 1/2 às 6, parando a esta hora – mas durante a noite tirotearam. Às 8 horas

chegaram coronéis Campeio e Serra Martins – este com a sua brigada – aquele com o 5.º corpo de polícia da Bahia (433 homens sob o comando do major Salvador Pires) trazendo o comboio retomado ao inimigo pela dita brigada – Ficando ainda assim em poder do inimigo munições de boca e de guerra. Às 8 horas do dia esgotou-se a munição de infantaria. Recorreu-se aí das praças mortas e feridas. Seguiu um próprio urgente, a chamar o general Savaget que chegou às 10 horas com o coronel Teles. Uniram-se as colunas às 11 horas do dia.

Dia 29 – Começou enterramento praças mortas às 6 horas, assim como de oficiais.

Abateu-se gado e foram distribuídos gêneros das 7 às 10 horas. Às 11 horas começou o bombardeio da art.^a, respondendo logo a fuzilaria. O 16 seguiu à retag. a fim de arrecadar resto munição deixada pelo comboio quando atacado. Assumiu o comando do 14 o cap^m Ant.º Valério dos Santos Neves. Foi construída uma trin-

[128]

cheira no lado esquerdo do q^{el}-g^{al}-em-chefe e hospital de sangue – principiando o canhão a lançar granadas 2 horas depois. Por ter sido

ferido ontem o chefe de polícia do acampamento foi substituído pelo alfs. do 25 Raposo, que logo tomava posse do lugar. Detonou às 2 horas da tarde um barril de pólvora de art.^a devido a uma bala explosiva do inimigo. Foram feridas duas praças mortalmente e morreu o d^{or} Alfeu Augusto da Gama (médico) falecendo o 2^o tenente Odilon. Foram durante a noite enterrados oficiais, praças e animais que já estavam em putrefação. O inimigo tiro-teou fortem^{te} durante a noite.

Dia 30 – Começou o bombardeio às 6 horas rompendo a fuzilaria quando o acampamento foi atacado. Os oficiais que permaneceram junto ao hospital de sangue tratando de assuntos de guerra fizeram seguir logo toda a força que nessa ocasião passava por eles e os inimigos foram rechaçados. Seguiu ao meio-dia a 1.^a brigada p^a a retag^a a fim de proteger o comboio destinado às forças até as Baixas onde acampou.

A art^a deixou de atirar das 9 1/2 às 11 e 50 devido a fuzilaria inimiga – o bombardeio, porém, prosseguiu das 11 e 50 até ao anoitecer. Durante a noite todas as trincheiras foram reconstruídas, pois haviam ficado em mísero estado. Foi rudemente hostilizado o acampamento. Q^{do} se começava a fuzilaria inimiga feriu m^{tas} praças.

1 de julho – Seguiu ainda um piquete de cavalaria p^a também proteger o comboio na retaguarda. Continuava a enterrar-se praças e animais falecidos. Às 2 horas da tarde quizeram tomar os jagunços a artilharia dando um assalto ao acampamento. Deram-se cargas cerradas de baionetas por toques de cometas resultando o aniquilamento dos assaltantes. Morreu um soldado do 5.º b^m devido a mandioca que comeu. Os jagunços atacaram fortemente a fonte e o posto de carneação.

Ao anoitecer descobriu-se ao lado direito do acampamento trincheiras de jagunços de onde rompeu fuzilaria.

Enterraram-se à noite praças e animais feridos⁶⁹

[129]

O mesmo se fez com 10 jagunços. Expediu⁷⁰ ordem por um próprio à 1ª brigada que estava nas Baixas p^a ir a Monte Santo buscar gêneros por terem os jagunços se apossado de um

69 A frase, dificilmente legível, se é esta mesmo, evidencia pressa. A última palavra seria “falecidos”. A página, aliás, refere enterros por três vezes [N. do C.].

70 Entre “Expediu” e “ordem” há palavra curta, [ilegível], parecendo riscada [N. do C.].

grande comboio de forças perto do mesmo lugar, sendo retomado parte deste.

Dia 2 – O com^{te}-em-chefe ordenou à 1^a que fizesse entrega à 2^a de bois necessários ao seu consumo. A art^a principiou o bombardeio às 5 1/2 da manhã. Carneou-se debaixo de balas inimigas, saindo feridas 2 praças. Tiroteio durante o dia inteiro. Às 9 1/2 a art^a deu 4 tiros de 7 1/2. Durante a noite enterraram-se praças e animais falecidos. Foram consertadas armas e construídas outras trincheiras. Só houve gênero para os doentes (farinha e sal)

Dia 3 – Durante a noite foram enterrados praças e animais falecidos. Começou-se às 11 horas do dia. Tiroteio constante – praças feridas. Seguiu à 1 hora da tarde o 31 a fim de arrebanhar gado voltando às cinco horas, trazendo algumas cabeças. Neste momento um dos canhões deu um tiro certo que explodindo que [*sic*] levantou muita poeira dando lugar a q. os jagunços fugissem pela esquerda do acampamento em um fogo cerrado. O inimigo feriu m^{tas} praças que foram buscar água na fonte. Apenas houve farinha e sal para ser dado aos doentes.⁷¹

71 As duas últimas frases – entre “O inimigo” e “aos doentes” – encontram-se riscadas por um traço vertical forte [N. do C.].

Dia 4 – Foram enterrados 10 barris de pólvora a fim de evitar explosão. Até meia-noite enter-raram-se praças e animais. A fim de reunir-se à 1ª brigada que está na retg, seguiu um piquete de cavalaria de 30 praças, e um oficial, um inf^{or} e um cabo às 5 1/2 da manhã. Seguiu tam-bém às 10 horas do dia a 5ª brigada em auxílio da 1ª. Somente as praças doentes no hospital foram pagas (farinha e sal). Acampamento varejado de balas à noite. Foram arrebanha-das 35 cabeças de gado do inimigo.

[130]

Dia 5 de julho⁷² – Às 5 horas da manhã segui-ram 2 corpos pa. a retagurada pa. desalojar um grupo de jagunços que estavam numa pi-cada regressando depois de tomá-la, um às 10 horas do dia e outro às 1 da tarde, vindo feri-das 3 praças. No hospital de sangue foram fei-tas 20 operações sendo uma no alfs. Sucupira

72 Nesta página do manuscrito somente algumas frases não se encontram como que eliminadas por fortes traços verticais – a que vai de “No hospital” até “servia na artilharia”, a que começa em “O acampamento” indo até “balas explosivas” e as duas últimas, de “Abateu-se” até o final. As demais – representando a quase totalidade da página – estão riscadas. Tais marcações indicam, não raro, trechos acolhidos no livro [N. do C.].

q. servia na art^a. Regressou a 5^a brigada das Baixas onde fora esperar a 1^a – dizendo seu com^{te} que ali se encontravam cangalhas e farinha desarrumada pelo chão e que haviam sido tomadas pelos jagunços. Somente aos doentes foi paga meia ração de etapa, não havendo [*ilegível*]

O acampamento foi atacado por todos os lados à noite. A art. principiou o bombardeio às 6 horas da manhã, terminando às 6 da tarde – demoradamente.

Dia 6 de julho – Da 1 às 4 horas os jagunços. Às 10 1/2 da manhã seguiu em diligência a 2^a brigada. Menos de meia ração de farinha e sal foi paga a cada doente. Durante a noite o inimigo atirou no acampamento com balas explosivas.

Dia 7 de julho – Começou o bombardeio às 6 horas. Ao mesmo tempo o inimigo atirou para os nossos flancos esquerdo e direito até as 8 horas da noite. Foram abatidas 15 reses tiradas ao inimigo. Nem aos doentes foi paga a ração. Não havia gêneros. Tiroteio à noite. Dia 8 – A artilharia deu 3 tiros de Krupp parando até 1 hora. Daí às 6 deu mais 5 tiros. Foram abatidas 7 reses tiradas ao inimigo.

Dia 9 – A artilharia principiou o bombardeio às 6 horas, atirando com largos intervalos até as 2 horas – em que vivíssimo fogo inimigo fez

com que o bombardeio aumentasse de vigor fazendo calar os tratantes.

Desertaram 21 praças do 33 b^m

Abateu-se algum gado insuficiente para as forças. Às 8 horas da noite

[131]

a art^a descarregou a um tempo 4 canhões Krupp e 1 de tiro rápido.

Dia 10⁷³ – Dos 21 soldados do 33 apresentaram-se 2 dizendo que haviam desertado por causa da fome. Às 10 horas foi ferido o tte. do 7.º b^m João Campos. A art^a deu ao romper do dia 3 tiros porque os jagunços atacavam fortemente com balas explosivas o acampamento pelos flancos. Às 5 horas da tarde chegou a ala esquerda do 15 b, que fazia parte da 2^a brigada das Baixas – trazendo duas cargas de munição de art^a e um boi. Durante a noite o imigo [*sic*] atacou os piquetes avançados.

Dia 11 – Foram carneadas 20 reses. Não houve regímen nem para os doentes. O inimigo ataca as linhas sendo repellido. Às 5 horas da tarde chegou um próprio do com^{te} da 1^a

73 A frase está cortada por forte traço vertical. O mesmo se observa entre “Às 5 horas da tarde” até “para os doentes” [N. do C.].

brigada acompanhado por 3 praças de cavalaria com ofícios p^a os generais A e B, pedindo força pa. proteger grande comboio que trazia. Imediat^{te} seguiu um próprio ao cel. Gomes que se achava nas Baixas com a sua brigada fosse em auxílio da 1^a. Ao receber esta notícia o gal. Useno⁷⁴ mandou tocar alvorada, as músicas dos corpos – notando-se viva satisfação em todos, pois não havia notícia alguma da 1^a brig.

Dia 12 – O 25 b^m seguiu em auxílio ao comboio da 1^a b. Pelas 8 horas os jagunços atacaram com fuzilaria o acampamento pelo flanco esquerdo e pela frente, parando às 9 e 15 – havendo nos piquetes e corpos 10 praças feridas – ignora-se se houve mortos ou feridos no inimigo que atirava a grande distância. O 5.º b^m foi arrebanhar gado voltando com 3 bois. Foram, à noite, reconstruídas as trincheiras. Para a artilharia seguiu às 6 horas da tarde um reforço de 100 praças, além do corpo que se acha junto à mesma. Na cauda do acampamento foi feito um cercado para os bois trazidos pela 1^a brigada.

74 A palavra é de difícil leitura [N. do C.].

[132]

Dia 13 – O comdte. da artilharia às 7 horas da manhã, observando com um binóculo os jagunços notou que na esquerda do acampamento mtos. deles estendiam-se em grande linha de atiradores. O gal.-em-chefe mandou reforçar toda a nossa linha daquele lado. Deu-se depois três disparos de 7 1/2 que os dispersaram. Verificou-se depois que intentavam assaltar o comboio. Às 3 1/4 da tarde entraram a 1.^a e 2.^a brig. e o 25^o bm comboiando munições e 700 reses. Contentamento geral. Foram distribuídos logo gêneros – tocando um litro de farinha por praça. Somente os doentes do hospital tiveram café, açúcar e bolachas. Ao recolher tocaram as músicas de todos os corpos.

Dia 14 de julho – Às 6 da manhã a artilharia deu uma salva de 21 tiros para Canudos. Desta hora às 10 distribuiu-se carne verde, farinha e sal às forças, sendo farinha e sal a meia ração. Aos feridos deu-se mais açúcar e bolachas. Das 5 às 6 da tarde a artilharia deu outra salva de 21 tiros com balas para Canudos. Seguiu p.^a Monte Santo um próprio com officios, cartas, telegramas etc.

O inimigo esteve mais calmo

Dia 15 – Das 6 às 10, distribuição de gêneros. O açúcar e bolachas dos doentes foram

diminuídos. Às 11 horas um grupo de jagunços desfilava acompanhado de mts. mulheres pela direita do acampamento, conduzindo cruces. O gal. Barbosa mandou o 25 atacá-los; o bm voltou às 3 horas sem os ter encontrado. Tiroteio na guarda da frente. Às 5 1/4 um soldado do 16 qd.º ia de seu corpo p.^a o 32 visitar um irmão, foi morto por uma bala. O sargento-ajudante do 9.º foi gravemente ferido qd.º passava de um para outro acampamento. O 32 seguiu em diligência p.^a tomar alguns animais que os jagunços haviam roubado do pasto – voltando sem os ter encontrado.

Dia 16 – Regressou um próprio de Monte Santo trazendo cartas etc – e voltou levando correspondência – tendo recebido a gratificação de 200\$.

Às 10 horas do dia seguiu o tte.-cel. Siqueira com o 7.º bm p.^a fazer um reconhecimento e construir trincheiras à esquerda do acampamento.

À 1 hora da tarde seguiu em proteção àquele bm o 5.º de inf.^a voltando apenas com

[133]

3 praças feridas, tendo tomado 3 trincheiras inimigas. O bombardeio começou às 7 horas. Distribuiu-se gêneros: farinha 1 litro para 7 praças, sal em pequena quantidade e carne ração completa. Das 11 à 1 os jagunços tirotearam fortemente. a art.^a No pasto foram mortos um soldado e um cavalo.

Dia 17 – Mesma distribuição de gêneros q. no dia anterior. Seguiu às 7 horas da manhã um piquete p.^a proteger os soldados que cuidam dos animais no pasto. O 15 bm com 2 oficiais de engh.^a fez um reconhecimento na esquerda. Seguiu depois um auxílio ao 5.º de inf.^a – voltando à base sem novidades. Foi distribuído pelo deputado do quartel-mestre-general, aguardente.⁷⁵

Dia 18 – Às 4 horas da manhã os generais Artur e Barbosa percorreram as linhas desenvolvidas dos corpos que se destinavam ao assalto contra Canudos. De cada coluna ficou p.^a garantir o acampamento uma brigada. A 1.^a coluna fez a vanguarda e a 2.^a a ret.^a. O 30 bm marchou na frente, o 14 na sua retaguarda. Os generais deixaram passar a 1.^a e seguiram com a 2.^a. A artilharia começou o bombardeio às 6

75 Seguem-se três palavras ilegíveis, riscadas horizontalmente [N. do C.].

horas. Acompanhando ao coronel Teles o seu piquete de lanceiros de 45 homens, os generais seguiram com o mesmo coronel até aonde começou a forte fuzilaria inimiga que apertou a partir das 7 horas.

Os generais A e B chegaram até 200 metros das igrejas. Das 7 às 3 o fogo foi terrível e por todos os lados. Às 9 horas a força penetrou em Canudos faltando apenas tomar as grandes [*ilegível*] que tinha o inimigo nas trincheiras. Prejuízo menor, o de oficiais e praças. Ao meio-dia mandou o gal. B. vir do acampamento a 7.^a brigada para reforçar as colunas desfalcadas. Ficaram no acampamento o gal. Savaget ferido, e outros.

O comdte.-em-chefe ordenou que os gêneros fossem distribuídos na posição conquistada e que os feridos que pudessem andar seguissem

[134]

para o acampamento. A brigada chegada acampou em frente ao gtel.-gal.

Dia 19 – Às 5 horas começou horrível a fuzilaria inimiga que continuou todo dia e noite.⁷⁶

⁷⁶ Como acontece com esta, seguem-se outras frases, partes de frases, e nomes próprios grifados no manuscrito. Observa-se a mesma coisa nas páginas seguintes a esta [N. do C.].

O comdte. da 1.^a coluna mandou viessem do acampamento 2 *canhões* que *haviãam ficado numa baixada* para serem *colocados à noite*. Às 12 1/2 *foi ferido em seu acampamento o comdte. da 7.^a brigada*. Às 2 horas depois de ter dado um tiro feliz sobre o *inimigo foi morto o tte. Tomás Braga, de cavalaria, que já estava ferido, tendo-se recusado a ir p.^a o hospital de sangue*. À tarde vieram reses abatidas no acampamento. Só um dos *canhões* chegou, foi posto numa trincheira construída pela com. de engenheiros. *Quando as cometas repetiram o toque de recolher apertou a fuzilaria de tal modo que todos os soldados foram p.^a a forma*. Cessou um pouco às 9 1/2 – mas continuou toda a noite. O *canhão* deu 3 disparos. Poucos ferimentos graves, muitos leves. Chegaram do acampamento munições de art.^a e inf.^a. Durante a noite sepultaram-se cadáveres.

Dia 20 – *Ao toque de alvorada inimigo atacou todas as trincheiras e piquetes, sendo energicamente repellido*. Tiroteio durante o dia. Foi morto um soldado.

Dia 21 – Determinou o gal.-chefe q. os oficiais de seu estado-maior fizessem o serviço de quarto de 2 em 2 horas – Às 11 1/2 chegaram 10 carroças com gêneros do acampamento. Enterraram-se mts. cadáveres. Tiroteio cer-

rado durante o dia. Apresentaram-se 3 oficiais vindo da capital do estado.

Bombardeio das 5 1/2 da manhã às 7 da noite. Chegou de Monte Santo correspondência oficial e particular.

Dia 22 – *Bombardeio começou às 5 horas; distribuiu-se à noite carne aos soldados que estavam na linha de fogo porq. de dia o inimigo impede essa distribuição.* Gêneros distribuídos a meia ração. Do campo de

[135]

combate para o acampamento foram levados todos os feridos. *Inimigo atacou os flancos às 9 horas da noite. Foram feridas 25 praças na linha de fogo. Seguiu em excursão o chefe da comissão de engenharia que ao voltar declarou o inimigo mt. ° forte e que só duas partes do reduto estavam em nosso poder, faltando as mais importantes!* Tiroteio forte à noite.

Dia 23 – *O inimigo pretendeu tomar a retag.ª do campo de batalha às 6 horas da manhã – avançou o 34 e uma força de polícia – resultando 3 inimigos mortos e presa uma jagunça e tomado um surrão de farinha. Todas as linhas*

de fogo foram conservadas. Tiroteio cerrado à noite. Distribuiu-se meia ração e uma rapadura para 14 praças. Estão entrincheiradas três peças que só deram 9 tiros por escassear munição. Do campo seguiu à ret.^a o 34 a fim de proteger um comboio de gêneros e munições.

Dia 24 – A art.^a começou a atirar às 6 horas, demoradamente. Às 8 1/2 da manhã o inimigo *assaltou o flanco direito querendo tomar uma peça*. Resultou sendo feridas praças nossas. A fuzilaria continuou. Chegou um próprio de M. S. trazendo correspondência. *Gratificado com 200\$000*. À 1 hora o inimigo atacou novamente *toda a linha de fogo da direita*. Fuzilaria enorme até 1 e 45 minutos. Gal. Barbosa mandou cessar a fuzilaria do flanco esquerdo p.^a distrair o inimigo. Foram feridos o *capm.-comdt. do 33* e um alferes do mm.^o e outras praças deste e de outros corpos. *Morto o tenente Figueira*. Às 4 horas chegou a metralhadora do 14 e a ala esquerda do 4.^o corpo de polícia sendo aquela posta ao lado do canhão da direita e a ala na linha à retaguarda. Às 7 horas ainda chegaram

[136]

3 cunhetes de munição de art.^a. Gêneros a meia ração. Tiroteio à noite.

Dia 25 – Bombardeio frouxo, falta munição. Inimigo calmo ao dia – forte fuzilaria à noite.⁷⁷

Dia 26 – Bombardeio frouxo. Seguiu cedo um piquete de praças de diversas *armas para arrebanhar gado inimigo* – Às 11 horas chegou um próprio dando notícias de comboio à ret. *Despediu-se o gal. Savaget.* Comboio chegou às 3 1/2 da tarde (Farinha, sal, rapadura, café e fumo) 51 cunhetes de munição de art.^a e inf.^a. Com o comboio vieram 88 praças de polícia e 53 de diversos corpos. Foi mudada para outra trincheira a peça q. estava no centro do campo. Foram tiradas 8 reses ao inimigo. Tiroteio constante. Feridas 5 praças.

Dia 27 – Bombardeio forte. Inimigo diminuiu por isto a fuzilaria. Regressou a Monte Santo o comboio que viera levando *51 oficiais e 249 praças feridas, seguiu protegido pelo 27 bm. D. Agripino seguiu doente.* Gêneros distribuídos a meia ração.

77 Esta página apresenta muitas palavras e números reescritos por cima de outros, parecendo ser reforço a tinta forte [N. do C.].

Dia 28 – Bombardeio forte. Gêneros meia ração. Foi construída nova trincheira p.^a uma peça. Na margem do Vaza-Barris foi posta uma guarda p.^a evitar q. praças fossem sem licença à Favela. Seguiu um piquete p.^a arrebanhar gado. Não houve perdas. Às 2 e 25 da tarde uma granada explodiu em uma casa no correr da Igreja nova e junto à latada, incendiando logo a mesma e repetidos os tiros incendiaram-se outras casas.

Dia 29 – Bombardeio firme. Seguiu às 10 horas um piquete para arrebanhar gado. Gêneros a meia ração. Tiroteio fraco mas persistente do inimigo.

Dia 30 – Bombardeio frouxo. Seguiu piquete arrebanhar gado. Distribuiu-se resto gêneros. Tiroteio mais forte do inimigo, sobretudo à noite.

Dia 31 – Bombardeio frouxo – Seguiu 15 bm para auxiliar o comboio que vinha e

[137]

um piquete p.^a *arrebanhar gado*. O inimigo tomou *20 mulas de art.^a* tendo o gal. Artur mandado fazer carga delas (no valor de 6:000\$) em praças do 5.º de inf.^a que acompanhou o piquete de pastagem.

Dia 1 de agosto – Bombardeio firme. Seguiu piquete *arrebanhar gado*. Chegou às 2 horas à Favela comboio. Tiroteio fortíssimo à noite; poucos ferimentos contudo na linha de fogo. Comboio veio com *105 praças* e 5 oficiais e 38 *praças* de linha. No Juetê ficaram 20 *praças* e um infer. guardando 5 cargas por terem morrido os cargueiros.

2 agosto – Bombardeio regular. Tiroteio violento do inimigo, à noite, contra o flanco direito. Feridas na linha 6 *praças* e 1 morta.

Dia 3 – Bombardeio frouxo. Piquete *arrebanhou* 23 reses. Voltou o comboio. Gêneros distribuídos *menos de meia ração*. Duas *praças* feridas. Fuzilaria forte à noite.

Dia 4 – Às 3 1/2 da manhã inimigo *tentou assalto flanco direito* para tomar o canhão este dispersou-os com dois tiros de granadas. Gal. Artur oficiais telegrafou ao Governo expondo claramente as dificuldades da luta. Tiroteio constante.

Dia 5 – Bombardeio insignificante. Gêneros: 1 litro de farinha p.^a 7 *praças*, 1 litro de sal para 60. Tiroteio.

Dia 6 – Bombardeio insignificante. Tiroteio do inimigo quase nulo durante o dia; violentíssimo porém das 9 horas da noite em diante, atacando o flanco direito. Chegou grande com-

boio às 2 da tarde. Ração completa às praças. Veio com 200 *praças de polícia* e 70 *de linha*.
 Dia 7 – Bombardeio pequeno ao romper da aurora. Seguiu às 9 horas para a Favela o 34 para proteger 137 praças e 8 oficiais que seguiram para a capital

[138]

O dito bm. ficou em Juetê esperando outro comboio. Ração completa às praças.

O 32 substituiu o 34 na linha. Tiroteio forte.

Dia 8 – Bombardeio frouxo. Tiroteio pequeno.

Dia 9 – De 3 1/2 p.^a 4 da madrugada, tiroteio vivo do inimigo no flanco direito, diminuindo depois que a peça deu um tiro de granada. Foram feridas 3 praças e 1 morta. Farinha distribuída 1 litro p.^a três praças todos os demais gêneros ração completa. Poucos tiros de artilharia. Tiroteio inimigo matou no flanco direito 3 praças e feriu uma.

Dia 10 – Como no anterior ataque vivo às 4 horas da madrugada *no flanco direito* cessando com tiros de granada. Pequeno tiroteio durante o dia. Ração completa menos farinha que foi 1 litro p.^a 4 praças. Às 8 e 25 inimigo assaltou *flanco direito e esquerdo* até às 8,45 ficando ferida uma praça. Às 11 horas novo

assalto aos mesmos flancos terminando às 11 e 15 ficando feridos 1 oficial e 2 praças. Às 8 e 35 foi inutilizado o ouvido do canhão do flanco esquerdo. O inimigo correspondeu-se por meio de sinais p.^a serem atacados os 2 flancos.

Dia 11 – Tiroteio frouxo de dia. Entrou um comboio guardado pelo 34. Chegou o pino do canhão 32.

Dia 12 – Bombardeio frouxo. Morreram 2 soldados na linha de fogo e ficaram 2 feridos. Regressou o comboio a Monte Santo e com ele seguiram 173 doentes (60 oficiais e 107 praças) guardados pelo 15 bm. Ração completa.

Dia 13 – Bombardeio pequeno. Um próprio de Monte Santo deu notícia de uma brigada que vinha à ret. Por comunicação do mesmo soube-se que a duas léguas da Favela havia um grupo inimigo de 300 a 400 homens. Seguiu para o lugar um piquete com um inferior. Seguiu p.^a Favela o 32 bm. Na linha de fogo foram mortas 2 praças e feridas 3. Inimigo atropelou o *flanco direito*.

Dia 14 – Poucos tiros de art.^a. Regressou o 32. Inimigo tiroteou.

Dia 15 – Bombardeio pequeno. Às 7 horas da noite chegou à Favela a brigada esperada (22, 24 e 38 bm) comandada pelo major Henrique José de Magalhães. Perdeu a brigada em tiroteio com os jagunços 2 oficiais e 3 praças. O

[139]

comboio *veio intacto mas o gado espalhou-se e chegaram só 7 reses.*

Efetivo da brigada = 56 oficiais e 892 praças.

Dia 16 – Bombardeio frouxo – pequeno tiroteio. Feridas 2 praças na linha. Seguiram 34 bm p.^a Favela a fim de substituir o 16 na linha – indo este proteger o comboio e doentes até o Juetê.

Dia 17 – Idem, idem – *Às 7 horas da manhã foi posta uma bomba de dinamite na igreja velha depois de dados pelo canhão 74 no flanco esquerdo 2 tiros; não produziu bom resultado a bomba que foi posta pelo 2.º sargento do 5 re^{to} de artilharia F^{co} de Melo.*

Dia 18 – Ataque violento do inimigo das 2 da manhã às 5 no *flanco direito*. Bombardeio e tiroteio frouxos durante o dia.

Dia 19 – Foram feridas 6 praças e mortas 3. Às 9 e 10 ataque violentíssimo *ao flanco direito*. Bombardeio. *O inimigo deu sinal de ataque com tiros de bacamarte.* Foram atiradas na linha de fogo do 26 bm 3 bombas de dinamite que não causaram estragos. *O sargento Melo de novo foi à igreja velha pôr uma bomba de dinamite sem resultado.*

Dia 20 – Tiroteio frouxo – pouco bombardeio.

Dia 21 – Das 3 às 4 1/2 ataque violento ao flanco direito. O canhão 32 deu alguns tiros. Não houve novidades nas linhas.

Dia 22 – Nada de novo.

Dia 23 – *Às 11 e 20 foi ferido o gal. Barbosa.* Seguiu o 32 e mais 100 praças do 24 p.^a Favela a fim de trazer o canhão 32 que chegou à 1 hora da tarde. Chegou comboio guardado pelo bm. policial de S. Paulo comandado pelo tte.-cel. Joaquim Elesbão dos Reis, fiscalizado pelo major Jé. Pedro, tendo como ajte. o capm. José Luciano de Carvalho – Efetivo 21 oficiais e 424 praças. Foram feridas nas linhas 5 praças –

Dia 24 – Às 8 horas do dia qd.^o detonou o canhão 32 quebrou-se uma peça que o inutilizou. Foram feridas 7 praças e 1 morta. O 32 bm continuou nos trabalhos de trincheira do rio. *O sino da igreja velha caiu com a fuzilaria.* Às 7 e 25 o inimigo assaltou todos os flancos.

Funcionaram os 3 canhões.

Dia 25 – Bombardeio insignificante. O bm de S. Paulo foi mandado p.^a guarnecer às 7 horas da noite aos 2 canhões do flanco esquerdo à margem do Vaza-Barris. Desertaram 6

[140]

praças do 26 bm. Feridas 2 praças e 1 morta. *O 32 continuou a construir a grande trincheira p.^a a livre passagem pelo rio*

Dia 26 – Bombardeio forte. *Continuou construção grande trincheira.* Tiroteio forte do inimigo 3 praças feridas – 2 mortas.

Dia 27 – Foram feridas 3 praças e morta 1 do 30. Nada de novo à noite – pequeno tiroteio.

Dia 28 – Feridos 2 soldados, 1 do 7.º, outro do 22 e morto um da 1 polícia de S. Paulo. Desertaram 2 praças do 35.

Dia 29 – Tiroteio forte à noite – Feridas 3 praças da 1.^a coluna e 1 praça e 1 oficial da 2.^a. 50 praças do bm de S. Paulo foram reforçar a linha da ret.^a – Distribuição de gêneros: 1 litro para 6 praças, 1 boi para 120 praças.

Dia 30 – Bombardeio frouxo. Distribuição de gêneros: 1 litro de sal p.^a 50 praças, 1 boi para 120. À noite foi reforçada a ret.^a por 50 praças do bm paulista. Ferida 1 praça do 26 bm.

Às 9 1/4 o inimigo assaltou furiosamente o *flanco esquerdo* – tempos depois deu sinal *por meio de um foguete* p.^a ser tbém assaltado o direito – rompendo forte fuzilaria. As peças atiraram assim como a metralhadora do 14 bm. Ferida 1 praça do 5.º corpo no assalto.

Dia 31 – Bombardeio pequeno. A fim de cortar a ret.^a do inimigo que num grande grupo saía de Canudos seguiram às 7 horas da manhã o 34 bm e a ala direita do 22. Regressaram à tarde guardando o comboio. Ferido um cabo do 9.º bm

Dia 1 de setembro – Bombardeio regular pela manhã – Regressou o comboio p.^a M. S. guardado pelo 32 e ala esquerda do 22 indo com ele 57 *praças doentes e 24 oficiais* licenciados p.^a tratamento de saúde. Seguiram cel. Campelo França e tte. Domingos Alves Leite – aquele p.^a tratar da organização de comboios e este p.^a a do transporte da artilharia canet. Deu parte de doente o cel. Pantoja comdte. da 4.^a brigada.

Dia 2 – Bombardeio insignificante. Feridos na linha um soldado do 33 bm e 2 mortos, um da polícia de S. Paulo, outro do 37 bm. Apresentou-se o 37 bm vindo de Monte Santo que aqui chegou às 11 horas do dia comandado pelo tte.-cel. Firmino Lopes do Rego com o efetivo

[141]

de 16 ofais. e 205 praças – Assumiu o comando da 4.^a brigada o mesmo tte.-coronel Rego.

Dia 3 – Deu-se ordem p.^a estar de prontidão para marchar o 9.^o, 22 e 34 de inf. e contingentes de engenheiros p.^a fazerem um reconhecimento indo pela estrada *do Calumbi e voltando pela do Cambaio* – Na 1.^a coluna foram feridas de dia 2 praças uma do 5.^o bm de inf.^a e outra do 33.

Dia 4 – Bombardeio pequeno. Sob a direção do tte.-cel. Siqueira, chefe da comissão de engenharia seguiram os batalhões 9.^o 22 34 e contingente citado a fim de fazer um reconhecimento topográfico citado.

Às 9 da noite foi substituído na trincheira do flanco esquerdo o bm paulista pelo 5.^o corpo policial baiano.

Às 10 horas assaltou o inimigo o flanco esquerdo e logo depois por meio de 2 tiros de bacamarte como sinal atacou bruscamente o direito. Assalto durou até 10 1/2.

Dia 5 – Bombardeio frouxo. Houve 14 baixas na força, sendo 4 praças mortas e 10 feridas. Inimigo tiroteou.

Dia 6 – *Os 4 canhões fizeram fogo sobre a igreja nova assim como os canhões da Favela – conseguindo pôr as torres no chão, a esquerda à 1 hora*

e a da direita às 5. Foram feridas 2 praças e 1 morta. Mandou-se fazer um reconhecimento na esquerda do acampamento da Favela sendo encontrados 6 cadáveres de soldados nossos. Foram destruídas as citadas torres pelos 2.º tenente Manuel Félix Minervo e alferes Duque-Estrada, com balas rasas porq. não havia granadas.

Dia 7 de setembro – Bombardeio enérgico tendo às 2 horas da tarde o canhão do flanco esquerdo derrubado em parte *a frente da igreja nova*. Outro grande tiroteio às 2 horas da tarde quando foi tomada pelos batalhões 9.º 22 e 34 e contingente a grande trincheira do flanco direito havendo 2 praças feridas e 1 morta. Quando a força tomou a trincheira ergueu uma bandeira de guerra e atirou logo sobre Canudos. Houve na igreja nova um incêndio. Ficaram francas às nossas forças as estradas de Calumbi, Cambaio e Rosário depois do feliz reconhecimento

[142]

feito. Às 5 horas seguiu p.^a Favela o 37 bm depois de proteger o 27 que com parte do 5.^o regt.^o teria de tomar uma trincheira importantíssima na *frente da da Favela, a fazenda Velha aonde finou-se Moreira César.*

Às 9 1/2 da noite foi a mesma tomada pelo 27 bm e mais um canhão guarnecido por praças do 5.^o regi.^o, havendo 2 praças feridas. Houve violenta carga de baionetas o que determinou a fuga do inimigo que gritava: Lá vem a imundícia!

Deu-se às 10 horas da noite p.^a q. estivesse pronto p.^a marchar o 14 bm.

Dia 8 de setembro – Seguiu às 4 da manhã a fim de reunir-se ao 22 – 9 e 34 e contingente o 14 bm conduzindo 15 bois, 2 cargas de munições Mannlicher, 1 de Mauser, 4 de farinha e 1 de sal. Feridas 6 praças nas linhas. Foram distribuídos gêneros: 1 litro de farinha p.^a 4 praças, 1 litro de sal para 50, 1 boi p.^a 120. Às cinco horas regressaram do Cambaio o tte.-Cel. Siqueira e tte. Nascimento e 7 da noite chegaram 7 jagunços prisioneiros. Foram tomados ao inimigo 14 cargueiros sendo apenas aprisionado um dos condutores – Às 9 1/4 o inimigo tentou retomar as trincheiras; assalto resolutivo contra a fazenda Velha.

9 de setembro – Feridas 5 praças e 1 morta. *Foi construída uma trincheira de 50 metros distante das igrejas pelo 5.º corpo e ocupada por 10 soldados do mm. corpo os quais ao tomarem posição mataram logo 3 jagunços. Foi gravemente ferido um soldado da seção de transporte quando entrava o comboio. Às 4 horas da tarde saiu do acampamento protegendo 2 cargas de munições destinada à força estacionada no Cambaio uma companhia do bm de S. Paulo.*

Dia 11 – Bombardeio firme. Faleceu à 1 da madrugada do 30 bm Altino Dias Ribeiro. Mandou-se apresentar ao general de dia 40 praças do bm paulista a fim de guarnecer a ret.^a.

[143]

Dia 11 – Foi tomada às 7 da manhã uma trincheira *atrás da igreja nova que fica em um morro dominando o restante do inimigo* – por 120 praças e *um oficial do 27 ficando este ferido e 1 daquelas*

À noite foi guarnecida a ret. por 40 praças do bm paulista. O inimigo tiroteou visando sempre a força que ocupa as 2 trincheiras tomadas no extremo esquerdo. Ferida na linha uma

praça do 12 de inf. Às 8 1/2 da manhã uma comp.^a do bm paulista seguiu p.^a a estrada do Cambaio levando p.^a a força 320 litros de farinha, 15 de sal, 6 redes

– Às 11 horas da manhã foi colocado um canhão 7 1/2 na trincheira onde se achava o 32. Mudou-se da Favela p.^a aqui o Hospital de Sangue.

Dia 12 – Ferida uma praça do 40 bm. Às 10 da noite o 7 1/2 que estava no lugar do 32 foi retirado. Às 6 da tarde foram guarnecidos o flanco esquerdo por 100 praças e a ret.^a por 100 praças todas do bm paulista.

Tiroteio do inimigo durante o dia e a noite.

Dia 13 – Entrou no acampamento um comboio – regressando ao meio-dia protegido até Juetê pela ala esquerda do bm paulista com o efetivo de 196 praças e 8 oficiais.

Seguiram doentes 1 of^{al} e 11 praças. O Bm paulista deu 100 praças p.^a guarnecer o flanco e 40 p.^a a retaguarda. Às 9 1/4 deu o inimigo violento assalto. Uma praça ferida. O tte.-cel. Siqueira com 20 praças do contingente de bm eng.^o tbém. seguiu para abrir picadas e renovar as que estivessem estragadas fazendo tbém. explorações.

Dia 14 – Pequeno bombardeio. Foi ferido na linha um soldado do 40. Seguiram para

Cambaio com 30 praças do 24 sob o mando de um oficial munição de boca e guerra.

15 de setembro – Bombardeio pequeno – Ração 1 litro farinha p.^a 2 praças, 1 de sal p.^a 50, 1 boi p.^a 140. 2 praças feridas.

Dia 16

” 17 – Ferido um cabo do 14. Faleceram no hospital de sangue duas praças que haviam sido feridas.

Dia 18 – Feridas 2 praças, 1 do 24, [*ilegível*] e outra do 7.º. Distribuiu-se ração: 1 litro de farinha p.^a 2 praças, 1 de sal p.^a 50, 1 boi para 120.

[144]

Movimento estrada Calumbi Cambaio.

Dias 4 a 7 – 22, 9.º, 34 = 500 homens – 3 a 4 léguas de menos. Caminho Calumbi q. passa fazenda várzea (força polícia S. Paulo – cap. Sarmento)

Talco xisto no rio Sargento. Rio está 2 K. Favela.

Vegetação das margens viridante. 3 quilômetros paralela à montanha à distância de 200 a

400 metros. Serra Caxomongó é a continuação p.^a sueste do Calumbi.

Tomás Vila-Nova, vaqueiro amigo – fazenda do sítio no Aracati – informou sobre as trincheiras do Calumbi. Bogó – balde de couro dos vaqueiros. Da Boa Esperança ao Caxomongó vai uma légua. De Boa Esperança a Suassuna vão 5 quilômetros. De Suassuna a Juá 9 quilômetros.

Cauí na caatinga – Penedo a três léguas de Juá. Atravessou o tte.-cel. Siqueira a serra do Cambaio em 7 setembro. Cambaio inferior a Calumbi porq. não tem marcha de flanco mas as trincheiras estão num desfiladeiro – dificuldade apenas local no Cambaio. Trincheira Cambaio guardada. Lagoa do Cipó foi onde se deu combate de Febeônio – tem ainda ossada de mortos – está a 3 quilômetros das trincheiras (além) na direção de Canudos.

Há cerca de 200 homens no acampamento do rio Manicumi, extremo da estrada do Cambaio diante de Canudos.

[145]

Deslocam-se batalhões

- 27 (major-cel. Gouveia
Ernesto Pacheco 335 praças
14 (comdte-jm. Mel. Medeiros 750 praças

.....

- Rio 15 regt.° cel. A. Libânio 15 oficiais e 177 praças
(2.° Pedro Paulo Fonseca Galvão
Ceará (((14 – jm. Man^{el} Medeiros
Pernambuco (5.° – Francisco [*ilegível*] Moreira J^{or}
14 of. e 110 praças (((27 – cel. Inácio Henrique Gouveia
Paraíba (34 – cel. Pedro Antônio Néri
R G Norte (25 – Dantas Barreto 22 of. 437 praças
(12 Sucupira
(31 Carlos Teles
R G Sul (32 – Donasiano Pantoja
(30 – Tupi Caldas 396 praças 31 of.
(35 – t-cel Felisbelo Fonseca 216 praças

Piauí	(33 – Virgínio Ramos 21 oficiais e 100 poucas praças
Maranhão	– 5.º
Pará	40.º – Nonato
Sergipe	26

[146]

Autoctonismo da raça americana⁷⁸

.....

..... O homem da lagoa Santa de que o botocudo atual é considerado uma forma evanescente parece, em virtude das vitoriosas descobertas do dr. Lund definir o homem primitivo do Brasil. Este contemporâneo da época da rena não parece entretanto ter dominado isolado as velhas matas da nossa terra. Há o homem dos Sambaquis, pré-colombiano, de crânio maior e mais espesso e

78 Depois do pontilhado seguem-se palavras, riscadas horizontalmente, relativas ao sábio Peter Wilhelm Lund, sobre os achados paleontológicos da lagoa Santa. Tais palavras parecem ser as seguintes: “O dr. Lund acreditou ter encontrado” – É de observar, com relação à presente e às três páginas que a seguem, no manuscrito de Euclides, que elas parecem ser primeiros rascunhos ou notas já destinados a *Os Sertões* diretamente [N. do C.].

grosseiro e prognata – subdolicocéfalo tendendo à braquicefalia como um sintoma de mestiçagem – O botocudo atual parece segundo pondera judiciosamente C. de Abreu provir do cruzamento dos dois. O tipo tupi – um ramo invasor de alguma raça do norte de onde provieram igualmente os caraíbas das Antilhas – assumindo modalidades diversas por um largo cruzamento, dominou no litoral na época da descoberta.

...melhorado ainda pela altitude. O planalto central de S. Paulo desdobrando até o chapadão de Uberaba, as terras altas de Minas, do Rio Rio [sic] de Janeiro e sul da Bahia – não exigem quase a aclimação para o europeu do sul. A terra etc. *Os [não concluído]*

...aventurosas, para os descobrimentos ousados, domínio completo do solo. O Tietê tem uma função histórica notável, enquanto no S. Francisco, no Parnaíba e no Amazonas o acesso para o interior do país só se podia fazer ao arrepio da corrente, aquele levava o forasteiro sem exigir-lhe uma remada para o rio Grande, e daí ao Paraná, ao Parnaíba para Minas,

para o Rio Grande do Sul, para St.^a Catarina, para Goiás e para Mato Grosso.

No norte além de uma aclimação mais difícil a sociedade colonial quase recuava

[147]

ante os sertões impenetráveis, no sul além da suavidade do clima a natureza encaminhava por si mesma o homem para o seio exuberante. A raça superior emigrada nas capitanias meridionais preponderava desde logo, favorecida em grande parte pelo cruzamento com as raças indígenas menos ferozes de que são tipo os guaianases leais — e irradiando para o interior repeliu desde logo vitoriosa, e suplantou o elemento autóctone que afugentado para o recesso das matas, dizimado no litoral pelas epidemias (1564), cedeu no cruzamento lugar ao africano e refluuiu para os planaltos do interior dirigindo-se para o norte. Ora⁷⁹

As raízes africanas. As explorações iniciadas na segunda metade do século XVI por Sebastião Tourinho no rio Doce, Bastião

⁷⁹ Incompleto, como não muito claros são, também, os rascunhos ligeiros [N. do C.].

Álvares no S. Francisco e Gabriel Soares pelo norte da Bahia a partir das cabeceiras do Paraguaçu, embora continuadas no século XVII sob a atração irresistível das Minas de Prata de Robério Dias, além de exprimirem muitas vezes o avançamento extremo das bandeiras do sul que até ali se estendiam não tiveram a ação duradoura destas últimas. As caatingas ralas favoreciam-nas apenas aparentemente – os forasteiros mal suportavam as pastagens áridas e calcinadas – esquadri-nhavam precipitadamente os pontos mal demarcados nos roteiros confusos e passavam sem deixarem traços pronunciados.

[148]

livre das secas – Ilhados no deserto, sem consciência social e histórica, desarmados ante a terra que mal dominam numa indústria rudimentar as suas superstições traduzem logicamente além de todo o legado de erros que receberam, a pressão do incognoscível, de tudo qt.º aparece inacessível à ação humana, refletindo-lhes ante [*sic*] e inteligência inculta ao em vez da ordem natural o capricho de um Deus.

(Daí uma mitologia sem heróis, sem as criações ousadas de homens que se transfiguram na

(luta tão próprias das religiões que enaltecem e através das quais as penas prefiguram a (altitude futura para que tendem.

Nas lendas e contos sertanejos que não se resumem em narrativas singelas da vida pastoril, a ação do maravilhoso caracteriza-se sempre pelo definir no homem uma posição de fraqueza absoluta. A ação realmente vigorosa dos missionários dos dois primeiros séculos fez descer sobre as crenças primitivas do índio e do negro a concepção mais elevada do ideal cristão e sem desuni-las – quase que justaposto – apenas aos velhos erros das raças criou o misto extravagante e sem originalidade de uma religião sujeita ao fatalismo bíblico da providência divina.

Daí etc (ver acima) – Não há deuses, não há heróis que regulem e debelem os elementos porque o superintendente geral da vida nas alturas absorve todas as funções, regula todos os fatos naturais, discrimina todos os destinos humanos.

O banditismo incipiente.

A bala – Passada a reação formidável da lei, esgotadas diligências policiais em que o soldado caça o [sic] matutos turbulentos [sic] como se montasse javardos, apaziguadas as localidades – volve o sertão à vida pacífica e primitiva até que um novo mandão o agite, até que novos missionários espalhem novos fermentos de insânia e

[149]

explorem desvarios, e aberradas dos hábitos tranquilos as populações alucinadas se revoltam de novo e do sertanejo inculto mas honesto, resignado, entregue à faina de uma vida penosa – surja um tipo truculento do *jagunço*.

.....⁸⁰

A serra do Atanásio leva na direção do norte os acidentes da serra Grande segue a noroeste depois para o norte liga-se à do Acari

.....

.....

.....⁸¹

.....

80 Linha riscada, ilegível [N. do C.].

81 Linhas riscadas, ilegíveis [N. do C.]

Constituindo a pequena bacia de onde decorrem as torrentes que nas quadras chuvosas formam o Bendegó – fitando-se a linha de [ilegível] da serra do Acari, que segue quase ao rumo do norte paralelamente às serras do Lopes das [ilegível] Pedra d'Água e [ilegível] – observa-se que esses acidentes esparsos que se desdobram afastados, parecem convergir cada vez mais nas proximidades de Canudos confundindo-se por assim dizer nas massas imponentes do Cambaio, nas serras mais bravas do Calumbi e Coxomongó e mais para o norte nos morros aprumados de Caipã. Por outro lado a serra do Acarati seguindo a noroeste e mal destacada ao sul entre os tabuleiros de Jeremoabo alteia-se cada vez mais para o norte e rasgada pelo Vaza-Barris na garganta de Cocorobó, progride numa inflexão acentuada para noroeste na linha descontínua formada pelos morros destacados de Poço de Cima e Canabrava.

[150]

P.^a acrescentar à expedição
Moreira César

Os soldados Benedito Ferreira Lima e um ansepeçada do sétimo desceram na noite de 3 à margem do Vaza-Barris e aí recolheram feridos, armamento, munições etc.

(ver na segunda página, coluna 5.^a do *Jornal de Notícias* de 26 março sobre ataques M. C. em Canudos)

(ver ainda 2.^a pág. *J. N.* 5 de abril)
3.^a coluna

Ver *Jornal Notícias* 9-4 – 2.^a pág. 1.^a coluna embaixo, dois traços lápis

Logo depois combate 3 – Conselheiro dispersou povo buscar mantimentos Bom Conselho, Jeremoabo, Monte Santo, Cumbe.

O dr. Fortunato de Oliveira – extraviou-se e não aparece mais.

Cunha Matos foi parar no Cumbe, aí hospeda-o um sertanejo nobre.

Manuel Gangorra um dos chefes perseguidores dos jagunços – foi até o Cumbe.

Saquearam e queimaram armazém do governo em Cumbe

Moreira César havia mandado um enviado para Canudos; foi o que o matou (*Jornal Notícias* 23 abril 1.^a pág.)

[151]

Continuação

Obtém mandado de despejo por falta de pagamento de um mês de aluguel

Embarca no dia 25 o general Savaget (no Rio) com o 32 de infantaria. Deve embarcar no dia 29 Barbosa. Chega a 26, à Bahia o 31 bm e Carlos Teles. Apresenta-se em Queimadas no dia 25 – o cabo Roque! Seguem p.^a Queimadas no dia 26, 100 muares vindos do Rio e 200 cavalos. Sabe-se que têm chegado a Juazeiro algumas praças de Moreira César. Passam em Jaguanari cargueiros em direção a Canudos. Seguiu Queimadas 5 de abril 5.^o infant.^a. oficiais do 30.^o bm na Bahia quebram escudo armas monárquicas no alto da porta da alfân-

dega velha. Parte no dia 10 de abril do Rio o coronel Thompson Flores.

Até 29 março estavam:

em Monte Santo 16 e 27 bm. Em Queimadas 9, 14, 7, 25 e 5, 5 art e um esquadrão do 9.º regt.º cavalaria. Batalhões ainda incompletos seguindo diariamente contingentes p.^a completá-los; praças desarmadas e sem uniformes. Estava também em Queimadas a 4.^a bateria do 2.º regt.º comandada Pradel.

Sabe-se afinal que atinge (fim de março) a 1 081 o n.º de oficiais e praças que chegaram Queimadas, Monte Santo, Jeremoabo e até Sergipe – debandadas combate 3 –

Segue Queimadas 1 bateria de 4 canhões tiro rápido.

Dificuldades transporte 2.^a brigada de Queimadas a Monte Santo: munição pesa 83 000 quilos, só há transporte p.^a 700

12 abril – Boas notícias sobre simulação ataque em Queimadas. Volta de Queimadas uma divisão do 5.º regt.º art. (comando Ibiapina) que deve ir com Savaget.

Resolve-se fazer conselho de inves

[152]

tigação a fim conhecer responsáveis erros, anteriores e abandono base operação.

Organização forças

- (1.^a B. Medeiros 7, 14, 30 e esq. Cav.
 1.^a divisão Barbosa (2 B A. Gouveia 16, 25, 27
 (3 B G. Silas 5 art. 5 e 9 inf

 (4 B. Teles 12, 31, 33 e divisão art.
 2.^a divisão Savaget (5 B. S. M. 34, 35, 40
 (6 B. D. Pantoja 26, 32 e 2 art

(ver *Jornal Notícias* 20 abril 2.^a pág. 2.^a coluna Opiniões Artur Oscar sobre base operação Queimadas)

As tropas em Queimadas fazem exercícios diários. As forças acampam em barracas pelo campo. Muitas mulheres e crianças. É levado a Jeremoabo o padre Martinez Cadeço, preso em Petrolina, tinha uma fábrica de pólvora em Vila Nova.

Dia 18 abril Teles marcha de Aracaju com a sua brigada para [*ilegível*]

Chega Sergipe Savaget e Pantoja com a sua brigada.

Inquéritos em Vila Nova sobre fornecimentos de pólvora aos conselheiristas.

(ver *Jornal Notícias* 1 de maio 2.^a pág. 1.^a coluna – Passo dia em Queimadas)

3 de maio – Partem da cidade da Barra no S. Francisco 200 sertanejos p.^a o 5 de Polícia. Chegam notícias jagunços talam fazendas perto Canudos.

Dia 10 de maio segue Queimadas 4.^o corpo policial Bahia.

2 de maio Savaget em Aracaju

[153]

organiza expedição. – Segue um engenheiro p.^a o interior reconhecer estradas e contratar transportes – Amaral e Guabiru reconhecem Canudos até Jeremoabo.

Artur Oscar segue p.^a M. S. em 16 de maio. Ficam em Q. o 15 inf. e ala do 4.^o corpo polícia.

(ver *Jornal Notícias* 1 de junho 2.^a pág. 1.^a coluna Carta de Monte Santo)

Chegam notícias de que Conselheiro abandonou Canudos indo para Chorochó

(ver *Jornal N.* 5 junho 2.^a pág. 4.^a col)

Dia 8 junho inaugura-se telégrafo Q. a M. S. Chega no dia 5 de volta do Cumbe Artur

Oscar. Chega também no dia 7 o 14 que estava no Cumbe.

Volta no mesmo dia o 16 que estava em Caldeirão. Chega Monte Santo o 15 q. estava em Queimadas.

Grande quantidade de munições em Monte Santo. Chuvas esparsas na região.

[154]

Notas

(1) Abbadie observou na Abissínia que os hazzo que vivem só de carne e laticínios são rosados e os tigres vivendo de vegetais são negros.

(Retrinz)

Dólico-ortognatas (germanos, celtas, latinos, gregos, hindus, persas, árabes, judeus.

Dólico-prognatas (africanos, almerios, austrálios, esquimós e muitos americanos

Braqui-ortognatas ([ilegível], turcos, eslavos, letos, albaneses, [ilegível], bascos.

Braqui-prognatas (turcomano, circassiano, afagãs, tártaros, mongólicos, malaios, polinésios, lapões –

(Oliveira Martins)

A estigmatografia começou com um método geográfico. Lemen passou a um mais particular, o da cor da pele (Blemenbach) e preocupando-se com a questão das relações, foi mais fundo, até a anatomia humana (Retrino)

O Kirghiz – pequeno, tostado, ágil, sempre a cavalo sobre a estepe.

O turco – mais acobreado que amarelo, nariz achatado e por vezes de todo chato na ponta, olhos longos, fronte fugidia, barba rara, estatura pequena, músculos delgados.

Mongol – resignado e duro, hórrido no aspecto, feroz na cólera e no fanatismo, infantil no gênio. Ora delira de alegria ora cai num torpor melancólico; instável, volúvel, estatura meã; tronco espesso, pernas curtas, ombros largos. Cabeça esférica; cabelo negro e duro; face larga e chata, nariz deprimido, pele amarela, testa breve, barba proeminente e aguda, orelhas afastadas,

boca de lábio espessos com grandes dentes oblíquos; olhos negros, vivos, oblíquos; sobrancelhas rasas.

Siamês — face larga, occipital achatado, testa breve, pequena a boca, expressão dura e ar grave. Cor de um castanho avermelhado.

[155]

A Mongólia — plateau isolado, frio, nu, raro de vegetação e de gente, terrenos ondulados e pedregosos.

Malaio — Crânio inferiormente deformado, ossos de malares afastados, beiços grossos

Sumatra salientes, nariz chato, testa alta saliente sobre os olhos. Pele mais ou menos escura. Inteligência feita de astúcias e mentiras; atrevido, sensual, sem consciência, valente mais pérfido, feroz na credulidade.

Árabe — Vagueia o *alarve*, astuto contra as feras, cruel com os mercadores, vivendo de rapina. Se o leão rugir no silêncio do deserto, o *alarve*, a cavalo sempre, com a barba espessa, a cabeça rapada, a tez negra, a ossatura saliente, os olhos negros fuzilando encoados, sobre a pele a ampla túnica branca, sobre a túnica a samarra de peles, na cabeça

o turbante negro, na mão a lança, na sela o arco, as flechas, o alforje, a maça de ferro... Quando não é alarve, o árabe pastoreia nas encostas cabras e carneiros. Vive de legumes, da tâmara, do leite, azedo fermentado ou feito em queijos. Veste uma cabaia ou túnica branca da garganta ao bico dos pés e na cabeça põe um turbante vermelho. Usa espadas curtas e largas e atira bem à espingarda.

Fellah — Tez cor de barro, barba rasa, pálpebras velando os olhos, o antigo tipo egípcio. Veste uma longa túnica azul atada à cintura com uma corda; põe na cabeça um pano azul também; anda descalço. Habita em tocas de argila; tatuam-se; tratam-se de irmãos; submisso, humilde, escravizado.

Copta — Estatura mediana, tez parda, cabelos negros anelados, pouca barba, nariz largo, maçãs do rosto salientes. Taciturnos, humildes — pérfidos.

[156]

Um Kraal africano dura sem alterações por milhares de anos, uma [*ilegível*] de beduínos

dura séculos, uma aldeia de montanhesees não se transforma... (Oliveira Martins)

Na América o pele-vermelha deixa-se torrar a fogo lento em honra da tribo.

As edificações, na evolução de seus tipos são o mais eloquente documento e a objetivação mais pronunciada da personalidade do homem (O. Martins)

Ainda hoje os shoshones vivem em covas ou anfractuosidades das rochas...

Os boxímanes são ainda trogloditas.

Entre os gauleses de César a casa consistia em cabanas de árvores cobertas de terra amassada com um orifício ao centro p.^a as exalações – A *terbana*, casa caraíba, forma-se de troncos de árvores enterrados a prumo e ligados por sebes de vides e trepadeiras o teto feito do mesmo modo é coberto de folhas de palmeiras.

Em vez de folhas os paraguaios e patagônios usam de couros para cobrir as casas; os caucásios revestem de feltro as suas *burkas*; os

lapões de peles de rangífer; os groenlandeses da foca.

No *wigwan* do pele-vermelha já há uma transição da vida nômade para a fixa. A sebe ou paliçada defende um recinto em volta da casa.

A casa dos *mombuttus* – tem salas vastas retangulares com um teto elevado de duas águas sustentado em renques de pilares de madeira por entre os quais o ar e a luz passam livremente. A

[157]

cidade dos *pueblos* é uma verdadeira colmeia humana assente no cume ou na escarpa de um monte. A aldeia de Taos, junto a Bogotá, compõe-se de três edifícios apenas – vastos construídos de adobes. Cada casa é um *clã* com o chefe das numerosas famílias que inclui nos seus cinco ou seis andares retraídos.

A casa primitiva da Itália: parte do átrio, lugar sagrado onde se praticam os sacramentos

do banquete e do amor onde estão a mesa e o leito e os deuses. Era de madeira coberto com um teto pontiagudo de palha ou de ripa, quadrada, com uma abertura no alto para entrar a luz e sair o fumo. No *atrium* cozinhava-se, comia-se aí, entre a mesa e o leito nupcial o chefe da família recebia os hóspedes enquanto a matrona fiava sentada no chão no centro do círculo de suas domésticas. Não havia pórtico: o espaço entre a porta e a rua era descoberto, chamava-se *vestibulum* ou vestiário porque aí o romano punha a toga ao sair p.^a o foro. Em volta do átrio estavam as alcovas e dispensas.

[158]

P.^a acrescentar à 2.^a Parte

Uma mulher em Aratuípe tendo conseguido um pedaço do manto de Conselheiro queimou-o, bebeu a cinza dissolvida em água morna ficando curada logo!

(Ver tbém. *Jornal Notícias* 20 abril 2.^a página 2.^a coluna, cruz lápis.)

Comentários

Olímpio de Souza Andrade

Ao leitor: Seguem-se nesta parte umas tantas observações sem as quais seria extremamente dificultada, quase sem sentido, a leitura das anotações de Euclides. A inexistência desse trabalho, exigente de tempo, paciência e pesquisa, paralelo ao texto desconexo do escritor, deixaria muito a desejar, sendo esse *muito* quase tudo para a exata compreensão das garatujas e da aparente desordem do autor de *Os sertões*.

Observações

PÁGINAS 1 a 5

As linhas da primeira página do manuscrito não foram incluídas na correspondência para *O Estado*. A primeira correspondência, entre páginas 2 e 5, além de não ser a primeira publicada pelo jornal, devido a desencontros do correio, não foi também enviada como se encontra no manuscrito. Foi inteiramente transformada, como o leitor poderá observar comparando o texto que aqui se encontra com o da publicação no jornal, por nós juntado ao livro *Canudos e inéditos*, das Edições Melhoramentos, segundo a ordem de datas apostas por Euclides, sendo, portanto, a primeira, datada em 7 de agosto de 1897.

Fazendo-o, verificará as muitas palavras substituídas, os novos parágrafos abertos, os eliminados, as frases inteiras reescritas em busca da clareza, de outra sonância, às vezes da beleza, sendo ainda de observar os abandonos de expressões não justificáveis, como aquela “Tem aspecto mais grandioso que o Rio de Janeiro”... O confronto valerá a pena, apontando-nos Euclides já preocupado não só com o que via mas ainda com a expressão do que via.

6

As anotações constantes desta página foram aproveitadas mediante intercalações de fácil localização no texto dessa primeira carta para o jornal.

7

Também essas notas esquemáticas, incompletas, quase sem sentido, assim se encontrando no caderninho do repórter, serviram de lembrete para essa mesma carta enviada para *O Estado de S. Paulo*, mas cujos dados não se encontram em *Os sertões*.

8

Os dois trechos são da correspondência de 1.º de outubro... a última expedida pelo

repórter. Nesse lugar em que se encontram no caderno de bolso – logo em seguida ao rascunho e às notas utilizadas na primeira carta – dizem bem da desordem com que Euclides utilizou o seu canhenho. O primeiro trecho, muito alterado, corresponde ao que se lê nos parágrafos 4.º e 5.º da página 128 *Canudos e inéditos*. O desejo de precisão era evidente no repórter, quando reescrevia suas anotações: nesse primeiro trecho, aqueles vagos “lampejos entre as ruínas”, por exemplo, tornaram-se explícitos, claros, ao se transformar em “lampejos desde o leito do rio até às ruínas da igreja”; no segundo, referente ao major Queirós, vemos o ponto negro “imperceptível a cinco passos” no caderninho, apresentar-se na correspondência mais de acordo com a realidade, a “dez passos”, como está no 7.º parágrafo. Em *Os sertões* aquele primeiro está no capítulo V da parte intitulada “Últimos dias”; o segundo contém apenas o nome do major.

9

Trata-se de rascunho para telegrama expedido da Bahia para o jornal às 7 horas de 10 de agosto. Rascunho também alterado. O enviado, certificando-se melhor, já não dizia “Deve estar chegando”, porém “Está chegando”, e colocava no singular o último verbo da

primeira frase. No texto definitivo, a visita de Savaget não era “comoventíssima”, porém “muito comovente”; e na frase final do mesmo texto a expressão relativa a Salvador, “reanima-se ardentemente”, se abrandava em “tem-se reanimado”, passando aquele “heróis feridos” a ser apenas “feridos que chegam atualmente”...

10

A página é um lembrete para as correspondências de 4 e 5 de setembro, ambas longas. A do dia 4 corrige esse lembrete em alguns pontos. Por exemplo: o “jasmim dos tabuleiros” era, na verdade, “alecrim-dos-tabuleiros”, e o filtro não era Chamberlain, mas Grandjean; a água assustava, mas não era “infame, infamíssima”... A impressão de Tanquinho em *Os sertões* – cap. I da parte “Nova fase da luta” – é contida e exclui a alusão pessoal.

11

Continuação da anterior, essa página até à referência a Quirinquinquá, foi parcialmente utilizada na carta enviada de Cansanção em 5 de setembro. A parte mais longa, referente a Tupi Caldas, é encontrada na última correspondência enviada de Canudos a 1.º de

outubro, mais uma vez atestando a preocupação de Euclides em utilizar os espaços brancos do caderninho, qualquer espaço encontrado, ainda que a nota que o fosse ocupar nada tivesse a ver com outra ali já encontrada. Outro exemplo disso está aqui mesmo: o final da anotação sobre Tupi Caldas está no pé de página seguinte, a 12, por nós separado com um traço longo. É que o alto da folha já continha anotações outras...

Tanto esse “retrato” de Tupi – que mais parece um autorretrato, como já observamos na História e interpretação de “*Os sertões*” – como o diálogo, foram bem alterados no texto reescrito para o jornal. Outra referência a Tupi está à página 55 do manuscrito que estamos observando.

12

As anotações nos apresentam Euclides versado na geologia, vivamente interessado na arqueologia, e iniciando seu constante anotar de termos e expressões que não lhe eram familiares. E buscando a ajuda do latim, que não dominava, mas de que tinha os rudimentos. “*Sine caleis linimento*” (lenimento), isto é, interminável, foi praticamente o que ficou destas anotações na reportagem de 8 de setembro, muito bela, sobre a “Via

Sacra”. A parte encontrada depois do risco é integrante, como já o dissemos, do final da folha anterior.

13

Estamos, sem dúvida, diante de primitivo roteiro para estudo mais longo, que, afinal, viria a ser *Os sertões*. A preocupação do bosquejo é evidente. Atente-se para aquele “aspecto atraente das chapadas”, para “o deserto áspero e impenetrável-isolador étnico”, para a expressão “Insulamento no deserto determinando a conservação de velhos costumes e erros”. Veja-se o traço rápido: “Imaginação viva”, “Reflexão estreita”, “Memória feliz!”, “Imprevidência”, “A moralidade”, “Resistência à dor”, “A coragem pessoal”, traços aos quais depois, na obra-prima, o escritor vigoroso que já se insinuava daria o destaque que conhecemos aos escrever sobre o sertanejo.

14

Continuação da anterior, já por si notável, essa folha, prosseguindo nas que virão imediatamente após, contém observações igualmente curiosíssimas, de pronto reconhecidas pelo leitor atento de *Os sertões*. O homem, a vida do homem, continuam como

centro da curiosidade do repórter já muito além da sua missão. A onça, os costumes regionais, o vocabulário da região, eis coisas do sertão que se destacariam mais tarde, para sempre. Além de anotações de leituras, que aí também já começaram a aparecer, é de observar que o manuscrito contém palavras escritas de atravessado, de viés sobre algumas linhas, destacando: “juremas”, “chique-chique”, por exemplo.

15

No princípio e no fim, notas de leitura, inclusive do livro de Durval Vieira de Aguiar, de 1889, cuja transcrição é encontrada na carta de 23 de agosto. No meio, continuação da cata do vocabulário regional: botecos, bró, magrém, esta última sendo a estação da seca, em contraposição ao *verde*, não tendo exatamente o sentido passado por alguém ao repórter, que depois o corrigiria.

16

Prosseguimento das anotações do livro de Aguiar. Nas últimas linhas transcritas, o autor refere uma igreja que o Conselheiro construía no Cumbe, cidade que hoje tem outro nome: Euclides da Cunha... Continua a aumentar o vocabulário regional

do anotador, que mais tarde o apuraria, corrigindo-o: no verde, carrear, atacar uma boiada, soltas, mangues.

17

Página preciosa, continuação da que acabamos de examinar. Só o vocabulário, o frasear do sertão, em nada menos de vinte notas. Note-se o cuidado do repórter em “Capanga (feminino) bolsa de viagem”, em não perder coisas deliciosas como “Despontar o dia”, “Beijo da estrada”, “Poeira”, “É fácil ser difícil”, e definições provisórias, rápidas, como a do Jagunço... O termo “mancar” vinha, já na correspondência de 26 de setembro, com a chamada admissível em jornal naquela época, e através da qual o repórter o achava estranho, observando “ser singular este galicismo no sertão”. Os costumes sertanejos o empolgavam e ele procurava informações mais amplas possíveis; aí estão os exemplos de “Positivo”, “Fazer o saco” e “Encamisada”.

18

Aqui temos uma ideia da pressa com que Euclides fazia suas anotações. A leitura da página foi muito difícil, morosa, ainda assim ficando ilegível uma palavra depois de várias

tentativas; as abreviaturas se sucedem (q.-qdo.-p.º); as enumerações de objetos se fazem sumariamente; até expressões como “plantando, colhendo, fiado e tecido...” denunciam a rapidez com que as palavras foram confiadas ao papel. “Maritataca” é *Maritaca*, o mesmo que *cangambá*, segundo Ihering; “aricuri” é o mesmo que *ouricuri*, palmeira. Observe-se: “a manteiga é um mito”.

19

Nessa página e em parte da seguinte, o primeiro debuxo, as primeiras anotações, os traços ainda indecisos e apressados do que seriam as páginas clássicas, admiráveis, sobre o sertanejo, o jagunço e o gaúcho, tantas vezes refeitas, como mostramos no nosso livro sobre *Os sertões*. A letra apressada do manuscrito, as abreviaturas, e o frequente descambar do plural para o singular e vice-versa dizem bem que aí está um simples lembrete impressionista, bastante corrido. O jornalista não desejava perder o que momentaneamente observava, nem o que não escapava ao ouvido atento como os olhos: “dizem *pracata*”, como está no pé da página. E nem na penúltima redação, muito menos na definitiva, ambas confrontadas no nosso livro aludido acima, o seu bom gosto deixou aquela horrível “espécie

de gravata plastron sem as dobras” lembrada e esquecida tão depressa que o autor não grifou a palavra francesa. O seu vaqueiro ficou mesmo só com o gibão e o colete, graças a Deus...

Uma comparação desta com as demais redações seria coisa bem interessante. Uma última observação sobre a folha de que tratamos: não entraram muito nas cartas para o jornal a vestimenta e os costumes do sertanejo. Mas, pelo menos uma vez o autor das reportagens para *O Estado* os referiu: na correspondência de Queimadas, em 1.º de setembro.

20

A montaria do vaqueiro continua a ser descrita em termos sumários. O sertanejo tratado nos termos de agora, “pouco amigo de aventuras”, conhecendo da fazenda “pé de pau por pé de pau”, é aquele que se encontra inteiriço, íntegro, em “Servidão inconsciente”, capítulo III da I parte de *Os sertões*. Continuam as anotações da terminologia própria do sertão. “Abortoso”, “prospernico”, parece que não foram utilizadas, mas “lascar no mundo”, “um lote de dias” e outras expressões assim estão na carta de 24 de setembro, encontrando-se na de 26 as

palavras finais desta página, de diálogo com uma prisioneira, completo na aludida correspondência. Note-se, na última linha, “Vareda-vereda, caminho”.

21

Aqui temos Euclides copiando ao pé da letra uma carta de jagunço que foi parar em suas mãos, depois de outras frases que anotou: “Boca de fogo esbagaçou tudo”, e “Povo estava q. era um maiadô”, isto é, malhador, aquilo que se malha com malho ou martelo, como a bigorna do ferreiro para bater e amoldar o ferro em brasa... Na *carta* um pai chamava o filho para a luta, falando em “republicano” mas na verdade não distinguindo entre república e monarquia. Acima, a nota “Marcelina (talho na cabeça)” diz bem da atenção para detalhes que depois avivariam a memória.

22

A essa página seguem-se outras igualmente do maior interesse pelas informações que contêm, pelas frases que não deixaram escapar, algumas delas de muita beleza, pelo imprevisto de algumas palavras que definem melhor que as que conhecemos certos instantes, fatos, acontecimentos.

Nesta, o nome Bernabé José de Carvalho lembra-nos o trecho “Morte do Conselheiro”, nas últimas páginas da obra-prima. Esse integrante do grupo chefiado pelo Beatinho para se entregar às forças federais, singularizava-se pelos traços que dele Euclides nos deu, mais no livro do que aqui, diversos dos do sertanejo em geral, isto é, bem nutrido, “olhos azuis”, com muito de flamengo, lembrando ascendência holandesa. São interessantíssimas as informações do Bernabé, as suas frases, a sua desmemória, talvez calculada: o Conselheiro já não existia, e nem Manuel Quadrado, figura que Euclides vê com enternecimento em *Os sertões* como o curandeiro de Canudos sempre metido “na drogaria primitiva das matas”, a fazer o bem. Bernabé foi encarregado de voltar, chamando os recalcitrantes: “Eu falo uma fala com eles...”, disse.

Informações deste teor continuam mas, parece, sem irem bater na redação d’*O Estado*. Não têm data, mas são de antes de 22 de setembro. Seriam também parte de correspondência perdida no trajeto Canudos-São Paulo? Parece que sim, principalmente tendo em vista o longo tempo decorrido entre 10 e 24 de setembro, datas de duas publicações sucessivas. A esse problema

de datas de publicação voltaremos adiante, apesar do tédio em que quase sempre se envolve.

23

Prosseguimento da anterior, essa folha do caderninho é realmente parte do conjunto situado entre os mais vivos e vividos de Euclides, reunindo fatos, expressões, homens em evidência no vilarejo em chamas. Coisas colhidas da boca do mesmo Bernabé, já então de volta da sua missão de parlamentar: “Trabaei cuma porção promode virem e eles não vem. Tem um bando lá que não querem”. E gente “importante”, toda ela mencionada com alguma explicação: Vila Nova – parente do outro? “Nhor não” –, João da Mata, caboclo moço, vigiava no Cocorobó; Chiquinho no caminho de Uauá; Pedrão, caboclo grande, na Canabrava; Estevão no caminho do Cambaio; Pajeú, o mais afoito; João Abade, comandante da praça (com. da rua), morreu com bala na cabeça e não era valente...

E eis o repórter também atento às mulheres: “Professora, cabocla, mulata, bonita, abandonada pelo marido. Tinha escola todo dia, escola mista 2\$ por mês cada menino.” Mais adiante: “Maria Joaquina, cabocla

pura”. – Todos esses são dados, já se vê, que o escritor sem livros iria conferir, certificando-se ou não da sua veracidade...

24

Trata-se de informações de outros personagens da tragédia, com suas expressões bem fortes: “Minha mãe meteu os pés qui dentro e disse que não me ditava abençã se não vinhesse”; “O povo com um zoadão muito grande porque caiu duas bichas que faz boum! Aí eu saí prá perto”; “Meti a cabeça no chão da necessidade”; “Grande seca de 88 a 91 – até o icó secou”.

E aqui umas expressões que lembram Guimarães Rosa, colhidas pelo poeta Euclides da Cunha: “Verde bonito é o de Curaçá, aquilo é que é sertão importante”; “Quem está acostumado nas terras grandes de divertimento não se dá aqui”; “Gente muita reunido pega esquentar o ar e vem a peste”. Adiante veremos mais.

25

Ainda expressões típicas: “Só se via ele lombrigar por detrás de umas moita de icó” (Seria o Conselheiro?). Euclides consternado diante das crianças: “Uma criança sem face”; “Um soldado carregando uma

criança”. E, além de outras palavras, esta, admirável, a exprimir aquilo que era mais que uma Revolta, mas não chegava a ser uma Revolução: “REVOLTAÇÃO do tal conselheiro dos Canudos”, palavra que o escritor sublinhou mas que não fez carreira na sua pena poderosa... Esquecimento?

26

Observações de natureza geográfica, especialmente botânica, de início. A anotação sobre a serra Calumbi encontra-se tremida no manuscrito, a ponto de fazer supor que foi escrita a cavalo, em movimento. As outras, muito firmes, denotam, assim, terem sido escritas muito depois, mostrando-nos “Caraíbas de flores amarelas” e “um enorme pé de mulungu”. As demais notas dizem respeito à guerra em si e podem ser vistas bem alteradas quase no final da correspondência de 1.º de outubro, apesar, como sempre acontece, de estarem no princípio do caderninho. O episódio da morte do capitão Aguiar quando, cheio de entusiasmo saudava, animando-a, uma singular investida dos soldados, se completa à pagina 29. Era um valente, dos raros que obtiveram a franca e propalada admiração do repórter: “Os imortais morrem sempre assim...”

27

São registros que continuam os do pé da página 12, por sua vez continuação da anterior, como ali observamos. O trecho, quase intacto, é da correspondência de 1.º de outubro, a última, com mudança de umas poucas palavras e eliminação da frase “Foi vingado o coronel Tupi”. Continuando, assim, no começo do caderno, assunto iniciado antes, mas que é do final da luta, confirma a desordem das anotações do repórter sempre com muita pressa... Confirmando também a trabalhadeira que nos deu a sua “decifração”.

28 a 35

Parece que as oito páginas que se seguem foram escritas em caráter quase definitivo no caderninho, de onde passaram para as folhas de papel endereçadas ao jornal, indo o *quase* por conta dos cuidados de Euclides, sempre a alterar as coisas que já escrevera. Trata-se de parte extensa e final, também da correspondência de 1.º de outubro, a última expedida de Canudos, iniciada com aquelas belíssimas considerações sobre as manhãs sertanejas, inexistentes no caderninho.

Aludida correspondência, bastante longa, encontra-se dividida por asteriscos em 7 partes, como está no jornal e em *Canudos e*

inéditos, edição Melhoramentos. As que estamos examinando, colocadas entre as páginas 28 e 35 da caderneta de campo, são as partes 5, 6, 7, que encerram a última carta do escritor, encontrando-se, inclusive, assinadas no manuscrito. O texto mandado para o jornal é quase o mesmo encontrado no documento mas a vista atenta descobre entre um e outro uma série de diferenças que vale a pena observar, observando Euclides-repórter evoluindo, preocupado com a correção da sua prosa.

De início vemos que, na carta para o jornal, foram abertos só no trecho de que falamos nada menos de vinte e três parágrafos, encurtando períodos, dando melhor “visibilidade” ao texto, o que o escritor percebia como os raros, adorando os períodos curtos, não obstante as exceções, que às vezes também ocorrem, desde que deem mais vida à expressão. Notam-se, neste particular, apenas 3 casos em contrário: eliminações de parágrafos, aproximando frases, antes separadas. Conseqüentemente, observam-se muitas supressões da conjunção “e”, observando-se, por outro lado, a inclusão de muitos travessões, os travessões de que ele tão frequentemente se utilizava. Outra coisa: para mostrar o que havia de espantoso,

de inacreditável na luta que se feria, escreveu por três vezes no manuscrito um “se é possível” mas, notando certo exagero na repetição, eliminou um deles na correspondência... – Também, evocando o gênio de Dante, teve tempo de substituir o “achei pequeno” por “compreendi”, graças a Deus.

De palavras ou expressões curtas igualmente substituídas com vantagem para o texto, eis alguns exemplos, sendo o segundo o que foi aceito pelo autor: impertérrito/indomável; escapou-se-lhe/fugiu-lhe; tremendas/fortíssimas; atumultuada/convulsionada; diminuiu/fraqueou; tristíssima/triste; comovedor/emocionante; pintar/definir; num estoicismo heroico/estoicos; quadro/cenário; compartilhar dos/enfrentar os; belas/grandes; lidadores/soldados; batalha/combate; desdobrava/estendia; heroico/extraordinário; severa/robusta; singular/original; rompendo/rasgando. – Também é de observar que houve algumas supressões sumárias de palavras e frases inteiras, igualmente dando mais força ao texto. Quanto ao desejo de precisão, o trecho da parte 6 referida no § segundo do presente comentário, acrescenta detalhes inexistentes no manuscrito ao referir, nos corpos batidos dos soldados, a progressão das feridas

“numa continuidade perfeita, dos pontos apenas perceptíveis das Mannlichers aos círculos maiores impressos pelas Comblains, aos rombos largos e profundos abertos pelas pontas de chifre, pelos pregos, pelos projéteis grosseiros dos bacamartes e trabucos”.

E quanto ao imprevisto das imagens, ele se tornou mais rico no texto para o jornal com as acrescentações que o manuscrito recebeu, o que vemos neste exemplo, cujos grifos são nossos:

“E as cargas realizavam-se sucessivas, rápidas, constantes, *vigorosas*, inflexíveis; pelotões, batalhões e brigadas, ondas cintilantes de baionetas feridas pelo sol, *rolavam, quebravam-se* ruidosamente sobre as trincheiras intransponíveis.”

36

Saídos dessas páginas sucessivas em que Euclides invocou “o gênio sombrio e prodigioso de Dante”, entramos outras vezes no exame de novas folhas admiráveis nas quais o repórter anotava expressões e maneiras de viver no sertão. Flora e fauna em destaque. — Embuá, seguida da designação científica — miriápode — é nome de diversos artrópodes, com grande número de patas,

como a centopeia. Na terceira linha seria “Bacilo antrácico”, relativo a antraz, inflamação purulenta. Os morcegos aí também se encontram com a designação científica da classe, a dos “Quirópteros”. Caracará ou carcará é ave de rapina. A flora está aí através do icó, da unha-de-gato, da aroeira, do mulungu, da ou do “mucunan”, palavra com quatro grafias aparentemente diversas, de difícil leitura. Vejam-se as expressões colhidas ao vivo por Euclides e por ele grifadas, expressões de conversas daquela gente sempre sofrida: “Eu não conheço essas *inventivas*”; “Temos *tribusana* velha!”; “Meu facão já comeu muito couro de gente”; “Meu couro não é pra bainha de facão – fugi!”

37 a 39

A primeira folha é uma das que não vieram às nossas mãos em cópia ampliada. Foi lida no nosso microfilme. – Prossegue curioso o repórter, anotando frases que ouviu: “Aquilo tudo foi *cana*, ele tomava como o diabo!”; “O cabra pulou na frente e desautorizou logo o homem! e *mandou-lhe o pau* e *fechou o samba!*”; “Ficou amassado como jenipapo”; “É rapaz de *talento*, não recua diante de *fama-nazes*”; “Estou *quarando* aqui há seis meses à toa”.

O espaço branco nessa primeira folha do caderno de anotações foi aproveitado para um lembrete de leitura, provavelmente já longe de Canudos, mas ligado aos projetos do autor: refere-se à atmosfera, a chuvas, a leituras em Humboldt, talvez nos *Quadros da natureza*. — A segunda folha repete notas já tomadas na primeira. A terceira contém coisas novas e se situa entre as que nos deram mais trabalho, exigindo leitura várias vezes.

40 a 47

Nova série de folhas seguidas, tratando de um mesmo assunto, devendo ser observadas juntas. São notas tomadas sem dúvida na capital da Bahia, enquanto o repórter esperava, meio enervado pelo atraso, a ordem de partida para o sertão. São as notas exaustivas, por ele mesmo referidas na correspondência de 21 de agosto. Sem novidades, sem ter mesmo o que fazer, como os colegas, ao contrário destes, não perdia tempo: “A *poeira* dos arquivos de que muita gente fala sem nunca a ter visto ou sentido”, escreveu naquela correspondência, “levanto-a diariamente. E não tem sido improfícuo o esforço”. Tendo descoberto, em jornal de 1894, uma notícia sobre as andanças do Conselheiro, passou-a aos seus leitores dizendo apenas que há três anos surgia a

primeira página daquela campanha na “pena inexperta de um sertanejo inteligente”. Mas na carta seguinte, a última da capital, do dia 23, corrigia-se: descobrira o livro excelente de Durval Vieira de Aguiar, de 1882, transcrevendo-lhe um trecho sobre o homem do *império do Belo Monte*, e dizendo que à medida em que se avantajava no passado via que a presença do líder singular vinha de muito mais longe do que se supunha...

O resultado de suas pesquisas e leituras nos arquivos da Bahia, pesquisas longas, minuciosas, cansativas, esse resultado, a partir dos primórdios da História do Brasil, não sendo matéria jornalística, destinava-se ao livro que viria. Consta de oito folhas maciças, de letra miúda e espaço limitado, englobando referências a Porto Seguro, à marcha dos colonos nortistas nas entradas para o oeste, às fundações jesuíticas na Bahia, aos paulistas irrompendo no século XVIII em Pambu e na Jacobina, além de outras, como a que nos dá traços da história de Monte Santo. São referências encontradas principalmente nos capítulos I e II da segunda parte de *Os sertões*, mas também no III e até uma centena de páginas adiante, a propósito de Monte Santo, quando ressurgem os nomes de Apolônio de Todi, Robério Dias, Belchior Moreira.

São anotações rápidas, guardando o caráter de esquemas, porém impressionando sempre, principalmente pela soma de detalhes que reúnem, dando-nos as datas de origem e outros dados relativos a dezenas de vilas e povoados do sertão; alguns traços da economia no Brasil-Colônia; observações sobre as Cartas-Régias; em tudo sublinhando a posição do índio desde o início, a mostrar como ele vem apanhando ao longo da nossa história... e se submetendo aos ladinos, como está na data 1720-1735 do manuscrito, relativa ao governo do conde de Sabugosa: “Prende João Figueira, portuguez feito chefe índio, bandido famoso.”

Falamos em datas. Essas, além de se encontrarem em toda a extensão do manuscrito, encontram-se rigorosamente colocadas linha a linha nas duas últimas folhas, sintetizando sucessos, sucessos às vezes referidos de maneira nada convencional: “Em todas essas cousas...” Tais datas e sucessos encontram-se, não raro, riscados por traços verticais, como indicamos ao pé das folhas em que isso se deu. Meticulosidades, escrúpulos, coisas talvez erradas, ou duvidosas, destinadas a confirmação depois, serão mesmo testadas, acolhidas posteriormente.

48

Ênfase ainda à luta contra o índio. Este sempre fugia espavorido ou buscava a aliança de outros povoadores. Só o jesuíta o tratava de maneira branda.

49

A página situada entre a anterior e esta é uma raridade no caderninho superanotado: está em branco... jamais, provavelmente, tendo caído sob os olhos do seu dono. O trecho da presente é esquema primitivo, com algo fundamental para a segunda parte de *Os sertões* – A Terra. Nos inícios dos capítulos IV e V dessa parte reconhecemos o esquema. Notem-se as expressões alteradas “Da *seca ao verde* transição imensa e rápida” e “Um paraíso no deserto – surgindo e desaparecendo breve”. É de observar ainda uma ocorrência estranha, de natureza diversa, no manuscrito: parte do texto apresenta sobre uma primeira grafia débil, esmaecida, uma outra, forte, cobrindo-a. A letra forte cobriu a fraca mas sem convencer que a sobreposição tenha sido obra de Euclides, aliás sem tempo e gosto para coisas assim... Que teria havido?

50

O vocabulário regional em progresso: candombá, cunanã, angico, jatobá, chiquechique. Observemos ainda uma vez que estamos tratando de anotações rápidas, num caderninho de bolso, destinadas a posterior corrigenda nos erros porventura existentes. No manuscrito as frases estão quase apagadas, talvez por falta de tinta, mas não recompostas, como no caso anterior. E aqui outra observação circunstancial mas curiosa: nem Ducassé, nem Forbes e Dikstehruis em suas histórias das técnicas esclareceram que tipo mais avançado de caneta se usava em 1897.

51

Mais palavras: araticum, quixaba, mari, e duas outras desacompanhadas. O que se segue foi explicado pelo próprio Euclides na correspondência de 28 de setembro: “Para não perder tempo continuo, com o tenente-coronel Siqueira de Meneses – um tipo interessantíssimo e notável, ao qual mais longamente me referirei – a observar sistematicamente, hora por hora, a temperatura, a pressão e a altitude em Canudos. Faremos com todo o cuidado estas observações que são as primeiras realizadas nestas regiões, e das quais derivará a definição mais

ou menos aproximada do clima destes sertões.” – Tirando aqueles “ões” a baterem uns nos outros, debitados à pressa com que a carta tenha sido redigida, é de observar aí duas coisas importantes: Euclides aproveitando avaramente o pouco tempo de que dispunha para trazer daqueles ermos o máximo de conhecimentos, e elogiando Siqueira de Meneses como não era do seu feitio, o que já pulverizava por antecipação uns dizeres gratuitos aos quais já nos referimos no livro sobre *Os sertões*, invenções ou desmemórias para encher páginas de “memórias”...

52 a 56

São páginas de suma importância, sucessivamente datadas, a esclarecerem duas questões essenciais até agora não esclarecidas: a do dia exato em que Euclides chegou a Canudos e a do extravio de correspondências suas para *O Estado de S. Paulo*, questão, esta última, que levantamos no nosso livro sobre *Os sertões*.

Ambas são bem esclarecidas nestas cinco folhas da caderneta de campo; tais folhas contêm as notas tomadas pelo repórter, dia a dia, entre 13 e 25 de setembro, sendo os fatos sumariamente narrados entre 13 e 23

exatamente os que não teriam deixado de ser objeto de uma, duas ou até três ou mais cartas para o jornal, sendo-o naturalmente, mas sem chegar ao seu destino. E as anotações de entre os dias 15 e 17 não deixam dúvidas de que Euclides, partindo de Monte Santo no dia 13, chegou mesmo a Canudos no dia 17, quando menos, 16. As razões são várias e passarão a ser examinadas.

Desde o dia 1.º desse setembro as cartas foram datadas com absoluta regularidade, dia a dia, até 8, e publicadas à medida em que iam chegando, às vezes uma de data mais antiga depois de outra mais recente, devido a irregularidades no trajeto, com o que os leitores já estavam acostumados. Mas daí em diante as coisas começam a se complicar: uma carta de Monte Santo é publicada com duas datas, 9 e 10, e outra do mesmo lugar com data de 11, é divulgada em seguida, mas antes de outra mais novamente datada de 10 e... procedente de Canudos. A trapalhada, a interrogação diante da ocorrência, já que o repórter ia de Monte Santo para Canudos, não ficaria aí: depois daquela última data, 11, só a 24 o correspondente teria enviado outra notícia para o jornal, que a recebera e publicara com maior atraso ainda, como era da rotina...

O “silêncio” de doze dias por parte do repórter chegado àquela “*urbs* monstruosa, de barro” no dia 16, esse “silêncio” do jornalista sempre diligente diante de fatos de interesse, como os ocorridos na última etapa da viagem, simplesmente não existiu; as notas de entre 13 e 23 de setembro, constantes do seu caderno, deram margem, naturalmente, a reportagens que não foram bater na redação, extraviando-se. Quanto à data de 10 de setembro dada à suposta primeira carta procedente de Canudos, que o jornal recebeu a 10 ou 11 de outubro, quando a publicou, pode ser dado como possível que a redação, ignorando o extravio ou extravios aludidos, não sabendo a que atribuir o mutismo misterioso do seu enviado especial e, principalmente, tendo em vista que a luta estava praticamente terminada a 2 de outubro, quanto àquela data, que só poderia ser 18, quando menos 17 de setembro, é quase certo que a redação a fez retroceder, não desejando ver seu repórter chegando mais tarde ao centro nervoso daquela “revolução”, o assunto *quente*, do momento...

Agora, já que o comentário se distendeu por necessidade de esclarecer pontos importantes mas até aqui sem explicação na história de *Os sertões*, passaremos a outras considerações sobre as notas de que falamos. Nelas, além

de dar o trajeto da viagem, com todos os locais de passagem ou paradas, e novos episódios da guerra, Euclides nos dá, como raramente fazia, flagrantes estupendos de si mesmo. Acampando aqui e ali; dormindo ora numa, ora noutra barraca; parcimonioso nas palavras que, logo depois dos primeiros contatos com a topografia estranha e os amigos que ali encontrou traduziriam a sua perplexidade, os seus espantos ante tudo quanto via e ouvia, fala-nos do estado em que se encontrava seu cavalo, “que deperece visivelmente”; da “canelada horrível num toco”, que dera durante a noite, sendo levado por sua ordenança; referindo ainda um diário de campanha, que começara a transcrever. Outras coisas dignas de nota: só a 19 informa ter observado “pela primeira vez” Canudos, com o que talvez quisesse dizer que só naquele dia tivesse visto o vilarejo mais vagarosamente. A 21 fala outra vez em Tupi Caldas, refere um cartão recebido de casa, preocupado com o jaguncinho que ganhara e que se encontrava doente. A partir de 24 as notas foram utilizadas na carta desse dia.

57

Proseguiam as anotações meticulosas, com as quais ia registrando dia a dia as máximas e as mínimas da temperatura em Canudos, trabalho apressado, desaparelhado mas pioneiro, do qual falara antes. As notas se encontram meio desordenadas no caderno, devido às circunstâncias que já mencionamos. Note-se no pé da página o cuidado: “Perdi o dia 23”.

58 a 61

Aí temos quatro folhas contendo admirável coleta de Euclides, um encantado com o linguajar do sertão que, como raros, introduziu vigorosamente na nossa literatura, inclusive referindo em *Os sertões*, por duas vezes, os *Cantos populares* de Sílvio Romero, lançado naquele mesmo ano de 1897, e acolhendo na obra-prima muitos dos versos que estamos conhecendo, anotados às pressas mas com carinho. Via em tudo aquilo traduções do sábio “gaguejar do povo”, sua filosofia de vida, costumes, crenças e opiniões. Essas rimas, escreveu, não tinham a espontaneidade dos improvisos sertanejos mas, sendo documentos vivos, não poderiam deixar de ser colhidas, e até acolhidas, o que fez em *Os sertões*, no capítulo V da II parte, com sete das quadrinhas que

se encontram nas duas primeiras folhas que examinamos, quadrinhas transcritas no livro dez páginas depois de duas outras constantes da aludida obra de Sílvio Romero.

Acolhendo em seu livro famoso aqueles versos canhestros, Euclides não o fez, a rigor, nem na ordem em que os anotou, nem conforme suas próprias anotações. É que, os tendo apanhado ao vivo, da boca de alguém ou das memórias de muitas pessoas, até mesmo os copiando de algum papel que teve nas mãos, hipótese mais viável, dada a ortografia estranha que passamos para estas folhas como se encontram no manuscrito, tendo em vista todos esses fatos, Euclides em *Os sertões* alterou a ortografia e, com muito cuidado, umas poucas palavras. Tinha que o fazer, pois foram sucessivas as quebras e as indecisões das notas que tomou e, principalmente, o fato de que nesses versos do sertão as variantes são inúmeras, o que podemos observar não só em Sílvio, mas também na *História do Brasil na poesia do povo*, de Pedro Calmon, onde os versos do ABC anotados pelo repórter têm as suas diferenças, principalmente em José Calasans, trabalhador emérito de *No tempo de Antônio Conselheiro* e excelente comentarista do livro que descobriu, do bardo João Melchiades. — Outras observações sobre as folhas de que nos

ocupamos agora nós as fizemos nos pés das mesmas, sendo que na segunda delas muita coisa do seu texto se apresenta de maneira absolutamente ilegível.

62

Aqui, aviventados pelo contraste com o “gaguejar” dos versos que vimos na leitura do manuscrito em quatro páginas sucessivas, uns outros, não mais de natureza política, social, coletiva, porém de cunho extremamente pessoal, Versos de amor, de um apaixonado à perda “comandante” do seu coração... Foram bater em Canudos, vindos do norte, do sul, de que lugar, onde, abandonando aquela “Troia de taipa”, se refugiara o amante sem esperança? Submetidos pelo expedidor a tratamento melhor que o dispensado ao bilhete quase ilegível no manuscrito, constituem outro atestado de que, como tinha que ser, em Canudos nem tudo era guerra do Conselheiro, de que lá o amor tinha sua hora e vez, até campeando livre, talvez sendo mesmo a razão da presença ali de certos “guerreiros”... Esse campear livre, aliás, não é observado só em *Os sertões*; está nos relatos de Manuel Benício, como, em tintas fortes, no *João Abade*, de João Felício dos Santos.

63 a 69

São sete folhas unitárias, contendo anotações tomadas dia a dia, entre 26 e 29 de setembro, prosseguimento das notas de entre 13 e 25, sendo as situadas entre 13 e 23 prováveis fontes de reportagens perdidas no trajeto Canudos-São Paulo, assim não chegando à redação. Como já observamos, não chegando ou, por qualquer razão, não tendo sido publicadas, hipótese esta quase inaceitável. De qualquer forma, dentre estas notas que examinamos no instante, é de observar que a primeira foi remetida com poucas alterações, as duas seguintes com apreciáveis cortes, acrescentações ou substituições, tendo sido a quarta, de 29 de setembro, totalmente escrita para *O Estado* à base de simples lembrete de meia dúzia de linhas do manuscrito.

A diferença entre a correspondência de 26 e as notas que lhe deram origem está em numerosos parágrafos abertos, em substituições de palavras ou expressões – “igreja satânica” por “templo maldito”; “flamívono” por “formidável”; “modo notável” por “maneira expressiva”, encontrando-se também em umas tantas acrescentações curtas. Já nas cartas de 27 e 28 vemos informações suprimidas, como é o caso da visita do repórter ao comandante do batalhão paulista, ou acrescentadas, como

se deu ao escrever que continuava a fazer com Siqueira de Meneses observações sobre o clima da região de Canudos. A quarta correspondência do grupo que estamos examinando, sendo extensa na publicação do jornal, baseou-se, entretanto, em simples lembrete do caderninho de bolso do repórter, o que teria também acontecido com muitas das observações esquemáticas de entre 13 e 23, origem, provavelmente, de algumas cartas extraviadas. Sobre a carta de 29 de setembro é de observar ainda que foi a penúltima expedida por Euclides e contém muito do que está no final de *Os sertões*, título “Passeio dentro de Canudos”, além de conter observações encontradas quase no princípio do livro, mais precisamente no capítulo V da II parte, título “Aspecto original”... – As folhas 64-65 são notáveis pela fixação de diálogos travados, inclusive por Euclides, com mulheres prisioneiras, nada perdendo o repórter do frasear estranho que ouviu.

70

Temos nessa folha, segundo os indícios, um trecho de discurso, talvez de um comandante, em almoço ou jantar destinado a comemorar vitória à vista, encorajando...

71

Outra vez é de destacar a desordem com que Euclides utilizava sua caderneta de bolso: antes da folha 70 existem registros sumários de trabalhos de engenharia junto à ponte de São José do Rio Pardo (expressões como “barragem rio”, “encontro”, “ponta ilha”, “matriz”, “estação, seguidas de medidas em graus), registros que, nada tendo a ver com o assunto “Canudos”, só viriam tumultuar a presente leitura; depois, nesta página 71, antecedida de tantas outras, maciças, sobre a guerra em si, surgem anotações de prováveis leituras de botânica, muitas delas acompanhadas de pequenas ilustrações.

72 a 75

Destas quatro folhas que passaremos a examinar, só a última se encontrava na ordem que estamos seguindo, as três outras se apresentando quase vinte folhas adiante, no manuscrito de Euclides... Trata-se de uma profecia precedida de carta de jagunço, a cópia de ambos os documentos iniciada naquelas folhas distantes mas, dada a falta de espaço para prosseguir, uma vez que as folhas seguintes do canhenho já se encontravam tomadas por outras anotações, o repórter continuou aquelas na primeira folha em branco

encontrada para trás, o que ele sempre fazia, como já temos observado.

Dada a importância dos documentos e a transcrição de trechos da profecia várias vezes em *Os sertões*, não tivemos dúvida em aproximar as quatro folhas, abrindo exceção no critério que vimos seguindo com rigor; sem essa exceção o bom entendimento do texto seria prejudicado. Aludido texto é longo e foi lido com alguma dificuldade no manuscrito, do qual o escritor se valeu parcialmente, passando o que tem de essencial para a obra-prima, onde esclarece que os dizeres das profecias estavam em muitos cadernos encontrados em Canudos, tendo sido copiados de um destes, pertencente ao secretário do comandante-em-chefe. Não atribuindo à carta a importância que lhe atribuiu Siqueira de Meneses (Hoche), que a transcreveu em *O Paiz* de 21 de setembro, Euclides deu a atenção devida às profecias, transcrevendo-lhes as passagens essenciais quase no final do capítulo IV da II parte de *Os sertões*. Na correspondência para *O Estado*, entretanto, não existe a menor alusão à importante descoberta, sendo possível que a referência constasse de uma das cartas extraviadas entre 13 e 23 de setembro; a revelação de Siqueira para *O Paiz* é de 21, sendo certo, portanto, que no dia anterior os

documentos já fossem do conhecimento dos jornalistas, quando menos de Euclides, muito ligado a Siqueira.

Ao bom leitor da obra-prima não escaparão, na leitura que estamos fazendo do manuscrito, muitas frases conhecidas: “então o certão virará praia e a praia virará certão”; “haverá muito pasto e pouco rasto”; “muitos chapéus e poucas cabeças”; “hade chover uma grande chuva de estrelas e aí será o fim do mundo”; “das ondas do mar D. Sebastião sairá com todo o seu exército”, e outras incorporando autêntico bestialógico, ou um “extravagar adoidado”, assim como as viu Euclides. Tendo isso em vista, bem como a existência de muitas versões do documento, Euclides, ao utilizá-lo, o alterou um pouco, abrindo parágrafos, transpondo ou omitindo alguns detalhes mas em cuja essência não tocou.

76

Na coleta empreendida pelo escritor sem livros não faltaram versos como esses, de um catolicismo piegas, corriqueiro, pobre, visivelmente copiados de um manual. Euclides não os referiu sequer. Esses versos continuam à página 89, a primeira naturalmente encontrada em branco lá para a frente...

77 a 80

São anotações relativas a altitudes, temperaturas e pressões colhidas na região por Siqueira de Meneses, como o anotador voltou a informar na primeira folha. Com o amigo, chefe da engenharia, que por lá já se encontrava desde muito antes, o repórter continuou tais observações. Desejavam ambos, com esses elementos, desvendar algo sobre o clima dos sertões, assim realizando trabalho pioneiro, talvez útil a um estudo retrospectivo em nossos dias. Como aconteceu com algumas de cálculos ou desenhos geométricos de menor importância não vieram às nossas mãos as cópias ampliadas para leitura de outras folhas desta série do manuscrito, constantes, entretanto, do nosso microfilme. O fato seria de interesse apenas para o suposto estudo retrospectivo específico, de observatório, ao qual aludimos acima. Basta a advertência.

81

Ampliam-se ainda as observações na área da botânica. Pivotantes: raízes em forma de pivô, de penetração vertical. As fasciculadas se dispõem em forma de feixes ou fascículos. Afinal, quem assim prosseguiu, como vimos e vemos, e veremos, estava evidentemente se

preparando para algo bem diverso do gênero reportagem...

82 a 87

Outra indicação disso é a série de folhas que passaremos a examinar. Contêm palavras, expressões, frases soltas, aparentemente sem ligação com algo mais longo e inteiriço e sem razão aparente de existir. Trata-se, todavia, de expressões ouvidas aqui e ali, talvez de prisioneiros ou pessoas outras que o repórter encontrou nas suas andanças por aquelas bandas, tratando-se ainda, principalmente talvez, de anotações de leituras, de exercícios de sinonimia, coisas todas essas com as quais o escritor se habituara, nas quais até se esmerava, chegando, quando isso realmente o interessava, a anotá-las nos punhos da camisa...

Palavras e expressões do sertão constituem a grande maioria das que nestas folhas se encontram, inclusive umas bem euclidianas, ocorridas num instante, depois juntadas ao grupo aparentado com os achados de Guimarães Rosa, outra vez: “Rouquejou um brado surdo”; “Olhar esperto e tençoeiro”; “O romance mais doutrinal que ainda saiu dos prelos”; “Saiu com a sua dignidade estreme”; “Horas aligeiradas na paz do sertão”; “Em anos já seródios”; “Da paixão

das mulheres negatou-o a idade”; “Forcejam por desasá-lo”; “Sensato e alegre – coisas que por milagre se acolchetam”: – Mas, observado isso, atente o leitor para as menções aos nomes de Júlio Dinis e de Alencar à página 86, bem como, na seguinte para o de Walter Scott na expressão “Fronte senhoril – *a lordly forehead*”. Há que ter em vista ainda a anotação “Crasta – claustro (antigo)”, tudo junto sugerindo serem estas anotações relativas a lembranças de coisas ouvidas no sertão, anotadas mais tarde junto a outras ocorridas ao próprio anotador, ou provenientes de leituras que fazia ou fizera há algum tempo. Tivemos dúvidas sobre aquele “negatou-o” (?) que não encontramos em Aulete, nem no Moraes. Mas a grafia é clara.

88

Trata-se, aqui, de anotações sumárias, desenvolvidas na correspondência de 1.º de outubro, no trecho em que é comentada a morte do major Queirós. A propósito dessa correspondência, a última enviada pelo repórter, é de lembrar que o seu início, em tom de memória e despedida, é um dos mais belos trechos de todo o noticiário de Canudos para os jornais.

89

Os versinhos, não concluídos, fazem parte do conjunto destituído de maior importância, que já vimos na folha 76. Não os concluindo, parece que Euclides percebeu a tempo a inutilidade do esforço.

90

É uma folha do caderninho, seguida de duas sem maior importância, não referentes a Canudos; seu texto é ligeiro mas acompanhado de um croquis de Euclides. O assunto de que trata é, entretanto, dos mais importantes, logo adiante focalizado mais demoradamente no manuscrito: a preliminar do que seria a longa e sangrenta “revoltação” de Canudos, o tristemente famoso episódio de Uauá, sensacional pelo misto de surpresa, coragem, tenacidade nos dois lados do combate quase sempre corpo a corpo, inclusive a baionetas e ferrões de vaqueiro que Euclides descreveu em *Os sertões* com a riqueza de um nababo da língua. A luta em que morreram cento e sessenta homens e ficaram feridos dezesseis, enlouquecendo o médico da expedição, é de 21 de novembro de 1896, quando o futuro escritor nem pensava que um dia estivesse em Canudos, mas ali estando, dela obteve detalhes que, pela sua importância, não

teria deixado de enviar para o seu jornal, no qual, entretanto, só encontramos esporádica referência na carta de 19 de agosto...

91

A folha faz parte daquele conjunto de oito, que observamos entre as de números 40 a 47, resultantes de pesquisas demoradas e exaustivas do repórter nos arquivos de Salvador, enquanto esperava ordem de partida para o sertão. Não era matéria jornalística, cada dia mais rara naquela capital, mas ele, sem perder tempo, ia e vinha do passado com as mãos cheias para o futuro...

92

Esta parece ser também parte do conjunto que vimos de referir; ao comentar o que se encontra nas folhas 40 a 47 dissemos que em suas pesquisas, das quais depois se utilizaria bastante, Euclides procurava esclarecer as origens e alguns sucessos importantes de muitas dezenas de vilas e povoados do sertão, entre as quais incluiu a de Monte Santo. Esta, como observamos na folha de agora, mereceu pesquisas mais amplas, dada a sua projeção na paz como na guerra, no pleno sertão da Bahia. Nas correspondências de 7 e 8 de setembro, sem dados históricos, mas apenas com

suas observações e impressões pessoais, ele foi mais longe. Primeiro com visível malquerer, depois reconciliado com o lugar através da beleza da “Via Sacra”, a cujo respeito disse ser “difícilmente concebível o esforço despendido para o levantamento dessa maravilha dos sertões”, o que repetiria na obra-prima, reuniu todos os dados e observações que colhera, legando-nos páginas que se situam entre as mais belas das suas. – Note-se na linha final uma referência a Cumbe, lugar hoje denominado Euclides da Cunha...

93-94

A ausência, aqui, da preposição “a” na numeração até 108-109 é propositada e tem sua razão de ser em mais um fato preso à desordem com que Euclides utilizou as folhas do seu caderninho de bolso. Trata-se de uma série de duas páginas *vis-à-vis*, cada página dupla utilizada como se fosse simples, isto é, cada linha manuscrita iniciada na extremidade esquerda de uma para só terminar na extrema direita da que lhe estava em frente... A novidade que, com as outras que já conhecemos, absolutamente não atrapalhou o próprio anotador, foi motivo, entretanto, de muito trabalho para nós que desejávamos apresentar aqui, uma reprodução fiel do

caderninho, até em termos de espaço. O que se deu de 93-94 a 108-109 impediu esse proceder, obrigando-nos a seguir o imposto pela técnica de composição e paginação.

Aludido critério, Euclides não o adotou sem alguma razão e esta estaria no fato de ele ter conseguido encontrar um Diário dos sucessos anteriores à sua chegada, documento longo, cuja cópia demorada exigia mais economia de tempo em redigir linhas e virar folhas... Aliás, suas cópias devem ser de mais de um desses documentos, já que os textos anotados não têm sequência, e que o próprio anotador, além de referir outros “diários”, adiante, apresenta novas versões de sucessos já anotados anteriormente; em *Os sertões* refere novo diário de ocorrências entre 19 e 24 de julho. Isto tudo, além de “notas suplementares”, suas, originadas de declarações por ele mesmo solicitadas e anotadas, como está bem claro na última linha de aludidos suplementos: “É preciso conversar com o guia Jesuino”. – Agora, antes de entrarmos no exame de uma por uma das páginas duplas de que falamos, outra observação indispensável: todos os episódios que passaremos a conhecer através de bate-papos anotados e diários copiados pelo repórter são importantes – Uauá, Expedição Febrônio, Coluna Savaget,

Moreira César – sendo, após cotejos, verificações e retificações em outras fontes, utilizados na obra-prima. Nenhum, porém, constou de qualquer carta enviada para o jornal, senão de maneira genérica em comentários acidentais, menos que passageiros. Conhecendo agora a abundância de detalhes de que Euclides se munira a respeito de um por um é difícil crer que não tivesse endereçado ao seu jornal algo mais do que vagamente se encontra nas correspondências de 10, 19 e 23 de agosto sobre Uauá, Febrônio, Moreira César. Senão vejamos, apontando sumariamente em cada uma das páginas duplas a que nos referimos a riqueza de detalhes que todas contêm.

Nestas 93-94 o episódio de Uauá, de 21/11/96, é visto através do longo, lento, penoso caminhar da força de fazenda em fazenda, de vila em vila, de povoado em povoado, sem materiais indispensáveis e sem água, assim caminhando trinta e duas léguas em sete dias. As páginas admiráveis que estão no título “Uauá”, do capítulo II da III parte de *Os sertões*, são exemplos da maestria com que Euclides foi ao assunto, já de posse de outros elementos que o levaram a lançar luzes sobre aquela advertência feita a si mesmo no manuscrito – “Fato a esclarecer”. O não acolhimento da informação referente ao comando

de Quinquim do Caiqui atesta igualmente que o repórter não teria obtido confirmação do fato.

95-96

A folha é continuação da anterior: o auge da luta em Uauá imediatamente após a chegada dos sertanejos em procissão, rezando, não faltando mesmo as passagens da grande cruz de madeira, dos apitos estridentes, das manobras, dos fuzilamentos, do enlouquecimento do médico, cujo nome saiu certo na obra-prima, onde tudo isso e muito mais que o escritor já então conhecia se encontra na exposição soberba em que a excelência da informação só se deixa suplantar pela riqueza e a correção do comentário definitivo a que deu origem. – A parte final desta página dupla no manuscrito já se refere à “Expedição Febrônio”, assunto encontrado no capítulo II, divisão intitulada “Travessia do Cambaio”, título “Em marcha para Canudos”, no livro. Sobre essa expedição destinada a corrigir os desacertos das anteriores, mas os repetindo, Euclides traçou sua crítica severa mas, como sempre, fugindo ao mero e cansativo relato que, melhor informado, emendou aqui e ali.

97-99

Na folha, para a qual reservamos três números pelas razões expostas adiante, prossegue o relato dos sucessos alusivos à “Expedição Febrônio”. Os dados que aí se encontram em linguagem meio telegráfica, denunciando maior pressa, integram a já referida parte do livro, “Travessia do Cambaio”, mas não se encontram na correspondência para o jornal, senão em referência de uma linha no final da de 23 de agosto, quando o repórter ainda não havia chegado a Canudos e, portanto, não tinha tido contato com pessoas detentoras das informações pormenorizadas que agora começava a recolher. No final do capítulo II e princípio do III da parte mencionada encontra-se muito do que está nestas páginas duplas do manuscrito: os “brados escandalosos de linguagem solta”, os burros e cavalos espavoridos, a impressão do último choque (“Medonho!”). — É de esclarecer, por último, que Euclides, que vinha fazendo suas cópias com letra razoavelmente mais distendida, nas páginas de agora as diminuiu extremamente, dando em resultado uma composição de quase três páginas em corpo 8 num livro de tamanho médio (20x13), que supomos venha ser o do presente, e é a razão da numeração 97-99 no presente comentário.

100-101

Ainda uma vez lembramos que tudo quanto vimos conhecendo através destas páginas duplas é cópia de um ou mais diários da luta, obtidos por Euclides, depois comparados entre si, acrescidos de depoimentos colhidos em outras fontes, e de noticiário de jornais, para ao final, submetidos aos seus dons de arte e de estilo, resultarem no livro soberbo que conhecemos. Estas páginas de agora dizem respeito à Coluna Savaget, a chamada 2.^a coluna, e contêm dados utilizados a partir daquele título no capítulo III da parte intitulada “Quarta Expedição”.

102-103

Continuação das páginas relativas à Coluna Savaget, integrante da Quarta Expedição e, portanto, de organização posterior e não anterior à Expedição Moreira César. O fato de as anotações referentes a esta virem depois daquelas, como vamos ver logo em seguida, apenas confirmam que Euclides tomou suas notas de fontes diversas, não podendo, no manuscrito, obedecer à sequência natural dos fatos. Nas páginas duplas que estamos conhecendo, a referência ao alferes Wanderley, imortalizado numa das páginas mais lindas, logo no início de *Os sertões*, é

encontrada no final do aludido III capítulo, sob o título “Bombardeio”. Logo em seguida a este, no título “Emissário inesperado”, está a referência ao paisano detido provisoriamente.

104-105

Aqui umas poucas linhas sobre o assunto “Coluna Savaget” e eis que o anotador encontrou a recolher dados sobre o desastre incalculável da Expedição Moreira César. Ia, afinal, conhecer nos seus detalhes o mais importante dos inesperados daqueles tormentosos meses de guerra ininterrupta. Deve ter lido antes, rapidamente, tudo quanto iria copiar, o que fez, por certo, sem perder uma linha, fazendo a pena correr através das três páginas duplas em sua caderneta de campo. Mais tarde procuraria obter novos informes sobre os mesmos sucessos, mais tarde ainda perseguiria outros depoimentos sobre a aventura do truculento, afoito e despreparado cabo-de-guerra que partira do Rio a 3 de fevereiro aureolado por velha fama para se acabar em Canudos a 3 de março, exatamente, fazendo recrudescer o sensacionalismo do noticiário nas capitais do país e dos estados.

De tudo isso e muito mais Euclides diria nas páginas mais argutas e mais corajosas do seu livro sobre a crítica situação político-social

daqueles tempos; passou em seguida a disciplinar, enriquecendo-os no seu relato, os aspectos particulares constantes destas duas páginas duplas, apontando fatos e nomes de pessoas e lugares que aí se encontram, e são facilmente localizáveis em *Os sertões*.

106-107

Observe-se logo de início, nas primeiras linhas do Diário, como o comandante se encontrava desinformado sobre seus adversários. A observação do “cartão de visitas”; da vacilação dos comandados que, bem conhecendo o inimigo, temiam pela execução das ordens precipitadas; do tiro recebido por Moreira César, são coisas que dispensam comentários, por demasiadamente conhecidas. Apenas é de dizer que o escritor, depois amplamente informado, pôde corrigir, esclarecer, ampliar corretamente na sua linguagem privilegiada esses fatos que conheceu assim de maneira quase esquemática.

108-109

É a última das páginas duplas do caderninho, iniciadas com os números 93-94 destes comentários. Aí, sumarássimos, se encontram dados que constam dos capítulos V e VI da

parte intitulada “Expedição Moreira César”, no livro.

110

Mas o homem incansável na procura da verdade, como sempre aconteceu, não parava. A sua desconfiança em certas passagens das anotações que copiara, a sua insatisfação diante de certos relatos incompletos, a sua obstinação em conhecer alguns detalhes dos quais ainda não tivera notícia, faziam-no ir em frente, procurando, indagando. É o de que temos prova, em mais esta página do caderninho: notas suplementares sobre Uauá, sobre detalhes da Expedição Febrônio, fatos que supúnhamos já bem conhecidos por ele, como vimos. Observe-se a expressão “...acontece o seguinte” e, principalmente, a advertência que deixou bem destacada para si mesmo: “É preciso conversar com o guia Jesuíno”. É que Domingos Jesuíno era o olho das expedições, uma réplica do famoso guia Lopes que, ensinando os doutores, salvou os retirantes da Laguna, como está em Taunay...

111 a 119

Um grupo de nove páginas isoladas que comentaremos juntas por tratar de um mesmo assunto, e a cuja numeração

acrescentamos a preposição “a” como vínhamos fazendo antes de encontrarmos a longa série de páginas duplas, o que já esclarecemos.

O título “Retirada Domingos Leite”, repetido à página 117, não tem a importância sugerida pelo destaque, sendo o nome de D. L. referido ao que parece apenas uma vez em *Os sertões*, mas não como na correspondência de 6 de setembro, onde se conclui tratar-se de colega de Euclides na Escola Militar: “Domingos Leite, um belo tipo de *flaneur*, folgazão nos bons tempos da Escola, um devoto elegante da Rua do Ouvidor – abraçou-me e não o reconheci. Vi um homem estranho, de barba inculta e crescida, rosto pálido e tostado...” – O que tem importância – e muita – nas páginas que estamos examinando, é o texto, a destacar outra vez a proibidade de Euclides, novamente procurando esclarecimentos sobre o assunto “Moreira César”... E, ao que parece, não mais copiando diários, porém ele próprio tomando depoimentos de uma ou várias pessoas, reunindo dados novos, muitos deles utilizados (o ataque de epilepsia na fazenda, o macaco bate-estacas, o “vamos almoçar em Canudos!”), Tamarindo passando a galope), muitos outros abandonados, porque naturalmente desmentidos com mais razões após (o próprio fato de que se originou

o título aludido no início destes comentários seria um deles: Domingos Leite recusando-se a assumir o comando da retirada do pouco que restou da tropa em pânico após a morte de Tamarindo). Acolhidos ou não acolhidos no livro, estes são os fatos constantes das nove páginas que nos mostram Euclides, como sempre, à procura da verdade onde quer que se encontrasse. Descuidos de redação pela pressa, fatos não confirmados, a verdade é que dessas novas versões o escritor se utilizou menos que das outras na parte intitulada “Expedição Moreira César” no livro cujo II capítulo ele encerrou com as mais belas páginas já escritas sobre a psicologia do soldado brasileiro.

120 a 123

As quatro folhas, muito cheias de linhas inteiras riscadas no manuscrito, contêm fatos e boatos de Canudos e do país, principalmente de agitações no Rio e em Salvador, ouvidos ou lidos nos jornais, após o desastre de Moreira César. Tais riscos de frases escritas e depois eliminadas, chegando a tomar quase a metade da primeira página, evidenciam a confusão que as versões contraditórias dos fatos deixavam no ar. Em traços rápidos, vacilantes, misturados, surgem o nome do

general Artur Oscar, a lenda do cabo Roque, novos dados esparsos sobre Moreira César, notícia de sessão no Clube Militar para conhecer carta de Manuel Vitorino, de *meeting* no Rio contra a “caudilhagem monárquica”, detenção de suspeito e procissão na Bahia, boatos sobre Rui Barbosa, ataques a Vitorino, subscrição para a família do cabo Roque... e, afinal, revelações sobre o verdadeiro arsenal que a Expedição César deixara nas mãos do adversário. – Nesse amontoado de coisas glosadas em tons os mais diversos no livro – do trágico ao cômico – é de ver Euclides apelando para o noticiário mais antigo, isto é, alertando-se a si mesmo para examinar posteriormente certas informações, ora na *Gazeta de Notícias*, ora no *Jornal de Notícias*, com indicações de dias, páginas e até colunas. Diante dos disparates, só mesmo com a calma e o silêncio esperados ao regressar, seria capaz de botar ordem na desordem do diz que diz, caindo com a sua pena em fogo sobre a desfaçatez e a mentira.

124 a 143

Como uma antena poderosa, altamente sensível, a sua inteligência e a sua intuição já estavam captando vozes e ruídos distantes, perdidos no ar, nem sequer pressentidos pelos outros, mas que diziam tudo... Discernindo

mais tarde, distinguindo claramente o pouco que ainda lhe parecia indistinto e confuso naquele vozerio partido dos centros de decisão, a sua maestria e a sua coragem o diriam para o presente atarantado em que vivia e, muito mais, para o futuro que não poderia desconhecer a movimentação das pedras naquele surpreendente xadrez... Para tanto, prosseguiria na incansável procura da verdade esquiva.

Outra prova disto está na transcrição de um diário bastante extenso, do dia 9 de junho até 18 de setembro, quando o repórter, já em Canudos, o continuou, sendo, portanto, documento relativo à fase, posterior à do outro transcrito em páginas duplas, que já examinamos. A concluir pela opção de agora, de copiar o documento em páginas isoladas, ele mesmo não gostara da decisão anterior, que dificultou a leitura. A extensão do documento, vinte e uma páginas compactas em sua letreirinha normalmente miúda, deve ter-lhe tomado muito tempo, tudo indicando ser o mesmo a que ele se referiu no dia 19 de setembro, página 54 do seu texto: “comecei a transcrever o diário de um dos ajudantes-de-ordem do general, o alferes Praxedes”. Tal diário, cujos dados de entre 19 e 25 de julho ele reescreveu com cuidado, colocando-os em *Os sertões*, é, na verdade importante, reunindo

toda a rotina da guerra no extenso período de três meses e meio. Refere-se à marcha das forças do general Artur Oscar que, então, já tinha organizado a Quarta Expedição, trabalho iniciado a 5 de abril.

À série enorme de fatos maiores e menores aí contida Euclides recorreria ao redigir *Os sertões*, reescrevendo tudo quanto interessasse, reexaminando passagens e datas à frente de outros documentos, corrigindo o que fosse de corrigir, como se deu logo com a data da partida do general, a 19 e não 20, ampliando corretamente o que fosse de ampliar, eliminando excessos, a tudo infundindo o calor, a vida, o movimento peculiares à sua prosa, sem alterar no mínimo a essência da verdade contida nos documentos sempre pesados, duros, monótonos, que encontrou. — Neste, longo, que estamos vendo, o diarista anotou série enorme de fatos: prisão de um soldado por indisciplina, outra de um alferes; entrada de cem bois para o consumo; prisão e medicação de um menino jagunço; início do bombardeio de Canudos; movimentação de comboios de gêneros e munições, abatimento de gado e distribuição de gêneros; o acidente com barril de pólvora em 29 de junho; um soldado morrendo por ter comido mandioca brava; consertos de armas e

abertura de trincheiras; diminuição de rações por falta de víveres, uma vez havendo sal e farinha só para os doentes, outra não mais existindo nem para eles; desertores voltando, explicando que o fizeram por causa da fome; grande comboio de víveres chegando; distribuição de gêneros: um litro de sal para cinquenta praças, um boi para cento e vinte, e café, açúcar e bolachas para os doentes; comboio com farinha, sal, rapadura e fumo; gêneros outra vez faltando, distribuídos a meia ração, depois a menos; ataques, revides, bombardeios severos, gratificações de 200\$ a estafetas para correspondência entre Monte Santo e Canudos; lutas incessantes, bombardeios, arrebanhamentos de gado do inimigo, dinamite sob a igreja velha, eis algo do dia a dia da guerra entre 9 de junho e 18 de setembro, algo precioso que Euclides passou para estas 21 páginas do seu caderninho de bolso.

A partir desse último dia até o final da luta, ele, que já se encontrava em Canudos, continuou as anotações por conta própria. Estão examinadas nos números 52 a 56 destes comentários.

144

São outras anotações isoladas, das que se encontram muitas no caderninho. Isso tudo que vimos vendo, coisas de antes vindas depois e vice-versa, que é a mais completa desordem aos nossos olhos, era ordem para ele... Ao consultar o seu canhenho sabia onde encontrar o de que precisava, realidade comum às notas pessoais dos grandes da sua mesma estirpe, diga-se de passagem. A página fixa impressões várias do sertão, incorporando pelo menos um termo novo para enriquecer a sua cata: “Bogó, balde de couro dos vaqueiros”. Quanto ao mais, inclui observações sobre estradas e caminhos, distâncias entre um lugar e outro, curiosidades: “Lagoa do Cipó foi onde se deu combate de Febrônio – tem ainda ossada de mortos – está a 3 quilômetros das trincheiras (além na direção de Canudos)”.

145

A página pode causar estranheza, dadas as menções sucessivas aos vários estados da federação seguidas de números. Trata-se dos batalhões formados com voluntários e soldados vindos daqueles estados para a Quarta Expedição. O capítulo II da parte de *Os sertões* relativa a essa expedição expõe detalhadamente o assunto em seus três primeiros

títulos. Observando-os o leitor terá outro exemplo de que raramente Euclides confiou nas suas primeiras anotações... Os nomes dos comandantes desses batalhões não eram todos os que se encontram nas suas notas apressadas, e nem a distribuição por comandos era a mesma, encontrando-se também corretos e por extenso no livro; nas anotações estão escritos às pressas, até abreviados. O segundo dos três títulos que mencionamos dá-nos uma visão caótica da situação em que se encontrou São Salvador da Bahia com os lutadores chegados de todos os pontos, certos de que naquele estado reinavam convicções monárquicas...

146 a 149

As quatro páginas são visivelmente anotações de leituras, de estudos não destinados às reportagens... Seriam, como as outras que já vimos, notas esparsas, tomadas talvez na Bahia, enquanto, esperando ordem de partida para o sertão, andou vasculhando arquivos e bibliotecas. Ou, mais provavelmente, em São Paulo, ao regressar, já pensando no livro a que daria início. No começo da primeira folha estão expostas algumas conjecturas sobre o autoc-tonismo das raças americanas, assunto das primeiras páginas do capítulo I da II parte

de *Os sertões*. Coisa de vinte páginas adiante, no terceiro título do mesmo capítulo, vamos encontrar a essência do que consta do último trecho anotado nessa primeira folha, cujo fragmento intermediário tem seu início incompleto e não está concluído. Na folha seguinte, continuação da anterior, vemos ainda considerações sobre o norte, o sul, o clima, a gente, e, encerrando-a, algumas observações sobre as nossas raízes africanas, reconhecíveis no final do aludido I capítulo do livro. – A terceira página desta série contém anotações disjungidas mais ou menos presentes no título “Religião mestiça” do terceiro capítulo, talvez o mais belo não só da II parte de *Os sertões*, mas de todo o livro, pelo feliz encontro do trágico com o lírico que nos proporciona através dos seus títulos em conjunto, dando-nos a ver o sertanejo, o estouro da boiada, as danças e desafios, o insulamento no deserto... Na redação definitiva a página de que falamos teve seus elementos substancialmente alterados, apresentando, no manuscrito, frases visivelmente intercaladas posteriormente, sem se ajustarem corretamente ao todo. É de observar ainda que o início dessa página 148 indica uma falta qualquer, talvez de outra não fotografada por inexistente no manuscrito, ou então – hipótese mais aceitável – é continuação daquele “Ora”

(agora) largado sozinho na página 147. – A parte final da última página tem anotações só vagamente reconhecíveis se dermos, no livro, uma volta de mais de cem páginas buscando o segundo capítulo da primeira parte...

150

Outra vez o repórter com o projeto de um livro à procura de novas informações “para acrescentar à expedição Moreira César”, como está logo acima da página... Notícias que corriam foram anotadas para posterior exame, a ser efetuado inclusive com a leitura ou releitura de outras reportagens, em outros jornais, indicados com detalhes, até os mais mínimos. O acontecimento “Moreira César”, de fundamental importância para a história da Campanha, continuava a espicaçar-lhe a curiosidade de anotador probo, paciente, exigindo pesquisas e depoimentos para a correta exposição mais tarde. Junto a notícias talvez verídicas, a boataria que andava à solta: César teria morrido em virtude de ter mandado emissário ao Conselheiro... e mais boatos envolvendo o vilarejo de Cumbe, hoje chamado Euclides da Cunha.

151 a 153

Os fatos ou boatos continuam sendo anotados com a atenção que não perdia nada. Já agora trata-se de coisas relacionadas com a Quarta Expedição, destinada a reparar erros recentes. A reaparição do cabo Roque, que no livro Euclides disse ter sido “vítima da desgraça de não ter morrido”, vinha desapontar os patrioteiros em todo o país; também eram fatos as debandadas, as violências contra tudo quanto lembrasse a monarquia, as investigações destinadas a apontar os responsáveis pelo desastre da Expedição César. Boatos seriam a fábrica de pólvora do padre, como a mudança do Conselheiro de Canudos para Chorrochó... Mas tudo fora anotado cuidadosamente.

154 a 157

São quatro páginas do caderninho encimadas pelo título “Notas”. As duas primeiras nos mostram Euclides às voltas com tratadistas de assuntos raciais... Mas não tanto quanto leitores apressados querem fazer crer. As notas demonstram, sem dúvida, leituras atentas, inclusive em Oliveira Martins, cujo livro sobre o socialismo o interessou muito mais na fase da cidade mineira de Campanha. Mas, foram leituras de que ele não se valeu senão de

maneira breve e acidental, principalmente nos dois primeiros capítulos da II parte do seu livro famoso. Percebendo com sua inteligência ágil as controvérsias e mal-entendidos que a questão (repousando em critérios complicados, genéticos, anatômicos, fisiológicos, patológicos) apresentava, confessou-se, no final daquele II capítulo, enfiado com ela, sem “tempo e competência” para deslindá-la... Percebendo, principalmente, que suas próprias observações dos sertanejos desmentiam uma série de coisas que andava lendo, passou a ver nessas coisas “um divagar pouco atraente”, convidando o leitor a segui-lo com “as impressões verdadeiras ou ilusórias que tivemos quando, de repente, acompanhando a celeridade de uma marcha militar, demos de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares que ali estão – abandonados – há três séculos”. Então, caminhando só com seus dons de arte e a sua verdade, elevou seu livro a alturas extraordinárias.

As duas outras páginas da série que examinamos, no-lo mostram mais preocupado com costumes e, principalmente, com os tipos de habitação de vários povos. As referências a “um kraal africano”, aos “gauleses de César”, à “casa primitiva da Itália”, as poucas aproveitadas, podem ser reconhecidas nos primeiros

parágrafos do título “Aspecto original”, no capítulo V da II parte do livro.

158

É a última folha da centena e meia delas na caderneta de bolso que Euclides carregava consigo em Canudos e que, com raríssimas exceções sem maior importância, trata tão somente de Canudos. A advertência “Para acrescentar à segunda parte”, parece que não foi obedecida. Não temos lembrança de que o tenha sido. O escritor resguardou-se contra a informação sobre o “milagre” de Antônio Conselheiro, não o acolhendo... Mais importante que a anotação parece-nos o lembrete final, de um jornal, sua data, a página, a coluna e a marcação que fizera, parece que sobre o mesmo assunto, para posterior verificação.

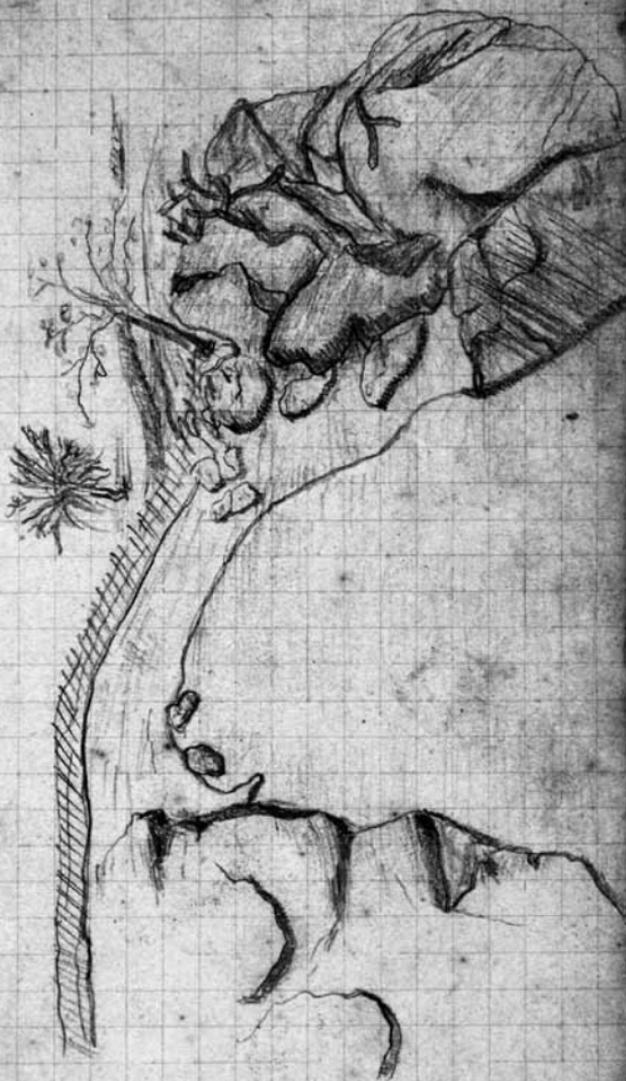
Ainda aí estava o escritor com os seus cuidados, os seus resguardos contra a faculdade que os homens têm de mentir...

O.S.A.

Rio, Leme – 1973, fevereiro

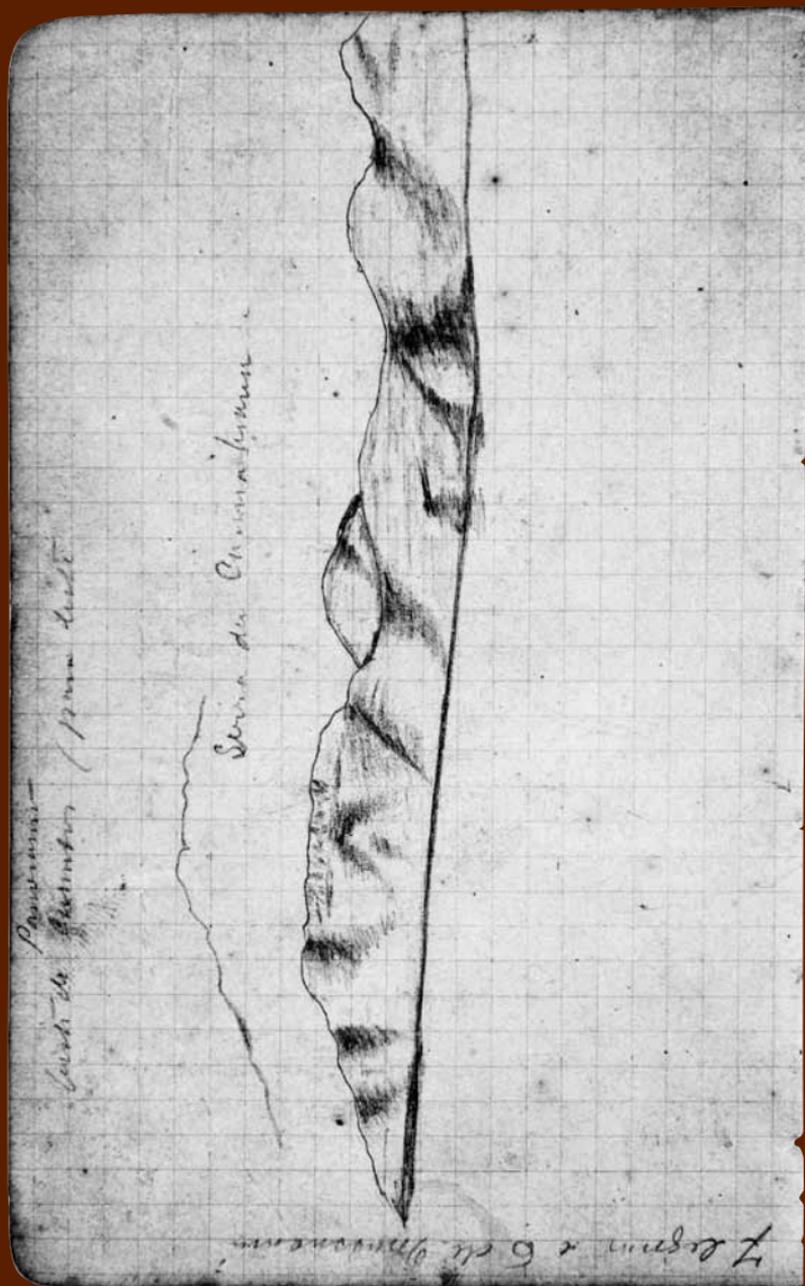
Esta obra foi impressa em papel
Chamois Fine 80g/m², em dezembro de 2008,
pela Gráfica Duo Print
(21) 2561-3574
email: duoprint@terra.com.br
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

- Aguada em Sussuarana -

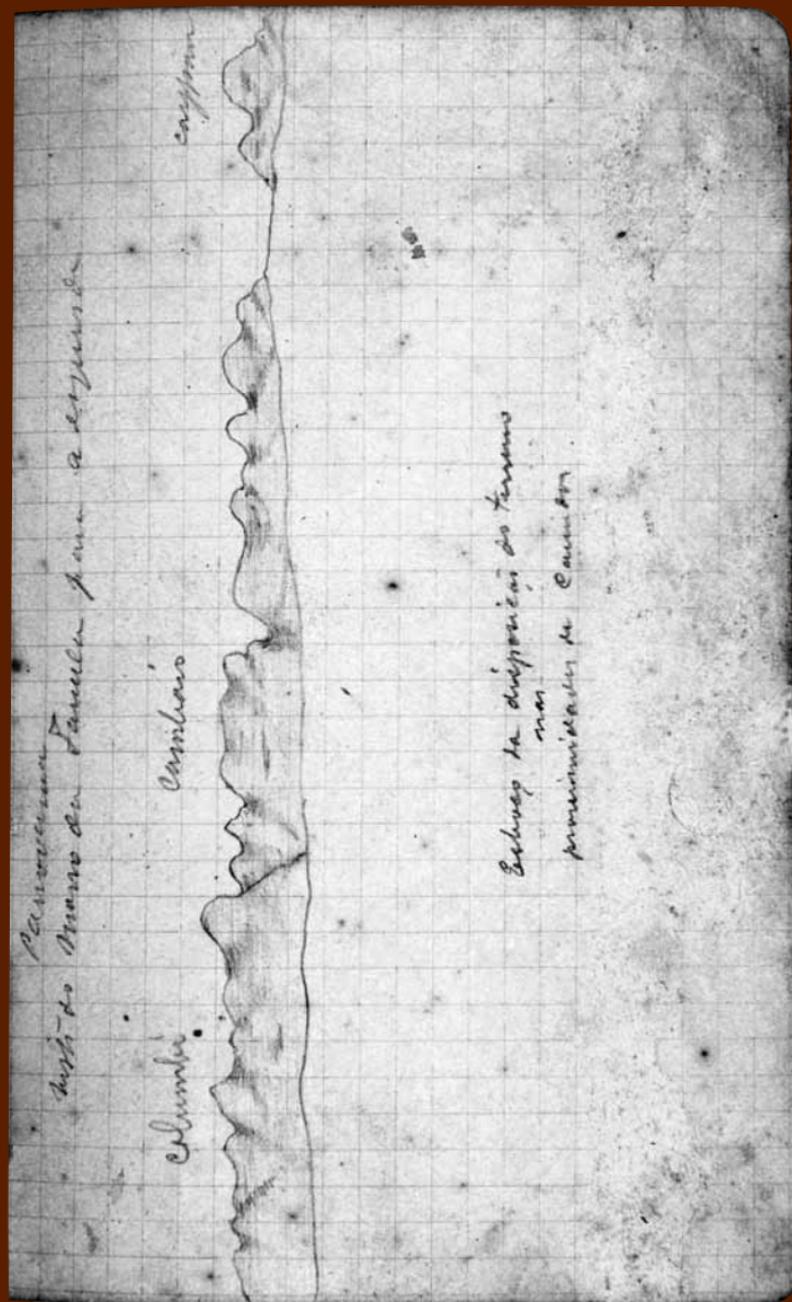




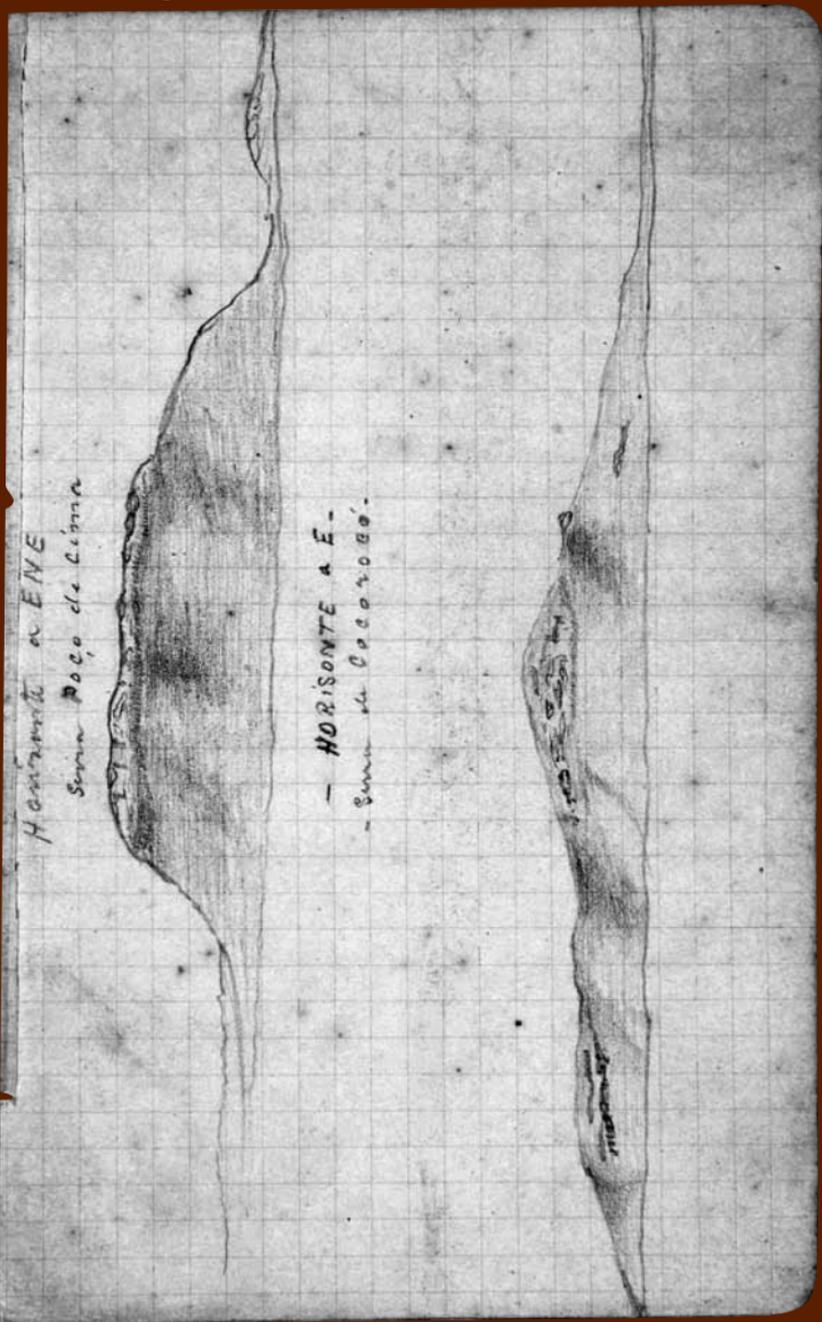
Vista de Canudos de uma encosta do Morro da Favela



Panorama visto de Canudos para leste



Panorama visto do Morro da Favela para a esquerda



Embora tenha - de listras verticais - como
p. embreitas.

Bela Esperança
12 km. a S.W.
(est. 3.4. km. a S.W.)

Nordeste p. NNE
(est. 3.4. km. a NNE)

Cabreúva

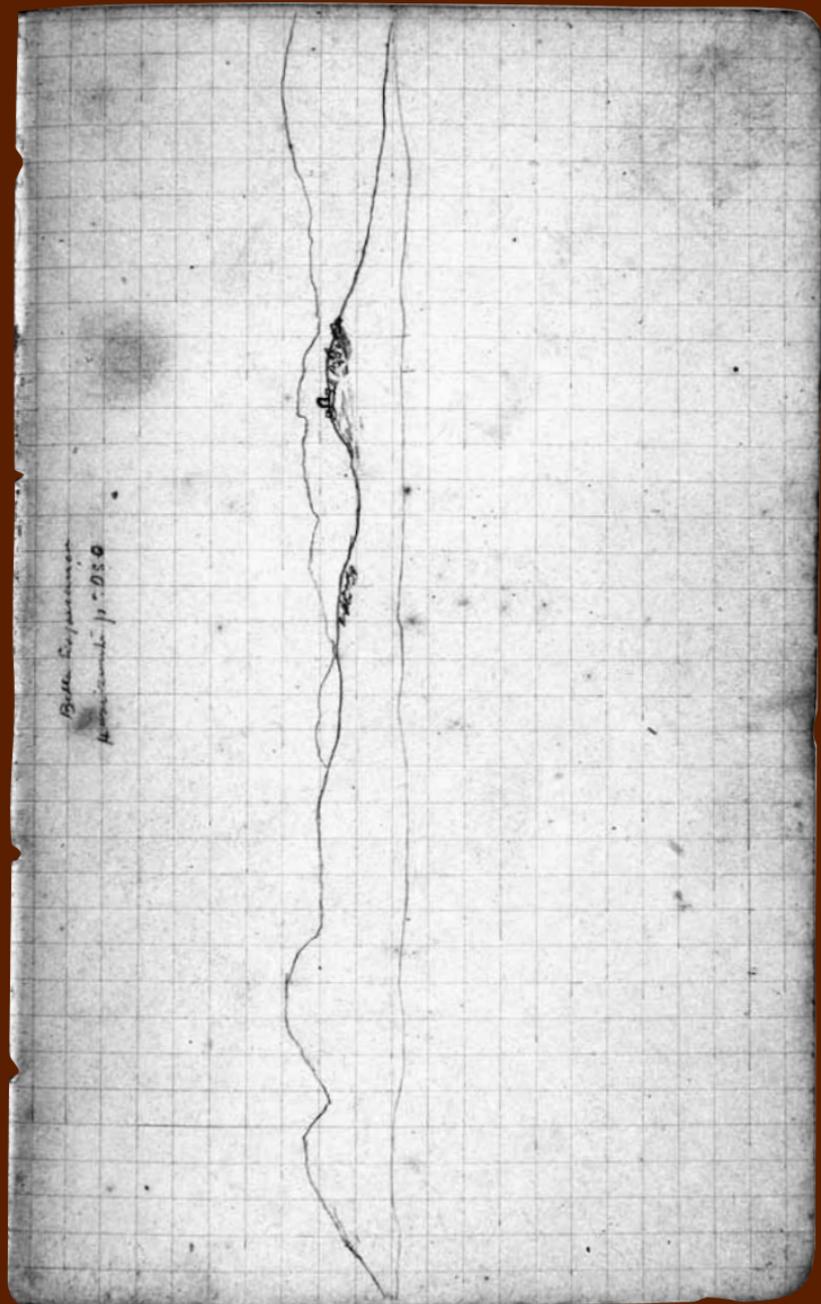


para Capote

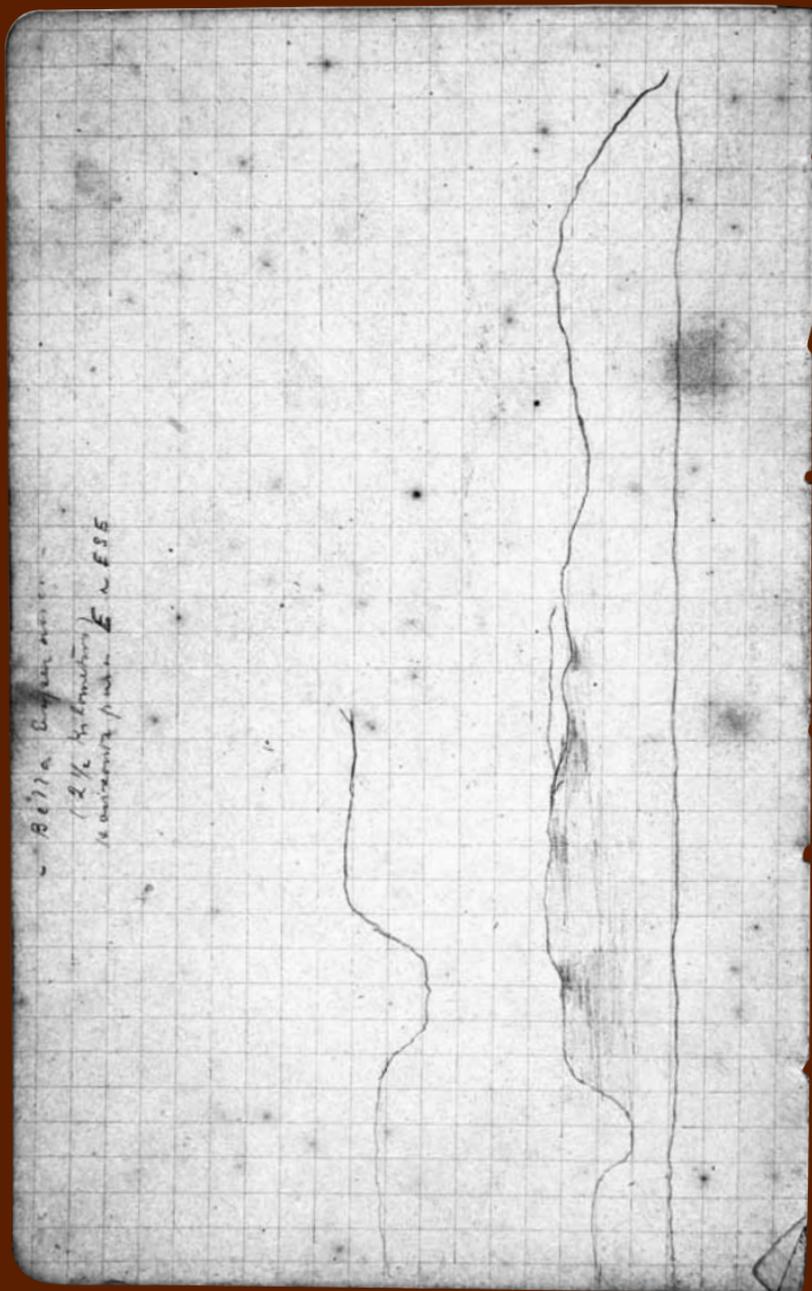
Horizonte para W.

Bella Infanteria a 30 m. delgado de Cambray
(el 31. 5. 18. de 1870)





Horizonte para OSO



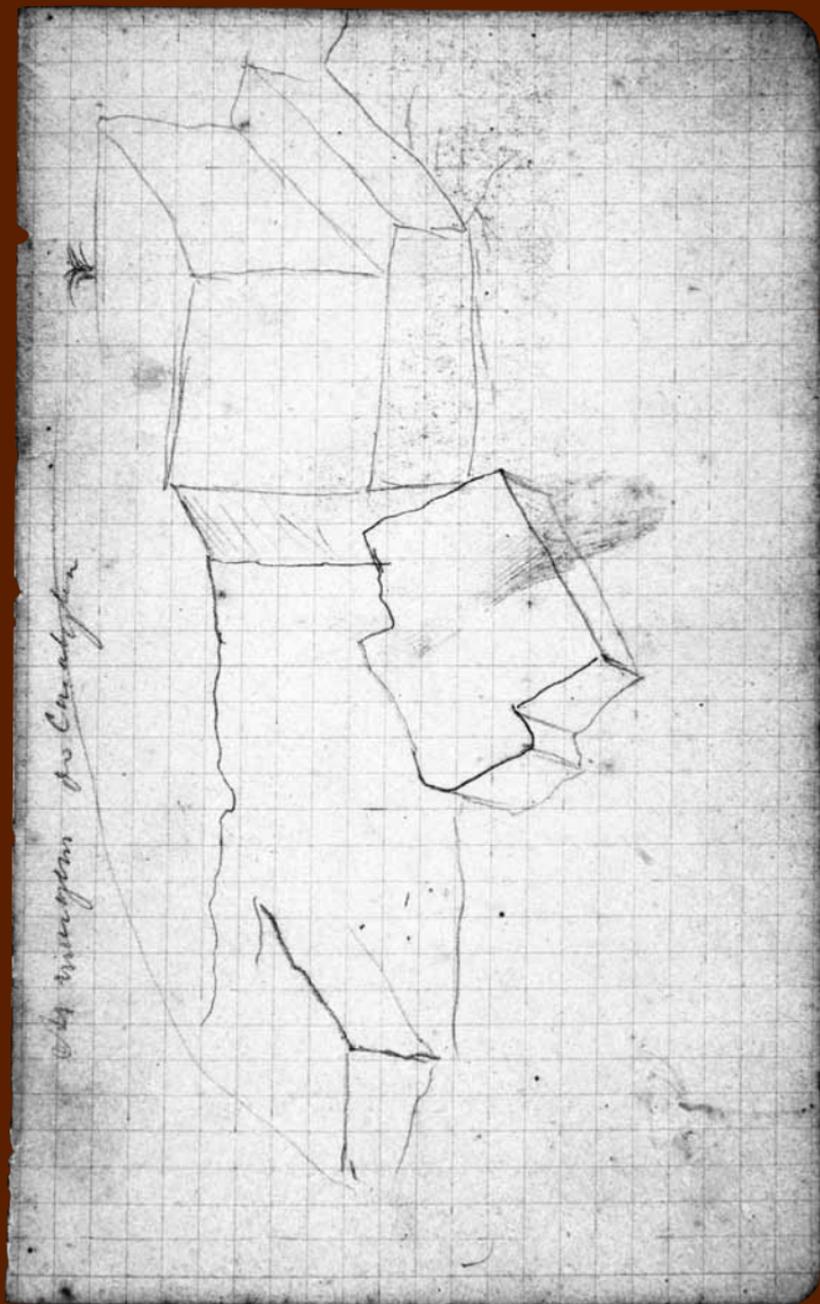
Bella Engenheiro
(2/2 Anomalia)
Se o horizonte para E e ESSE

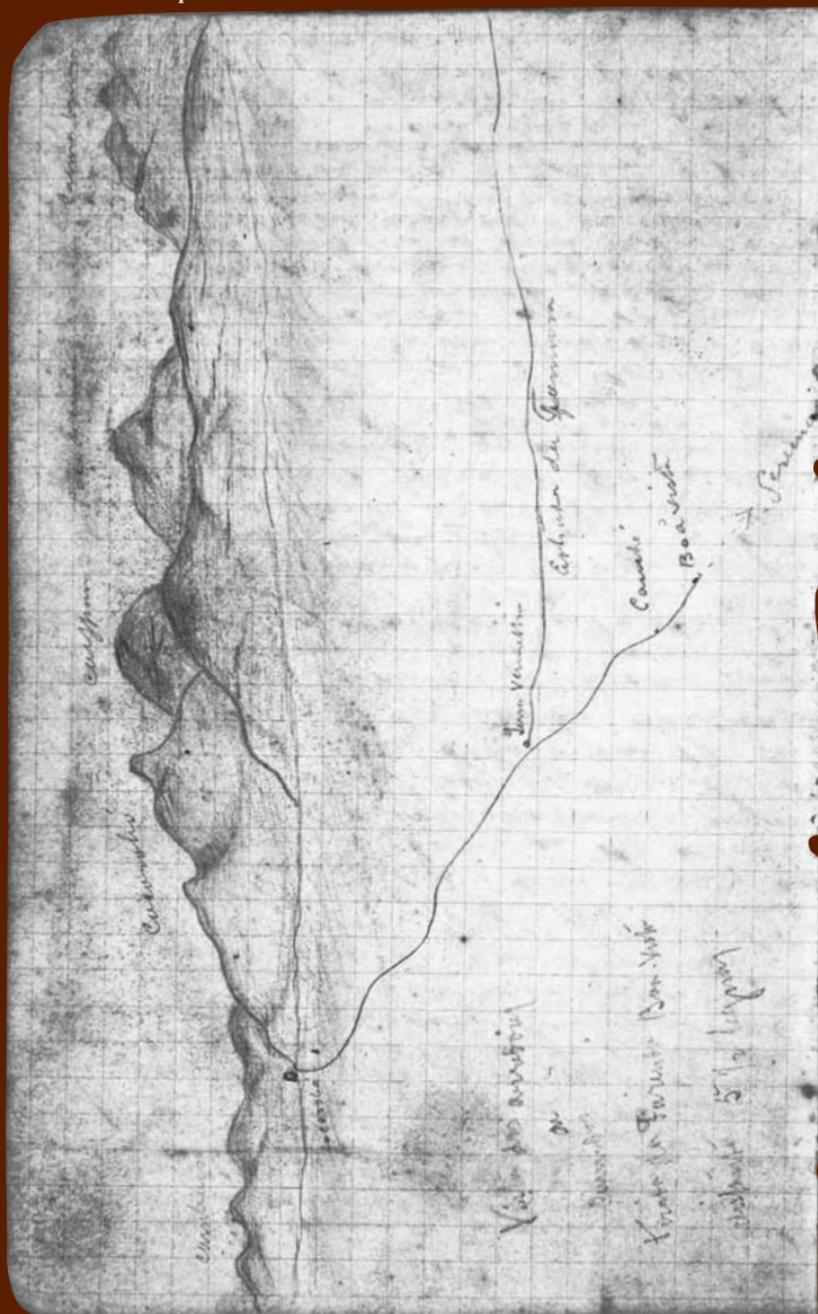
Horizonte para E e ESSE

Caldeirão -
- Horizonte W -

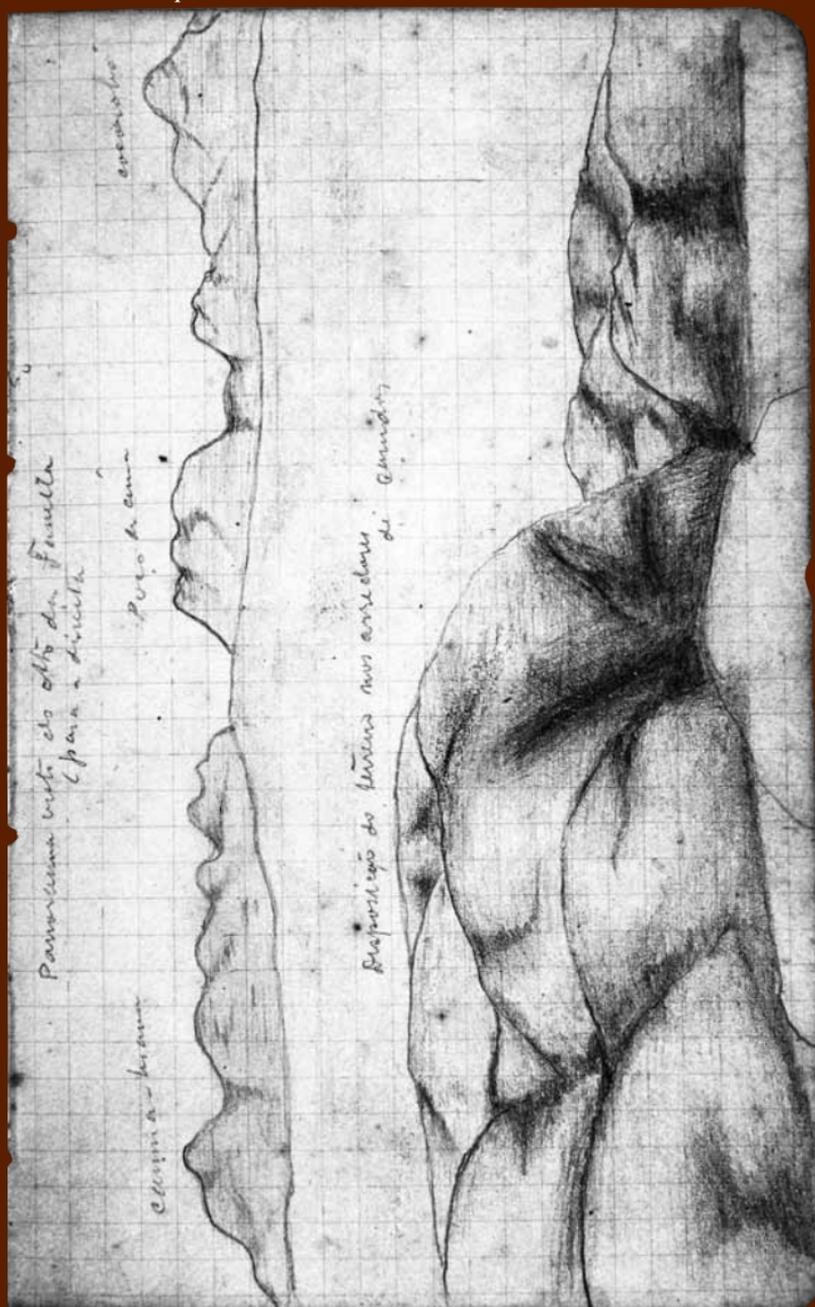


Caldeirão, horizonte W





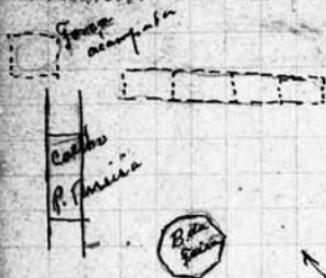
Vista dos arredores de Canudos



Panorama visto do alto da Favela para a direita

Uauá

Almuerzo de Pedernales (valas en Región) Affonso Bragosa

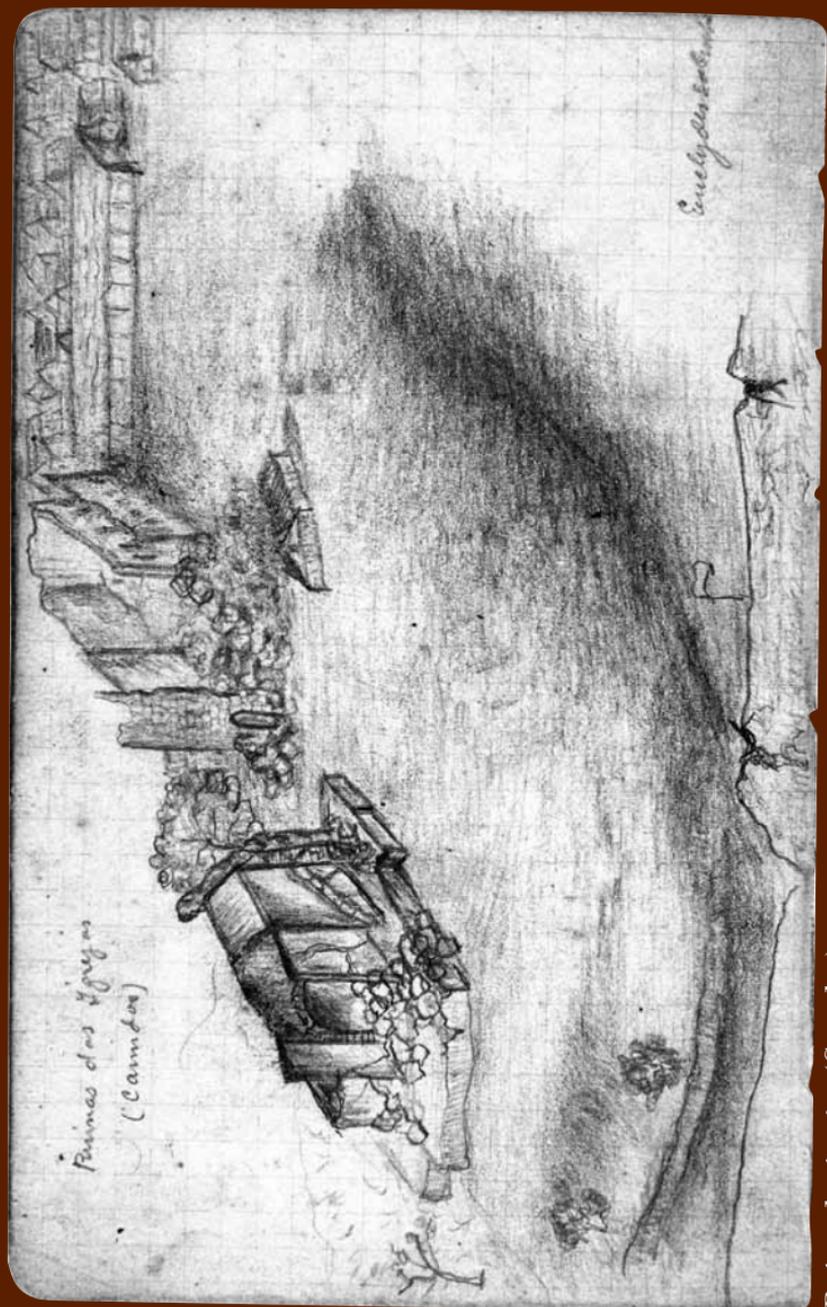


Vazzea

Entrada de canudos
Entrada dos jagunços

Jacaram foyz em todo o povoado q. tinha mais de
 dois mil de Região -
 Tinha mais de no dia o regimento foyz a alguns Bozys -
 estavam foyz em todo o povoado - os mortos de Jacaram em avião
 de avião povoado de todo - Como havia no dia de hoje de hoje em
 dia de hoje em dia de hoje. Os soldados chegaram. O foyz de hoje em dia
 e em dia de hoje em dia.

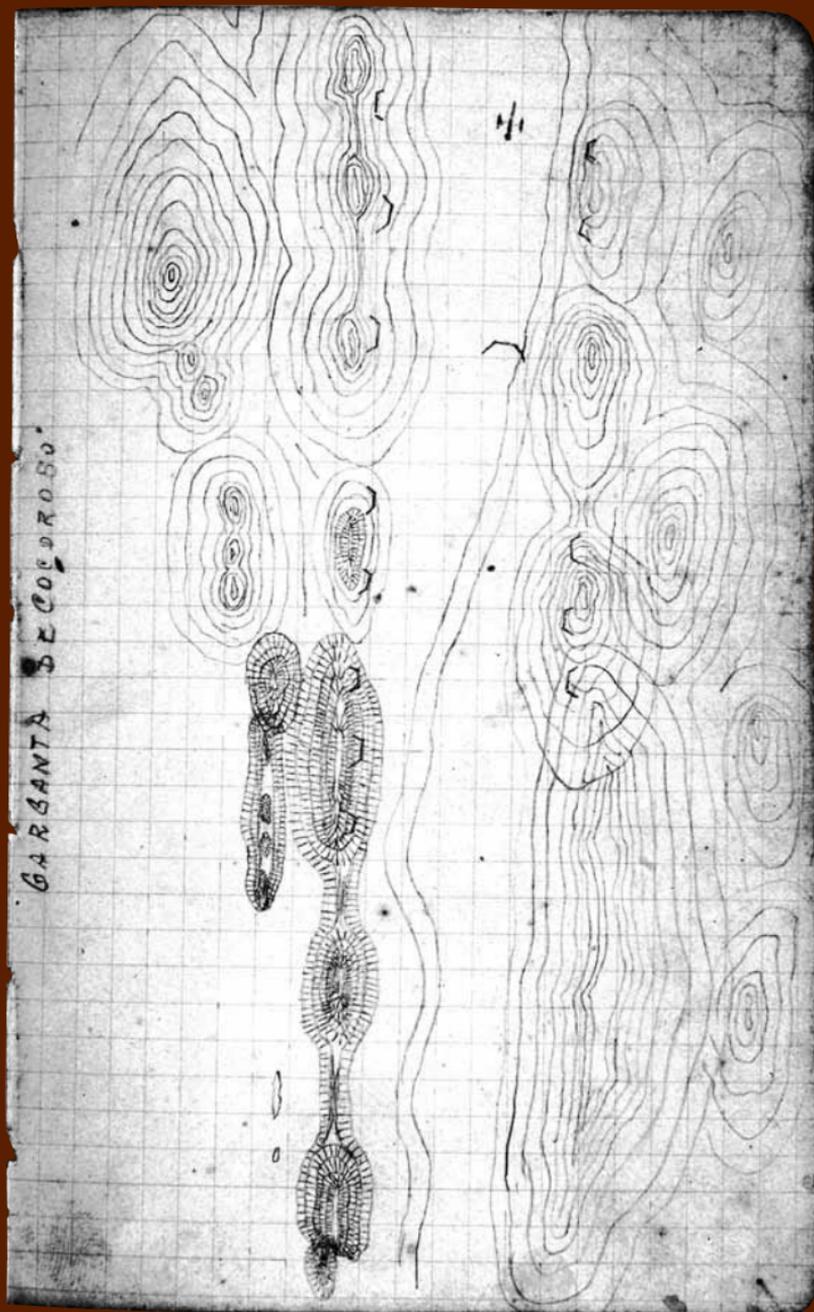


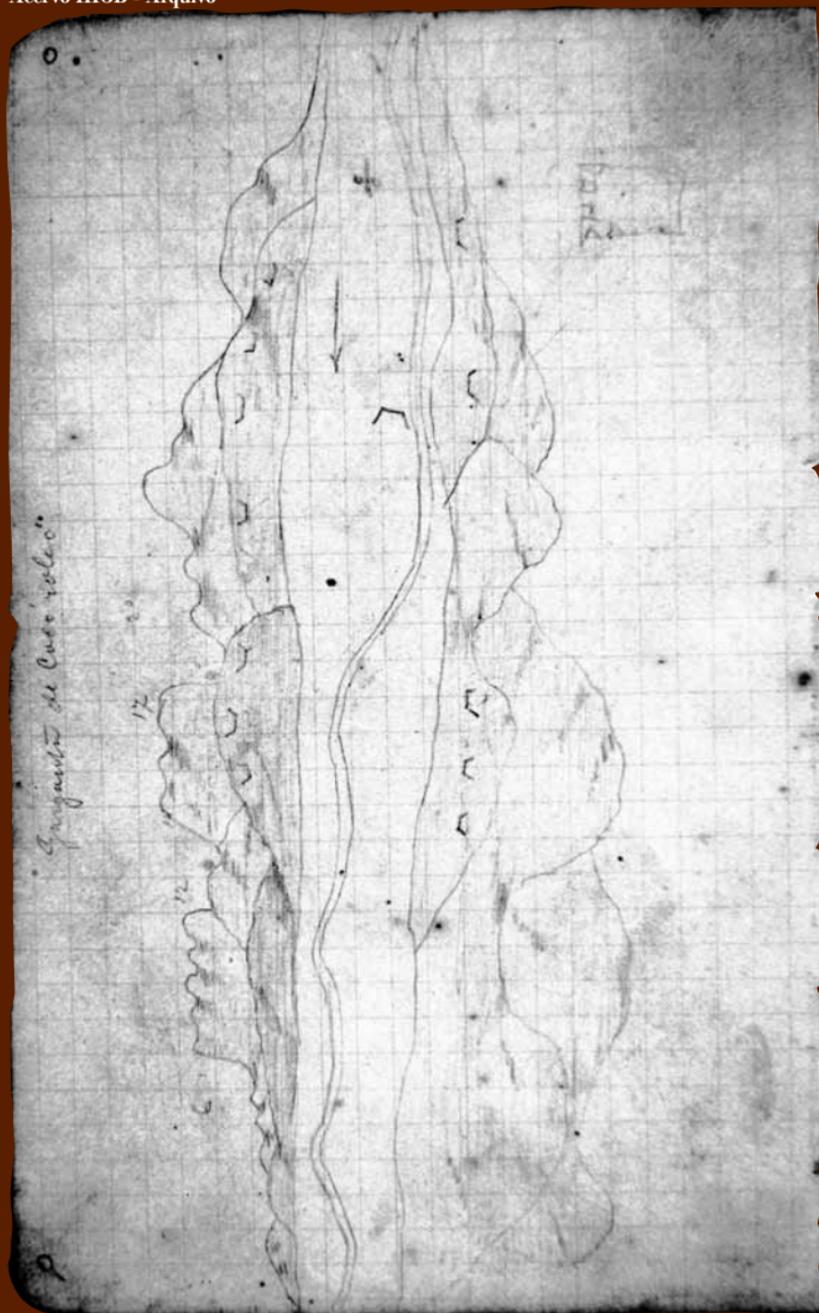


Ruínas das Igrejas
(Camudos)

Enchydes 1862

Ruínas das igrejas (Camudos)





Garganta de Cocorobó



Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo (RJ) em 1866. Órfão, foi educado por parentes na Bahia e cursou a Escola Politécnica, no Rio de Janeiro, de onde se transferiu para a Escola Militar. Formou-se em Engenharia Militar, Matemática e Ciências Físicas e Naturais e, influenciado pelo positivismo, participou do movimento republicano. Correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* em Canudos, de agosto a outubro de 1897, fez em sua caderneta de campo as anotações que serviram de base para escrever *Os sertões* (1902). Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Letras e professor de Lógica do Colégio Pedro II. Morreu em 1909. **Olímpio de Souza Andrade** nasceu em 1914 em São José do Rio Pardo (SP), cidade onde *Os sertões* foi escrito. Economista e jornalista, desde cedo se interessou pela obra de EC, tendo lançado em 1960 *História e interpretação de Os sertões*, livro reeditado em 2002 pela Academia Brasileira de Letras. Morreu em 1980.



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

